



ESMERALDAS DE YUCATÁN

MARIANNE WILLMAN



Uma fortuna em esmeraldas e um homem chamado Tilly Templeton. Sem saber, agora ela faz parte de um jogo perigoso que envolve tráfico de drogas e contrabando de jóias.

Tilly foi à Jamaica em busca de aventuras excitantes em terras exóticas. Seus planos não incluíam sentir na pele os efeitos de um tufão devastador, nem naufragar nas costas de Yucatán, ficando a mercê de criminosos dispostos a se apossarem de tesouros lendários de ruínas maias.

E a paixão alucinante que lhe despertava Tiger Flynn frustrou todos seus sonhos de encontrar um amor tranquilo. O sentimento inesperado por esse enigmático sedutor arrastou-a para uma trama assustadora. Tarde demais, Tilly descobriu que a aparência de conquistador galante disfarçava os instintos agressivos de um homem obstinado a envolver vítimas com seu encanto fatal!

Digitalização e Revisão: Cris Andrade
Formatação: Cyntya D.

PROJETO REVISORAS





Copyright © 1990 by Marianne Willman
Publicado originalmente em 1990 pela
Harlequin Books, Toronto, Canadá

Todos os direitos reservados, inclusive o direito de
reprodução total ou parcial, sob qualquer forma.

Esta edição é publicada por acordo com a
Harlequin Enterprises B.V.

Todos os personagens desta obra, salvo os históricos,
são fictícios. Qualquer outra semelhança com pessoas
vivas ou mortas terá sido mera coincidência.

Título original: Tilly and the Tiger

Tradução: Vera M. D. A. Renoldi

Copyright para a língua portuguesa: 1991
EDITORA NOVA CULTURAL LTDA.
Av. Brigadeiro Faria Lima, 2000 — 3º andar
CEP 01452 - São Paulo — SP — Brasil
Caixa Postal 2372

Esta obra foi composta na Editora Nova Cultural Ltda.
Impressão o acabamento no Círculo do Livro S.A.
Copyright para a língua portuguesa: 1991
EDITORA NOVA CULTURAL LTDA.
Av. Brigadeiro Faria Lima, 2000 — 3º andar
CEP 01452 - São Paulo — SP — Brasil
Caixa Postal 2372

Esta obra foi composta na Editora Nova Cultural Ltda.
Impressão o acabamento no Círculo do Livro S.A.

PRÓLOGO

Jamaica, 1858

A noite sugeria apenas pureza e magia. O céu estrelado, a música suave dos violinos, o perfume das flores e a brisa entre os arbustos do jardim criavam um cenário de romantismo na beleza tropical. Ao longe, cintilavam as luzes de Kingston, formando um círculo perfeito em torno da baía e refletindo no mar negro com o brilho sedutor do ônix polido.

Então a lua escapou da leve cortina de nuvens como se também desejasse apreciar o esplendor da noite. Um breve momento de luz prateada imobilizou a sombra que se preparava para saltar do terraço do segundo andar da imponente mansão.

As nuvens retornaram, a escuridão reinou novamente e o homem também voltou a se mover. Silencioso e ágil como um felino, ele passou por uma das balaustradas do terraço e, segurando com a ponta dos dedos, avaliou a distância até o chão. Quando pulou, o som de seus pés batendo na grama foi encoberto pela música que chegava até o jardim através das portas de venezianas.

Escondendo-se as sombras das arcadas, ele limpou a terra dos sapatos com um lenço de linho. Só então examinou atentamente o jardim e o amplo terraço a procura de algum movimento suspeito. Por sorte, não havia ninguém fora dos salões! Se estivesse agindo sozinho, usaria métodos mais diretos, só que, desta vez, precisava pensar em outras pessoas e ser cuidadoso ao extremo. Era arriscado, perigoso demais! Entretanto, conseguiria, tinha de conseguir.

Ele contornou rapidamente a casa iluminada, esgueirando-se até chegar aos salões com as portas abertas. Agora teria de infiltrar-se entre a multidão de convidados sem despertar a atenção de ninguém.

Bem junto às portas, as damas e os cavalheiros que representavam a elite dourada da Jamaica distraíam-se, conversando e usufruindo a fresca brisa noturna. Ninguém notou a silhueta de ombros largos e quadris estreitos, nenhum olhar demonstrou curiosidade porque não perceberam que entrara no salão vindo do jardim. E, se alguém na multidão tivesse prestado atenção em sua chegada, veria apenas um homem impecavelmente bem vestido e de expressão serena. Jamais desconfiaria que ele acabara de vasculhar cada canto do quarto de seu anfitrião, de onde saíra através do terraço!

— "Tiger"! Estamos aqui!

Ele ouviu o chamado de lorde Edgecomb, mas fingiu não ter escutado. Misturou-se aos convidados, tentando passar despercebido, o que não era fácil. A luminosidade suave das velas acentuava os cabelos castanhos-dourados com mechas que o sol deixara quase loiras, realçava o moreno dourado de sua pele e o jogo de luz sombra evidenciava seu perfil másculo.

Entretanto sua cabeça ligeiramente abaixada escondia seu traço mais marcante: olhos verdes como esmeraldas. Ele não queria revelar o brilho de triunfo em seu olhar! Acabara de provar a facilidade de entrar e sair de Coeur d'Émeraude, enquanto o dono da casa estava entretido com os convidados. E agora, em menos de um minuto, atravessara o salão para chegar ao vestíbulo deserto.

Também não havia ninguém no corredor que levava ao escritório, e ele entrou na sala, fechando a porta sem ruído. Só duas velas iluminavam o amplo aposento, mas o escuro não dificultava sua visão. Tinha olhos de gato... ou seriam realmente de tigre?

— Então, Lara? Saí-me bem?

A jovem loira, esguia e de rosto delicado, voltou-se ao ouvir a voz muito próxima. Sua expressão transtornada revelava o quanto se preocupara com aquela demonstração perigosa demais.

— Levou exatamente quatro minutos. — Ela torcia as mãos, angustiada. — Oh, Lucas! Se soubesse o medo que senti! Tive a impressão de que foram quatro horas! Fiquei apavorada, achando que alguém o pegaria em flagrante ou viria até aqui à minha procura.

— Bem... nada disso aconteceu e eu provei que não existe dificuldade alguma, certo? Agora, volte para o meio de seus convidados e aja com toda a naturalidade. Esperarei alguns minutos e depois também retornarei ao salão. Não devemos ser vistos juntos...

— Oh, Deus! — Lara tocou suavemente o braço dele. — Não acredito que eu consiga suportar essa tensão por muito tempo.

— Coragem, querida! — Flynn segurou a mão dela entre as suas. — Eu encontrarei um modo de acabar com este tipo de problema. Prometo-lhe que será muito em breve.

Com um sorriso trêmulo, Lara endireitou os ombros e saiu do escritório. Flynn esperou cinco minutos e preparou-se para percorrer o corredor com um ar de displicência e naturalidade. Já cruzara o vestíbulo e ia entrar no salão, o porto de chegada e o final daquela perigosa aventura, quando uma voz soou, imperiosa.

— Lucas!

Ele virou-se, com o costumeiro sorriso insolente e, ao mesmo tempo, sedutor. Do alto da escadaria, a imponente e majestosa lady Steadmores o fitava, sem disfarçar a curiosidade.

— Então era aqui que você estava? — Ela começou a descer as escadas, e as plumas presas em seu turbante de seda oscilavam a cada passo. — Por quê? Queria esconder-se de alguém? Ou terá me evitado a noite toda justamente porque desconfiou que eu pretendia apresentá-lo à minha sobrinha?

Flynn curvou-se diante dela, acentuando a sedução de seu sorriso.

Será que aquela dama, orgulhosa de suas origens aristocráticas, demonstraria o mesmo empenho em apresentar-lhe a sobrinha se soubesse de suas atividades noturnas?

— Eu me sentirei muito honrado em conhecer essa jovem, lady Steadmores. — O rosto de Flynn permanecia impassível. — Sendo sua sobrinha, só terá qualidades e

nenhum defeito!

— Oh, Deus! — exclamou lady Steadmore, fazendo uma careta. — Minha sobrinha é simplesmente abominável! Uma garota de voz lamentosa, um rosto de coelho assustado e, sem dúvida alguma, mais cabelos do que inteligência! Seus pais a enviaram para a Jamaica certos de que sob minha proteção realizariam o sonho de casá-la... com um bom partido, é claro. Entretanto, já percebi que será preciso um milagre divino, portanto, além do meu alcance. Ela é um caso sem esperanças. Não posso censurá-lo por ter fugido de mim...

— Eu juro que não estava me escondendo ou fugindo de ninguém, lady Steadmore. Apenas fui até o terraço respirar um pouco do ar puro.

— Ah! Não minta! Foi fumar um desses malcheirosos charutos, sem dúvida! — Apesar da voz autoritária, lady Steadmore já não controlava um sorriso bem-humorado. Sempre se encantara com homens pouco confiáveis, mas extremamente sedutores.

— Creio que está com inveja, madame — os olhos de Flynn brilhavam maliciosamente. — Na semana passada, ouvi-a reclamar sobre a injustiça da sociedade em relação às mulheres. São condenadas por certos hábitos considerados indecentes, enquanto os homens têm a liberdade de usufruí-los sem censura!

— Não seja impertinente, rapaz! Mulher alguma em seu juízo perfeito tocaria esses charutos horríveis cujo cheiro lastimável se espalha por toda a parte. — Ela esticou a mão para que Flynn a beijasse. — Você precisa mesmo é de uma esposa, sabe? Uma jovem meiga e bem-educada que o ajudará a superar o vício do fumo... e talvez alguns outros não mencionáveis!

Tomando as rédeas da situação, lady Steadmore deu o braço a Flynn para ser conduzida de volta ao salão. Sorridente, ele a fitava com os olhos brilhantes e tão verdes quanto as esmeraldas escondidas no bolso de sua casaca.

— Uma jovem meiga e bem-educada, lady Steadmore? Esse ideal de perfeição jamais se aproximaria de um homem como eu!

CAPÍTULO I

Parede de pedra. Blocos retangulares recobertos por pinturas bizarras e ameaçadoras que se moviam, despertando de seu sono milenar. A chama oscilante do lampião devolvia a vida ao lúgubre deus da chuva, ChacMool, e ao sinistro An Puc, o esqueleto de mandíbulas entreabertas que simbolizava a morte. Então, alcançando o canto mais sombrio da tumba, a luz revelou o brilho inconfundível do ouro! Sem prestar atenção nos ossos que cobriam o chão de rocha nua, Tilly caminhou para o nicho entre dois pilares esculpidos com figuras exóticas.

Sim! Era mesmo ouro! Um fabuloso colar, cravejado de imensas pedras preciosas e preso a um peitoril de jade, cintilava sobre os restos mortais de um altivo e outrora poderoso sacerdote maia. Aproximando-se, Tilly leu os caracteres gravados na jóia apenas para confirmar o que já concluía. Após longos meses de exaustiva mas excitantes explorações, ela conseguira encontrar Queptil, a cidade perdida do Império Maia!

Subitamente, ouviu um ruído às suas costas. Alerta para o perigo, Tilly virou-se, pronta para enfrentar seu adversário. Estava ansiosa por ver o rosto do inimigo secreto, o furtivo e inescrupuloso vulto misterioso que ousara segui-la desde o início de sua busca. Sem dúvida, pretendia matá-la para ficar com as jóias, impedindo-a de mostrar ao mundo um tesouro muito mais precioso do que ouro e pedras preciosas: a cultura milenar da civilização maia!

A tumba continuava na penumbra, iluminada apenas pela luz débil do lampião de Tilly. Uma sombra teria se movido junto à entrada? O som que ouvira seria mesmo o passo leve de seu perseguidor implacável?

Então, ela viu o esqueleto mover-se em sua direção. A morte vinha ao seu encontro com os braços abertos e um tétrico sorriso formado pelas mandíbulas assustadoras. Ia abraçá-la e...

...e Tilly acordou. Ao abrir os olhos, o esplendor pagão de uma tumba no interior de um templo dos maias voltou a ser apenas um sonho. A fantasia exótica fora substituída pela desanimadora realidade e, como sempre, ela não saía da sala de sua casa. Em lugar da beleza primitiva e do brilho das jóias, encontrava as paredes cobertas de madeira escura e os móveis familiares, precisando urgentemente de uma reforma. Através da janela, não se avistava a floresta tropical com pássaros multicoloridos voando entre as árvores. Não havia nada além de uma cortina de chuva, a irritante garoa que retratava tão bem o clima lastimável das intermináveis charnecas de Yorkshire.

O vulto à sua frente, indistinto na penumbra da sala, evidentemente não pertencia a nenhum deus da morte. Era apenas a sra. Pimm, a velha governanta de cabelos grisalhos e olhar bondoso.

— Estava cochilando e com razão, srta. Tilly! Tem trabalhado demais, organizando os comitês para a festa da igreja e ajudando as senhoras a prepararem as peças para o bazar beneficente... Não devia cansar-se tanto!

— Sinto muito, sra. Pimm. — Tilly foi obrigada a confessar a verdade. — Eu estava completamente distraída e não ouvi o que disse antes.

— Vim perguntar-lhe se gostaria de costeletas para o jantar — repetiu a governanta. — Ainda temos um pouco do pernil de carneiro e, se preferir, posso fazer uma torta com o que sobrou.

Tilly não conseguia coordenar as idéias, ainda em choque por ter sido bruscamente arrancada de suas fantasias exóticas. Aquela sala sombria, decorada em tons de cinza e marrom, retratava a realidade, mas seus olhos ansiavam por luz e cor do mesmo modo que seu espírito sentia-se ávido por aventuras e vida!

Sonhava acordada, e, ao cair em si, desaparecia a srta. Matilda Templeton, uma

mulher audaciosa, dedicada à arqueologia, a viajante incansável que explorava os quatro cantos do mundo. Voltava a existir apenas Tilly Templeton, uma solteirona de vinte e seis anos, condenada pelo resto da vida à monotonia de um obscuro vilarejo nos confins de Yorkshire.

O som de um suspiro assustou a sra. Pimm. Ajeitando os óculos, olhou ansiosamente para Tilly. O que estaria acontecendo com a sua menina, sempre transbordante de energia e disposição? O bazar beneficente se realizaria dentro de três dias, havia muito a ser feito e ela permanecia ociosa, sem nenhum trabalho nas mãos!

— Então? Costeletas de porco ou torta, srta. Tilly?

— Ah... costeletas, é claro. — Ela olhou de relance para o livro aberto em seu colo. — Desculpe-me a falta de educação, mas meus pensamentos estavam longe.

— Bem longe! Eu percebi, srta. Tilly. Aliás, não é de se estranhar! Por que está sempre com esses livros lúgubres? Não vai aprender nada de bom lendo sobre os hereges que construíram esses templos horríveis para seus deuses pagãos!

O livro entreaberto no colo de Tilly era o famoso Incidentes de Viagem à América Central, Chiapas e Yucatán, de Stephen e Catherwood. A gravura em branco e preto reproduzia as ruínas de um templo maia, protegido há séculos dos olhos civilizados pela densa floresta tropical. Deuses de feições angulares surgiam entre samambaias e cipós entrelaçados, evocando rituais primitivos e sacrifícios de vidas humanas.

Se a sra. Pimm achava lúgubres aquelas ilustrações, Tilly as considerava fascinantes. A governanta também se enganava a respeito de seus devaneios. A monotonia, o tédio e a falta de uma ocupação realmente útil a sufocavam, e precisava fugir da realidade. Sonhava com a euforia de grandes descobertas, com a excitante expectativa do que poderia acontecer quando desse mais um passo em sua aventura fantástica!

Tilly comparava seu mundo a uma prisão sem grades. Os dias se sucediam, as semanas passavam e iam-se os meses, previsíveis e monótonos, diferenciáveis apenas pela mudança das estações do ano. Em seu anseio por grandes aventuras, encontrara apenas os mesquinhos desafios do cotidiano. Dentro de casa, a destemida exploradora dedicava-se à grande façanha da economia a fim de que a ínfima quantia destinada aos gastos domésticos não terminasse muito antes do final da quinzena. Socialmente, a mulher audaciosa realizava o ato heróico de evitar as brigas entre a sra. Todd e a sra. Wicken, que jamais, em hipótese alguma, deveriam ter sido colocadas no mesmo comitê da igreja!

— Oh, eu ia me esquecendo — a sra. Pimm parou à porta da sala. — Também vim para dizer-lhe que master Durward já chegou e a espera na biblioteca. Pontual como sempre, srta. Tilly! Não se atrasei

Freqüentemente, Tilly não controlava a raiva diante dos hábitos intoleráveis de Durward. Sua mania de pontualidade e a precisão metódica com que ele dirigia a própria vida e a dos outros chegava a enfurecê-la. Então, inevitavelmente, vinha o remorso. Afinal, seu pobre irmão não tinha culpa se fora ela quem herdara a

inteligência brilhante e o vigor inesgotável do pai, e a ele coubera a pior parte: o organismo frágil e doentio da mãe.

As semelhanças físicas entre os dois desapareciam diante do contraste entre suas personalidades. Ambos tinham a vasta cabeleira castanha e os traços aristocráticos do pai, mas a vivacidade das feições de Tilly acentuava ainda mais a apatia e a falta de entusiasmo do semblante de Durward. Ele vivia em função do relógio, era comedido, minucioso e sem grandes arroubos. Jamais ansiara por aventuras e, na verdade, detestava até as mudanças mais insignificantes ou a menor alteração em sua rotina imutável.

Enquanto dirigia-se para a biblioteca, esqueceu-se por um instante do irmão ao passar diante das cortinas da sala. O brocado de seda, tilo precioso, estava se desfazendo e precisava ser substituído, mas não havia dinheiro. Se o seu pai tivesse cuidado melhor dos seus investimentos, a vida em Oak Manor seria bem menos árdua!

No vestíbulo, como sempre às escuras por economia, Tilly encontrou Sturgis, o velho empregado que, apesar da idade, desdobrava-se como mordomo e valete de Durward.

— Estas flores chegaram de Hollowdean Hall, srta. Matilda. — Sturgis estendeu a bandeja de prata, impecavelmente polida — Não acho melhor colocá-las num vaso?

— Oh, Deus! As pobres flores não têm culpa, não é?

Um dos assuntos que mais interessava e provocava comentários hilariantes no vilarejo era a insistência de sir Harold em cortejar a srta. Tilly. Todos concordavam que o amor é cego, mas o velho artrítico já se declarara três vezes à jovem alegre e cheia de entusiasmo pela vida, em aceitar um não como reposta. A

atenção geral só aumentava o constrangimento dela diante de um romance tão grotesco, e, no entanto, seu ridículo pretendente não desistia!

Contrariada, Tilly entrou na biblioteca e, ao perceber que o irmão ainda lia a última página do jornal, sua impaciência aumentou. Durward não ergueria os olhos antes de chegar à última palavra da última linha. Sentou-se diante dele sabendo que sua presença seria deliberadamente ignorada até o momento preciso!

Logo Durward dobraria o jornal em quatro, formando um quadrado perfeito, e o colocaria sobre a escrivaninha. Então, tocaria a campainha e Sturgis lhe traria a bandeja de prata com a correspondência do dia. Depois de separá-la em duas pilhas idênticas, ele se dirigiria a Tilly para perguntar-lhe quais eram seus compromissos naquela tarde.

O seu querido irmão, tão precioso e previsível, também a entristecia por sua falta de dinamismo. Então, viu-se grisalha e enrugada, sentando-se às duas horas em ponto diante de Durward à espera de que ele terminasse de separar a correspondência! Daqui há vinte anos, nada teria mudado, e um impulso de rebeldia incontrolável a dominou. Precisava romper aquela rotina odiosa!

— Durward? — a voz dela, clara e determinada, não deixava margem a dúvidas.

— Decidi fugir com o cavalariaço do coronel Beccham e viver com ele entre os ciganos.

Com um resmungo distraído, o irmão continuou lendo a última página. Tilly suspirou aliviada ao perceber que Durward não prestara a menor atenção em suas

palavras. Ele não teria entendido a brincadeira e ficaria alarmado, o que perturbaria sua digestão e lhe provocaria a temida insônia. O pobre coitado precisava de repouso e, quando passava alguns dias sem dormir, submetia-se a terríveis dietas alimentares a fim de recuperar as energias perdidas pela falta de sono.

Enquanto pensava na injustiça do destino, que lhe dera toda a energia paterna, deixando Durward tão frágil, Sturgis entrou na biblioteca com a correspondência. Como sempre, ele começou a separar as pilhas de cartas, e, sabendo que ainda iria esperar muito, Tilly pegou um chocolate na bomboniere, sempre cheia, ao lado da poltrona do irmão.

— Minha querida Matilda... — ele finalmente a encarou. — Já pensou a sério na proposta de casamento de sir Harold?

Tilly engasgou-se com o chocolate. Depois de alguns instantes, em que Durward batia-lhe às costas, derrubando todas as cartas já arrumadas, ela conseguiu recuperar a voz.

— Casar com sir Harold? Céus! Ele tem sessenta e dois anos, sofre de gota, reumatismo e sustenta um bando de parentes antipáticos, capazes de matar para serem os herdeiros de sua fortuna. Antes morrer solteirona a aceitar um casamento como esse. Além disso... quem trataria de você?

Inesperadamente, Durward enrubesceu a essa reação surpreendente e despertou a curiosidade de Tilly.

— Bem... Você tomou conta de tudo desde que papai morreu. Recentemente, mencionaram que eu fui um tanto egoísta e não devo continuar assim. Senti-me culpado e julguei que sua dedicação a mim a tivesse impedido de seguir os impulsos de seu coração.

— Nem pense nisso! — Tilly deu uma gargalhada. — Meu coração está em perfeitas condições sem sir Harold! Eu preferiria servir bebidas na taverna a casar-me com aquele velho repugnante; portanto, acalme sua consciência, Durward. Nós dois ficaremos em Oak Manor para celebrar nosso aniversário de noventa anos...

— Matilda! — ele a interrompeu com uma expressão de censura, mas, ao apanhar uma das cartas que caíra ao chão, arregalou os olhos como se tivesse encontrado uma aranha em sua xícara de chá.

— Por Deus! Não posso acreditar! Uma carta da Jamaica para você? Quem a conhece nesse lugar depravado?

— Não saberei se não abri-la, Durward. — Ela estendeu a mão, impaciente. — Vamos, dê-me a carta.

— Que afronta! Um antro de piratas e mulheres desclassificadas, para onde fogem as ovelhas negras da boa sociedade inglesa!

Ignorando os comentários desaprovadores do irmão, Tilly abriu o requintado envelope creme e procurou a assinatura da remetente.

— Oh! É de uma amiga dos velhos tempos de escola, Lara Burlinghome, agora sra. Whitby. Deve lembrar-se dessa moça, que se casou com um rico importador e foi viver nas Índias Ocidentais.

Enquanto lia a carta, Tilly voou para longe da sombria biblioteca, rodeada por

visões de praias douradas pelo sol dos trópicos e ouvindo a dolente melodia do Caribe. Lara a estava convidando para visitá-la!

"...e quero que fique até enjoar de nós. Não posso prometer-lhe o requinte de Londres, mas creio que encontrará pessoas refinadas e interessantes. Aliás, há uma invejável quantidade de homens atraentes e solteiros! Iremos a bailes, festas campestres, competições de veleiros e excursões a ilhas exóticas. Venha, por favor, Tilly! Preciso de sua companhia e quero que conheça um grande amigo, "Tiger" Flynn, a quem...

A letra de Lara, pequena e muito enfeitada, ficou ininteligível no final da carta. "Tiger" Flynn? Tilly teve certeza de que se enganara, porque não podia existir ninguém com um nome tão ridículo.

Por um breve momento, Tilly permitiu-se sonhar. Deixou vir à tona a aventureira que vivia em seu íntimo e deu-lhe toda a liberdade. Viu-se entre palmeiras agitadas pela brisa perfumada dos trópicos, sentiu a areia macia sob seus pés e o calor do sol em seu rosto. Pensou em noites banhadas por um luar prateado e no romantismo de jantares em terraços iluminados por centenas de velas, valsas tocadas por harmoniosos violinos e num passeio sob as estrelas com... com quem? Nesse ponto, perdeu a capacidade de imaginar.

Quando ambas freqüentavam a "Escola da Srta. Martin para Jovens Damas", Lara e Tilly viviam discutindo as qualidades ideais do seu herói romântico. Tinha de ser alto, de cabelos dourados, olhos azuis e inglês, evidente. Precisava ter as virtudes de um cavaleiro medieval, o comportamento requintado de um aristocrata, enfim... um deus entre os mortais!

Agora Tilly analisava esse herói adolescente com olhos de mulher adulta e era obrigada a admitir que tanta perfeição seria... monótona!

— Matilda!

O sol dos trópicos desapareceu, e Tilly abriu os olhos para a austera biblioteca com cortinas decoradas e puídas, ouvindo a chuva bater contra as janelas e a voz irritada de Durward. Aparentemente, o irmão estivera enumerando seus deveres!

— ...e, quando for ao vilarejo, não se esqueça de pegar o livro de sermões que o reverendo Toomey prometeu me emprestar.

— Espere, Durward! Pelo menos ouça o que Lara me escreveu. Ela quer que eu vá visitá-la na Jamaica e passe alguns meses...

— Impossível! Em primeiro lugar, seria impróprio que você viajasse sozinha e, caso não se lembre, minha saúde é frágil demais para suportar uma viagem marítima tão longa e penosa. E, em segundo... a quantia necessária para financiar esse seu capricho está muito acima de nossas posses. Sem mencionar que precisaria comprar tecidos para renovar seu guarda-roupa e... Não! É mesmo impossível.

— Você não teria de se preocupar com nada, Durward! Lara diz em sua carta que eu poderia viajar com a sra. Langdan, uma viúva de reputação impecável a quem conhece há muitos anos. Também sugeriu que os navios da companhia de seu marido estariam à minha disposição, portanto, não haveria nenhuma despesa. Ela insistiu que não seria necessário gastar nem um centavo!

— Mesmo assim, é uma idéia impraticável. Quem tomaria conta da casa e dos criados enquanto você estivesse passeando pelos quatro cantos do mundo? — Ele a encarava com uma expressão de choque e ressentimento. — Além disso... sabe como este clima úmido afeta meus pulmões. Praticamente vivo resfriado nesta época do ano, com febres e todo o tipo de infecções!

Tilly baixou a cabeça, sentindo suas últimas esperanças se desvanecerem sob a garoa que cobria os campos de Yorkshire.

— Nunca pensa em suas responsabilidades, Matilda? Você prometeu supervisionar o bazar beneficente e a reunião de gala das senhoras do condado. Sabe muito bem que todas elas dependem de sua ajuda!

Com os olhos fixos na carta, Tilly controlou o tremor das mãos e forçou-se a esquecer o sonho impossível. Durward tinha razão! Os Templeton sempre honravam os compromissos assumidos e nunca fugiam de suas obrigações. Ela não poderia abandonar o abandona o irmão nem todas as pessoas que dependiam de sua colaboração.

Reprimindo um suspiro de desânimo, Tilly guardou a carta da amiga e levantou-se. Já estava chegando à porta da biblioteca quando ouviu Durward chamá-la.

— Por favor, Madilda... não se esqueça do livro que lhe pedi. E como vai mesmo ao vilarejo, passe na casa do dr. Brough e peça-lhe mais um vidro de seu tônico revigorante. Não tenho muita certeza, mas... senti umas pontadas estranhas no pulmão esquerdo. Você sabe que é impossível prever, porém, não duvidaria se já fosse um sinal de início de uma pleurisia como a do ano passado.

Tilly olhou para o irmão que recostara a cabeça na poltrona e respirava com visível esforço. Como pudera pensar em divertir-se quando o pobre Durward mal tinha condições de sair de casa? Cheia de remorsos, foi ajudar a sra. Pimm a preparar algo mais nutritivo para o frágil doente.

No dia seguinte, Tilly aproveitou a melhoria do tempo para sair de casa. Costumava dar longas caminhadas, principalmente naquela época do ano. Brotinhos verdes começavam a surgir entre a relva queimada pelo frio, e o vento, menos gélido, anunciava a chegada da primavera. O despertar da natureza após um longo inverno sempre a alegrara, mas seu estado de inquietação a impedia até de admirar a vista.

Do alto de uma colina, ela avistava as casas de Hollowdean, o lugar onde nascera, passara todos os dias de sua vida e, sem dúvida, o único que jamais conheceria. Durante décadas, o vilarejo florescera por ser uma parada obrigatória para as carruagens que cruzaram a Inglaterra de norte a sul. Com o passar do tempo, as rotas se desviaram, o comércio começara a morrer e só restaram alguns fazendeiros que lutavam para sobreviver.

Aquela cena familiar aumentava sua angústia, sentindo que estava presa para sempre às charnecas de Yorkshire, condenada a admirar ilhas exóticas banhadas por um sol dourado apenas nas ilustrações dos livros... ou em sonhos!

A saúde precária de Durward era uma das barreiras que a impediam de fugir dessa prisão. Embora reconhecesse que não possuía o temperamento dócil e submisso de uma boa governanta, tinha talento suficiente para ser um excelente tutor... se

fosse homem!

Ela sempre se revoltara com a impossibilidade de receber uma educação acadêmica. Seu pai contratara excelentes tutores para Durward, sem que nenhum conseguisse despertar-lhe o interesse pelos estudos. Movida por um incontrolável desejo de aprender,

Tilly lia as escondidas todos os livros que seu irmão largava espalhados pelos cantos, desprezando o privilégio de cursar uma universidade. Na Inglaterra, os rapazes eram preparados para sair de casa e dominar o mundo, e as jovens para assumir seu papel de "adornos" da sociedade que enfeitariam com sua beleza. Sua revolta contra a idéia de que a função de uma mulher resumia-se a ser um "gracioso acessório" do marido somava-se à aversão aos costumeiros casamentos de conveniência!

A aproximação de uma charrete, vinda pela estradinha de terra, interrompeu o devaneio de Tilly. Era o dr. Brough, o médico de sorriso sempre alegre, que cuidava de todas as famílias nas cercanias de Hollowdean. Abençoada por uma saúde perfeita, ela o encontrava raramente, apenas nas reuniões sociais.

— Boa tarde, srta. Templeton! Está um lindo dia, concorda? — O velho médico parou a charrete ao lado dela. — Se por acaso já se cansou de admirar nossa bela paisagem, posso levá-la até sua casa, poupando-a de uma longa caminhada.

— Eu agradeço seu convite, doutor. — Ela subiu na charrete, acomodando-se ao lado do médico. — Hoje, não consegui ver nada de bonito em nossa região. Estava pensando nas belezas da Jamaica.

— Ah! O Éden Tropical e, sem dúvida, uma das mais belas criações de Deus! Pode crer que a palavra "paraíso" não é um exagero quando se trata da natureza magnífica da Jamaica!

— O senhor já esteve lá?! — perguntou Tilly, surpresa.

— Passei os quinze melhores anos de minha vida naquela ilha mágica, senhorita! Teria ficado mais se não fosse a minha esposa, que morria de saudade da família e principalmente da Inglaterra. — Ele sorriu maliciosamente. — Sempre me lembro da Jamaica nos dias de chuva e neve! Está pensando em viajar pelo Caribe?

— Realmente, recebi um convite de uma amiga da época de escola. Ela queria que eu passasse algum tempo em sua casa, mas... será impossível, é claro! Não posso deixar meu irmão sozinho. Sua saúde inspira cuidados, é frágil demais e...

Havia uma melancolia na voz daquela jovem sempre alegre que o médico nunca anotara antes. Preocupado, voltou-se para procurar no rosto de Tilly a confirmação de suas desconfianças.

— Saúde frágil? Que tolice é essa? Vá viajar, minha jovem! Fará bem a seu espírito e também será ótimo deixar Durward resolver seus problemas sozinho!

— Mas quem tomaria conta dele? — Tilly não escondia seu alarme. — Ainda ontem, disse-me que tem a impressão de estar com um início de pleurisia. O senhor sabe como este clima úmido afeta seus pulmões.

— Eu não sei nada disso, senhorita! — respondeu ele, inesperadamente ríspido. — Se estava se sentindo adoentado, por que foi passear com lady Helena Blandford em

uma carruagem aberta?

Olhando para a direção que o médico lhe apontava, Tilly viu a bela carruagem dos Blandford cruzando a ponte de pedra. Embora distantes, ela reconheceu os dois ocupantes e não escondeu seu espanto.

— Pensei... ele me disse... bem, tinha certeza que Durward estivesse visitando o reverendo Murson. Como pode arriscar-se a passear com esse clima úmido? Vai ter uma pneumonia! Oh, Deus!

— Não vai ter nada mais grave do que eu ou você teríamos, senhorita.

— Devo tê-lo entendido mal, doutor. — Tilly estava completamente confusa. — O senhor sabe que Durward nasceu muito frágil e vive adoentado. Foi a saúde precária que o impediu de ir para a escola e, até hoje, qualquer atividade mais desgastante o deixa prostrado por semanas!

— Mencione uma!

— Perdoe, mas... não compreendo! Uma... o quê?

— Uma atividade desgastante à qual seu irmão tenha alguma vez se dedicado, senhorita! Se conseguir... eu comerei o meu chapéu... e o seu! Tente lembrar-se também de algum problema de saúde que o tenha forçado a cancelar algum compromisso agradável.

A charrete entrou na estrada mais larga, que bordeava o vilarejo, e Tilly ainda não encontrara um exemplo para contestar a afirmação do médico. Suas lembranças mais antigas eram de uma casa silenciosa onde vozes sussurrantes a censuravam por fazer algum ruído porque Durward estava com dor de cabeça ou de

ouvido ou de estômago ou de garganta!

A mãe, praticamente inválida, levantava-se do leito para passar dias e noites ao lado do filho doente, apesar de suas próprias debilidades. O pai demonstrara claramente a angústia diante da saúde precária de seu único herdeiro. Seria impossível não admitir que, desde seus primeiros anos de vida, todas as atividades em Oak Manor tinham sido determinadas pelas oscilações freqüentes do organismo frágil de Durward.

E, no entanto, o dr. Brough mencionara um aspecto que também não podia ser ignorado. Tilly não conseguia recordar-se de nenhuma atividade cansativa desempenhada por Durward nem de qualquer prazer pessoal de que ele houvesse se privado por estar doente!

Há menos de um mês, Durward tivera uma milagrosa recuperação, após semanas de intenso mal-estar, exatamente em tempo de comparecer a uma festa oferecida à lady Helena. Em outra ocasião, depois de passar dois dias queixando-se de fígado inflamado, fora com o filho de um lorde assistir a uma briga de galos bem longe de Hollowdean. Tilly começou a lembrar-se de uma infinidade de situações semelhantes e, além do choque diante da verdade, sentiu-se uma perfeita idiota!

— É impossível..., não compreendo...

— Então, permita-me usar de uma franqueza quase brutal consigo, srta. Templeton — disse o médico, com uma expressão firme. — Algumas pessoas sentem prazer em se queixar de uma saúde deficiente, mesmo quando têm um físico perfeito.

E seu irmão é um desses casos... que considero lamentáveis! Sabe que eu o trouxe ao mundo, não? Pois nunca vi um bebê tão saudável. Não havia nada de errado com ele naquela época e muito menos agora!

— Mas se Durward não tem doença alguma — Tilly enfrentou o médico com idêntica firmeza —, por que lhe dá tantos remédios e tônicos, doutor?

— Não passam de vitaminas destinadas a evitar que ele arruíne a sua saúde perfeita com aquelas dietas absurdas! Durward consegue descobrir os regimes alimentares mais prejudiciais certo de que está revigorando o organismo!

Quando os portões de Oak Manor surgiram a distância, o médico parou a charrete.

— A culpa não é sua, srta. Templeton. Ainda não tinha completado dois anos quando seu irmão nasceu e não poderia perceber que, depois de terem perdido dois bebês, seus pais o mimariam excessivamente. Perdi a conta do número de vezes que me chamaram durante a noite porque Durward sentia uma ligeira dor de barriga. Você ouviu desde menina que o "pobrezinho" estava a um passo da cova e a ensinaram a tratá-lo como um indivíduo débil!

— Eu vou ficar aqui mesmo, doutor.

Sem esperar pela ajuda do médico, Tilly começou a descer da charrete. Estava tão desorientada que se espantou quando o dr. Brough segurou-a pelo braço.

— Espere, senhorita. Eu lhe devo desculpas por não tê-la procurado para conversarmos sobre esse assunto antes.

— Realmente! — Ela o fitou, desafiante. — Por que nunca me disse nada, doutor?

Pela primeira vez, desde que haviam começado aquela conversa, o médico mostrou-se embaraçado.

— Fui franco até agora e continuarei sendo, senhorita. Achei que era uma dessas solteironas cujo maior prazer é cuidar dos caprichos de um irmão falsamente inválido!

Tilly enrubesceu de humilhação ao pensar em quantas outras pessoas de seu relacionamento teriam a mesma opinião do médico!

— Agradeço sua sinceridade, dr. Brough. Não se sinta mal por me dito a verdade.

— Não há necessidade de me agradecer e sim de aceitar o meu conselho de médico — Sorriu, malicioso. — Vá para a Jamaica e divirta-se o mais que puder! Está precisando de longas férias, longe de todos! Adeus!

Vendo-a caminhar para o portão, o médico imaginou o encontro dos dois irmãos. Gostaria muito de estar presente quando esta jovem desafiante enfrentasse Durward!

Tilly atravessou o jardim, procurando não olhar para os canteiros malcuidados e com ervas daninhas por falta de um jardineiro. Estava tão concentrada em seus problemas que não notou a elegante carruagem parada junto da cavalaria quase em ruína. Seu mundo virara de pernas para o ar e ela não poderia prever que surpresas mais atordoantes a esperavam!

Ao entrar no vestíbulo, encontrou Sturgis com um sobretudo nos braços, uma

fina cartola nas mãos e uma expressão de choque no rosto enrugado.

— Seu tio acaba de chegar de Londres, srta. Tilly. Levei-o à biblioteca...

Ela e Durward só tinham um parente, o irmão do pai que não viam há mais de dez anos. Tio Hannaford vivera na Índia, mas, apesar de seu retorno, dois anos atrás, não se preocupara em visitar os sobrinhos. Tilly concluiu que só um assunto muito grave o forçaria a fazer a longa viagem de Londres até Yorkshire.

Preocupada com o motivo daquela visita e com a falta de aquecimento na casa, Tilly correu para a biblioteca. Tio Hannaford, com uma expressão nitidamente irritada, andava de um lado para o outro da sala e não parou ao vê-la entrar.

— Com efeito! — exclamou ele, sem nem sequer cumprimentá-la. — Sou capaz de jurar que nada foi mudado nesta sala nos últimos trinta anos!

— Não foi mesmo — respondeu Tilly, mantendo a calma diante daquele velho que a fitava enfurecido. — Está exatamente como era na época de meu pai.

— Ah! Então, acertei! E suponho que o resto da casa também esteja... exatamente igual?

— Só trocamos as cortinas da sala de jantar. Não havia condições de recuperá-las, o tecido rasgou-se e...

— Pois eu nem notei! — O rosto do tio Hannaford ficou ainda mais vermelho. — Tenho a sensação de que entrei em uma pensão barata à beira do cais! Nunca pensei que uma casa tão fina como Oak Manor pudesse decair tanto!

Tilly controlou-se com muito esforço para não perder a cabeça. Se o tio continuasse provocando-a dessa maneira, seria impossível manter o respeito devido a um parente mais velho!

— E esse seu vestido? Deve ser bem antigo, porque cinturas altas saíram de moda há mais de cinco anos! Não me diga que ficou tão sovina quanto seu irmão.

Foi impossível controlar o rubor de raiva e vergonha que cobriu seu rosto. Tilly tinha plena consciência do estado lamentável de seu vestido. Embora fosse um dos melhores que possuía, já fora reformado três vezes, e, apesar de sua habilidade, não conseguira disfarçar os punhos desfiados e a gola prestes a se desfazer.

— Eu estava passeando no campo.

— Pois também nunca pensei que algum dia veria um Templeton passear no campo em trajes de mendigo! Espero que não esteja se transformando em uma dessas solteironas com manias esquisitas!

— Garanto-lhe que não me visto assim por excentricidade! — explodiu Tilly, perdendo finalmente o controle. — Sou vaidosa, mas não a ponto de permitir que Oak Manor caia aos pedaços porque eu gastei demais comprando um vestido novo!

— Ah, mocinha! Nem tente me impressionar com essas histórias de pobreza. É impossível que tenham gastado toda a sua fortuna! Inacreditável!

— Fortuna? — Tilly olhou novamente para o tio certa de que ele estava ficando senil. — Eu considero essa fortuna uma ninharia, com a qual não se pode manter nem a dignidade pessoal nem as aparências de Oak Manor.

Os olhos do tio Hannaford quase saltaram das órbitas e seu rosto coloriu-se de um tom púrpuro.

— Se considerar oitenta mil libras uma... ninharia, você deve ter hábitos extravagantes demais.

— Não sei quem o informou sobre essa quantia, mas afirmo-lhe que se trata de um engano. Durward arrendou as terras desta propriedade há alguns anos e, desde então, vivemos modestamente com essa renda.

— Céus! Agora eu me lembrei... você estava no colégio quando seus pais morreram, não é?

A súbita transformação no rosto do tio assustou Tilly. O rubor da cólera foi substituído por uma inquietante palidez, e ele parou de andar pela sala, apoiando-se à escrivaninha.

— Esqueci-me de que você não tinha idade suficiente e portanto não esteve presente à leitura do testamento — a voz de Hannaford perdeu a rispidez agressiva.

— Durward também não foi chamado, mas ele era o único herdeiro de tudo. Entretanto, eu fui um dos testamenteiros e sei que existia uma soma de oitenta mil libras anuais, acumulada pelos juros dos diversos investimentos de seu pai.

Cruzando os braços atrás das costas, Hannaford começou a andar de uma ponta a outra da biblioteca.

— Com exceção das jóias de sua mãe, todos os bens passaram para as mãos de Durward, ficando subentendido que ele lhe forneceria uma mesada digna de sua posição social até seu casamento. Se você atingisse a maioridade ainda solteira, deveria receber uma parcela da fortuna de seu pai... o suficiente para levar uma vida do luxo relativo e sem preocupações financeiras, o que equivaleria a um terço do total da fortuna.

Tilly sentiu a sala girar ao seu redor. Pela segunda vez naquele mesmo dia, descobria uma realidade da qual jamais suspeitara.

— Não! — exclamou ela, sentando-se no sofá porque suas pernas não agüentavam seu peso. — Não posso acreditar nisso! Seria monstruoso, não...

— Minha querida Tilly — o tio aproximou-se dela com uma expressão preocupada. — Por que outro motivo a sra. Blandford estaria sendo tão afetuosa com Durward? O irmão dela trabalha no escritório de Dobbs e Cranford, que sempre cuidou dos investimentos de seu pai. Foi através deles que soube das artimanhas dessa mulher para agarrar o idiota do meu sobrinho. Ela é uma megera, uma caçadora de ouro! Interesseira e sem escrúpulos!

As últimas palavras de Hannaford nem foram ouvidas por Tilly. À menção das jóias que deveriam ser suas, ela ficara chocada demais.

— As jóias de minha mãe... — murmurou Tilly, com um olhar distante. — Mal me lembro delas, mas... não havia um broche... uma borboleta de brilhantes e rubis?

— É claro que sim. Sua mãe possuía um magnífico conjunto, composto de colar, brincos e pulseira, além do broche. São pedras de excepcional qualidade.

Agora Tilly lembrava-se da mãe usando aquele lindo broche e também que o vira, há poucos dias, no decote do vestido de lady Helena!

Naquele momento, Tilly descobriu que "ficar cega de raiva" não era apenas uma maneira de falar. Subitamente, não via nada além da fúria que crescia em seu íntimo,

provocada por anos de mentiras e falsidade. Passara a vida economizando centavos, tocos de vela e restos de sabonete! Acordava cedo para aproveitar a luz do dia e ia deitar-se, tão logo escurecia, num quarto onde nunca se acendia lareira para poupar a lenha! Acima de tudo, revoltava-se por ter perdido sua mocidade, sem amigas, sem um baile de debutante e sem sequer conhecer a brilhante sociedade de Londres à qual pertencia!

Com os lábios trêmulos, Tilly examinou detalhadamente a biblioteca, com o tecido das paredes embolorado e os móveis finos mas gastos. Provavelmente Durward a via como uma peça daquela casa, algo conveniente, útil e sem necessidade de grandes cuidados. Já não sabia se sentia mais raiva dele por enganá-la anos a fio ou de si mesma por ter sido tão crédula. Oitenta mil libras por ano.

— Agora percebo que a minha omissão prejudicou-a demais, Tilly. — Hannaford recuperara a cor e também o tom agressivo. — Não tive intenção de fazê-lo, mas pretendo reparar este erro imediatamente! Irei até Huddesfield falar com o advogado de seu pai para forçar Durward a entregar-lhe tudo a que tem direito de acordo com o testamento.

Ouvindo o ruído de uma carruagem que se aproximava, Tilly levantou-se do sofá e foi até a janela.

— Obrigada, mas não será necessário, tio. Durward acaba de retornar. Se me der uma cópia do testamento e uma lista das jóias de minha mãe, eu mesma me encarregarei de exigir o que me pertence.

Ela chegou ao vestíbulo antes de Sturgis. Durward estava ajudando lady Helena a tirar o casaco, e Tilly entreviu o brilho do broche de brilhantes. Antes que os dois tivessem tempo de cumprimentá-la, arrancou a jóia do vestido da outra mulher.

— Tilly! Você enlouqueceu? O que está fazendo?

— Simplesmente tomando posse do que me pertence, caro irmão! Aliás, tem uma hora para entregar-me todas as jóias de minha mãe, que manteve fora do meu alcance durante tantos anos!

— Por Deus! Você enlouqueceu mesmo! — Durward agarrou-a pelo braço. — Devolva imediatamente este broche. Eu o dei a lady Helena como presente de noivado e...

— Pois trate de comprar outro, porque este é meu.

Com uma expressão de desdém no rosto altivo, lady Helena postou-se diante de Tilly.

— Não creio que tenha entendido bem as palavras de seu irmão, srta. Templeton. Durward e eu vamos nos casar.

A arrogância dos dois era tão absurda diante da nova realidade revelada por tio Hannaford que Tilly esqueceu-se da raiva. Agora só via o ridículo daquela situação e sentia o prazer inebriante da liberdade.

— Meus parabéns! — exclamou ela, começando a rir alegremente. — Sei que serão felizes porque, nasceram um para o outro! Mas eu também tenho grandes novidades...

— Você... — Durward a fitava, surpreso. — Aceitou finalmente a proposta de

casamento de sir Harold?

— Casar com aquele velho? — Tilly já estava perto da escada e virou-se para os dois com um sorriso malicioso. — Eu jamais escolheria um marido por dinheiro... uma atitude comum em certas mulheres. Não o aceitaria nem se ele fosse o rei da Inglaterra. Você pode caminhar para o altar ou... como diriam alguns, para o cadafalso, Durward. A escolha é sua! Os meus planos são bem mais satisfatórios e certamente terão mais sucesso. Vou para a Jamaica!

CAPÍTULO II

"As Índias Ocidentais!" Montanhas verdes separadas do mar de um azul intenso por praias de areia alva e com o brilho de madrepérola... Há horas, Tilly permanecia no convés do Montenegro Bay, envolvida por uma emoção arrebatadora e que crescia a cada minuto. A beleza das ilhas chegava a ser inebriante e a brisa que acariciava seu rosto radiante de felicidade aumentavam a sensação de ter bebido uma poção mágica e embriagadora. Sentia o cheiro das águas transparentes e cor de safira, de exóticas especiarias e exuberantes flores tropicais e adivinhava um perfume desconhecido, o do verão cálido e interminável.

E, nesse mundo fascinante e misterioso, Lara estava à sua espera. Encontraria a amiga e talvez todas as aventuras de seus sonhos!

Ao recordar-se da jovem tímida e sem iniciativa que embarcara em Londres, Tilly tinha a impressão de estar se lembrando de outra pessoa. Ela distanciara-se demais daquela criatura que controlava todas as suas emoções! Agora liberava os sentimentos, nunca se sentira tão viva nem tão vibrante. Não conseguia afastar a estranha sensação de que algo maravilhoso iria acontecer, algo indistinto e ainda sem nome, mas cuja intensidade a transformaria em outra mulher. Esse pressentimento aumentava à medida que se aproximava de seu destino.

Ouvindo passos às costas, ela virou-se. George Keating, um dos sócios mais jovens de Jonas Whitby, viera fazer-lhe companhia no convés. Distinto e seguro, ele representava o típico inglês que decidira enriquecer nas colônias do Império Britânico. Embora fosse um homem atraente, Tilly o considerara convencional demais, mas também reconhecia que a presença dele ajudara a transformar sua viagem em uma sucessão de momentos alegres.

— A sua aparência bem-disposta é um sinal de que se adapta à vida no mar como uma verdadeira sereia, srta. Templeton.

— Oh... eu... — Ela enrubesceu diante do elogio. — Sim, sinto-me perfeitamente à vontade no navio, e depois desta viagem maravilhosa tenho até medo de desembarcar! Receio ficar decepcionada.

— Não se preocupe com isso. Aposto que achará a vida na ilha ainda mais

agradável. Algumas pessoas se apaixonam pela Jamaica no primeiro olhar e se esquecem de partir!

— Talvez eu seja uma dessas pessoas.

— Espero sinceramente que sim, senhorita.

Mais uma vez, Tilly enrubesceu. Não estava acostumada a ouvir galanteios e não tinha dúvidas de que o sr. Keating se interessava por ela. Perturbada, fechou os olhos por um instante e, subitamente, sentiu medo de abri-los novamente. E se tudo não passasse de um sonho e fosse acordar na Inglaterra, prisioneira do inverno e do tédio?

A carícia do sol em seu rosto e a vibração do navio sob seus pés afastaram esses temores. Era verdade, ela estava vivendo a sua tão sonhada aventura!

— Falta muito para chegar, sr. Keating?

— Em menos de meia hora, entraremos no porto de Kingston.

— Então aproveitarei o tempo que nos resta a bordo para agradecer a sua gentileza durante toda a viagem.

— Foi um prazer, senhorita.

O súbito brilho nos olhos de George Keating perturbou Tilly a ponto de tirá-lhe a espontaneidade.

— Sei que Jonas Whitby pediu-lhe para cuidar de mim e tomar todas as providências necessárias para o meu bem-estar. Agradeço-lhe novamente por ter cumprido seu dever com tanta dedicação.

— E eu devo pedir-lhe desculpas, senhorita. — Ele não disfarçou o ressentimento que aquelas palavras lhe causaram. — Sinto muito se a perturbei por demonstrar que sua companhia só me dava prazer.

Agora Tilly estava realmente embaraçada! George Keating fora gentil e, embora sem intenção, ela o magoara com sua reação ríspida. Não aprendera a se relacionar com o sexo oposto, nunca freqüentara a sociedade e por isso ignorava as regras mais elementares desse jogo amoroso e inconseqüente.

— Por favor, sr. Keating! Eu também apreciei estar em sua companhia...

— Fico feliz por saber, senhorita. Durante sua visita, iremos nos encontrar com freqüência e espero que nossa amizade, nascida a bordo, continue a florescer. Talvez possa se transformar em algo muito especial...

Como senhora de Oak Manor, Tilly enfrentara todo o tipo de situações, desde goteiras e chaminés obstruídas a uma epidemia de varíola no vilarejo. Nada disso a preparara para responder ao sr. Keating, que demonstrara claramente sua intenção de cortejá-la. Agora percebia que tinha se resignado a ser uma solteirona, Nem possibilidade de encontrar um marido, e considerava-se uma mulher incapaz de atrair atenções masculinas. Desorientada e insegura, ela desviou o olhar, evitando um confronto para o qual não se sentia preparada.

— Vou despedir-me agora porque sei que logo nos veremos de novo em Coeur d'Émeraude — George Keating percebeu a insegurança de Tilly e, por prudência, não insistiu no assunto. — Até a noite, senhorita.

Tilly o viu afastar-se com uma expressão ofendida, e sentiu raiva de si mesma e

da vida que fora forçada a suportar. Não aprendera a receber elogios e comportava-se com agressividade diante de uma simples insinuação afetuosa!

Uma lufada de vento afastou as preocupações de Tilly, que se entregou novamente ao prazer de admirar a paisagem. Jamaica! Ali, ao longo das Blue Mountains que dividiam a ilha de norte a sul, ficava a imensa propriedade dos Whitby, Coeur d'Émeraude. Aquele nome, Coração de Esmeralda, despertava em sua mente imagens românticas, e nesta mesma noite ela estaria na casa de sua amiga para iniciar uma nova vida.

O Montenegro Bay parou na entrada da baía à espera da perinksfio para atracar. Distraída, Tilly só notou um outro veleiro de casco negro que se aproximava perigosamente quando ouviu os gritos dos marinheiros. Poucos metros separavam os dois navios, e uma voz, alta e autoritária, dava ordens rápidas.

Curiosa, Tilly procurou pelo dono daquela voz que, embora praguejasse como um marinheiro, certamente pertencia a alguém com um alto nível de educação. Então, viu o capitão do veleiro a poucos metros dela.

Um homem, sem camisa e de pele dourada, alternava ameaças com elogios. O vento agitava seus cabelos castanhos-dourados, com mechas loiras pelo efeito do sol. Ele emanava um magnetismo tão intenso que Tilly não conseguia desviar os olhos do torso musculoso. Completamente fascinada, sentiu-se envolvida por uma emoção desconhecida e inquietante.

Pressentindo que alguém o fitava, o desconhecido virou a cabeça e viu a jovem a bordo do Montenegro Bay. Sem demonstrar embaraço ou timidez por estar seminu diante de uma mulher que o examinava sem disfarçar o interesse, ele também a encarou, sorrindo diante de uma visão tão agradável. Cabelos castanhos, fugindo rebeldes do chapéu que os aprisionava, um rosto oval onde brilhavam imensos olhos de um cinzento prateado e uma figura esguia, de cintura fina e ossatura delicada.

Tilly percebeu a boca sensual sorrindo para ela e sentiu o rosto ardendo de vergonha. Não imaginava que o rubor acentuava a textura sedosa de sua pele e o brilho cintilante de seus olhos. O marinheiro porém não perdeu nenhum detalhe da reação envergonhada que aumentava o encanto daquela jovem.

— Bom dia, madame! — a voz ecoou acima das outras, musical e sonora. — Fico feliz por ter lhe proporcionado uma diversão, aliviando a monotonia da espera. Gostou do que viu? Se não foi suficiente, pode vir para o meu barco e olhar mais de perto... e mais intimamente.

Nunca Tilly sentira-se tão humilhada! Todos os marinheiros daquele veleiro e alguns do Montenegro Bay olharam para os dois. O desconhecido, sedutor e com a arrogância desafiante de um pirata, continuava a fitá-la e, ao perceber que ela ia retirar-se do convés, curvou-se numa reverência exagerada. Seus olhos, muito verdes, refletiam uma insolente malícia.

Recuperando a capacidade de raciocinar, Tilly afastou-se com o queixo erguido, mas foi difícil manter a dignidade diante das gargalhadas masculinas que acompanharam sua retirada.

Lucas Flynn continuou sorrindo, satisfeito com o inesperado encontro. Então

aquela jovem era a srta. Matilda Templeton! Pelos comentários de Lara, tinha imaginado que a amiga dos tempos de escola fosse a típica solteirona inglesa, implicante e obstinada em recriar o ambiente puritano da Inglaterra até sob o ardente sol dos trópicos.

Na verdade, Lara nunca a descrevera dessa maneira. Mencionara a inteligência, a capacidade de tirar suas próprias conclusões e também um coração de ouro. "Todas as garotas da escola a procuravam quando tinham problemas, certas de que Tilly encontraria uma solução."

E esse ideal de perfeição feminina chegara no momento mais inoportuno para Lucas Flynn! Lara lhe afirmara não ter intenção de revelar seus segredos e só queria sentir o conforto da presença amiga a seu lado. Mesmo assim, ele preferia não se arriscar e dera o primeiro passo para que a srta. Matilda Templeton se esforçasse ao máximo por ignorá-lo. No próximo encontro, a intrometida solteirona "que sempre encontrava uma solução" iria evitá-lo como ao próprio diabo!

Uma pena! Em outras circunstâncias, ele gostaria de conhecê-la mais intimamente. Um grande apreciador de belas mulheres, notara detalhes que escapariam a homens menos experientes ou atentos. Os olhos quase prateados refletiam inteligência e senso de humor, os lábios, embora delicados, demonstravam uma sensualidade contida e pediam para ser beijados. Entretanto, suspeitara que a boca rosada e sedutora também revelava um temperamento forte e, se decidisse "solucionar" o problema de Lara, iria colocá-lo em uma posição perigosa!

Agora, porém, havia muito trabalho à sua espera e não podia perder tempo pensando em jovens inglesas, bem-educadas mas intrometidas. Precisavam retirar a carga do veleiro, e Lucas Flynn não confiava certos detalhes a simples marinheiros: ele se ocupava pessoalmente de seus negócios particulares!

Tilly também não perdeu tempo em refugiar-se no camarote. Embora estivesse quente e abafado, ela preferia morrer a pisar novamente no convés. Recusava-se a ser o alvo das brincadeiras grosseiras e vulgares de um pirata seminu e de aparência selvagem. Era uma dama e não devia se expor a esse tipo de humilhação! E sentir-se tão exposta e vulnerável porque algo naquele homem bem insolente a afetara profundamente. Sentando-se sobre o baú já fechado para o desembarque, Tilly tentou entender sua reação irracional. Sem dúvida, ficara perturbada porque ele estava sem camisa! A não ser por gravuras e estatuetas frias, jamais vira o corpo de um homem. Convencendo-se que agira daquela forma puramente por curiosidade, imaginou a sensação de sentir-se envolvida pelos braços musculosos e... Ela se levantou tão abruptamente que bateu com a cabeça no lustre do camarote. Estaria perdendo o juízo? Como pudera pensar em algo tão... tão... Tilly não encontrava palavras para justificar seu desatino, e só em lembrar-se da situação que imaginara sentia o rosto arder de vergonha e uma inexplicável sensação de atordoamento. Bem em seu íntimo, sempre suspeitara que tinha um temperamento frio e controlado, insensível à loucura de uma paixão. Nenhum dos homens que conhecera havia despertado sentimentos românticos em seu coração e muito menos emoções turbulentas. Mas... nunca encontrara ninguém igual àquele pirata. Graças a Deus!

A raiva foi o caminho que procurou para apagar a imagem sedutoramente perigosa daquele homem. Tentou concentrar-se em sua vulgaridade grosseira e, ao ver que ainda estava com o rosto rubro de vergonha, ficou mais enfurecida. Certamente o calor afetara sua habitual compostura porque reagira como uma adolescente transtornada por um incidente banal!

Jogar água fria no rosto também não a ajudou a afastar da mente o homem a bordo do veleiro. Ele era rude, mal-educado, ofensivo e... fisicamente belo como as gravuras que vira do magnífico Davi, esculpido por Michelangelo. E como negar que possuía um sorriso fascinante?

Sem dúvida, ele devia ser uma das ovelhas negras mencionadas por Durward. Um rapaz bonito, mas causador de problemas tão sérios que a família oferecia-lhe uma vida de luxo em algum lugar tranqüilo. Pagavam-lhe a fim de que fosse para uma das colônias britânicas e ficasse, para sempre, longe do lar! Um atraente irresponsável, sem muitos escrúpulos nem noções morais! Finalmente Tilly reagiu contra o que estava se transformando em uma obsessão. Não podia continuar pensando naquele homem! Afinal, iria desembarcar em poucos minutos para reencontrar Lara e descobrir a beleza exótica de Kingston. Há anos não via a amiga, e seria um reencontro carregado de emoção. Também realizaria o sonho de uma aventura ao pisar na paradisíaca Jamaica. Tinha de esquecer aquele episódio degradante.

Era evidente que conseguiria apagar tudo de sua mente, porque dificilmente o encontraria de novo!

Chegara enfim o momento do desembarque. Ávida pela aventura que se iniciaria ao pisar na Jamaica, Tilly deixou apressadamente o camarote. Antes de sair para o convés, lembrou-se que iria passar ao lado do veleiro de casco negro e, erguendo a cabeça, fingiu não ver nada a sua volta.

— Ora, ora! — uma voz familiar ecoou acima do falatório dos passageiros. — Não vai esperar por mim?

Tilly sabia muito bem que aquela voz pertencia ao pirata de olhar ousado e comportamento vulgar. Ele estava novamente expondo-a ao ridículo, mas não pretendia dar-lhe o prazer de demonstrar seu desconforto. Com o queixo erguido e as costas eretas, caminhou com altivez, sem desviar os olhos da prancha de desembarque.

Flynn percebeu o esforço que ela fazia a fim de ignorá-lo e disfarçar seu constrangimento. Apesar de ter certeza que a srta. Matilda Templeton poderia causar-lhe problemas muito sérios, sentiu-se ansioso por encontrá-la novamente. Queria muito vê-la, mas, se não fosse cauteloso...

O perturbador pirata finalmente desapareceu da mente de Tilly no momento em que pisou no cais. Marujos e oficiais da marinha, dos mais diversos países, com magníficos uniformes, misturavam-se aos nativos da ilha. Carroças de todos os tipos, vendedores de frutas e flores também ocupavam o pequeno espaço em frente ao navio recém-chegado, e mulheres exóticas com cestos sobre as cabeças cobertas com turbantes coloridos aproximavam-se, com movimentos graciosos, para vender suas mercadorias.

— Tilly! — Querida Tilly!

Uma esplêndida carruagem aberta parara diante de Tilly, que reconheceu a mulher esbelta, envolvida por uma nuvem de babados de gaze branca e rendas delicadas, vindo em sua direção.

— Lara!

A sua antiga companheira de escola era uma garota de rosto redondo, covinhas e uma cascata de cachos loiros sempre revoltos. Aquela mulher caminhando de braços abertos para ela tinha a fragilidade de uma flor de estufa, com um rosto fino e o corpo mais magro do que realmente esbelto. Até a rebeldia de seus cabelos havia sido domada, pois estavam presos em um severo coque e só a voz e os olhos escuros permaneciam iguais aos da alegre e travessa adolescente.

— Oh, Tilly. Eu estava contando os dias até sua chegada!

— Lara... é mesmo você?

Quando as duas sorriram, os anos de separação desapareceram como se nunca tivessem existido, e elas se abraçaram, rindo e chorando de alegria. Um momento emocional demais para notar detalhes, mas, mesmo assim, Tilly assustou-se com a aparência da amiga. Linhas marcadas tinham surgido ao redor dos olhos e da boca de Lara. A pele estava sem brilho, e, sob a exuberância da recepção, notava-se uma tensão indisfarçável.

— Então? Já formou uma opinião sobre a Jamaica, Tilly?

— É um lugar maravilhoso. Acho que a magia da ilha já me prendeu.

— Que bom! — Lara sorriu com malícia. — Além de bonita, a Jamaica reúne uma quantidade de solteiros atraentes maior do que qualquer cidade da Inglaterra. Quem sabe você se encantará com um deles e ficará para sempre conosco? Talvez um de nossos amigos conquiste seu coração, e já pensei em alguns para lhe apresentar...

Tilly só esperava que sua amiga não pretendesse empurrá-la para os braços de George Keating! Considerava-o atraente, agradável e inteligente, além de ter um futuro promissor, porém não sentira nenhuma emoção especial ao conhecê-lo. Ele não era alma gêmea, a outra metade de sua alma que a completaria como mulher. Resignara-se a ser uma solteirona, porque só se casaria com esse homem ideal que ela nem sabia se existia, mas também não perdera as esperanças de encontrar.

Entretanto, aceitaria de bom grado à companhia de George Keating, desde que ele se conformasse com o papel de simples amigo. Pelo menos teria um par simpático e que não a descontrolava emocionalmente nem provocava rubores e perturbações inexplicáveis como aquele rude pirata de olhos verdes e sorriso insolente.

A atenção de Tilly agora dirigia-se às atrações principais da King Street, ouvindo fascinada as explicações de Lara. Igrejas singelas e prédios imponentes mas austeros erguidos pelo governo britânico misturavam-se a construções graciosas que permaneciam como monumentos que testemunhavam um passado sob a influência da Espanha.

A severidade e as linhas rígidas do estilo inglês não conseguiam reprimir a exuberância da natureza tropical. Árvores, arbustos e canteiros cobertos de flores transformavam Kingston em um Jardim multicolorido e perfumado.

Tilly estava ansiosa por saber mais detalhes sobre a história da ilha e conhecer

os habitantes daquele mundo fascinante. Lara porém considerava-se livre do dever de apontar os monumentos principais da rua mais importante e só falava das festas e atividades que planejara para entreter sua hóspede.

— Daremos um pequeno jantar para celebrar sua primeira noite Jamaica, querida. Não será uma recepção sofisticada porque imaginamos que você chegaria cansada e se sentiria mais à vontade em uma reunião íntima e sem formalidade. Só convidei dezesseis pessoas.

Um jantar informal com dezesseis convidados? Tilly quase entrou em pânico diante desse tipo de recepção à qual não estava acostumada. Na verdade, não conseguiria reunir nem dez pessoas entre a aristocracia rural de Hollowdean! Se essa era a idéia de sobre uma reunião íntima, o que seria uma festa formal?

— Não se preocupe, querida. — Lara notou o mal-estar da n diante daquela recepção. — Só convidei amigos íntimos, você ficará entre dois cavalheiros interessantes que adoram conversar com mulheres bonitas.

— Seu irmão Christopher também participará do jantar, não é? Estou ansiosa por revê-lo. Quando eu passei por minha fase de maior timidez e retraimento, ele sempre se esforçava para me deixar à vontade e conseguia me transformar em uma tagarela!

Com um gesto brusco, Lara virou a cabeça, evitando o olhar de Tilly

— Infelizmente, meu irmão não estará conosco. Ele nos visita quando tem uma folga. Passa alguns dias na Jamaica e depois volta para algum lugar na América Central, onde fica o acampamento dos arqueólogos.

— Será que o encontrarei antes de retornar à Inglaterra, Lara?

— Não sei... é difícil de dizer, mas... no último mês, não estive... não está... na Jamaica. Foi com um grupo para a península de Yucatán, em uma de suas expedições...

Tilly teve certeza absoluta de que Lara esteve prestes a lhe contar algo e mudara de idéia antes de terminar a frase. Também pressentiu que a amiga não queria se aprofundar nesse assunto.

— Conheci um arqueólogo durante a viagem, sabe? Ele está escavando umas ruínas próximas a Chichen Itza... chama-se dr. Challfont.

Lara derrubou o guarda-sol que quase foi levado pela brisa. Preocupada em recuperá-lo, Tilly esqueceu-se de seu comentário, mas o nervosismo da amiga demonstrou que ela abordara um ponto extremamente delicado.

— O dr. Challfont... que incrível coincidência! — a voz de Lara revelava um total descontrole emocional. — Ele é muito conhecido em Kingston e... por acaso... falou sobre suas expedições?

Com pena da amiga, Tilly fingiu não ter notado sua perturbação e procurou recuperar o tom descontraído da conversa.

— Ele à uma espécie de eremita, Lara. Vi-o apenas na primeira noite a bordo, quando jantamos todos na mesa do capitão. Evidentemente, não seria a ocasião ideal para conversar sobre ruínas maias, mesmo estando sentada ao lado de um perito no assunto. Fiquei bastante desapontada por não encontrá-lo de novo, porque a arqueologia sempre me interessou demais.

Lara ainda não controlara o nervosismo. Com a cabeça abaixada, apertava o cabo de marfim do guarda-sol com as mãos trêmulas.

— Eu... bem... acho que devo preveni-la... caso esse assunto seja mencionado. No início, Christopher e o dr. Challfont trabalhavam juntos, mas... tiveram um pequeno desentendimento e... se afastaram. Esse tipo de situação, tão banal, assume proporções exageradas aqui na Jamaica, porque vivemos em uma sociedade bastante restrita. Somos poucos ingleses do mesmo nível, por isso... Mas chega de tolices, Tilly! O importante é que você irá conhecer pessoas maravilhosas, e quero falar-lhe sobre alguns dos convidados do jantar de hoje à noite...

A tagarelice de Lara tentava demonstrar um entusiasmo e uma alegria que só acentuava sua falta de naturalidade.

— E sem dúvida lady Steadmore lhe enviará um convite para o baile que oferecerá na próxima semana a fim de homenagear a sobrinha. Se ela a aprovar, todas as portas da sociedade se abrirão para você, Tilly. Sua influência é incalculável!

— Espero que não me julgue provinciana demais ou simplesmente grosseira, Lara. — Tilly perdeu a paciência e decidiu deixar bem clara a sua posição. — Não pretendo adular essa dama de... incalculável influência! Os Templeton vivem em Hollowdean há nove séculos, são parte da história da Inglaterra e seu valor é reconhecido e respeitado. Não estou acostumada a ser pesada e examinada como uma ovelha que entrou num concurso em alguma feira rural para premiar animais de raça!

— Céus, Tilly! — Lara caiu na gargalhada. — Eu não consegui lhe transmitir a imagem correta da querida lady Steadmore. Ela realmente dá a impressão de ser uma pessoa arrogante, autoritária e mandona, mas é só no primeiro encontro. Logo vem à tona a sua bondade. Ela tem um coração de ouro!

Tilly controlou a irritação para não perturbar a amiga, que finalmente agia com mais descontração. Entretanto, estava decidida a demonstrar àquela arrogante dama que não aceitava atitudes autoritárias. Também tinha um temperamento forte.

— Sua sobrinha é a srta. Eggleston — continuou Lara, sem notar a expressão desafiante da amiga. — Ela veio de Londres na esperança de encontrar um marido. Deu-me a impressão de ser uma jovem bem-educada e até agradável se não fosse um pouco pedante.

Suspirando, Tilly resignou-se a renunciar mais uma vez aos seus sonhos de aventuras excitantes. A julgar pelos comentários de Lara, sua tão ansiada liberdade se reduziria à convivência com uma dama mandona e com manias de grandeza e uma jovem, tola cuja conversa idiota a mataria de tédio. Afinal, a vida na Jamaica não seria tão diferente da monotonia de Yorkshire, como imaginara. Provavelmente, não iria divertir-se muito mais do que se tivesse ficado em Oak Manor ouvindo as infundáveis queixas de Durward e lady Helena sobre a ingratidão dela em exigir todas as suas jóias e o dote, bastante substancial!

— Ah! Eu não vejo a hora de apresentá-la a Tiger Flynn. — Lara agarrou as mãos da amiga. — Sei que a simpatia entre vocês dois vai ser mútua e instantânea.

— Tiger? — Tilly não tinha tanta certeza de que simpatizaria com esse indivíduo de nome ridículo. — Ele não pode chamar-se Tigre, Lara!

— Lógico que não! Sou uma das poucas pessoas que usa esse apelido carinhoso e... íntimo. Chama-se Lucas e, como já mencionei na carta que lhe escrevi, é um amigo pessoal, uma pessoa especial.

"Tiger Flynn, um amigo pessoal, uma pessoa especial." Por acaso esse homem seria a causa da inquietante transformação de Lara? Com um arrepio premonitório, Tilly imaginou um possante e ágil felino perseguindo as mulheres, suas presas favoritas, na selva da sociedade. Perigoso e sem escrúpulos, esse conquistador experiente envolvia suas vítimas com uma irresistível atração física e uma sedução fatal. Alguém como o fascinante pirata a bordo do veleiro de casco negro, só que mais refinado e polidamente encantador.

— E por que lhe deram esse apelido pouco comum?

— Ele se recusa a contar, mas seu irmão me disse que Lucas matou um tigre assassino quando esteve na Índia! E com as mãos nuas, Tilly!

Tilly disfarçou sua incredulidade diante da expressão extasiada de Lara. Ela vira um tigre quando um circo passara por Hollowdean. Apesar de velho e maltratado, continuava a ser um animal aterrorizante. Os músculos poderosos que se moviam sob a pele rajada revelavam uma força brutal. Ela também se assustara com os dentes enormes e pontiagudos e com a ferocidade refletida em seus olhos selvagens. Sentira, medo e, ao mesmo tempo, pena da fera enjaulada. Nunca a esquecerá. Ninguém conseguiria matá-lo sem armas de fogo e, se esse homem permitia que sua façanha impossível fosse repetida e aceita como verdadeira, sem ter a honestidade de negá-la, não passava de um mentiroso!

A não ser que ele mesmo tivesse inventado a história, é claro! Tilly chegou a uma opinião definitiva sobre Tiger Flynn. Não o conhecia ainda, mas já o detestava!

A magnífica paisagem, porém, merecia ser admirada plenamente. A carruagem começara a subir as verdes colinas, passando diante de suntuosas mansões em estilo espanhol ou inglês, rodeadas por imponentes palmeiras. A maioria das propriedades mantinha a privacidade dos moradores com altos muros de pedra, mas, através dos enormes portões de ferro, podia-se entrever pátios de mosaicos coloridos e arcadas graciosas que proporcionavam uma sombra benfazeja. E, por toda a parte, as flores expunham a glória de sua colorida exuberância. Do rosa mais pálido ao alaranjado, do branco alvo ao amarelo-dourado, repousavam em ninhos de aveludadas folhas verdes.

Apesar do jantar daquela noite, que seria uma tortura, Tilly sentia-se feliz por ter vindo.

— Deixou-me tão contente ao aceitar meu convite, Tilly! — exclamou Lara, ecoando os pensamentos da amiga. — Não pode nem imaginar o que significará na minha vida... ter uma amiga por perto e...

Lara calou-se, revelando o medo de ter se exposto demais. A hesitação receosa da amiga intensificou o pressentimento funesto de Tilly. Algo muito grave estava acontecendo, mas numa carruagem em que o cocheiro ouviria cada palavra trocada não poderiam abrir seus corações!

Haveria tempo de sobra para trocarem confidências íntimas durante sua estadia na Jamaica. Agora queria absorver cada detalhe daquele mundo exuberante, usufruir o

sabor daquela aventura tão sonhada. Viu um grupo de mulheres e crianças caminhando ao longo da estrada, e, embora Lara as ignorasse e elas também não tomassem conhecimento da carruagem que as ultrapassava, Tilly não resistiu ao encanto dos traços exóticos de uma menina. Deu-lhe um sorriso meigo, e, para sua surpresa, a garotinha virou o rosto, sem retribuir o gesto amistoso.

A indiferença ostensiva da criança atingiu Tilly com o impacto de uma agressão física. O Império Britânico podia dominar a ilha, mas nunca seus habitantes. Tilly lembrou-se de que a escravidão fora abolida na Jamaica há menos de trinta anos, e a paisagem luxuriante escondia uma história sangrenta. A violência das lutas pela liberdade não seria esquecida antes da passagem de muitas gerações.

O devaneio de Tilly foi interrompido pela voz de Lara, e, retornando à realidade, viu-se diante de imponentes portões de ferro trabalhado.

— Bem-vinda a Coeur d'Émeraude, Tilly.

A carruagem começou a percorrer uma alameda ladeada por palmeiras e samambaias, que formavam um túnel verde. Coração de Esmeralda, um nome perfeito para aquela casa que se erguia entre a vegetação exuberante, uma jóia envolta pela natureza.

A mansão não perdia nada de seu encanto, apesar de ser uma inesperada mescla de estilos. As arcadas que se abriam para os jardins e as janelas altas e estreitas no primeiro andar refletiam a graça harmoniosa da arquitetura espanhola. O terceiro andar, de tijolos brancos e a torre que se erguia acima do telhado eram mais recentes e tipicamente ingleses em sua austeridade de linhas.

— É o Torreão do Senhor — explicou Lara. — Lá de cima, pode-se enxergar as Blue Mountains para oeste e Galows Point, que fica fora da baía, na direção leste.

— Para que o "senhor" acompanhasse a entrada de seus navios no porto?

— Sim e... — Lara abaixou o tom de voz a fim de que o cocheiro não a ouvisse — ...controlar os escravos. Antes da abolição, costumavam ocorrer muitas revoltas.

Em todo o paraíso sempre existia uma serpente! A Jamaica ainda vivia à sombra das crueldades cometidas no passado e o calor tropical ainda não secara o sangue derramado naquele solo fértil. Perturbada, Tilly lutou para afastar essa sensação opressora e, quando chegaram à porta da casa, a claridade do sol conseguia restaurar seu entusiasmo.

Pedindo a um criado que lhes preparasse bebidas refrescantes, Lara levou Tilly ao quarto onde ficaria hospedada. O aposento, amplo e claro, também refletia a mescla da opulência européia e da leveza tropical, mas, naquele momento seria difícil admirar a decoração. Baús, malas e caixas espalhadas por toda a parte impediam até a movimentação, e a única pessoa à vontade naquele caos era uma mulher alta, de idade indefinida, que dava ordens às criadas num tom de voz ríspido. Tipicamente inglesa, magra, vestida de preto e, a julgar pelas feições duras, de permanente mau humor.

— Esta é Agnes, a minha criada de quarto — disse Lara, ignorando a frieza evidente da mulher. — Está comigo desde meu casamento, e, como a jovem que escolhi para servi-la machucou o pé, iremos partilhá-la por algum tempo.

— Não é preciso — sorriu Tilly, despreocupada. — Posso passar sem uma criada

de quarto.

— Nem pense nisso, querida. Agnes é eficiente e dará conta do trabalho. Garanto-lhe que não terá queixa alguma por dividirmos a mesma criada.

Pelo modo de falar de Lara, Tilly percebeu que Agnes não aceitara aquela situação sem protestos. Quando ficaram sozinhas, ela e a criada se entreolharam, avaliando-se mutuamente.

— A senhorita deveria estar tomando chá no terraço. Então', quando viesse para o quarto, eu já teria desfeito as suas malas.

Agnes iniciara a batalha.

— Preferi vir diretamente para cá — replicou Tilly, sem se intimidar com o tom autoritário da criada. — Gostaria que me trouxesse agulha e linha, pois quero consertar o punho de meu vestido...

— Por Deus! Basta entregá-lo a mim, senhorita! É meu dever cuidar de todos esses detalhes.

Diante da indignação de Agnes, Tilly preferiu evitar um confronto logo no primeiro dia. A criada porém continuou a determinar o que deveria ser feito, e, embora tivesse vivido sem esse tipo de luxo, Tilly não era tola. Sabia que precisava mostrar-se firme.

— Eu gostaria de ficar sozinha, Agnes — disse contrariada por tomar uma atitude que não a agradava. — As malas podem ser desfeitas mais tarde...

Ofendida, a criada a fitou com ódio e sem intenção de obedecer. Era Agnes Chuffey, fora criada de quarto da ilustre condessa de Denville e não pretendia ser tratada com desconsideração por uma jovem obviamente sem grandes requintes de educação. Pois não precisaria esperar muito para descobrir que não tolerava ser desprezada por ninguém!

Agnes continuava dando ordens para as outras criadas, indicando onde deviam ser pendurados os vestidos de Tilly, quando um gato entrou no quarto vindo do terraço.

— Fora! — gritou Agnes, enfurecida. — Fora daqui, bicho imundo!

O felino se arrepiou e avançou na direção da criada, disposto a enfrentá-la.

— Pode deixá-lo aqui, Agnes. Eu gosto de gatos.

Sentindo que tinha uma protetora, o gato saltou sobre a cama, acomodando-se nos lençóis de linho. Só então Tilly prestou atenção no quarto em que iria dormir e controlou a vontade de rir, diante de tanto luxo. Presos ao teto, dois querubins dourados seguravam uma nuvem de gaze que envolvia a cama para protegê-la dos insetos.

Agora que as criadas já haviam removido os baús, ela podia apreciar os outros detalhes da decoração. Uma escrivaninha de pés esculpidos, um sofá de seda dourada e o bordado que revestia as paredes refletiam o estilo francês, contrastando com o ventilador de pás de madeira e as portas de veneziana abrindo-se para um pequeno terraço, com vista para a baía. Mais uma vez, Tilly pensou na mescla de culturas provocada pela ocupação da Jamaica por povos tão diferentes dos nativos.

Misturas estranhas e únicas, como o homem a bordo do veleiro de casco negro.

Já não tinha dúvidas que ele era um exilado da sociedade inglesa, a ovelha negra escondendo nas distantes colônias britânicas a sua derrota e humilhação. E, no entanto, o sorriso desafiante e a postura ousada daquele pirata refletiam confiança, triunfo e nenhum sinal de fracasso.

— Se a senhorita me permitir, eu a ajudarei a vestir um penhoar — Agnes interrompeu o devaneio de Tilly com sua voz estridente. — É hora da sesta, e, enquanto repousa, levarei seu traje de viagem para a lavanderia.

— Sesta? — Tilly não pretendia seguir aquele hábito ocioso. — Não estou cansada, prefiro...

— Todas as damas da ilha repousam à tarde. É a hora mais quente do dia e ninguém desrespeita esse costume. Eu voltarei mais tarde a fim de ajudá-la a vestir-se para o jantar, senhorita.

Tilly pouco se importava com o costume das damas, tão enfatizado por Agnes. Além disso, sentia-se excitada demais com sua aventura para conseguir repousar. Escreveu uma nota bastante seca a Durward, a fim de avisá-lo que chegara bem, e uma carta, mais longa e afetuosa, para a sra. Pimm. Ao terminar, notou o céu quase rubro e correu para o terraço do quarto. A localização da casa, no alto da colina, proporcionava uma magnífica visão do crepúsculo sobre as águas da baía. O sol, como uma labareda, desapareceu rapidamente, e, em poucos segundos, a noite desceu sobre a ilha.

Tilly continuou no terraço até notar um movimento entre os arbustos do jardim. Agnes já viera acender as velas do quarto e a luz a iluminava pelas costas. Consciente de que estava usando apenas um leve penhoar e poderia ser vista por algum dos criados, ela finalmente resignou-se a entrar no quarto. Além disso, já estava na hora de vestir-se para o jantar.

A sua primeira festa! Subitamente, Tilly sentiu-se nervosa e insegura. O vestido de seda rosa, feito por madame Fontaine, a melhor modista de Londres, tinha um decote exagerado demais que a embaraçava. Embora a costureira afirmasse que a moda exigia mais ousadia e ela mesma tivesse comprovado essa verdade ao comparecer a um espetáculo na ópera, nunca aparecera em público com os seios quase desnudos!

Apesar de evidente ressentimento, Agnes demonstrara sua habilidade como criada de quarto. Os cabelos de Tilly, presos no alto da cabeça, realçavam seu rosto, que fora emoldurado por cachos que caíam até os ombros. Escolheu um colar de pérolas e brilhantes que pertencera à mãe para dar-lhe mais segurança.

Então, ao chegar à escadaria, o nervosismo transformou-se em expectativa. Sentia-se um botão delicado e prestes a se abrir, sem saber se iria desabrochar como uma flor exótica e colorida ou apenas uma singela e insignificante erva campestre. Logo descobriria, pois já ouvia as carruagens chegando à mansão dos Whitby. Criando coragem, Tilly entrou no salão, iluminado por centenas de velas e que refletia o impecável bom gosto de Lara. As paredes forradas de seda azul davam maior realce às peças de valor inestimável, vindas da Europa, do Oriente e dos trópicos. No aparador sobre a lareira, conchas de nácar brilhavam ao lado de porcelanas chinesas e prata inglesa antiga. E, no ambiente luxuoso e requintado, Lara era mais uma jóia, vestida de

seda branca e com magníficos brilhantes adornando os cabelos, o colo e os braços.

Mal Tilly pôs os pés no salão, uma imponente senhora pegou seu lorgon e examinou-a dos pés à cabeça.

— Pequena, mas de raça apurada. Excelente postura, passo perfeito e nota-se que vem de uma linhagem de alto nível. Se a educação social for equivalente à boa aparência... você tem um tesouro que só lhe dará satisfação, Lara.

Preparada para uma batalha, Tilly mal continha o riso quando Lara apresentou-a a lady Steadmore. A franqueza da matrona mais temida da sociedade da Jamaica desarmou-a. Embora tivesse sido comparada a um cavalo num leilão, a velha dama demonstrava amar esses animais. Aliás, devia mesmo adorá-los, pois suas feições eram decididamente eqüinas!

— Obrigada, madame. — Tilly sorriu maliciosamente. — Devo acrescentar que só dou coices quando a provocação é excessiva e tenho uma resistência superior a da maior... das éguas!

— Ah! Além do físico perfeito, demonstra inteligência e é espirituosa? Meus parabéns, srta. Templeton! — Lady Steadmore olhou para a sobrinha, sentada a seu lado. — Não há nada que me desagrade tanto como jovens insípidas!

O alvo de seu comentário ferino era uma jovem de expressão altiva, proeminentes olhos azuis e cabelos de um loiro descorado. O vestido, excessivamente adornado com babados e rendas, escondia os contornos do corpo, e o tecido, de um amarelo-esverdeado, lembrou Tilly de seu tom de pele quando ficava nauseada.

E cinco minutos de conversa com a srta. Eggleston foram mais do que suficientes para Tilly. A jovem só falava sobre os membros da aristocracia britânica que afirmava serem seus amigos íntimos, mencionando os parentescos entre eles e a realeza. Se aquela criatura entediante tinha outros pensamentos além de moda, árvores genealógicas, festas e os últimos mexericos da sociedade, conseguia escondê-los muito bem!

Felizmente, a tagarelice da srta. Eggleston não exigia a atenção de Tilly, que aproveitou a oportunidade para observar sua amiga sem ser vista. Lara estava realmente magra demais e sua aparente alegria e entusiasmo mal disfarçavam a tensão, que a impedia de permanecer parada. Caminhando pelo salão, não tirava os olhos da porta, sobressaltando-se ao ouvir o menor ruído vindo dos jardins.

Então Jonas Whitby entrou, inesperadamente, pela porta do terraço dos fundos. Ele não mudara nada desde a última vez em que Tilly o vira, a não ser por alguns fios brancos dispersos entre a cabeleira negra. Sua expressão refletia a calma habitual, contrastando com o ar de susto de Lara ao avistar o marido.

— Jonas! — Eu... não sabia que você tinha saído!

— E também não imagina o indivíduo suspeito que encontrei rondando pelo jardim!

Jonas estava rindo e havia alguém a seu lado, mas um vaso com uma pequena palmeira impedia Tilly de enxergar o companheiro do anfitrião.

— Lucas! Você é mesmo um patife! — a voz autoritária de lady Sleadnivre contrastava com seu sorriso alegre. — Que malandragem estava arquitetando desta

vez?

— Eu planejava roubar a prataria da casa e estava pesquisando a melhor rota de fuga.

Entre as gargalhadas gerais, Tilly tentava ver o rosto do recém-chegado. Através da palmeira, enxergava apenas o fraque bem cortado e a elegância de quem o vestia. Também ouviu uma mulher suspirar quando ele deu mais um passo em direção ao grupo reunido junto à lareira.

— Então, Lucas? — Lady Steadmore estendeu-lhe a mão para ser beijada. — O que fazia às escondidas no jardim?

— Procurava a jovem meiga e bem-educada que aconselhou-me a encontrar — murmurou ele, a fim de que apenas lady Steadmore o ouvisse. — Soube que Lara ofereceu este jantar para apresentar à sociedade da Jamaica mais uma bela rosa da Inglaterra. Que fantástico roseiral!

Infelizmente, Tilly tinha a audição apurada e um temperamento explosivo. Voltou-se, disposta a dar uma boa resposta àquele insolente Lucas e encontrou o olhar dele fitando-a com malícia. Um rosto másculo e bronzeado, cabelos clareados pelo sol e os olhos mais profundos e fascinantes que já vira. Esmeraldas com um halo de topázios, olhos de gato... ou olhos de tigre?

Controlando um arrepio de medo, Tilly pressentiu a fera selvagem sob o exterior do homem sofisticado. Os elegantes trajes de noite apenas escondiam a poderosa musculatura e a sedução do sorriso disfarçava os instintos fatais de um predador. Mas, ao contrário do outro tigre que vira preso, este permanecia em liberdade para acuar suas presas e espalhar a destruição.

Antes que Tilly pudesse se recuperar do choque, ele sorriu. Como se um relâmpago tivesse caído no salão afastando as trevas, ela o reconheceu e sentiu o mundo girar à sua volta. As roupas elegantes o haviam transformado em um homem sofisticado, mas não alteravam os movimentos ágeis nem a ironia que curvava seus lábios sensuais.

O "amigo pessoal" de Lara, o "especial" Tiger Flynn e o insolente pirata que a expusera à zombaria dos marinheiros eram a mesma pessoa!

Tilly rezou para não ser reconhecida, mas suas preces não foram atendidas. O sorriso continuava provocando-a e, inacreditavelmente, viu-o piscar para ela!

Estremecendo de ódio diante daquela insolência, Tilly ignorou o ligeiro movimento de cabeça que demonstrava reconhecimento e zombaria. Felizmente, ninguém notou nada, pois Flynn já se voltara para falar com a anfitriã.

Mas será que também não notariam o olhar ansioso de Lara e o brilho nos olhos de Flynn? Sua amiga expunha a intensa vulnerabilidade ao encanto daquele homem que segurava-lhe as mãos sem pensar nas conseqüências!

Por mais que tentasse, Tilly não conseguiu desviar os olhos daquela cena. O toque de Flynn, como num passe de mágica, transformara a sua amiga. Lara endireitou os ombros, ergueu o rosto agora corado e sem demonstrar nenhum sinal de tensão.

Preocupada, Tilly olhou para Jonas Whitby. Ele fitava a esposa e Flynn com uma expressão impassível, mas em seus olhos havia um brilho suspeito. Ódio, ciúme ou mera

desconfiança? Ninguém mais na sala notara a situação embaraçosa, recomeçando a conversar descontraidamente.

Jonas Whitby mantinha nos lábios um sorriso cordial e recomeçara a dirigir sua atenção para os convidados. Seus olhos porém continuavam frios, e a cada segundo voltava-os para a esposa, que ainda não se afastara de Flynn.

Subitamente, Tilly arrependeu-se de ter vindo para a Jamaica.

Sua irreprimível mania de sonhar acordada transformara aquela ilha em um paraíso tropical, e a realidade era bem diferente. Chegara a um jardim que disfarçava perigosas areias movediças e, se não fosse cautelosa, também seria vítima de uma intriga fatal.

CAPÍTULO III

A posição influente de lady Steadmore na sociedade da ilha permitia-lhe certas liberdades, entre as quais se incluía a de fazer comentários confidenciais sem abaixar seu tom de voz.

— Ele é, sem dúvida, um patife atraente demais, um malandro irresistível! — a velha dama virou-se para Tilly com uma expressão quase severa. — Qualquer pessoa que dê ouvidos a mexericos, fatalmente acabará se influenciando diante das mais contraditórias especulações sobre Lucas Flynn, mas uma mulher esperta não acreditará em nada sem provas. E você me deu a impressão de ser uma jovem bastante sensata, srta. Templeton.

— Já percebi que o sr. Flynn é o alvo favorito dos comentários femininos — replicou Tilly secamente. — Entretanto, não costumo conviver com patifes, atraentes ou não, por isso duvido que consiga ter uma boa opinião a respeito dele.

— Esse ar de puritana não combina com você, srta. Templeton. Eu sou velha, tenho a experiência que lhe falta e estou muito acostumada a conviver com patifes! Garanto-lhe que se transformam nos maridos mais perfeitos quando abandonam a vida de boêmia.

Lady Steadmore dirigiu a atenção para a anfitriã, e Tilly suspirou aliviada. Embora não tivesse freqüentado a sociedade, nunca fora puritana. Aceitava a amizade entre homens e mulheres e até um jogo amoroso sem conseqüências, mas considerava sagrados os laços do casamento e condenaria quem os rompesse. A expressão embevecida de Lara e os olhares ardentes que lançava a Flynn retratavam nitidamente um envolvimento mais sério.

Observando-os disfarçadamente, Tilly percebeu que as atitudes dele confirmavam suas suspeitas. Flynn fitava sua amiga com uma intimidade excessiva e os dois pareciam comunicar-se apenas através de olhares. Então, notou um gesto quase imperceptível de cabeça, que despertou um brilho radiante nos olhos de Lara.

Ela gostaria de não ter visto nada, gostaria que o chão se abrisse e Flynn desaparecesse nas profundezas do inferno! Por que aquele maldito continuava agindo com tanta irresponsabilidade? Logo Lara estaria irremediavelmente comprometida, pois todos perceberiam a situação.

Tilly quase deu um salto na cadeira ao sentir a mão da amiga sobre seu ombro. Estava sendo apresentada formalmente a Lucas Flynn!

— ...e esta é a srta. Templeton, Lucas. Minha querida amiga dos tempos de escola.

— Ah! É um prazer! — Ele segurou a mão de Tilly e a fitou com um olhar de cumplicidade. — Mas... já nos conhecemos, não é verdade?

Como ele ousava aludir àquele humilhante incidente em público? Tilly precisou controlar o impulso de puxar a mão que Flynn mantinha entre as suas.

— Está completamente enganado, sr. Flynn.

— Então, desculpe o meu erro, por favor. — Ele a encarava com uma expressão irônica. — Lara contou-me tantos detalhes de sua querida colega que senti-me diante de alguém... muito familiar.

A expressão serena de Tilly não revelava a perturbação provocada pela arrogância daquele homem. Flynn sorria como se estivesse lendo seus pensamentos e se divertindo com aquela situação. Seus olhos revelavam a certeza de que a fascinara, e a presa não escaparia mais de seu encanto fatal. Para não perder o controle, ela ignorou-o e dirigiu-se à srta. Eggleston, fazendo uma pergunta sem muito sentido.

— Cuidado, srta. Templeton. — O sorriso tolo da jovem transformou-se em um ricto maldoso. — Está prestes a sucumbir a letal sedução do nosso querido sr. Flynn. Devo preveni-la de que ele é um incorrigível destruidor de corações!

— E eu devo avisá-la de que não sou uma vítima tão sem defesa como pensa — replicou Tilly com mais rispidez do que precisava demonstrar. — Aliás, já disse a lady Steadmore que não costumo conviver com... patifes, atraentes ou não. Detesto conquistadores baratos!

Embora Flynn estivesse conversando com a velha dama, Tilly teve certeza de que ele a ouvira. Preparou-se para enfrentar um inevitável confronto quando um grupo de convidados entrou no salão. George Keating aproximou-se seguido pelo capitão Giddings, que dava o braço a uma bela ruiva. Atraente e sensual, a recém-chegada usava um vestido que, sem dúvida, viera de Paris e uma gargantilha de brilhantes cujo brilho ofuscava todas as outras jóias. Seu olhar refletia a mesma frieza impessoal das magníficas pedras preciosas.

— Sra. Thorne... — Lara a segurou pelo braço. — Permita-me apresentá-la a minha querida amiga, Tilly Templeton.

Estendendo a mão, Tilly sentiu que a recém-chegada mal se dignou a tocá-la. Após um rápido olhar, a sra. Thorne demonstrou que não a considerava uma rival à sua altura, e com um sorriso desdenhoso ignorou-a. Ninguém a tratara com tanta insolência! Nem a arrogante Helena Blandford tivera a ousadia ou a coragem de comportar-se tão mal!

Um silêncio tenso tomou conta da sala, e Tilly estava prestes a perder o

controle quando a situação constrangedora foi desfeita. A ajuda veio justamente de quem ela menos imaginara receber apoio.

— Espero que o jantar esteja prestes a ser servido, Lara — disse Lucas Flynn, olhando ostensivamente para o relógio. — Como deve ter notado, a sra. Thorne sente-se tão fraca de fome que mal conseguiu cumprimentar sua querida amiga. Talvez a excessiva falta de cortesia seja seguida por um desmaio!

A insolência do comentário de Flynn, um imperdoável desrespeito à etiqueta, provocou uma exclamação de espanto por parte de Tilly e um olhar de ódio da sra. Thorne. Os outros convidados fingiram não ter notado nada de anormal, mas a gargalhada de lady Steadmore ecoou na sala, obrigando-os a encarar a situação constrangedora.

Então, Flynn curvou-se diante da sra. Thorne, e a deusa de gelo imediatamente derreteu-se. Em seu lugar surgiu uma mulher meiga e dócil, que sorriu sem demonstrar qualquer ressentimento.

— Você é insuportável, Lucas! Não sei por que toleramos o seu comportamento... odioso, querido!

Lucas Flynn pertencia a um grupo muito reduzido de homens que jamais seria ignorado, especialmente pelas mulheres, em qualquer circunstância ou ambiente. Ele emanava força, sedução e perigo. Sua presença, mesmo silenciosa, dominava a todos e o transformava no centro das atenções, tanto masculinas como femininas. Ninguém resistia a seu inexplicável magnetismo, até pessoas que, como Tilly, resistiam e só cediam a contragosto.

Os outros convidados chegaram, e, entre mulheres com vestidos luxuosos e homens elegantes, que lhe eram apresentados sucessivamente, Tilly desistiu de gravar nomes ou fisionomias. Ela suspirou aliviada quando Lara tocou uma sineta de prata e o mordomo, um preto altivo de cabelos alvos como a neve, anunciou que o jantar estava servido.

A esta altura, a exaustão de um dia agitado e muito longo e a tensão dos momentos que antecederam o jantar já haviam tirado parte da capacidade de Tilly para apreciar sua primeira festa. Ela encantou-se com a sala de refeições que, embora pequena, abria-se para um pátio florido onde lanternas de papel pendiam dos arbustos.

Depois de rezar para não ser colocada ao lado de Lucas Flynn, ela ficou irracionalmente decepcionada ao ver seu nome à esquerda de Jonas Whitby, em frente a lady Steadmore e ao lado de George Keating. Incapaz de controlar-se, procurou o lugar onde se sentaria seu maior inimigo.

Flynn estava no outro extremo da mesa, à esquerda de Lara. Ele notou o olhar de Tilly e mais uma vez piscou-lhe, com uma imperdoável familiaridade. Transtornada, ela olhou à sua volta com medo que alguém tivesse notado a atitude ousada e a julgasse cúmplice daquele mau-caráter, sem respeito pelas convenções mais sagradas.

Por sorte, ninguém percebera nada, e ela suspirou aliviada. Então viu, no espelho atrás da mesa, o rosto da sra. Thorne, que filava com uma expressão de ódio. Aquela mulher demonstrava uma fúria tão intensa que Tilly quase derrubou o cálice de vinho. Diante da violência dessa reação, concluiu que Lucas Flynn devia ter todos os

momentos do dia e da noite ocupados em diferentes camas!

Depois que Jonas brindou a homenageada, a srta. Templeton, Lara demonstrou ser a anfitriã perfeita, colocando todos à vontade.

— Hoje dispensaremos todas as formalidades. Não haverá necessidade de respeitar as entediantes convenções e poderemos conversar à vontade.

Tilly sentiu-se mais aliviada. Se tivesse de agir formalmente, dividindo sua atenção entre os elogios incessantes de George Keating e o bom humor forçado de Jonas Whitby, não agüentaria a tensão até o final do jantar.

Infelizmente, apesar dos visíveis esforços de Lara para alegrar o ambiente, o jantar foi um verdadeiro fracasso. Ninguém estava à vontade, e, com o passar do tempo, o ambiente ficou quase desagradável. Jonas Whitby não tentou mais disfarçar sua falta de atenção para com os convidados e concentrou-se em seus pensamentos. George Keating insistia em cortejar Tilly, que, embaraçada, já não abria mais a boca e rezava pelo final daquela tortura.

Só Lucas Flynn não fora contagiado pelo mal-estar geral. Sua voz, melodiosa e com um ligeiro sotaque irlandês, mantinha uma animada conversa com Lara e a sra. Thorne, que não parava de olhar para Tilly e George Keating com uma expressão de sarcasmo.

Mais de uma vez, Flynn fez comentários destinados a provocar Tilly. Ela recusou-se a participar da conversa, demonstrando através de olhares frios que não estava se divertindo com o segredo partilhado apenas pelos dois. Logo percebeu que essa tática não o afetava. Aquele homem ignorava qualquer tipo de crítica ou censura.

Quando finalmente as mulheres se retiraram para o salão, deixando os homens fumarem seus charutos e saborearem um bom conhaque, Tilly percebeu que sua cabeça começava a latejar. As longas semanas no mar, uma reunião onde fora apresentada a tantas pessoas ao mesmo tempo e o calor ao qual não estava acostumada aumentavam a pressão nas têmporas. Se todos os jantares fossem semelhantes ao daquela noite, a vida social com que tanto sonhara prometia ser uma terrível decepção!

— Que tal entretermos os cavalheiros com um pouco de música? — perguntou Lara, aproximando-se do piano. — A sra. Thorne! canta muito bem e se a srta. Eggleston puder acompanhá-la.

Entre murmúrios de aprovação, Lara reuniu várias partituras para que as duas escolhessem suas músicas favoritas. Enquanto a sra. Thorne e a srta. Eggleston discutiam suas preferências, as outras mulheres se reuniram em pequenos grupos. Tilly ficou isolada junto à porta e viu a oportunidade ideal de escapar para o jardim por alguns minutos. Ninguém notaria sua ausência, pois pretendia voltar tão logo respirasse o ar puro da noite.

Procurando não chamar a atenção das mulheres, Tilly saiu na ponta dos pés e foi até o terraço. Erguendo o rosto, sentiu a brisa fresca vinda do mar, que, como sempre, despertava seu espírito de aventura. Durante anos sufocara a vontade de seguir o canto da sereia, mas já não era a mesma mulher reprimida e presa a uma vida sem horizontes.

Nas últimas semanas, Tilly se transformara e não hesitava mais em arriscar-se.

Eufórica, caminhou através do jardim até chegar a uma mureta de pedras. A lua começava a surgir ainda semi-oculta pelo muro da casa, e, apesar da penumbra, ela viu um recanto com bancos de ferro e decidiu sentar-se.

— Está fugindo, srta. Templeton?

— Oh! Você... quase me mata de susto! Lucas Flynn encarava-a encostado à mureta.

— Não irá adiantar, sabia? Logo enviarão grupos de busca que a arrastarão de volta para ouvir mais detalhes sobre festas, vestidos, tarifas de exportação e pragas nas plantações de tabaco ou nos canaviais.

— Eu deixei transparecer tão claramente o meu tédio? — Ela não controlou o riso. — Pensei que tivesse disfarçado melhor!

— Ninguém notou, srta. Templeton. É bem-educada demais para demonstrar seus sentimentos em público. Mas eu não tenho a sua polidez impecável. — Ele estendeu-lhe a mão. — Aceita a minha companhia para um passeio pelo jardim?

— Sim, obrigada. Gostaria muito...

Tilly calou-se, sentindo a incômoda impressão de estar agindo como uma mosca imprudente que voa por vontade própria para o centro da teia de uma aranha. Entretanto, não recuou, decidida a enfrentar o que viesse a acontecer.

Os dois caminharam em silêncio, seguindo a aléia de cascalho que serpenteava entre os canteiros, agora prateados pelo luar. O perfume sedutor do jasmim chegava até eles, trazido pela brisa, e a claridade distante das velas do salão brilhava através das folhas. Tilly estava tão encantada com a beleza do jardim à noite que assustou-se ao ouvir a voz de Lucas Flynn.

— Desculpe-me a curiosidade, senhorita — a voz dele era cordial e sem malícia.

— Como está a caçada?

— Caçada?

— Bem... a julgar por minha experiência, que é bastante respeitável, uma jovem e bonita herdeira só atravessa o oceano para vir até a Jamaica por um motivo... caçar um marido. Alguém que a aceite sem fazer perguntas incômodas sobre o passado da futura esposa.

— Como ousa me ofender desse modo?

Enfurecida, Tilly empurrou o braço dele. Estava com raiva demais para saber se perdera a calma diante de uma insinuação falsa a respeito de seu passado ou da verdade em relação à procura de um marido. Ela realmente não desistira de encontrar um homem que reunisse as qualidades necessárias para merecer seu amor, mas Flynn transformara a busca de seu ideal em uma atitude mercenária e repugnante.

— Ora! Será que cheguei muito perto da verdade, srta. Templeton?

— Considero-o um indivíduo desprezível, sr. Flynn. — Ela ergueu o queixo, desafiante. — Tenho passado digno e respeitável, nada manchou a minha reputação, que é impecável. E não sou uma herdeira nem estou caçando um marido como afirmou com tanta grosseria.

— Não mesmo? Bem, pelo menos não errei ao dizer que é bonita. — Ele continuou a falar como se tivesse feito apenas um inofensivo comentário sobre o tempo. —

Acredito que não seja uma herdeira com um passado duvidoso. Entretanto, acho perfeitamente natural que uma jovem solteira veja em cada homem solteiro um possível marido.

A fúria de Tilly alcançara um ponto que não lhe permitia nem sequer falar. Depois de contar até dez e respirar fundo, recuperou parcialmente a calma, mas sua voz ainda tremia de ódio.

— Asseguro-lhe que não sou uma mulher do tipo que está disposta a ter um marido a qualquer custo!

— Ah! É uma mulher de que tipo, srta. Templeton? Embora percebesse que ele a provocava com sua ironia, Tilly surpreendeu-se contando-lhe a verdade.

— Sou uma pessoa que acha a linhagem aristocrática e as últimas novidades da moda um assunto insuportável. Alguém que sonha com aventuras e sente-se tão bem tricotando junto à lareira quanto... você!

— Então não me enganei. É uma aventureira!

— Por que um homem que procura aventura é visto como um herói? — explodiu ela, ofendida. — E por que uma mulher nas mesmas condições é condenada pela sociedade?

Intrigado com a súbita loquacidade de Tilly, Flynn preferiu não responder, a fim de que ela continuasse falando.

— Você não pode saber como se sente uma mulher a quem se negam todas as oportunidades de usar sua inteligência, a não ser em trabalhos domésticos. Não imagina a sensação terrível de perceber que o mundo vai se reduzindo dia a dia até se limitar às quatro paredes de uma casa. Então, a decisão mais importante passa a ser a escolha entre costeletas de porco ou torta de carneiro para o jantar. E enquanto isso existe um universo cheio de aventuras e mistérios... visível apenas através dos vidros das janelas trancadas dessa prisão sem grades.

No silêncio do jardim, a voz de Tilly revelava toda a sua angústia.

— Você jamais entenderia... é um homem.

Flynn aproximou-se dela e ergueu-lhe o queixo com uma inesperada delicadeza.

— Eu acho que a entendo muito bem, srta. Templeton. E peço-lhe desculpas por um julgamento injusto a respeito de seu caráter.

As atitudes imprevisíveis daquele homem descontrolavam Tilly.

— Prefiro que não seja tão compreensivo, sr. Flynn. Sinto-me mais à vontade quando estamos brigando!

Tilly não percebera, durante seu monólogo inflamado, que haviam se afastado tanto da casa. Ouvia o som de uma fonte perto dali, mas árvores altas bloqueavam o luar e ela não via nada à sua frente.

— Está muito escuro — disse Flynn, tomando-a novamente pelo braço. — Não gostaria que você tropeçasse em alguma pedra.

— Agradeço sua consideração.

— É espantoso! Não vai assumir ares de donzela ofendida diante de minha ousadia nem protestar afirmando que os outros irão desaprová-la por passear sozinha com um homem solteiro? Você me surpreende!

— Tenho certeza que lady Steadmore aprovaria qualquer atitude sua, talvez excetuando-se o assassinato a sangue-frio! Ela não esconde que o considera o ideal da perfeição.

— Mas você não gosta de mim nem aprova meu comportamento, não é?

— Não me cabe julgá-lo, sr. Flynn. Acho que seria uma pretensão de minha parte desaprová-lo e muito menos avaliar se suas atitudes são corretas ou não.

— Você não passa de uma puritana hipócrita como todas as outras! Acreditou apenas no meu lado negro!

Chocada com a agressividade inesperada de Flynn, Tilly não sabia como agir.

— Mas... o que quer dizer? Eu...

— Estou muito desapontado, srta. Templeton. Depois de um começo tão promissor, não pensei que fosse recuar, covardemente.

— Não sou covarde!

— É... não deve ser mesmo. Só uma mulher corajosa se arriscaria a passear no escuro com um homem de má reputação como eu.

Flynn aproximou-se mais. Tilly só recuou porque teve a certeza de que estava na companhia de um homem desequilibrado. Ele devia ser mais louco do que irresponsável, como julgara antes!

— Acho melhor voltarmos.

— Nem pense nisso! Você mesma disse, e com razão, que o salão estava quente demais por causa da quantidade de velas acesas. Ou será que mudou de opinião porque tem medo de ser forçada a se submeter aos meus desejos?

A mão de Tilly chegou muito perto do rosto de Flynn, mas ele a segurou sem grande esforço.

— Não corre perigo algum, srta. Templeton. Nunca precisei usar a força, porque o encanto sempre tem resultados mais gratificantes.

Tilly sentiu a sua respiração se alterar diante da transformação de Flynn. A ironia e a provocação deram lugar ao magnetismo e à sensualidade, aprisionando-a em uma teia de magia e sedução. Ela estremeceu, antecipando o momento em que seria tocada, e sem noção de como reagiria a um contato tão íntimo. Não houve oportunidade de descobrir. Com agilidade, Flynn soltou-a e virou-a para trás. Tilly não ouvira ruído algum, mas, instantes depois, um criado surgiu na aléia ainda muito distante deles.

— Que diabo você quer? — perguntou Flynn, irritado com a interrupção inoportuna.

O criado não teve tempo para explicar -se. Uma voz feminina, nitidamente enfurecida, rompeu o silêncio da noite.

— Flynn? Tiger Flynn! Onde está você?

A mulher continuava a gritar, mas o choro de uma criança abafou o som estridente de sua voz.

— Há uma... — o criado não conseguia disfarçar seu embaraço. — ...uma mulher com... com uma criança à sua procura, sr. Flynn. Ela... exige a sua presença e...

— Tiger? — a voz aproximava-se. — Sei que você está aí! Responda, Tiger!

Uma expressão indecifrável transformou as feições de Flynn. Atrás dele, Tilly via as portas do salão e da sala de jantar abertas para o jardim. Dentro da casa, os Whitby e seus convidados continuavam a conversar, mas seus gestos, artificiais e exagerados, demonstravam o mal-estar de pessoas bem-educadas tentando arduamente fingir que não estavam notando nada de anormal.

O choro da criança ficou ainda mais alto, e logo surgiu uma mulher na aléia onde ela e Flynn permaneciam imóveis. Morena e de uma beleza exótica, a jovem aproximava-se e a luz dos salões iluminou suas roupas coloridas.

— Tiger? Eu preciso de você! Onde está?

Com um suspiro exasperado, Flynn voltou-se para o criado.

— Que inferno! Leonie sabe muito bem que não pode vir à minha procura aqui. Vá dizer-lhe que irei encontrá-la fora dos portões da propriedade.

O criado desapareceu sem perda de tempo. Então Flynn voltou-se para Tilly e viu o choque e a repulsa que aquela cena provocara. O luar iluminou seus olhos verdes, que brilhavam maliciosamente.

— Não fique tão horrorizada, srta. Templeton. — Ele deu um sorriso irônico. — Tenho alguns defeitos, mas a promiscuidade não está incluída nessa lista!

Atônita, Tilly admitiu que, mais uma vez, Flynn lera seus pensamentos. Ainda sorrindo, ele segurou-lhe a mão e beijou-a suavemente. Quando voltou a erguer a cabeça, encarou-a com firmeza e determinação.

— E também não sou culpado de adultério, minha graciosa megera!

Tilly não controlou uma exclamação de susto, que provocou gargalhadas em Flynn. Quando ele parou de rir, sua expressão demonstrava a costumeira ironia.

— Sei que não pedi nem quer os meus conselhos, srta. Templeton. Entretanto, acho que facilitarei sua vida se ajudá-la a se conhecer melhor. Aprenda a disfarçar melhor seus pensamentos ou criará sérios problemas para si própria. Cada uma de suas emoções se reflete em seu rosto com uma clareza cristalina... é como se você as tivesse escritas em letras garrafais, minha cara!

Completamente aturdida, Tilly não previu a rapidez de Flynn. Segurando-a pelo queixo, beijou-lhe os lábios. Ela sentiu a boca máscula apossando-se da sua, sem ternura ou suavidade, como se quisesse apenas deixar sua marca na boca delicada que jamais fora tocada.

Um contato breve e intenso. Tilly sentiu um choque quando os lábios ardentes se afastaram dos seus, mas, antes que pudesse reagir, Flynn já havia desaparecido. Viu apenas um ligeiro oscilar entre os arbustos e, como o felino de quem recebera o apelido, moveu-se rápida e silenciosamente entre a vegetação do jardim.

Tilly levou alguns segundos até recuperar-se da perturbação causada pelo beijo inesperado e só então começou a caminhar de volta para casa. Agora teria de agir com a mesma habilidade de Flynn e entrar no salão sorrateiramente.

Nada seria mais fácil do que passar despercebida! As mulheres ainda reunidas em pequenos grupos discutiam, com vozes mais elevadas do que de costume. Tilly misturou-se às convidadas, percebendo que sua ausência nem fora notada e, aliviada, aproximou-se de uma senhora da qual já esquecera o nome.

— Sem dúvida é a amante dele! — dizia a matrona com uma voz que destilava veneno. — Afinal, um homem com a reputação de Tiger Flynn tem mais de uma ou duas mulheres!

— É o efeito do calor — afirmou a srta. Eggleston, categoricamente. — Eu li que o clima da Inglaterra fortalece física e moralmente, enquanto a calidez dos trópicos favorece a indolência e acaba provocando o esfalecimento dos conceitos de moral e de retidão. Induz à sensualidade sem freios...

— Leu mesmo, srta. Eggleston? — interrompeu Tilly com firmeza. — Ou gostaria de descobrir por experiência própria?

A jovem empalideceu e depois seu rosto ficou rubro de cólera.

— É evidente que li, srta. Templeton. Como ousa fazer-me essa pergunta? Discuti inúmeras vezes esse artigo, que encontrei em uma revista inglesa, com o sr. Keating e ele concordou comigo!

Todas as mulheres voltaram-se para a sobrinha de lady Steadmore com expressões de choque e censura.

— Acho um assunto absolutamente impróprio para ser discutido por uma jovem solteira — exclamou uma delas. — E com um homem?

— Não compreendo nem concordo com a falta de modos da juventude atual — afirmou outra. — Esse tipo de atitude seria considerada imoral em nossa época! Pelo menos, devia ter evitado mencionar sua ousadia diante de nós, mocinha!

A srta. Eggleston foi obrigada a suportar a humilhação de ser censurada em público sem poder reagir. Quando cansaram-se de criticá-la, as matronas continuaram a repisar o assunto, estendendo a todos os jovens a culpa por uma conduta imprópria, que provocaria a destruição dos valores tradicionais.

A impossibilidade de discutir com pessoas mais velhas levou a srta. Eggleston a dirigir todo o seu ódio para Tilly, que provocara aquela situação desastrosa. Sem se perturbar com os olhares de ódio da sobrinha de lady Steadmore, ela afastou-se daquele grupo, satisfeita com a confusão que criara. Após alguns segundos de hesitação, a outra jovem seguiu-a, fugindo das críticas que continuavam a ser repetidas.

— É evidente que os rubis "Fayne" são incomparáveis — dizia lady Steadmore à sra. Thorne. — Mas você nunca viu as safiras de minha amiga, a condessa Povisky. Ela usou o colar quando veio de Varsóvia para visitar-nos em Londres e até Suas Majestades ficaram boquiabertas! Eram do tamanho de ovos de pombas e tinham o mesmo tom de azul de seus olhos. Certamente já lhes disse que ela foi considerada uma das mulheres mais belas do mundo, não?

— Sim, muitas vezes — confirmou a sobrinha, e sua colaboração à conversa foi recompensada por um olhar gélido da tia. Percebendo seu erro, tentou remediá-lo. — Vai chover... talvez de madrugada...

— O silêncio que se seguiu foi rompido mais uma vez por lady Steadmore. A velha dama estava lutando por uma causa perdida ao tentar manter a conversa. A sra. Thorne, com as costas eretas, continuava com uma expressão de ódio no rosto atraente. Lara voltara a demonstrar o nervosismo do início da noite e, embora

respondesse as perguntas que lhe faziam, não parava de mexer as mãos, torcendo-as convulsivamente.

Os minutos se arrastavam. Os rostos das mulheres refletiam mais excitação do que choque e seus constantes olhares em direção ao jardim deixavam bem claro qual o assunto discutido entre elas. Embora murmurassem, algumas frases chegavam até Tilly.

— "...positivamente escandaloso..."

— "...como você, também ouvi os rumores, mas ele sempre foi tão educado comigo que..."

— "...apenas divertindo-se enquanto é solteiro. Vocês sabem que todos eles têm amantes e alguns são casados..."

— "...pode ser verdade, mas por que afastá-lo de nossa sociedade? Um rapaz tão divertido e sempre gentil..."

Tilly estava chocada com o preconceito demonstrado pelos comentários. Afinal, Lucas Flynn não fora surpreendido em uma situação comprometedora. A mulher com a criança nos braços não tinha de ser, necessariamente, a amante dele, como todos já haviam concluído. Talvez se tratasse de uma criada ou uma amiga. A amizade era uma possibilidade bastante remota, pois ficara nítido que não existia nenhuma aproximação entre os ingleses e os nativos. Nas poucas horas após seu desembarque, ela percebera uma divisão rígida de classes, determinada pela importância dos cargos, posição social e cor da pele. Essa atitude excluía qualquer relacionamento espontâneo.

Ingênua, Tilly imaginara que a sociedade na colônia fosse mais flexível do que na Inglaterra. Afinal, estava-se na Jamaica, onde o temido pirata Henry Morgan, abandonando a vida ilegal, chegara a ser o governador da ilha, onde a depravada cidade de Port Royal fora tragada pelas ondas como num conto de horror. Agora percebia seu engano e revoltava-se com o preconceito daquelas mulheres.

A única a continuar lutando era lady Steadmore. Tilly admirou a energia da velha senhora e juntou-se a ela em seu esforço para manterem um ambiente razoavelmente normal. Uma tarefa difícil diante da sra. Thorne, muda e mal-humorada, da srta. Eggleston que não ousara mais abrir a boca, e de Lara, ausente e muito distante daquela sala.

Felizmente, Jonas e os outros convidados não se demoraram como de costume e vieram ao encontro das mulheres.

— A srta. Templeton teve um dia exaustivo, Lara — disse Jonas à esposa. — Que tal pedir que sirvam o chá um pouco mais cedo?

Um suspiro de alívio ecoou na sala, e Lara, com um olhar de gratidão para o marido, tocou a sineta chamando o mordomo. Percebendo que a amiga ainda estava muito tensa, Tilly foi ajudá-la a servir o chá.

— Eu esperava encontrar seu irmão hoje, sra. Whitby — disse George Keating ao aproximar-se para pegar sua xícara. — Ele está bem?

Lara empalideceu e suas mãos tremiam tanto que Tilly foi obrigada a retirar-lhe a xícara das mãos, evitando um acidente.

— Oh! Como pode ser tão desastrada? — murmurou Lara, olhando à sua volta

com um olhar vago. — Christopher teve um compromisso de última hora e... creio que não virá antes de várias semanas... negócios urgentes.

Eficiente, Tilly já entregara uma outra xícara ao sr. Keating, que não teve outra opção a não ser afastar-se das duas e retornar ao grupo dos homens.

— Obrigada, querida — murmurou Lara, angustiada. — Não sei o que aconteceu comigo. Fiquei...tonta e...

— É apenas cansaço, Lara — afirmou Tilly, consciente de que algo muito grave preocupava sua amiga. — Amanhã estará bem.

Os momentos finais da reunião foram torturantes. As pessoas que não haviam ficado embaraçadas com o episódio de Lucas Flynn estavam ansiosas por ir embora e se reunir para conversar sobre os detalhes do incidente. Então lady Steadmore, a única com o privilégio de tomar esse tipo de atitude, encerrou a noite bruscamente.

— Não devemos obrigá-la a nos suportar por mais tempo, Lara. Imagino que esteja ansiosa por conversar à vontade com sua amiga, antes de se retirarem.

Com uma rapidez espantosa, as carruagens foram chegando às portas da mansão e os convidados saíram com a velocidade de quem foge de uma situação de calamidade pública. Eram apenas onze horas, mas todos estavam ávidos por partir. George Keating foi o último a despedir-se, e Jonas não esperou que ele cruzasse o portão para encerrar também a sua noite.

— Vou fumar um charuto na biblioteca. Boa noite, Lara. Boa noite, srta. Templeton. Espero que a noite tenha sido agradável.

— Sem dúvida foi muito... estimulante!

Deixando Jonas no pórtico da mansão, as duas amigas cruzaram o vestíbulo em direção às escadas. Quando chegaram ao quarto, Tilly tocou suavemente o braço de Lara.

— Você está com uma aparência exausta, querida. O que acha de adiarmos nossa conversa para amanhã?

— Oh, eu ficaria muito grata, Tilly. — Lara desviou os olhos, embaraçada. — Estou com uma terrível dor de cabeça e amanhã... talvez quando voltarmos de nossa visita aos armazéns do porto...

— Teremos o resto do dia para falar, Lara.

Antes que a amiga pudesse dar-lhe boa noite, Lara esforçou-se por sorrir e praticamente correu pelo corredor até chegar à porta de seu quarto. Tilly também sentia-se aliviada por ter escapado daquela conversa, embora se considerasse uma covarde que fugira de uma situação constrangedora mas inevitável.

Tiger Flynn afirmara não estar envolvido em um caso de adultério, e ela acreditara. Agora perguntava-se se a habilidade de ser convincente não faria parte de seu encanto fatal! Tilly sentia-se inquieta e confusa. Aquele homem a atraía intensamente e, ao mesmo tempo, despertava-lhe uma sensação de perigo.

Tilly já entrara no quarto e colocara a vela sobre a escrivaninha quando, ao aproximar-se da porta para fechá-la, avistou um clarão branco sobre o tapete no patamar do alto da escada. Levada por um impulso, foi verificar o que seria e surpreendeu-se ao encontrar um lenço masculino. Apanhando-o do chão, viu um

monograma bordado.

O lenço pertencia a Lucas Flynn. Ela reconheceria o perfume de âmbar e sândalo que ele usava até de olhos vendados. L.P.F. Qual seria o nome do meio? Essa pergunta importava menos do que saber por que estaria ali, numa parte da casa não freqüentada pelas visitas! As dúvidas sobre Tiger Flynn se acumulavam, e Tilly concentrou-se de tal modo em esclarecê-las que custou a ouvir a voz de Jonas.

Ele ainda estava no pórtico em frente à casa e conversava com alguém em voz baixa. Por algum fenômeno de acústica, os sons chegavam até Tilly com extrema nitidez.

— Não quero que nada disso chegue aos ouvidos de Lara.

A surpresa paralisou Tilly por uma fração de segundo. Desprezava pessoas que ouviam conversas alheias às escondidas, mas sua preocupação com a evidente perturbação da amiga impediu-a de agir com sua habitual honestidade. Permaneceu imóvel, contendo a respiração para escutar melhor.

— Está bem. Só que não tem sido fácil conseguir informações sobre Flynn nas docas. Pelo menos nas últimas semanas.

A voz, do outro homem, embora quase inaudível, soava familiar aos ouvidos de Tilly.

— Seria um erro lamentável agir precipitadamente — prosseguiu — Só tomarei uma decisão quanto tiver nas mãos todos os fatos, quando tiver nas mãos todos os fatos.

— Mas ele está fazendo perguntas demais!

— Então continue vigiando-o... de longe — advertiu Jonas.

— Flynn não é um inimigo desprezível.

— O ra! Esse homem convencido não passa de um boneco bem vestido que só pensa em seduzir o maior número possível de mulheres.

— Você não poderia estar mais enganado a respeito de Flynn. Ninguém engana aquele homem.

— Francamente, Jonas! Que tolice...

— Não se arrisque a desafiar Lucas Flynn — interrompeu Jonas rispidamente. — Ele é perigoso... perigoso demais!

Tilly já ouvira mais do que desejava. Envergonhada com sua indiscrição, decidiu voltar para o quarto e, em sua precipitação, pisou na barra da saia. Para não cair, apoiou-se no parapeito da escada. A madeira estalou, um ruído suave mas que soou como um trovão no silêncio da casa. Quando ela recuperou o equilíbrio, viu Jonas Whitby parado nos primeiros degraus da escada.

— Pensei que já tivesse se retirado, srta. Templeton.

— Eu... verifiquei que havia perdido meu lenço e voltei para procurá-lo. Estava aqui...

Jonas subiu a escada sem desviar os olhos de Tilly, que enfiava rapidamente o lenço no bolso. Ele não podia descobrir que pertencia a um homem!

— Ficaria muito triste se o perdesse — Tilly sorriu com toda a ingenuidade de que foi capaz. — Trata-se de um presente, bordado por uma amiga, especialmente para

mim.

Fitando-a em silêncio, Jonas demonstrava sua incredulidade.

— Pois não precisaria ter se preocupado. No futuro, deixe que os criados se encarreguem disso. Eles foram treinados para devolver aos donos o que não lhes pertence.

— Mas é claro! Nem pensei...

— Então... boa noite novamente, srta. Templeton.

Jonas permaneceu no patamar da escada até que Tilly entrasse no quarto. Embora ignorasse o motivo, percebera que o marido de Lara desconfiava dela. Por ser amiga de sua esposa e uma possível confidente? Ou por ter passeado com Lucas Flynn?

Apesar de educado e gentil como um bom anfitrião, Tilly pressentiu que ele não a recebera de boa vontade e não via a hora de aquela visita terminar. Essa situação a embaraçava, colocando-a em uma posição difícil. Havia problemas e mistérios em Coeur d'Émeraude e não tinha o direito de se intrometer e, muito menos, vontade de se envolver. Principalmente se o causador de tudo fosse Tiger Flynn!

Pai a sua surpresa, Agnes a esperava no quarto a fim de ajudá-la a despir-se. Ansiosa por ficar sozinha, Tilly dispensou-a rapidamente, afirmando que não pretendia desfazer as tranças. Estava certa de que adormeceria tão logo encostasse a cabeça no travesseiro.

O sono porém não vinha. O dia fora repleto de novidades e incidentes que voltavam à sua mente. Acendendo a vela, Tilly pegou seu diário e começou a escrever suas primeiras impressões sobre Kingston, Coeur d'Émeraude e uma pequena descrição das pessoas que conhecera.

Tilly sempre escrevera bem e conseguiu reproduzir todas as nuances da reunião daquela noite. Mas, ao iniciar a descrição de Lucas Flynn, as palavras lhe faltaram. Sem perceber, começou a rabiscar a folha do diário e, aos poucos, o rosto másculo foi se completando.

Ao contemplar o desenho, bastante rudimentar, que saíra quase inconscientemente de suas mãos, Tilly assustou-se. Não retratara o homem elegante e sociável, conhecido como Lucas Flynn. Sem dúvida reproduzira com perfeição o rosto viril, os ombros largos e os traços atraentes. Por que então a certeza de que desenhara um desconhecido? Através da intuição, conseguira captar as emoções que se escondiam sob a máscara de sorridente indolência e postura elegante. De algum modo, acentuara a tensão contida e a expressão de alerta de um animal selvagem, o homem perigoso que Jonas descrevera a seu interlocutor misterioso.

Censurando-se por ceder a uma imaginação excessivamente fértil, Tilly fechou o diário e voltou de novo para a cama, disposta a esforçar-se para dormir.

O luar entrando pela fresta das portas de veneziana iluminava o quarto e já quase perdendo a paciência, Tilly admitiu que não conseguiria dormir. Talvez fossem as tranças apertando sua cabeça?

Levantando-se novamente da cama, ela foi até a penteadeira e, depois de soltá-las, começou a pentear os longos cabelos. Sem dúvida, sentia-se bem mais aliviada, porém a mente que não parava de rever os detalhes do dia a impediria de conciliar o

sono.

Conformando-se em passar a noite acordada, Tilly continuou a escovar os cabelos, sem pressa de voltar para a cama. Então ouviu um som junto às portas de veneziana. Sem dúvida era o gato de pêlo alaranjado que se acomodara com tanta displicência sobre seu travesseiro naquela tarde.

Pelo menos, o gracioso animal lhe serviria de companhia. Tilly abriu a porta e sentiu o gato passar velozmente entre suas pernas. Não o viu porque o vento apagara sua vela, e, antes que pudesse acendê-la novamente, uma sombra gigantesca surgiu à sua frente.

Tilly não teve tempo sequer de gritar. Um braço musculoso rodeou sua cintura e a mão que lhe tapava a boca quase a impedia de respirar. Então ouviu um murmúrio que revelava urgência e tensão.

— Se dá valor à sua vida, não faça nenhum ruído, srta. Templeton.

Impossibilitada de se mover, Tilly nem tentou ver o rosto de seu captor. Reconhecera imediatamente a voz do misterioso e perturbador Tiger Flynn!

CAPÍTULO IV

"Nossas vidas dependem de seu silêncio."

O tom de voz, tenso e alarmante, transmitia a gravidade da situação, afastando todas as dúvidas da mente de Tilly. Ambos poderiam morrer! Embora nem sequer imaginasse que perigo os ameaçava, Tilly descartou a hipótese de uma simples intriga amorosa. Se Flynn estivesse no quarto de Lara e fosse obrigado a fugir com a volta inesperada de Lucas, só ele correria perigo de perder a vida.

Flynn se envolvera em algo muito mais grave do que uma simples sedução e seu retorno a Coeur d'Émeraude colocara os dois em uma situação possivelmente fatal. Presa entre os braços vigorosos, Tilly sentia o coração dele bater descompassado e maravilhou-se diante de sua inesperada sensação de segurança. Devia estar em pânico ou então reagindo contra aquela dominação pela força. Para surpresa sua, permanecia imóvel, satisfeita em aguardar o que iria acontecer.

O gato, confortavelmente deitado ao pé da cama, entreabriu os olhos no mesmo instante em que os braços de Flynn a apertava com mais força. Menos sensível, Tilly levou algum tempo até perceber o que os alertara. Ruídos quase inaudíveis vinham do jardim. Passos apressados sobre o cascalho, o farfalhar de folhagens sendo afastadas o, num descuido, uma exclamação de raiva.

— Fique quieto, idiota! sussurrou uma voz grave.

O silêncio voltou a reinar e, apesar de não poder vê-los, Tilly tinha certeza que aqueles homens, estavam parados, examinando o terraço do seu quarto.

— Não por aí — sussurrou uma voz grave. — Temos de agir de modo convencional.

Os passos furtivos se moveram em direção ao pórtico e, depois de alguns instantes, Flynn soltou-a de seus braços. Enfim Tilly pôde olhá-lo de frente e espantou-se ao constatar o desaparecimento da expressão indolente e irônica de um galante e despreocupado colecionador de corações femininos. Agora via o que se escondia sob a máscara sedutora: um homem de olhos alertas e brilhando de excitação diante do perigo. Intuitivamente ela captara, num desenho, o tigre selvagem que existia em seu íntimo, disfarçado pela aparência civilizada.

— Você é fantástica, garota! Mas... ainda não escapamos do perigo — murmurou ele, sorrindo. — Um dos homens foi até o pórtico de entrada, mas o outro ficará vigiando seu terraço.

Antes que Tilly pudesse exigir uma explicação, ele se moveu rapidamente para a porta do quarto. O som melodioso do relógio avisou-os que era uma hora da manhã. Flynn parou, examinando o corredor e tentando ouvir algum ruído.

— Tarde demais, garota!

Uma lufada de ar frio indicava que a porta da frente fora aberta e alguém falava, com voz alta e ríspida, no vestibulo. Ao se entreolharem, Flynn e Tilly tiveram a mesma idéia. Trabalhando juntos, não levaram mais do que um minuto para executá-la. Ela despenteou os cabelos enquanto corria para a cama. Mal havia puxado as cobertas quando bateram à sua porta.

— Srta. Templeton?

— Sim? — respondeu ela com voz sonolenta de quem dormia profundamente. — Quem é... o que...

— Sou eu, Jonas Whitby, senhorita. Sinto muito perturbar seu sono no meio da noite, mas um assunto grave me obriga a fazê-lo.

— Bem... entre, então.

Com um enorme candelabro nas mãos, Jonas Whitby parou após cruzar a soleira da porta. Tilly puxara os lençóis até o queixo, fitando-o com uma expressão de choque e sem disfarçar sua indignação diante daquela intromissão indesculpável.

— Peço-lhe mil desculpas por este contratempo tão... desagradável, senhorita. Bernard sofre de insônia e acha que viu através da janela dele uma sombra suspeita se esgueirando furtivamente pelo jardim. Poderia ser um ladrão, por isso estou percorrendo toda a casa.

— Como pode ver, nenhuma sombra, furtiva ou não, escolheu o meu quarto para se esconder.

As dez velas no candelabro de prata iluminavam todo o aposento. O olhar de Jonas percorreu rapidamente o quarto, detendo-se apenas no guarda-roupa, cujas portas estavam mal fechadas. Tilly estremeceu, certa de que as havia trancado antes de deitar-se. Esforçou-se ao máximo para manter a calma diante do seu anfitrião, que a encarava com frieza e desconfiança.

— Não ouviu nada, srta. Templeton? Absolutamente nada?

— Claro que não! Eu estava dormindo tranqüilamente até ser... obrigada a

acordar!

A resposta indignada de Tilly teve o efeito contrário ao que ela desejava.

— Então acho melhor examinar minuciosamente o seu quarto, senhorita. É meu dever garantir a sua segurança em minha casa.

Não havia como impedi-los de entrar no quarto sem despertar suspeitas. Conformada, Tilly tentou disfarçar a tensão, acompanhando o drama que se desenrolava diante de seus olhos, com as mãos crispadas escondidas sob os lençóis.

Confirmando a suposição de Tilly, Jonas Whitby não estava sozinho. Um negro alto e musculoso seguiu-o até o meio do quarto, parando à espera de ordens de seu patrão.

— Era primeiro lugar, inspecione o armário, Leander. Enquanto Jonas bloqueava a porta para evitar uma fuga, Leander abriu o guarda-roupa. À luz das velas, sedas e cetins coloridos reluziam como um arco-íris, mas a aparente ordem dos vestidos não impediu que o criado os empurrasse um a um até revelar o fundo de madeira do armário.

— Não há ninguém aqui, sr. Whitby.

— Mas... ele tem de estar em algum lugar!

Enquanto Tilly aumentava os esforços para manter-se calma, o criado praticamente revirou o quarto de pernas para o ar. Abriu os armários que flanqueavam a lareira, levantou as cortinas, afastou a escrivaninha e empurrou as cadeiras. Olhando de relance para Jonas, ela notou que seu anfitrião passara o candelabro para mão esquerda, mantendo a direita no bolso do casaco. Sem a menor dúvida, estava segurando um revólver.

— Nada! — resmungou Leander, finalmente satisfeito com a busca minuciosa. — Não há ninguém neste quarto, sr. Whitby.

— Droga! É impossível que...

— Esqueceram-se de um detalhe! — exclamou Tilly com um tom de voz excessivamente agudo. — Não procuraram a... sombra, embaixo da cama!

O criado ajoelhou-se e, ao erguer os lençóis, soltou uma exclamação de susto. Alerta, Jonas aproximou-se, agora com o revólver na mão.

— Saia da minha frente, Leander!

— Não é nada, não, sr. Whitby. — Leander deu uma risada bem-humorada. — Se havia alguém aqui... era esse ratinho e o gato já se encarregou dele!

Jonas olhou para o rato morto que Leander segurava com uma expressão de nojo, e Tilly viu a oportunidade de livrar-se deles.

— Um rato? Socorro! Tirem esse animal imundo do meu quarto! Eu tenho pavor... oh, Deus!

— Calma, senhorita. Vai acordar a casa toda sem necessidade. O rato já está morto.

— Morto? — Ela recomeçou a gritar histericamente. — Socorro! Ajudem-me, por favor...

— Tire logo esse bicho daqui, Leander! — explodiu Jonas, percebendo que não conseguiria impedir Tilly de provocar um escândalo.

O gato de pêlo alaranjado observava a cena tranqüilamente, deitado sobre o baú de livros que Tilly quisera manter no quarto.

— Pensei que você fosse meu amigo! — gritou ela para o gato. — Como ousou trazer esse bicho imundo para o meu quarto?

Indiferente ao vozerio, o gato espreguiçou-se e voltou a se acomodar sobre o baú.

— Está tudo bem agora, srta. Templeton — disse Jonas, mal controlando a raiva. — Leander já retirou o rato de seu quarto e...

— Sombras furtivas! Gatunos escondidos nos quartos! — Ela não baixava o tom de voz, demonstrando horror e indignação em cada palavra. — Ratos... ratos mortos! Não conseguirei mais dormir! Terei de tomar um calmante... é intolerável!

Tilly percebeu que sua tática tivera sucesso absoluto quando ouviu vozes e portas se abrindo. Jonas recolocou sua máscara de gentil anfitrião e sorriu para ela.

— O calmante é uma excelente idéia, srta. Templeton. Provavelmente Bernard apenas imaginou ter visto uma sombra e garanto-lhe que poderá dormir em paz. Entretanto, o remédio a ajudará a conciliar o sono.

Com um sorriso frio, Jonas saiu do quarto seguido por Leander. Tilly esperou alguns instantes para colocar uma cadeira sob a maçaneta da porta, que não tinha chave, e ouviu a voz dele no corredor.

— Voltem para a cama. Todos vocês! Não houve nada além do susto que a srta. Templeton levou por causa de um rato!

Tilly mordeu os lábios de raiva. Detestava ser considerada uma dessas jovens histéricas que fazem escândalos diante de um inofensivo ratinho. Entretanto, não lhe restara outra saída! Ela voltou para a cama e só então percebeu que a tensão a esgotara e sentia uma terrível dificuldade em manter os olhos abertos. E ainda teria de esperar mais dez minutos!

Finalmente o silêncio voltou a reinar na casa, e Tilly levantou-se da cama. Caminhando até o baú, acariciou o pêlo macio do gato.

— Que gatinho adorável! Você foi um amor e terei de recompensá-lo! Com um peixe, já que não aprecia ratos mortos!

O gato ronronava satisfeito com as carícias de Tilly, até que o encanto mútuo foi interrompido por insistentes batidas vindas de dentro do baú.

Colocando o gato no chão, Tilly retirou a almofada de cima do baú e destrancou-o com cuidado para não fazer barulho. Ao erguer a tampa, um grunhido ecoou no quarto.

— Por Deus! — sussurrou ela, enfurecida. — Quer acordar de novo a casa toda?

— Estou morrendo sufocado!

— Não seja exagerado. E fale baixo, sim?

Lucas esticou o corpo que estivera penosamente dobrado dentro do baú.

— Eu me senti como um boneco de mola apertado e prestes a saltar para fora da caixa — resmungou ele. — Pelo menos na última meia hora. O que aconteceu? Você dormiu?

— É claro que não — exclamou Tilly, indignada. — E não se passaram horas,

apenas minutos!

— Então o seu relógio parou, minha cara!

A camisa de Lucas, molhada de suor, colara-se ao seu corpo. Ao vê-lo espreguiçar-se, Tilly observou os músculos sinuosos daquele torso atlético e... perfeito como uma escultura!

— Esse magnífico animal merece toda a sua gratidão. Sem a colaboração dele, você teria sido descoberto e, francamente, não entendo como, nem por que, ele ficou quieto durante toda aquela confusão.

— Ele sabia o que eu queria. — Lucas deu uma risada satisfeita. — É muito inteligente e leal.

— Ah! Então o gato lhe pertence?

— Gatos não pertencem a ninguém, srta. Templeton. São os animais mais independentes do mundo!

— E mesmo assim afirma que controlou o comportamento dele através de sua vontade?

Lucas foi até as portas de veneziana para entreabri-las e espreitar o jardim.

— Tenho tanto controle sobre esse gato quanto ele sobre mim. Mas ambos costumamos ajudar os amigos.

— Se espera me convencer com essa história absurda, deve ser louco ou pensa que eu sou!

— Acredite no que quiser. Eu sei que tem o juízo perfeito e um raciocínio admiravelmente rápido. — Lucas já não brincava e linhas de tensão marcavam seu rosto agora sério. — Se desperdiçasse o meu tempo exigindo explicações, eu poderia estar no fundo da baía de Kingston a esta hora!

— Quer dizer que Jonas...

— Acho mais prudente não revelar-lhe o que eu quis dizer, senhorita. É um assunto particular e...

— Ah! Não venha com desculpas! — Ela cruzou os braços, obstinada — Afirmou que eu salvei a sua vida, portanto... tenho direito a algum esclarecimento sobre toda essa confusão. Você me deve...

— Sinto muito, mas... prefiro calar-me. Lembre-se de que saber demais freqüentemente é muito perigoso. Quanto menos souber maio será sua segurança. Volte para a cama e esqueça o noite.

— Sem uma única explicação?

— Exatamente. Você é uma jovem sensata...

— Nem tanto, sr. Flynn. Uma mulher realmente sensata não estaria, de camisola, conversando com o homem que escondeu em seu quarto e a quem pouco conhece!

Lucas deu um sorriso que, como sempre, refletia o magnetismo de sua personalidade.

— A sua lógica é irrefutável, srta. Templeton. Retiro o que disse. Tem um raciocínio rápido, é linda e... irremediavelmente sem juízo! Que vergonha!

— E você é um homem muito estranho! Agora entendo por que criam-se mitos sobre sua reputação excessivamente... aventureira!

— Por favor... não acredite em tudo que falam a meu respeito. — O rosto de Lucas refletia uma inexplicável preocupação. — Tem todo o direito de me julgar um patife, mas garanto-lhe que não sou.

Perturbada com a mudança no comportamento de Flynn, Tilly desviou os olhos e assustou-se ao ver uma mancha escura na manga da camisa branca.

— Céus! Você está sangrando.

— Não se preocupe com isso. É um simples arranhão.

— Realmente... não deve ser nada — disse ela antes de examinar o ferimento. — Só que você estava espalhando sangue sobre os livros do baú.

— Que lamentável ingratidão da minha parte!

— Vou fazer um curativo rápido. — Sem perder tempo, ela retirou uma echarpe de linho da gaveta da cômoda.

— É totalmente desnecessário, senhorita. Sobreviverei sem sua ajuda amável, mas que se deve apenas às suas boas maneiras.

— Pode ser. Só que agora está sangrando em cima do tapete. Será um tanto embaraçoso explicar a aparição dessas manchas, concorda?

Ignorando os protestos de Lucas, Tilly cortou a manga da camisa e encontrou um ferimento bem mais grave do que imaginara. Gostaria de ter sido menos ríspida com ele, mas, na verdade, sentia-se à beira de uma crise nervosa. Não estava acostumada a incidentes como o daquela noite. Revólveres, ferimentos causados por violência ou estranhos se refugiando em seu quarto aconteciam apenas nos livros, nunca em sua vida pacata no interior de Yorkshire. Felizmente, os costumeiros acidentes que ocorriam no vilarejo haviam lhe dado a experiência necessária para fazer curativos com perícia e rapidez surpreendentes.

— Uma verdadeira obra-prima! — exclamou Lucas após examinar o trabalho de Tilly. — Agora sei a quem devo apelar em situações desse tipo... caso se repitam. Não hesitarei em pedir sua eficiente ajuda.

Ainda abalada, Tilly não respondeu. Lucas segurou-lhe a mão e, à luz difusa do luar infiltrando-se pelas venezianas, seu rosto revelava novamente uma inesperada seriedade.

— Serei eternamente grato a você. Se algum dia precisar de mim, em qualquer tipo de situação, é só pedir que lhe retribuirei este favor sem preço.

Lucas beijou-lhe a mão. Um ato banal que, na penumbra do quarto, rompida apenas pelos filetes luminosos do luar, transformava-se em um gesto romântico, pessoal e perturbadoramente íntimo. O toque dos lábios dele despertava uma sensação indefinível em Tilly, que, ao fitar os olhos verdes com um brilho dourado, sentiu-se transportada para um mundo de sonho e de magia.

Aquele homem, de atitudes contraditórias, tinha o poder de apenas com o olhar roubar-lhe a capacidade de se mover e de apossar-se de sua mente, afastando o raciocínio e a sensatez, que se desfaziam com a fragilidade da fumaça soprada pelo vento. Ele beijou, mais uma vez, cada um dos dedos de Tilly e só então soltou-os, com uma expressão de relutância.

— Boa noite, srta. Templeton.

— Vai mesmo deixar-me sem nenhuma explicação? — Ela insistiu por pura teimosia, sabendo que não o convenceria a mudar de idéia. Tiger Flynn tinha seu próprio modo de agir e jamais alteraria uma decisão que pudesse ameaçar sua independência... felina.

— Sim, vou mesmo. Boa noite novamente, srta. Templeton. Distraída, Tilly não previu a intenção de Flynn quando ele ergueu-lhe o queixo. O toque dos lábios másculos tomou-a de surpresa, e o beijo, terno, despertou-lhe uma sensação inebriante. O conluio suave provocou uma reação de inesperada intensidade, uma centelha que em segundos transformou-se em incontrollável chama.

Flynn sentiu a resposta ardente dos lábios de Tilly e também deixou-se envolver pela labareda de paixão que a consumia. Seus braços a envolveram e os corpos, cobertos apenas pelo diáfano algodão, tocavam-se como se estivessem despidos.

Um gemido de prazer ecoou no silêncio do quarto, mas em que lábios teria nascido? Tilly não sabia nem se importava, consciente apenas do corpo rijo colado ao seu e das mãos que a acariciavam como se desejassem adivinhar todas as suas curvas. O universo se resumia ao círculo formado pelos braços de Flynn e nada mais existia além da boca que se apossara da sua, trazendo à tona uma sensualidade perturbadora.

O ardor de Tilly contagiou Flynn, que não controlava mais a ânsia de tocá-la. Desde o primeiro olhar, sentira-se atraído por ela, mas não previra que um simples beijo fosse desencadear tanta paixão. Tinha nos braços uma jovem inocente e pura que descobrira a própria sensualidade sem saber até onde o desejo a arrastaria. Estava em uma ilha exótica, vivera um momento de intenso perigo e fora dominada por emoções que desconhecia. Agora queria apenas entregar-se às sensações que roubavam-lhe a consciência. Depois o odiaria e com razão.

Se ao menos não a desejasse tanto! Se não se sentisse tentado a ser o primeiro homem a revelar-lhe a paixão! Como gostaria de conduzi-la pelo caminho do prazer, ensinando-a a ter orgulho do corpo esguio, mas de curvas provocantes e a vibrar de volúpia. Ambos estavam à beira de um precipício, um abismo fatal que os destruiria, e, se dessem mais um passo, não poderiam voltar atrás e escapar de um destino trágico.

Tilly porém só percebeu sua fraqueza quando os dedos de Flynn brincaram amorosamente com seus seios rijos. Não estava perdendo apenas a capacidade de raciocinar. Reconhecia o perigo de entregar-se a um homem que mal conhecia, de quem desconfiava e, mesmo assim, não encontrava forças para reagir contra uma atração poderosa demais. Faltava-lhe a energia ou a vontade de romper aquele contato irresistível? Queria que ele a amasse, transformando-a em uma mulher.

Foi Flynn quem recuperou o autocontrole e afastou-se dela.

Sabia que Tilly não seria capaz de resistir à sua própria paixão e, ainda menos, ao desejo dele. Sentia o abandono e a avidez da mulher que se entregava ao prazer, mas, se aproveitasse aquele momento de fraqueza e a possuísse, estaria agindo criminosamente. Com um esforço sobre-humano, desfez o contato de seus corpos e, mantendo-a a distância, fitou o rosto que não disfarçava a decepção.

— Como eu gostaria que não tivesse vindo para a Jamaica, srta. Templeton! Especialmente agora, quando devo manter-me alerta a cada segundo do dia e da noite.

Tilly o encarou, desorientada, compreendendo apenas que precisava sentir-se envolvida novamente pelos braços dele.

— Você é uma mulher que ainda não avalia o quanto pode ser perigosa. Alguma vez pensou que tem o poder de transformar-se em uma obsessão, no único pensamento de um homem, levando-o a esquecer-se de tudo o mais para dedicar-se apenas a conquistá-la?

Ela tentou falar, perguntar-lhe por que a abandonava sem realizar O desejo mútuo, mas perdera a voz. Flynn segurou-lhe o rosto ternamente entre as mãos e sorriu.

— Boa noite, Tilly. Até nosso próximo encontro...

— Espere! — gaguejando, ela queria pedir-lhe que ficasse, mas não tinha essa audácia. — Você... eu... o seu lenço. Deixou-o cair no patamar da escada e está comigo.

— Realmente? — Ele franziu a testa, intrigado. — Que indiscrição perigosa! Por favor, guarde-o até amanhã.

Depois de beijar a ponta do nariz de Tilly, Flynn caminhou, sem hesitar, em direção à porta.

— Não! — ela correu, na ponta dos pés, até alcançá-lo. — Não pode escapar por aí!

— É a única opção possível, Tilly. Já verifiquei e deixaram dois homens sob o seu terraço à espera que eu saia por lá. Ninguém imagina que irei usar a porta principal. — Ele sorriu, desafiante. — Geralmente a ousadia que chega às raízes da irresponsabilidade total dá os melhores resultados. E, se eu tiver de morrer, prefiro enfrentar a morte de frente e não rastejando, como um covarde. Mas não se preocupe com essa possibilidade, porque pretendo viver muitos e muitos anos!

Entreabrindo a porta, Flynn deslizou pelo corredor, tão silenciosamente que Tilly mal podia acreditar. Não se ouvia o som de seus passos, nenhum estalo na madeira do piso e, então, sua sombra desapareceu entre as trevas no patamar da escada. Instantes depois, uma lufada de vento frio indicou que a porta da frente fora aberta e fechada. Paralisada pelo pavor, ela tremia à espera de algum imprevisto. Nada alterou a serenidade da noite. Nem gritos, nem tiros.

Tilly fechou a porta e encostou-se à parede para não cair. Agora percebia o efeito dos acontecimentos daquela noite, e seus joelhos tremiam, o coração batia descompassado. E, no entanto, sentia-se eufórica e vibrante. Pela primeira vez em sua entediante existência, vivera uma situação de perigo e também descobrira o desejo. Nunca imaginara que fosse reagir tão rápida e profundamente a essas duas emoções intensas.

O beijo de Flynn, suas carícias ousadas e seu irreverente senso de humor haviam despertado sentimentos, sensações e desejos que nunca acreditaria ter em seu íntimo. Há anos já se considerava adulta, livre de ilusões juvenis e agora descobria que não passava de uma simples adolescente sem noção do significado da maturidade feminina. A sua aparência eficiente e controlada apenas escondia uma mulher apaixonada cujo ardor surpreendia Tilly. Lucas Flynn não precisara mais do que alguns instantes para obrigá-la a encarar quem ela realmente era!

Não ignorava que Flynn teria muito mais a lhe revelar.

Não se aproveitava de uma situação vantajosa e só o autocontrole dele a impedira de se entregar com abandono a um desconhecido que talvez destruísse sua vida. E pensar que sempre se julgara imune à sedução! Agora se conscientizara de um fato essencial: aquele homem a transformava em uma mulher sem forças para resistir ao desejo.

Subitamente, admitiu que os momentos de paixão haviam afastado de sua mente todos os outros pensamentos, inclusive alguns de importância vital. Que motivos teria Flynn para rondar furtivamente os jardins de "Coeur d'Émeraude" no meio da noite? Já chegara à conclusão de que uma intriga amorosa só colocaria a vida dele em perigo, portanto, o assunto devia ser muito mais li sério e talvez até sinistro.

Flynn precisara esconder-se de Jonas. Se fosse encontrado, seria assassinado a sangue-frio? Eram tantas as perguntas e não havia ligação entre elas. Tilly tinha de encontrar essas respostas o mais rapidamente possível.

Mistérios e ameaças envolviam a beleza esplêndida de Coeur d'Émeraude, e o instinto de sobrevivência impelia Tilly a partir logo daquela casa. Entretanto, não podia agir com a necessária frieza, pois abandonaria Lara no centro de uma teia fatal. Só a deixaria quando tivesse encontrado um modo de ajudá-la. E também havia... um irresistível sedutor!

Tilly nunca encontrara ninguém comparável a Flynn. A inteligência brilhante, a percepção apurada e uma audácia sem limites o transformavam em um homem de características únicas. E, como suspeitava Jonas, talvez fosse também um inimigo perigoso que não hesitaria diante de nenhum obstáculo para atingir seus objetivos. Só um cego não veria que, apesar de ocultar as garras afiadas, havia um tigre no íntimo de Lucas Flynn. O predador feroz envolvia e arrastava as vítimas incautas, manipulando-as com seu encanto selvagem.

E agora ela se transformara em uma das peças dos jogos secretos e letais de Tiger Flynn.

Tilly acordou com a chegada da jovem criada que viera trazer-lhe a bandeja do café e para abrir as janelas. O sol invadiu o quarto e a claridade dourada da manhã transformava os incidentes da noite anterior em um sonho bizarro e inacreditável.

Ela, porém, sabia que não imaginara a pistola de Jonas nem o gigantesco Leander vasculhando seu quarto. E muito menos sonhara com os inebriantes beijos de Lucas Flynn! Como se precisasse provar a si mesma que tudo realmente acontecera, pegou o lenço guardado em sua bolsa. Tilly descobrira a quem pertencia antes mesmo de ver as iniciais bordadas e colocou-o junto ao rosto para sentir o aroma sutil de âmbar e sândalo que evocava a imagem fascinante de Tiger Flynn.

O perfume suave e inconfundível renovou as emoções daqueles momentos de intimidade. Fechando os olhos, Tilly reviveu a sensação inebriante de estar nos braços dele, o calor dos lábios que se apossavam dos seus e... o devaneio foi bruscamente interrompido. Depois de bater à porta, Agnes entrou no quarto sem esperar por uma resposta.

Com seu costumeiro ar de superioridade, a autoritária criada de quarto parou ao

lado da cama de Tilly, examinando-a com um olhar desdenhoso.

— Já apanhou um resfriado, senhorita?

— De modo algum. — Tilly escondeu o lenço rapidamente em sua bolsa. — Estou me sentindo muito bem.

Agnes fizera a pergunta sem o menor interesse em ouvir a resposta. Movendo-se com rapidez e eficiência, separou o traje que julgava apropriado para as atividades daquela manhã. O vestido primaveril, de translúcido organdi, babados de rendas e de um azul-claro como os miosótis ingleses, não era o que Tilly escolheria para usar em uma visita aos armazéns nas docas nem para o passeio à tarde em pleno campo. Entretanto, decidiu confiar na experiência da criada enquanto não estivesse familiarizada com os costumes da sociedade que começava agora a freqüentar.

Quando Agnes terminou seu trabalho, Tilly admitiu que o tempo perdido em arrumar-se tinha valido a pena. Sentia-se tão bonita e sofisticada que mal podia esperar para ir ao encontro de Lara e mostrar-lhe o efeito final produzido pela excelente criada de quarto. Desceu as escadas correndo e quase derrubou o velho mordomo que cruzava o vestíbulo.

— Desculpe-me, Bernard. Eu acho que perdi a hora porque as noites aqui são muito tranqüilas. Você também dormiu bem?

A extrema polidez do mordomo não foi suficiente para disfarçar seu espanto diante daquela pergunta estranha.

— Muito bem, senhorita. Aliás, raramente durmo mal.

— Então o indivíduo que estava rondando o jardim não p perturbou?

— Que indivíduo, senhorita? — Bernard a fitou perplexo. — Eu não soube de nada sobre alguém rondando o jardim.

— Devo ter sonhado... é evidente que tive um pesadelo!

Confirmadas as suas suspeitas, Tilly foi à procura de Lara. Bernard, que segundo Jonas sofria de insônia e o alertara sobre a sombra rondando a casa, não sabia de nada sobre os acontecimentos da noite anterior! Uma situação muito interessante e reveladora. Alguém mentira e todos os indícios apontavam Jonas Whitby como culpado.

Quando se encontraram pela primeira vez, Tilly simpatizara com Jonas e concordara com Lara que ele seria um marido ideal para sua querida amiga. Agora teria que reformular seu julgamento sobre aquele homem, em vista do evidente nervosismo de Lara diante do marido e do perigo mencionado por Flynn. Custava-lhe acreditar que cometera um erro tão grande ao analisá-lo, mas a situação tensa em Coeur d'Émeraude comprovava sua falha de avaliação.

Ao aproximar-se das portas abertas para o terraço, Tilly surpreendeu-se ao perceber que cantarolava uma melodia alegre. Apesar de estar longe de casa e de todos os incidentes da noite anterior, ela sentia-se viva! Passara anos vendo o mundo a distância, uma espectadora passiva dos acontecimentos. Agora assumira um papel ativo, encontrara um lugar no grande palco onde se desenrolavam os dramas e as comédias e se decidiam os destinos dos seres humanos!

Com a aparência frágil de um bibelô de porcelana, Lara tomava sua segunda

xícara de chá na mesa do terraço.

— Você acostumou-se com uma rapidez espantosa ao clima da Jamaica, Tilly. Nunca a vi com faces tão rosadas ou olhos tão brilhantes. Agora compreendo por que a sra. Thorne ficou tão furiosa quando a apresentaram a você, ontem à noite.

— Duvido que ela tenha notado a minha presença. Depois que nos apresentou, a sra. Thorne não trocou uma só palavra comigo e não me olhou uma única vez.

— Ah! Ela percebeu que você foi sozinha para o terraço — mencionou Lara, com um entusiasmo forçado.

— Eu estava com muito calor. Tilly sentiu que enrubescia. — Precisava de ar fresco e não sei o que ela tem a ver com isso nem por que mencionou o fato a você, Lara.

— Na verdade... ela não me disse nada. — Lara fixou os olhos na xícara, evitando fitar a amiga. — Eu também notei quando você foi para o jardim. Estava perto da porta e a vi passeando com Lucas Flynn.

Tilly concentrou-se em servir-se de chá sem demonstrar seu desconforto. Lara, porém, já não controlava o nervosismo crescente.

— Tilly... eu preciso contar-lhe algo muito importante e... Oh, Deus! Não sei nem como começar! Impulsivamente, Tilly tomou a mão da amiga entre as suas.

— Não diga nada que depois possa lhe causar arrependimento, Lara.

— Mas eu preciso! É...

Lara calou-se subitamente tensa. A revelação prestes a escapar de seus lábios foi reprimida e seu olhar angustiado fixou-se em Jonas, que cruzava o jardim, vindo em direção ao terraço. Em sua expressão serena e descontraída não havia nenhum sinal de preocupação com o que acontecera na noite anterior.

— Ainda não terminaram de tomar o café da manhã, garotas preguiçosas? Eu já estou de volta da minha cavalgada matinal.

— Tilly e eu temos que pôr em dia uma infinidade de assuntos — replicou Lara, rapidamente demais.

— Haverá tempo suficiente para conversarem sobre tudo em outra ocasião. Agora temos de sair, a carruagem já está à nossa espera.

— Você vai adorar os armazéns, Tilly. Irá ver as peças mais requintadas de todas as partes do mundo reunidas em um só lugar. É um deslumbramento.

— Lucas foi para lá há pouco — informou Jonas. — Ele está sempre comprando enfeites para sua propriedade.

Percebendo que enrubescia, Tilly desviou o rosto. Não se sentia preparada para enfrentar Tiger Flynn tão poucas horas depois daqueles momentos de intimidade. Sua perturbação porém não escapou aos olhos atentos de Lara, que a fitava com uma expressão estranha.

— Você está corada demais, Tilly. Talvez tenha me precipitado em julgá-la adaptada ao nosso clima. O calor mina as energias de quem não vive em lugares quentes como a Jamaica, se quiser, podemos adiar a visita.

— Nem pense nisso, querida. Estou ansiosa por conhecer os armazéns e, sem dúvida, meu corado é um efeito da expectativa!

Durante o percurso, de aproximadamente meia hora, só Jonas falou, explicando a Tilly que ele possuía a maioria das ações da empresa. Tinha alguns sócios minoritários, mas mantinha o controle e o poder decisório em suas mãos. Quando ela viu as quatro imensas construções de tijolo branco, interligadas e cercadas por altos muros de pedra, percebeu que não avaliara bem a extensão da fortuna daquele homem.

Ao entrar nos armazéns, Tilly ficou ainda mais impressionada. Como Lara afirmara, havia uma quantidade incalculável de preciosos tesouros trazidos de lugares exóticos. Sedas e especiarias vindas do Oriente da África, túnicas de cetim bordadas com fios de ouro e prata, móveis com entalhes de marfim e pedras semipreciosas, frágeis porcelanas chinesas, enormes Budas sobre pedestais de sândalo e uma infinidade de jóias de jade, âmbar e ônix indianos, tapetes persas e mosaicos de Constantinopla.

— Deus do céu — exclamou Tilly deslumbrada. — É quase impossível ver tudo! Como podem saber com certeza o que existe dentro dos armazéns?

— Talvez não acredite em mim, senhorita — brincou Jonas, mas nem um alfinete entra ou sai daqui sem que eu saiba.

O interesse de Tilly por objetos mais primitivos levou-a até a área onde se expunha a arte do Novo Mundo. Afastando-se do grupo, admirava vasos com formas bizarras e pinturas rudimentares quando uma sombra bloqueou a luz vinda das janelas.

— Está radiosa como uma flor esta manhã, srta. Templeton. Seria impossível não reconhecer a voz irônica de "Tiger" Flynn

e Tilly admitiu que continuava despreparada para aquele encontro embaraçoso. Não tivera tempo para recuperar-se das emoções da noite anterior e sentia-se uma adolescente tímida e sem desembaraço.

— Oh... bom dia, sr. Flynn. — Tilly conseguiu demonstrar uma certa calma, que quase perdeu ao notar os olhos de Jonas voltados para eles.

— Dormiu bem, senhorita? — Ele sorria sem revelar nenhuma emoção. — Afinal... depois de acontecimentos tão excitantes... poderia ter perdido o sono, concorda?

— Cale a boca! — sussurrou Tilly, em pânico. — Alguém pode ouvir e...

— E eu estava me referindo à excitação de sua chegada à exótica Jamaica, seguida por um jantar onde foi apresentada à sociedade da ilha.

— Como ousa brincar com um assunto tão sério? Ontem disse-me que nossas vidas corriam perigo. Hoje, comporta-se como se nada de anormal tivesse acontecido.

— Está muito corada, srta. Templeton. — Ele inclinou a cabeça para examiná-la mais detalhadamente. — Suportaria melhor o calor dos trópicos se usasse roupas mais adequadas. Afinal, não tem mais que suportar o clima pavoroso de Yorkshire e pode dispensar a maioria das roupas de baixo sem medo de pegar uma pneumonia.

Chocada, Tilly começou a caminhar ao longo do tablado com cerâmicas primitivas. Aquele homem seria mesmo louco? De todas as atitudes imagináveis, ele tomara a mais inesperada!

— Pretende me castigar com sua indiferença, senhorita? — Flynn a seguia, sempre sorrindo. — Talvez fosse mais prudente disfarçar esse comportamento hostil

a fim de não despertar a curiosidade de Jonas ou de Lara. Se eles notarem algo estranho entre nós, podem pedir-lhe explicações, que você não gostaria de dar.

— E o senhor é o único que tem condições de explicar os fatos, concorda? — Ela o encarou, com frieza. — Mas prefiro evitar essa situação e só por isso seguirei seu conselho.

— Então sorria com mais entusiasmo, senhorita. Seu olhar é tão gélido que poderia matar de frio um homem mais sensível.

— Estou disposta a correr esse risco, sr. Flynn.

Antes que Tilly pudesse se prevenir, ele aproximou-se mais, a fim de sussurrar sem ser ouvido.

— Prefiro a Tilly que beijei ontem à noite... Tão ardente e entregue ao prazer.

Rubra de humilhação, Tilly pediu a Deus que o resto do grupo não estivesse observando aquela conversa entre eles.

— O senhor não é mesmo um cavalheiro! Como ousa referir-se ao... episódio de ontem?

— Ora, ora! — o sorriso agora se ampliou, fascinante e irresistível. — Pensei que já tivéssemos chegado a essa conclusão durante nosso passeio pelo jardim, logo após o jantar. Não sou mesmo!

— Por favor, deixe-me em paz — explodiu Tilly, enfurecida. — Não pretendo discutir com um... patife nem agora, nem nunca mais!

Surpresa, Tilly não o viu mais a seu lado, instantes depois de haver terminado de falar. Embora se sentisse desorientada, percebia que o comportamento de Flynn fora estranho demais para ser considerado normal. Subitamente, conscientizou-se de que ele desempenhara um papel a fim de impressionar os outros e a usara sem a menor consideração. Todos os presentes perceberiam que não existia qualquer tipo de familiaridade entre os dois!

Aquele egoísta inescrupuloso podia ao menos ter-lhe avisado sobre suas intenções. Quanto mais pensava na atitude de Flynn, mais aumentava o ódio que sentia. "Tão ardente e entregue ao prazer!" Como ele se atrevera a insultá-la com tanta vulgaridade?

Mal controlando seu temperamento explosivo, Tilly jurou a si mesma que nunca mais se envolveria com aquele patife! Ainda não conseguira compreender por que se comportara como uma mulher sem moral. Só podia culpar a sua habitual impulsividade e, reconhecendo seu erro, estava firmemente decidida a não repeti-lo.

Vendo que Flynn reunira-se a Jonas e Lara, ambos rindo de alguma brincadeira de George Keating, Tilly aproveitou para afastar-se deles o mais possível. Chegou a uma área onde as caixas estavam sendo abertas, e as esculturas que eram retiradas da palha picada despertaram seu interesse. Tratavam-se de máscaras que, ao contrário dos potes de cerâmica primitiva, revelavam pertencer a uma outra época.

Satisfeita por ter se livrado de Flynn, ela continuou a examinar as caixas e notou uma que não fora enviada para a empresa de importação, mas diretamente ao sr. Jonas Whitby, para ser entregue em Coeur d'Émeraude. Incapaz de controlar a curiosidade, ficou na ponta dos pés para ver o que continha.

Como se estivesse em um ninho de palha, repousava uma máscara de pedra verde-escura em tamanho natural. Os lábios grossos e entreabertos, o nariz aquilino semelhante ao bico de uma águia não prenderam a atenção de Tilly, que fitava, hipnotizada, os olhos da escultura. Mosaicos de conchas brancas circundavam as pupilas negras de lava petrificada, criando o contraditório efeito de cegueira absoluta, e, ao mesmo tempo, uma visão sobrenatural e imparcialmente cruel.

Um arrepio percorreu o corpo de Tilly. Embora perturbada por um pressentimento funesto, sentiu a necessidade incontrolável de tocar naquela máscara repulsiva. Ela encostou a ponta dos dedos na pedra fria e retirou-os rapidamente, como se o contato houvesse queimado sua pele. Uma aura de maldade envolvia aquele objeto assustador!

Estava limpando a mão disfarçadamente no vestido quando Lara parou a seu lado.

— Vejo que encontrou algo interessante, Tilly. — Ela olhou para dentro da caixa e recuou, assustada. — Oh! O que é isso?

— Deve ser uma máscara mortuária. É um objeto estranho que causa sensações perturbadoras.

— Céus! Que peça horrível e repugnante! — exclamou Lara. — Nós duas temos a mesma opinião, mas Jonas jamais concordará conosco. Ele adora esses objetos monstruosos, é um grande colecionador de arte primitiva.

Ouvindo seu nome, Jonas virou-se à procura da esposa. O olhar interrogativo se transformou ao notar a caixa em que ambas haviam mexido. Mal disfarçando o ódio, aproximou-se delas com toda a rapidez.

— Isto não devia estar aqui! Avisei MacDonald para levá-la a Couer d'Émeraude assim que fosse retirada do navio!

— Por favor, Jonas! — Lara pediu, angustiada. — Essa máscara, não! Não quero um objeto tão assustador e maligno dentro de casa. Sinto-me mal só em pensar que estará perto de nós... espalhando o terror...

— Que tolice, querida. É apenas um pedaço de pedra, não tem poderes sobrenaturais. Além disso, ficará no meu escritório, e você não precisará vê-la constantemente. Trata-se de um exemplar magnífico da arte Maia.

Flynn interrompeu sua conversa com Keating e também aproximou-se do grupo. Antes que ele as alcançasse, Jonas fechou a tampa e chamou o sócio.

— Providencie pessoalmente a colocação desta caixa em meu cofre particular, Keating. Ah, também avise MacDonald que quero falar com ele agora!

Enquanto Keating apressava-se em obedecer ordens tão autoritárias, Jonas distraiu a atenção das duas, abrindo um armário com centenas de tecidos.

— Estas peças chegaram hoje. Gostaria que cada uma de vocês escolhesse a mais adequada para fazer um vestido para o baile em Couer d'Émeraude daqui a três semanas.

As duas agradeceram entusiasticamente, mas Jonas não perdeu tempo em ouvi-las, afastando-se com visível pressa.

— Eu já me decidi — declarou Lara, separando um brocado azul-noite com

delicados desenhos em dourado. — Queria um vestido desta cor, e, enquanto você escolhe, vou chamar o assistente de Jonas.

Depois que Lara se afastou, Tilly sentiu-se livre para procurar Flynn. Aquele homem a enfurecia! Não estava em parte alguma e, possivelmente, já fora embora dos armazéns. Quando teria uma oportunidade de questioná-lo com calma a fim de receber alguma explicação?

Suspirando, ela tocou os tecidos, voltando sempre para a gaze branca rebordada com fios prateados que prendiam minúsculas pérolas formando delicadas flores.

— Então?

Tilly virou-se certa de que Jonas a interpelara, perguntando-lhe se já escolhera o tecido. Surpresa, não viu ninguém a não ser Lara no outro extremo do armazém conversando com um dos funcionários. Quando ouviu novamente a voz dele, baixa e impaciente, percebeu que estava junto a uma parede divisória que separava o amplo recinto onde se expunham as peças do escritório da empresa.

Mais uma vez, ela se encontrava na vergonhosa posição de bisbilhoteira que se esconde para escutar conversas alheias!

— Desapareceram? É absolutamente impossível!

As palavras de Jonas, embora abafadas, chegavam até ela com nitidez, e preparava-se para fugir dali quando ouviu a resposta de Keating.

— Eu bem que o avisei. Não confio nele e acho que devemos eliminá-lo sem perda de tempo! Agora, Jonas!

— E eu já lhe avisei que não é prudente agir com precipitação. Não pretendo tomar nenhuma atitude drástica antes de pensar muito sobre o assunto.

E ficaremos correndo riscos até quando? A situação está se agravando minuto a minuto! Tilly tentou mover-se sem ruído e já estava a alguns metros de distância quando parou novamente, encolerizada.

— Eu vou verificar tudo pessoalmente, Keating. Tire Lara e aquela maldita intronete das minhas costas e mantenha as duas ocupadas durante toda a tarde. Voltaremos a conversar em minha casa.

Ao ouvir Jonas referir-se a ela como uma "maldita intronete", foi a última gota. Tilly gostaria de enfrentá-lo e devolver-lhe o insulto, mas teria de conformar-se em tratá-lo com um mínimo de polidez, em consideração a uma querida amiga!

— Tilly querida! — Lara a chamava aflita. — Precisamos nos apressar! Lady Steadmore e a srta. Eggleston chegarão a Couer d'Émeraude em menos de duas horas.

Depois de repetir ao assistente de Jonas que os tecidos deveriam ser entregues antes do final da tarde, Lara puxou a amiga para fora do armazém. A luz do sol, forte demais após a claridade suave de um ambiente fechado, cegou Tilly, que deu alguns passos e chocou-se contra alguém.

— Por favor, desculpe-me...

Recuperando aos poucos a visão, ela percebeu que praticamente atropelara uma das numerosas vendedoras de flores da ilha. Derrubara-lhe a cesta espalhando buquês multicoloridos pelo chão. Começou a recolhê-los quando a exótica morena segurou-lhe

o braço.

— Não precisa se incomodar, moça. Tem flores por toda parte, basta ir colher.

— Eu sinto muito — murmurou Tilly, vendo os magníficos buquês cobertos de poeira. — Faço questão de pagar as flores que estraguei. Ou melhor, fico com tudo que você tinha na cesta.

— Eu agradeço a sua bondade, moça. Mas não precisa...

Enquanto Tilly procurava o dinheiro em sua bolsa, Flynn surgiu, como sempre silenciosamente e nos momentos mais inesperados.

— Conceda-me o privilégio, srta. Templeton. Entregando um punhado de moedas à vendedora, ele recolheu

todas as flores. O rosto de Lara transformou-se e seu sorriso irradiava felicidade. Tilly ficou transtornada ao constatar que a amiga sentia-se muito mais alegre ao lado de Flynn do que quando estava com o marido.

— Que gesto galante, Lucas!

— Qualquer homem teria agido assim. — Ele curvou-se diante das duas. — Quem resistiria à tentação de presentear com flores as mais belas flores da Jamaica?

Lara deu uma gargalhada, a primeira manifestação de alegria espontânea que Tilly presenciava desde sua chegada.

— Lucas, Lucas! — zombou Lara. — Se eu não o conhecesse muito bem, talvez acreditasse ter encontrado um trovador romântico com o dom da lisonja.

— Um ator desempenhando o papel de trovador... — Ele olhou para Tilly. — Basta ver a expressão de sua amiga para perceber que não concorda com a sua opinião, Lara.

Como se não fosse suficiente captar as emoções em seu rosto, Flynn também conseguia ler seus pensamentos com exatidão! Corando, Tilly jurou que tentaria disfarçar melhor seus sentimentos, mas seria impossível controlar o rubor!

— O seu encanto aumenta quando enrubesce, srta. Templeton. — Ele sorria provocativamente. — Eu pensei que o rubor fosse uma arte perdida nos dias de hoje.

— Garanto-lhe que não se trata de uma arte e sim de uma reação bastante desagradável! — Enfurecida com o convencimento de Flynn, ela o enfrentou com raiva. — E, por favor, evite falar por mim! Não há a menor necessidade, porque sei expressar-me muito bem!

— Foi exatamente isso que eu quis dizer, senhorita. Seu rosto é um livro aberto!

Sem responder ou olhar para trás, Tilly dirigiu-se para a carruagem. A irritação evidente da amiga aborreceu Lara, que, segurando Flynn pelo braço, não deu mais um passo.

— Francamente, Lucas! Precisa provocá-la desse modo? Percebi sua atitude no armazém, dizendo-lhe algo que a fez enrubescer. Nunca vi Tilly desconcertada ou agindo tão agressivamente. Queria tanto que você gostasse dela como eu!

Sabendo que talvez Tilly não ouvisse se falasse em um tom de voz normal, ele falou ainda mais alto.

— Eu gostei muito de sua amiga, Lara. No entanto, o olhar gelado de seus lindos olhos cinzentos demonstra claramente que ela não simpatiza nem um pouquinho

comigo.

— E não é de se estranhar! Você a provoca demais, Lucas! Mas tenho esperanças que acabem se apreciando quando ficarem mais tempo juntos.

— Se quer mesmo a verdade... eu passei bastante tempo com a srta. Templeton, ontem à noite. — Os olhos verdes de Flynn brilhavam maliciosamente. — Queria... derreter o gelo que a envolve.

A raiva provocada pela insolência de Flynn e as lembranças dos momentos que haviam partilhado na noite anterior aumentaram o corado de Tilly. Ela retirou um leque da bolsa mais para ocultar o rosto do que para refrescar-se.

— Srta. Templeton! — Jonas Whitby acabara de sair dos armazéns e a fitava atentamente. — Está a ponto de ter uma insolação! Ainda não se acostumou ao nosso clima, precisa proteger-se mais do sol.

Tilly mordeu os lábios com violência para não dar uma boa resposta a Jonas. Se alguém mais lhe dissesse que ela estava corada demais, não conseguiria controlar-se e mandaria todos para o inferno! Ela não era uma flor de estufa que murcha sob o sol forte!

— Não se preocupe comigo, Jonas. Sou extremamente saudável e sinto-me muito bem, acredite em mim!

Jonas já não a ouvia.

— Devo-lhe pedir desculpas, Lara. — Ele fitava a esposa sem sorrir. — Não poderei acompanhá-las a Cristal Falis, hoje à tarde. Surgiu um problema inesperado, sem muita importância, mas que exige minha presença nos armazéns.

Tilly também estava olhando para a amiga e notou uma reação rapidamente controlada. A expressão, quase de alívio, não durara nem um segundo e poderia ter sido produto de sua imaginação ou apenas uma ilusão de ótica.

— É uma pena, mas... compreendemos a sua situação, querido.

Imediatamente, Flynn ofereceu-se para acompanhá-las no caso de Jonas não ter condições de chegar nem mais tarde à reunião junto às cataratas. Os planos foram feitos com toda a rapidez, e decidiu-se que ele iria a Coeur d'Émeraude, de onde sairiam juntos. Depois de ajudar Lara a subir na carruagem, aproximou-se de Tilly.

— Espero que esteja gostando da Jamaica, apesar de ter chegado há tão pouco tempo. — Ajudou-a a subir, ignorando o olhar desdenhoso de Tilly. — Nossa ilha é um paraíso.

— Concordo que seja um lugar bastante irreal e impossível de ser comparado à Inglaterra. Tem-se a impressão de que tudo pode acontecer por aqui!

— E garanto-lhe que acertou em sua análise, senhorita! Será um prazer discutir mais a fundo esse seu ponto de vista incomum. Quem sabe... hoje à noite?

Sufocando a raiva, Tilly viu-o acenar-lhes adeus e desaparecer. Ela não estava com a menor vontade de conversar, e, aparentemente, Lara também não se sentia disposta a continuar o diálogo daquela manhã interrompido pela aparição inoportuna de Jonas. Entretanto, quanto chegaram a Coeur d'Émeraude e receberam o aviso de que lady Steadmore se atrasara e não viria tão cedo, preparou-se para ouvir as confidências da amiga.

— Eu adoraria ficar conversando com você, Tilly, mas... sinto-me esgotada. Estou com dor de cabeça e, se não descansar um pouco agora, não conseguirei acompanhá-los ao piquenique em Cristal Falis.

As dores de cabeça de Lara começavam a preocupar Tilly. Era evidente que sua amiga estava usando aquele pretexto para evitar situações de maior intimidade entre elas. Entretanto, decidiu testar as intenções de Lara.

— Não gostaria de tomar um comprimido que eu trouxe da Inglaterra, querida? — perguntou Tilly, ao entrar na saleta da suíte de Lara. — Trata-se de um remédio novo e dizem que é infalível.

— Eu lhe agradeço muito, mas... prefiro usar os meus métodos, Tilly. Basta ficar algumas horas no quarto às escuras e me recupero completamente.

A recusa de Lara deixou Tilly aliviada. Ela também preferia ficar sozinha. Sem chamar Agnes, tirou o vestido e colocou o leve roupão de seda que usara na noite anterior. Não pretendia descansar e sim pensar nos acontecimentos daquela manhã. Então, lembrou-se de que esquecera sua bolsa na saleta de Lara.

Na ponta dos pés, para não ser vista pelos criados nem perturbar o repouso da amiga, Tilly entrou na saleta. Depois de pegar o bolsa que realmente deixara sobre a mesinha, sentiu-se culpada por não verificar se Lara havia melhorado. E, como a porta estava entreaberta...

Não havia ninguém no quarto, e, pela ampla porta que se abria para o jardim, Tilly viu algo azul movendo-se entre o roseiral. Apesar da rapidez com que o vulto se movia, reconheceu Lara.

Correndo de volta para o seu quarto, Tilly espantou-se com a quantidade de mistérios na vida das pessoas. Até ela escondia seus segredos. Mas, sem dúvida, Lucas Flynn era o mais enigmático de todos!

Aquele homem a perturbava demais! Enquanto revirava a bolsa para pegar sua lixa de unhas, tentava decifrar as atitudes contraditórias de Flynn quando seus dedos tocaram em algo macio. Assustada, jogou o conteúdo da bolsa sobre a cama e viu um saquinho de camurça, cheio de objetos duros que pareciam ser pedras.

Tilly abriu-o e, ao despejar as pedras na palma da sua mão, mal conteve um grito de surpresa. Esmeraldas! Uma verdadeira fortuna em magníficas esmeraldas!

Erguendo a mão para vê-las melhor, Tilly colocou-as sob os raios de sol que se infiltravam pela veneziana. O brilho verde coloriu sua pele, e as pedras cintilavam com o irresistível fascínio de verdadeiros olhos de tigre.

CAPÍTULO V

A luminosidade dourada do Sol e o perfume das flores carregado pela brisa

aumentavam o encanto da saleta íntima. Aquele aposento, informal e descontraído, sugeria uma serenidade inexistente nos outros ambientes da faustosa mansão. Ali era possível esquecer, por algum tempo, os segredos e os mistérios inquietantes de Coeur d'Émeraude. O som de passos que se aproximavam não perturbou as duas mulheres e nem mesmo despertou sua curiosidade. Então, inesperadamente a tensão habitual invadiu a sala. Jonas Whitby estava parado à porta, observando-as em silêncio.

— Jonas! — exclamou Lara, que, descontrolada com a súbita aparição do marido, derrubou seu copo de limonada. — Você... disse... eu não esperava que viesse...

— Peço-lhe desculpas se a assustei com minha chegada repentina, querida. — Ele não tirava os olhos das mãos trêmulas de Lara. — Fiquei aborrecido ao notar como você se decepcionou por eu não acompanhá-la ao piquenique desta tarde e por isso mudei meus planos. Seguirei a carruagem a cavalo porque, no caso de precisarem de minha presença nos armazéns, poderei retornar sem transtornar ninguém.

— Mas... eu me sinto culpada por afastá-lo do trabalho, Jonas. — Lara mal conseguia disfarçar sua perturbação. — Afinal, não existe um motivo forte e podem precisar de você...

— Deixei Keating em meu lugar, querida. Ele irá mais tarde para Cristal Falis e, se o problema estiver resolvido, não terei de voltar. — Jonas continuava encarando a esposa com um olhar penetrante. — Espero que minha presença não altere os seus planos, querida.

— É lógico que não, Jonas! Fico feliz porque conseguiu livrar-se do trabalho para nos acompanhar.

A expressão de insegurança e nervosismo desmentiam as palavras de Lara. Tilly, que observara o diálogo do casal, sentiu-se ainda mais preocupada com a amiga. O rosto dela se iluminara ao avistar o marido, mas essa reação de alegria espontânea durou uma fração de segundo, dando lugar à costumeira palidez e inquietação. Só um cego não veria a nítida mudança de comportamento, mas Jonas continuou agindo como se nada de anormal tivesse acontecido com a esposa.

— Bem, se estiverem prontas, pedirei que tragam nossa carruagem. Vi que lady Steadmores aproximava-se do portão, portanto chegará em poucos minutos.

Girando a aliança, larga demais para o dedo muito magro, Lara não erguia os olhos para o marido.

— Lucas também irá conosco. Já devia ter chegado, mas...

— Provavelmente foi até as cavalariças conversar com Leander.

O olhar enigmático de Jonas seguia os movimentos das duas mulheres, que apressaram-se em pegar as bolsas e os chapéus de abas largas, a fim de fugir àquele exame incômodo. Quando chegaram ao pórtico, Tilly notou que Lara tinha controlado o tremor das mãos e seu rosto recuperara um tom mais rosado.

Era, sem dúvida, a tarde ideal para um piquenique no campo. Não havia uma só nuvem no céu muito azul, a brisa fresca aliviava a constante umidade do ar e as duas carruagens abertas, paradas em frente da casa, proporcionariam todo o conforto. Tilly disfarçou um sorriso diante do contraste entre os dois veículos que retratavam com perfeição o estilo de seus proprietários. Embora ambas fossem luxuosas, a dos

Whitby demonstrava sobriedade formal e a de Lucas refletia seu estilo ousado e uma elegância sofisticada.

— Não é mesmo uma tarde perfeita? — perguntou ele surgindo, como sempre, inesperadamente ao lado de Tilly. — Não tem a impressão de que tudo pode acontecer?

— Já não se trata mais de uma impressão, sr. Flynn — murmurou Tilly, encarando-o com frieza. — Aconteceram incidentes demais para o meu gosto!

— Realmente? — Flynn segurou-a pelo braço, conduzindo-a para a carruagem dele. — Então precisa contar-me tudo, senhorita. Mais tarde, é claro!

— Pode ficar certo disso — interrompeu Tilly, irritada com a presunção de Flynn em decidir com quem ela iria. — Eu o obrigarei a ouvir!

Tilly não contava com a presença de lady Steadmore e da srta. Eggleston na carruagem de Flynn, impedindo uma conversa pessoal. Como não poderia falar sobre o assunto que a perturbava, decidiu demonstrar sua irritação, ignorando-o por completo.

— O calor afetou seu estado de espírito, srta. Templeton? — perguntou ele, solícito, após algum tempo. — Está muito diferente do que costuma ser.

— Não poderia agir como sempre porque meu estado de espírito foi mesmo alterado. Gostaria muito que o calor fosse o responsável por minha atitude.

— Distraia-se olhando a paisagem, é o melhor remédio. Veja a cor do mar... verde como esmeraldas.

A audácia daquele homem chegava às raias da insolência. Com uma única observação, ele demonstrara não ignorar que Tilly sabia muito bem quem colocara as esmeraldas em sua bolsa. E em seu sorriso impertinente não havia o menor sinal de complexo de culpa.

A aparência despreocupada de Flynn não passava de um disfarce. Embora Tilly o julgasse calmo e controlado, ele lutava contra o desejo de tomá-la nos braços. Na noite anterior, tinha imaginado que beijaria uma jovem ingênua e descobrira uma mulher passional prestes a despertar para o prazer. Inicialmente, aquela sensualidade inconsciente o surpreendera, depois intensificara sua volúpia até levá-lo a perder a noção de tudo, a não ser a ânsia de possuí-la. Um erro que poderia custar-lhe a vida, uma distração talvez fatal!

Beleza fatal. Palavras usadas por Flynn para referir-se a mulheres experientes e mundanas, criaturas peritas na arte de seduzir, cujos corpos voluptuosos e sensuais escondiam uma mente fria e calculista. A srta. Matilda Templeton era o extremo oposto desse tipo feminino que ele conhecia bem demais. Sua inocência genuína despertava-lhe o instinto de proteção, enquanto a ingênua mas ardente sensualidade provocara uma excitação tão intensa que abalara todos os seus conceitos sobre desejo carnal.

O impacto fora devastador, e por isso a considerava perigosa demais. Uma ameaça para sua paz de espírito, para sua liberdade e para os objetivos que pretendia atingir.

— Como se chamam estas flores amarelas, sr. Flynn?

A voz estridente da srta. Eggleston interrompeu o devaneio de Flynn. Ele só

respondeu à irritante jovem porque notou o olhar penetrante de lady Steadmore, que o fitava com a expressão irônica de quem estava divertindo-se muito com a situação. Não subestimava a perspicácia da velha dama e esforçou-se para encontrar um tema de interesse geral para a conversa.

Tilly sentiu-se aliviada quando lady Steadmore tomou as rédeas do diálogo, discutindo com Flynn o mais recente escândalo do governo, deixando-a livre para admirar a paisagem.

As carruagens tinham seguido pela mesma estrada que levava à cidade, mas na direção oposta. A cada quilômetro, o caminho ficava menos movimentado, e, embora se tivesse a impressão de estar avançando para o interior da ilha, logo o mar surgiu novamente. Agora percorriam uma trilha estreita que cruzava bosques frondosos ao longo da costa.

A srta. Eggleston porém não desistira de chamar a atenção de Flynn. Interrompeu a tia para apontar umas árvores que se erguiam bem acima das outras.

— Que árvore é aquela, sr. Flynn?

— É a... árvore dos espíritos — respondeu ele, olhando disfarçadamente para o cocheiro.

— Que estranho! Nunca ouvi falar desse tipo! — disse ela com uma expressão arrogante. — Pertence a que espécie botânica?

— Cientificamente é da família das ceibas, mas costumam chamá-la de paineira.

— Ele abaixou mais a voz. — Os nativos porém acreditam que os espíritos dos mortos se escondem entre suas raízes. Não se deve falar alto ou algum deles pode acordar.

— Ora, sr. Flynn! — a srta. Eggleston ficou indignada com o tom malicioso. — Está brincando comigo. Acha que vou acreditar nessa sua invenção idiota?

— Ele está falando a verdade, pelo menos segundo as crenças locais — interveio lady Steadmore, sem disfarçar um arrepio de receio. — Os meus próprios criados têm horror de aproximar-se de uma dessas árvores e só o fazem se estiverem usando amuletos especiais para protegê-los. Preferem morrer a chegar perto de uma delas à noite e, mesmo durante o dia, desviam-se por quilômetros para evitá-las.

Tilly acompanhara a conversa e, inexplicavelmente, ficou aliviada quando alcançaram o final do bosque. Ela sentira algo estranho quando passaram perto das paineiras, e, pela expressão de lady Steadmore, a velha dama também estava feliz por terem deixado para trás aquelas estranhas árvores. Só Flynn se mantivera inalterado, aparentemente imune às superstições locais.

— Vamos mudar de assunto, Lucas! — ordenou a velha dama em seu tom mais autoritário. — Conte para estas duas jovens como é bonita a nossa regata anual à ilha das Conchas.

— Ah, a famosa disputa entre os mais velozes iatistas da Jamaica! — brincou Flynn. — A primeira parte consiste na ida até a ilha, onde ficamos até depois do almoço. As mulheres passam a manhã procurando conchas exóticas, enquanto os homens discutem os méritos de seus barcos. A segunda parte é a volta para Kingston e a verificação dos tempos para que se declare quem venceu.

— Ilha das Conchas! — exclamou Tilly, fascinada. — Deve ser um lugar

maravilhoso!

— Na verdade é uma ilha muito pequena, com poucas árvores, mas tem as praias cobertas pelas mais belas conchas do mundo — explicou lady Steadmore. — Vale a pena o esforço e, para os marinheiros de primeira viagem... o aborrecimento.

— Aborrecimento? — perguntou Tilly, perplexa.

— Costuma-se pregar uma peça nos que participam da regata pela primeira vez — interferiu Flynn, com um ar misterioso. — Logicamente, não podemos contar o que acontece ou a brincadeira perde a graça. Terão de descobrir por conta própria.

— Eu já sei! — disse a srta. Eggleston, com seu costumeiro ar de grande sabedoria. — É como o costume de colocar um peixe morto na cama dos passageiros em sua última noite à bordo.

Tilly mal conteve o riso, sabendo que só os passageiros mais desagradáveis eram vítimas dessa brincadeira sem graça. Lady Steadmore porém encarou a sobrinha com uma expressão em que se mesclavam raiva e resignação.

— Se você fosse inteligente, ficaria sempre de boca fechada, garota idiota! Por favor, Lucas, fale sobre seu novo barco...

— O Sea Urchin tem trinta pés, mas é tão fácil de tripular que duas pessoas apenas conseguem manejá-lo, caso seja necessário. E não existe outro iate tão veloz em todo o Caribe! — Percebendo que a srta. Eggleston estava prestes a se convidar para acompanhá-lo, Flynn apressou-se a acrescentar: — A srta. Templeton concedeu-me a honra de velejar comigo.

Além de petulante, Flynn não tinha mesmo escrúpulos! Furiosa, Tilly queria negar aquela declaração mentirosa, mas o desejo de participar da regata ao lado dele foi mais forte.

Ciente do dilema de Tilly, Flynn sorriu maliciosamente. A cada momento passado ao lado dela, o desejo de beijar aqueles lábios tentadores crescia, e decidiu repetir a inebriante carícia nessa mesma tarde.

Tilly enrubesceu. Flynn não precisara colocar em palavras os pensamentos que ela captara apenas através do olhar. Por mais que tentasse negar, existia entre os dois uma comunicação silenciosa, uma sintonia perfeita entre suas mentes, e essa situação ao mesmo tempo a seduzia e amedrontava.

Não havia a menor dúvida que seria perigoso ficar a sós com aquele homem fascinante, a quem não conseguia resistir. Entretanto, precisavam conversar em particular. Na verdade, pretendia exigir-lhe explicações bem detalhadas sobre as esmeraldas que ele colocara em sua bolsa. Então Lucas Flynn iria descobrir que Tilly Templeton não tolerava ser manipulada por ninguém e seu encanto não o salvaria de uma severa reprimenda!

A carruagem parou subitamente diante de uma clareira, onde os criados já haviam armado as mesas, colocado as toalhas de linho e esperavam a chegada do grupo para servir o almoço ao ar livre. Enquanto eles dispunham os pratos e os talheres, Tilly tentou atrair a atenção de Flynn, que se aproximou dela, como sempre, com o sorriso de um conquistador confiante em seu poder sobre as mulheres.

— Está com algum problema na vista, srta. Templeton? Percebi que não parava

de piscar, talvez seja um cisco.

— Não há absolutamente nada de errado com meus olhos, sr. Flynn. — Ela baixou o tom de voz. — Mas a minha mente está prestes a entrar em ebulição!

— Acho que um passeio antes do almoço ajudará a aliviar suas reações... férvidas!

— Não se trata de acalmar uma mulher histérica, sr. Flynn. Eu tenho motivos bastante concretos para provocar um escândalo!

— Céus! Então vamos logo! — disse ele, puxando-a pelo braço.

Ninguém os viu desaparecer entre as árvores. Apesar de inquieta, Tilly não resistiu à beleza da paisagem. Estavam caminhando sob um dossel de galhos entrelaçados que formavam um túnel verde. Gotas minúsculas brilhavam sobre as samambaias e as flores silvestres, como se alguém as tivesse recoberto de pérolas translúcidas. Através das árvores avistava-se um riacho cristalino, que, logo adiante, formava uma pequena lagoa cujas águas transparentes realçavam a textura aveludada do musgo em suas margens.

Tilly sentia-se transportada para o mundo da magia e esperava ver ninfas surgirem entre as árvores. Mas, apesar de envolvida pelo encantamento do local, esforçou-se para se concentrar e resolver logo seu problema.

— Ouça bem, sr. Flynn! Exijo explicações imediatas...

— Não aqui, srta. Templeton! Se dá valor ao seu gracioso pescocinho, não diga mais nada!

Segurando-a pelo braço, Flynn continuou a percorrer a estreita trilha entre as árvores. Quem os visse de longe, pensaria que ele a conduzia com a gentileza de um cavalheiro. Tilly, porém, sentia-se presa por um círculo de aço do qual não poderia escapar sem pedir socorro. Só lhe restava aceitar aquela dominação pela força, pois não queria atrair a atenção de ninguém.

O suave murmurejar do riacho se transformava à medida que avançavam para o centro do bosque. Logo o som de uma cascata sobrepujou os ruídos silvestres, e, quando Flynn afastou alguns galhos para abrir uma passagem, ambos entraram num paraíso em miniatura. Do alto de negros rochedos, sete cascatas desciam sobre o leito do rio, formando um véu líquido que reluzia ao sol. As águas agora turbulentas corriam para um vão entre duas rochas e dali caíam, centenas de metros até chegarem à praia distante.

Tilly nunca vira um lugar tão lindo e custou a recuperar-se do impacto causado pela perfeição criada pela natureza e a lembrar-se de seu objetivo.

— Quando me arrastou com tanta brutalidade não pensei que fosse apenas para mostrar-me a paisagem, sr. Flynn.

— Eu escolhi o lugar adequado para a nossa "conversinha" particular, senhorita. O barulho da água evitará que algum curioso nos ouça. Sinto muito se a assustei.

— Eu não fiquei assustada! — Só furiosa!

O rosto corado de raiva realçava o brilho prateado dos olhos de Tilly e sua postura altiva fascinava Flynn. Sem se conter, segurou a mão fina e delicada.

— Sabe o que mais admiro em você, srta. Templeton?

— Não! E nem quero saber, entendeu?

— Sua personalidade — prosseguiu ele, como se não a tivesse ouvido. — O temperamento, porém, deixa muito a desejar, é explosivo demais.

— Que absurdo! Sempre me consideraram uma pessoa estável e muito equilibrada — protestou Tilly, rispidamente. — Não havia necessidade de machucar meu braço, sabia? Eu teria vindo voluntariamente. Bastava pedir, sr. Flynn.

— Então peço-lhe mil desculpas, mas precisava afastá-la da clareira antes de o resto do grupo chegar. Senti que estava muito ansiosa para conversar comigo e prestes a ser... imprudente em suas declarações.

— Se está se referindo às esmeraldas que, sem sombra de dúvida, você colocou em minha bolsa...

— O quê? — Flynn agarrou-a pelos ombros. — Sobre o que está falando?

— Ora! É evidente que me refiro ao saquinho de camurça cheio de esmeraldas e colocado por você em minha bolsa durante a visita aos armazéns hoje cedo. Ou achou que eu seria idiota a ponto de não perceber quem tinha sido o culpado?

Flynn a fitava com um olhar estranho.

— Agora entendo, srta. Templeton — murmurou ele após um longo silêncio. — Muito bem... você as tem e eu... — Interrompendo-se bruscamente, ele baixou o tom de voz. — Siga o meu exemplo, estamos sendo vigiados por alguém. •

Com um gesto rápido e imprevisível, Flynn tomou-a nos braços, beijando-a com ardor. Surpresa, Tilly não reagiu ao contato de seus lábios, permanecendo imóvel e apática.

— Não fique parada como uma estátua! — sussurrou ele no ouvido de Tilly. — Demonstre algum interesse no beijo, porque há alguém nos olhando.

As suspeitas de Tilly desapareceram quando viu a expressão tensa de Flynn. Ele não estava beijando-a por prazer e sim por algum motivo que exigia aquela atitude.

— Sei que não acredita em mim, mas a situação é muito grave. Ambos corremos perigo.

— Esta deve ser sua frase predileta, sr. Flynn. Eu...

O som de um galho estalando a poucos passos dali encerrou aquele diálogo sussurrante. Envolvida pelos braços de Flynn, Tilly não pensou mais em ameaças à sua vida. Como já acontecera uma vez, o prazer das bocas que se buscavam avidamente a impedia de raciocinar.

A cada beijo, mais ardente e possessivo, Tilly correspondia com maior abandono. O mundo deixava de existir, o tempo se detinha e só havia a paixão que crescia assustadoramente.

E, mais uma vez, um desejo incontável obrigou Flynn a afastar-se daquela mulher que significava a sua destruição. Ingênua e inexperiente, Tilly não tinha consciência de sua própria sensualidade nem para onde as carícias sempre mais ousadas iriam conduzi-la. E ele, que se considerara imune aos encantos femininos, há tantos anos, fora derrotado por uma jovem sem qualquer artifício ou conhecimento da arte de sedução. Derrubara as barreiras que erguera em torno de seu coração e o fascinara com seu encanto puro.

Quando Flynn afastou-se, Tilly sentiu-se momentaneamente desamparada. Então, ao recuperar o equilíbrio, admitiu uma realidade que tentara ignorar. Aquele homem, fascinante mas perigoso, tinha o dom de apagar de sua mente os princípios que considerava básicos e dos quais nunca gostaria de se afastar. Mas não avaliara a força do desejo que destruía seu passado puro e impedia de seguir o caminho correto. E, apesar de reconhecer a fraqueza que poderia arruinar sua reputação, queria voltar aos braços fortes e sentir os lábios ávidos se apossarem dos seus.

Em silêncio, Flynn acompanhava o conflito da mente de Tilly, nítido em seu rosto transtornado pelas emoções. Preocupado, pela primeira vez na vida, com o efeito destrutivo que sua atração poderia causar em uma mulher, decidiu evitar mais encontros perturbadores como aquele.

— Você realmente merece algumas explicações, Tilly. Entretanto, não posso dizer-lhe nada, pelo menos por enquanto. — A expressão grave de Flynn reforçava seu tom de voz preocupado. — Senti-me um canalha por ter envolvido uma jovem inocente em problemas tão sérios. Infelizmente agora é tarde demais para lamentar o que já não será possível corrigir. Só lhe peço que acredite em mim por mais alguns dias.

Tilly tentou ler os pensamentos dele, mas, desta vez, a expressão de Flynn não revelava nada além da preocupação.

— Quer a minha confiança e se recusa a me explicar, nem ao menos por que devo acreditar em seu pedido?

— Sinto muito, Tilly, tem de ser assim. — O olhar de Flynn suavizou-se. — Juro que logo lhe contarei tudo, está bem? Enquanto isso, preciso das esmeraldas para que ambos possamos escapar dessa situação perigosa. Confia em mim a ponto de me entregá-las?

Tilly mal conseguia raciocinar. Tentou pensar com clareza, vencer a paralisia que se apoderara de sua mente. Jonas afirmara que Flynn era um homem perigoso demais. Outros haviam mencionado seu encanto irresistível e a experiência de um conquistador sem escrúpulos cuja má fama scandalizava até os mais liberais. Esse homem pouco confiável surgira em seu quarto no meio da noite, como um gatuno qualquer, e depois escondera uma fortuna em jóias na sua bolsa, esquecendo-se de pensar nos riscos a que a exporia. Além disso, beijara-a duas vezes, indiferente aos danos que poderia causar à sua reputação. E a envolvera, sem pedir-lhe permissão, em uma trama arriscada sobre a qual recusava-se a dar explicações.

Um patife, talvez até um criminoso, mas, naquele momento, o homem a quem Tilly confiaria sua vida.

— Já que se nega a informar-me sobre a situação, pelo menos confirme minhas deduções. As esmeraldas foram contrabandeadas para a Jamaica e por isso o assunto teve de ser abafado. Eu fui usada, como uma portadora involuntária, para tirá-las dos armazéns sem despertar suspeitas.

— Você encontrou o modo mais delicado de definir uma situação sórdida.

Surpresa com a inesperada franqueza de Flynn, Tilly ficou algum tempo em silêncio, analisando o problema. Em que ele a envolvera?

— Acho que estou começando a entender. A desapareição das esmeraldas foi o

imprevisto que obrigou Jonas a ficar nos armazéns hoje, certo?

— Exatamente.

— E são... são pedras roubadas?

— De um certo modo...

— E o que pretende fazer com elas?

— É um verdadeiro interrogatório! — Flynn fingiu desespero. — Essa última pergunta foi uma ofensa à minha integridade, mas... vou desculpá-la, minha cara investigadora! Assim que estiver com as pedras, pretendo devolvê-las a seu verdadeiro dono, e o mais depressa possível. Como já lhe disse antes, terá de confiar em mim.

Angustiada, Tilly enfrentava um conflito entre a mente e o coração. Embora ignorasse tudo sobre aquela situação misteriosa, não acreditava que Flynn fosse um ladrão. Entretanto, quem era ele? E qual seria a sua atividade além de conquistar belas mulheres?

Entretanto, mesmo admitindo que não passava de uma tola e ainda mais idiota por admitir sua falta de discernimento, confiaria em Lucas Flynn e não em Jonas Whitby!

— Está bem. Vou entregar-lhe as pedras.

— Eu sabia! — Flynn animou-se. — Você não me desapontaria nunca, garota!

— E eu sei que vou me arrepender, mas...

— Isso não acontecerá se depender de mim. — Ele segurou-lhe novamente o braço. — Acho melhor voltarmos antes que nossa ausência seja notada e provoque comentários maliciosos.

— E as esmeraldas?

— Fique quieta! Eu irei ao seu encontro quando todos estiverem dormindo.

— Onde?

— Ora! Onde poderia ser, minha cara cúmplice? No lugar de sempre, é claro.

— Não! Você não pode ir ao meu quarto outra vez. Seria expor-se a um risco desnecessário.

— Sinto-me feliz por saber que se preocupa com a minha segurança.

— Você é incapaz de falar seriamente? Na verdade, estou bem mais preocupada com a minha reputação, sem mencionar a minha vida.

Os olhos verdes a fitaram com tal intensidade que Tilly foi obrigada a virar o rosto para não revelar suas verdadeiras emoções.

— Você é uma mentirosa encantadora, mas pouco convincente, sabia?

Enquanto retornavam, Flynn admitiu que Tilly tinha razão. Não havia nenhum motivo para arriscar-se entrando furtivamente na casa de Jonas Whitby.

— Leve o... "pacotinho" com você ao baile do governador hoje à noite. Encontrarei um modo de nos encontrarmos a sós, por alguns instantes.

— E enquanto isso... o que faço com as... com o...

— Nada. Não se preocupe com as pedras. Estão temporariamente com você, mas eu sou o responsável por elas. Escondeu-as no seu quarto, onde quem as roubou não poderá entrar, não foi?

— E se...

A voz de George Keating, a uma certa distância, chegou até eles.

— Srta. Templeton? Está perdida?

Um clarão branco brilhou entre as samambaias e um cacho de orquídeas oscilou embora não houvesse um sopro de vento. Flynn examinou os arredores, mas não viu nada de anormal.

— Levarei você até poucos passos da clareira. Então espero alguns minutos e reúno-me ao grupo. Não podemos voltar juntos.

— Preocupado com a sua ou com a minha reputação, sr. Flynn?

— No momento, esse detalhe é o que menos me interessa! Os dois já estavam alcançando a primeira lagoa quando Flynn parou subitamente e tentou obrigar Tilly a virar-se de costas.

— Não se mexa e não olhe para trás!

— É inútil, Flynn. — Lívida, Tilly lutava contra as náuseas, esforçando-se para manter a calma. — É apenas uma galinha morta e certamente não a primeira que vejo.

— Mas nenhuma como esta! — explodiu ele, sem conter a fúria.

Tilly não respondeu, chocada demais com o animal de penas muito alvas banhadas em sangue. O animal, envolto em fitas coloridas, estava com o pescoço cortado.

Tenso, Flynn chutou a oferenda ritualista para debaixo dos arbustos. Alguém estava querendo amedrontar Tilly com o intuito de mandá-la de volta à Inglaterra ou evitar que ela se intrometesse em um segredo bem guardado e o decifrasse. Portanto, só poderia ser uma pessoa que a conhecesse bem a ponto de ter noção da inteligência brilhante, da mente inquisitiva e da coragem daquela jovem tão diferente das outras.

— Apesar de serem batizados, a maioria dos nativos da Jamaica não abandonou a religião de seus ancestrais africanos. Na verdade, criaram um ritual onde se mesclam características de ambas as crenças. Esqueça o que aconteceu, srta. Templeton. E, por favor, não diga nada a ninguém, entendeu?

— Eu dificilmente comentaria esse assunto em uma reunião social, sr. Flynn — replicou ela, altiva. — Tenho muito boas maneiras para cometer uma vulgaridade dessa... em especial, durante um almoço.

— Ótimo! — Sorrindo, Flynn soltou os ombros de Tilly. — Vejo que restabeleceu o seu espírito combativo! Recupera-se com uma rapidez admirável, srta. Templeton.

Tilly porém voltara-se para uma moita de samambaias, assustada com um ruído entre as plantas. Virou-se em tempo de avistar algo amarelo movendo-se entre as folhas, um reflexo que poderia pertencer às pernas de algum pássaro tropical ou... um tecido de colorido intenso.

— Olhe depressa! — Ela apontou para a moita. — Ali! Há algo amarelo e está desaparecendo!

— Você ficou impressionada com o que viu há pouco, senhorita. — Flynn segurou-a novamente pelo braço, recomeçando a caminhar. — O bosque está sempre cheio de beija-flores coloridos.

A voz de George Keating, agora bem próxima, impediu Tilly de insistir no assunto. Entretanto, surpreendia-se com a reação indiferente de Flynn, que

certamente também vira o brilho amarelo entre as plantas. Mais alto e de frente para a moita, ele teria melhores condições de saber que não se tratava, em hipótese alguma, de um inocente beija-flor! Essa dúvida seria acrescentada à sua longa lista de perguntas para as quais exigiria respostas no "dia das explicações"! E não suportaria esperar muito tempo!

Faltavam poucos passos para entrarem na clareira, e, em silêncio, Flynn indicou que Tilly deveria ir na frente. Ela caminhou sem pressa, parando para colher algumas flores a fim de dar a impressão de que saíra para admirar a natureza. Só então lembrou-se de que não contestara a errônea suposição de que as esmeraldas tinham ficado guardadas, com toda a segurança, em algum esconderijo no seu quarto. Estavam em seu saquinho de camurça macia... presas ao corpete sob seu vestido. Embora desejasse ardentemente livrar-se daquelas pedras ameaçadoras, não podia retirá-las naquele momento.

A sua hesitação atrasou-a, e, quando chegou à clareira, Flynn já estava no extremo oposto de onde ela saíra do bosque, oferecendo copos de limonada às senhoras. Mais uma vez abismada com a capacidade daquele homem para mover-se rápido e silenciosamente, Tilly conseguiu chegar até as almofadas colocadas sobre a relva e sentar-se sem chamar a atenção de ninguém. Por acaso também não notariam sua boca marcada por beijos apaixonados? Ou o olhar excitado de quem carrega junto ao corpo uma fortuna em esmeraldas?

Felizmente, todos estavam entretidos demais para ter percebido seu afastamento ou seu retorno. A srta. Eggleston, com os olhos azuis refletindo uma excessiva admiração, ouvia atentamente uma das entediantes histórias de George Keating. Lady Steadlore concentrava-se em esvaziar uma bandeja de doces e, mais ao longe, Lara caminhava em direção ao marido.

O alívio de Tilly porém durou pouco. O sorriso de vitória em seus lábios desapareceu ao notar que lady Steadmore aproximava-se dela, fitando-a com seu habitual olhar penetrante. Com uma expressão de inocência, ofereceu à velha dama um prato com biscoitos de amêndoas.

— Não os experimentou ainda, lady Steadmore? São leves como suspiros!

— O seu vestido está manchado de umidade, srta. Templeton.— A velha senhora não dignou-se a olhar para os biscoitos. — Espero que não tenha se aproximado demais das cascatas. Embora seja um lugar muito romântico, também é extremamente perigoso.

— Agradeço-lhe sua preocupação comigo, madame. — Tilly enfrentou o olhar da imponente matrona sem vacilação. — Mas fique tranqüila a meu respeito. Sou extremamente cuidadosa.

— Um hábito recomendável, minha cara jovem. A prudência pode evitar acidentes graves. Gostei muito de você e me sentiria muito aborrecida se algo lhe acontecesse enquanto está conosco.

Tilly forçou-se a sorrir. Não tinha dúvidas que fora avisada veladamente sobre algum perigo. Lady Steadmore era uma senhora experiente e talvez já houvesse notado que nem tudo corria bem em Coeur d'Émeraude. Ou será que ela estava ficando

desconfiada demais, dando àquelas palavras um significado inexistente? De qualquer forma, os problemas do casal Whitby não eram um produto de sua imaginação e sim uma situação bastante real!

Lutando contra um pressentimento funesto, Tilly quase deu um grito de susto quando algo roçou seu rosto, certa de que se tratava de algum inseto repugnante. Ao verificar que não passava de uma mecha de seus próprios cabelos, enfiou a mão na bolsa a fim de pegar um grampo e prendê-la com mais firmeza. Seus dedos tocaram um objeto metálico e, para sua surpresa, encontrou um garfo!

Erguendo a bolsa de brocado, Tilly viu que o tecido fora cortado de alto a baixo. Provavelmente isso acontecera quando tinham encontrado o galo sacrificado e avistara alguém vestido de amarelo afastando-se do local, um fato que Flynn considerara fruto de sua imaginação. Então uma idéia bastante penosa veio-lhe à mente. Ele poderia ser o responsável e o fizera enquanto se beijavam!

— Srta. Templeton! — a voz agitada de Keating trouxe-a de volta à realidade. — Rasgou sua bolsa! Talvez um galho...

— Não! — replicou lady Steadmore, autoritária. — Só pode ter sido uma rocha afiada, porque o corte está perfeito, como o de uma faca! Vamos refazer o percurso que você seguiu e procurar seus objetos pessoais.

— Não é necessário. — Tilly não ousava erguer os olhos e encarar Flynn. — Não havia nada de valor em minha bolsa.

Mas as esmeraldas presas ao seu corpete agora queimavam sua pele!

Às quatro da tarde, todos concordaram em retornar para suas casas a fim de terem algumas horas de repouso antes do baile daquela noite. A tarde passada ao ar livre fora estafante, e Tilly sentiu-se aliviada quando percebeu que não teria a companhia de Flynn na viagem de volta.

Lady Steadmore e a sobrinha estavam sonolentas demais para conversar, e Tilly mal continha a vontade de chegar logo à solidão de seu quarto. Sempre acordara muito cedo, mas dormia antes dez da noite, graças à sovinice de Durward. Se quisesse acompanhar o ritmo da sociedade da Jamaica, onde as mulheres levantavam-se perto do meio-dia, teria de descansar à tarde ou não agüentaria ir ao tão falado baile do governador.

Infelizmente, os seus planos não se realizariam.

Tilly desceu da carruagem de lady Steadmore quando avistou Flynn e Lara ainda cruzando o portão. O sol estava forte demais, e ela decidiu não esperá-los no pórtico. Ao entrar no vestíbulo, teve a impressão de que a casa fora varrida por um furacão!

As cadeiras douradas da saleta do andar de cima estavam jogadas no meio do vestíbulo, rodeadas por cacos de cristal e porcelana. O imperturbável Bernard gritava com os lacaios e uma criadinha jovem e tímida encolhia-se no vão da escada.

Imaginando que tivesse sido um desastre provocado acidentalmente por um dos criados, Tilly começou a subir as escadas, correndo a fim de não embarçar os culpados com sua presença. Logo constatou que cometera um erro de julgamento.

Vozes altas e coléricas ecoavam no andar de cima, vindas de um dos quartos. Tilly parou no meio da escada, sem saber se prosseguia ou não, e quase foi atropelada

por um homem alto, muito imigro e maltrapilho. Instintivamente ela agarrou-se ao corrimão permaneceu paralisada de susto.

— Não vão escapar dessa traição! — berrava o desconhecido.

— Não podem me prender aqui!

Ele já estava perto da saída quando Jonas abriu a porta e ouviu os gritos de Bernard.

— Não o deixe fugir!

A ordem não chegou a ser cumprida. O homem parou e, depois de cambalear, desmaiou, caindo nos braços de Bernard. Apesar de magro, o velho mordomo conseguiu segurá-lo até os outros criados ocorrerem para ajudá-lo.

— É melhor deitá-lo no chão e chamar Leander — ordenou Jonas, rapidamente.

— Ele já deve estar nas cavalariças!

Lara chegou naquele momento crítico e, sem esperar que a ajudassem, saltou da carruagem correndo para dentro de casa.

— Oh, Jonas! O que aconteceu?

— Como pode ver, minha querida — respondeu ele secamente e sem fitá-la —, o seu irmão retornou ao lar!

Tilly não conseguia acreditar. Aquele gigante esquelético e de pele emaciada não tinha a menor semelhança com o vigoroso Christopher Burlinghome, que conhecera em seu tempo de escola! Que tragédia o atingira durante esses anos? Ele estava com a aparência de alguém gravemente enfermo! Então, ela sentiu o cheiro de conhaque que começava a se espalhar pelo vestíbulo.

Nunca estivera em uma situação tão constrangedora! Não queria intrometer-se em um problema familiar e visivelmente penoso para todos, mas os criados haviam bloqueado a escada, ao descer para ajudar Bernard. Também não podia sair e, dando a volta na casa, usar a entrada dos fundos. Para chegar à porta, teria de passar por cima do corpo de Christopher!

Então, a voz de Flynn ecoou acima das outras e, com a expressão serena, carregou Christopher como se o rapaz não pesasse mais do que uma criança!

— O quarto dele está em ordem?

— Sempre está preparado, senhor — replicou Bernard, com um ar de dignidade ofendida.

O mordomo começou a subir as escadas seguido por Flynn, que levava Christopher, e atrás dele vinha Lara, chorando descontroladamente, apesar dos esforços de Jonas para acalmá-la.

Aquela estranha procissão percorreu o corredor até o fim, mas Tilly parou antes, desesperada para refugiar-se em seu quarto. Ao abrir a porta, ficou paralisada.

Apesar do sol que entrava pelas portas de veneziana, a neve invadira o quarto! Flocos brancos flutuavam no ar, levantados pela brisa, e caíam novamente sobre os objetos jogados pelo chão. Havia vidros de perfume quebrados e as suas roupas, dos vestidos aos trajes íntimos, estavam espalhadas por toda parte.

Alguém revistara seu quarto com o ímpeto destrutivo de um bárbaro! Saqueara os armários, cada uma das gavetas das cômodas, atirando tudo em pilhas desordenadas

e, não satisfeito, cortara as barras e os punhos dos vestidos além de arrancar os saltos de seus sapatos!

Com o andar hesitante de uma sonâmbula, Tilly avançou até o centro do quarto, sem preocupar-se em fechar a porta. A pessoa que executara aquele trabalho criminoso demonstrara uma maldade sem limites. Os livros haviam sido rasgados ao meio, os vidros de perfume jogados contra a parede, manchando o tecido, e o tinteiro da escrivaninha quebrado sobre uma pilha de vestidos.

Nada escapara à brutal pilhagem. O pó-de-arroz cobria seu traje de montaria e os xales que ela bordara com tanto carinho estavam rasgados em tiras.

Tilly sonhara, durante anos de uma vida sem qualquer luxo, com a alegria de possuir objetos bonitos, e agora a beleza que lhe dera tanto prazer já não mais existia. Ela debatia-se entre uma crise de choro e um acesso de raiva! Sentia-se ao mesmo tempo violentada por mãos cruéis e destrutivas e incapaz de controlar a fúria crescente. O que fizera para despertar um ódio tão intenso? Quem a detestaria a esse ponto?

Sobressaltada, virou-se ao ouvir um som às suas costas. Flynn estava parado à porta, com o rosto desfigurado pela cólera. Sem pensar em mais nada, Tilly deixou que as lágrimas finalmente corressem e quase sem voz conseguiu apenas murmurar: Por que?

Quando os braços de Flynn a envolveram, ela entregou-se ao pranto. Após alguns instantes de total descontrole, dominou-se e, envergonhada com sua reação histérica, tentou empurrá-lo para longe.

Mas Flynn não permitiu que ela se afastasse muito. Mantendo as mãos firmes sobre os ombros de Tilly, esperou que o pranto cessasse e então ofereceu-lhe seu lenço.

— Você está bem?

— Suponho que sim. Mas não entendo por que alguém seria tão brutal a ponto de destruir tudo o que me pertencia.

— Eu entendo — murmurou ele. — Imagino que esteja extremamente chocada, mas preciso perguntar-lhe se... notou a falta de algum objeto... valioso.

Tilly estava realmente fora de si e não compreendeu o significado das palavras de Flynn.

— Nada que seja insubstituível. A não ser a dignidade e a paz de espírito.

Então ela olhou para Flynn e voltou à realidade. Agora sabia por que ele lhe fizera aquela pergunta.

— Ah! Já entendi! — Tilly secou as lágrimas com os gestos bruscos. — Se virar a cabeça por um instante, eu lhe entregarei as malditas esmeraldas! E pouco me importa o que faça com elas, porque não quero vê-las nunca mais! Tome!

Flynn prendeu a mão de Tilly entre as suas.

— Arriscando-me a ser repetitivo, devo dizer-lhe mais uma vez que é uma mulher excepcional, srta. Templeton. Uma pérola sem preço, uma jóia de valor incalculável. Quando todo esse problema findar, eu lhe comprarei um novo guarda-roupa digno de uma rainha e que será o acontecimento mais importante na sociedade

da Jamaica.

Com uma espantosa rapidez, Tilly recuperou a dignidade que afirmara ter perdido. Flynn não era idiota nem um rapaz inexperiente e sabia tão bem quanto ela que nenhuma mulher decente aceitaria presentes desse tipo de um homem, a não ser de um parente.

— Se eu cometesse um ato tão impróprio e contra meus princípios morais, a minha reputação arruinada é que seria o acontecimento mais criticado na sociedade da Jamaica, sr. Flynn. A sua oferta... tão generosa, é inaceitável, além de insultante!

A recusa ativa de Tilly, num tom que demonstrava sua censura, não surtiu o efeito desejado. Um sorriso brejeiro curvou os lábios de Flynn e seus olhos verdes brilharam de satisfação. Ela reagira com a mesma indignação que demonstraria se lhe pedisse para despir-se na sua frente! Aquela mulher o surpreendia com suas súbitas transformações: num minuto, uma boneca de frágil porcelana, doce e feminina, no outro, uma altiva rainha, gélida como um iceberg e com a expressão belicosa de uma guerreira! — Você não passa de uma puritana sem o menor senso prático! Eu estava preocupado com a sua situação econômica, não com seus princípios morais! Meu único intuito consistia em repor uma perda bastante considerável que sofreu por culpa minha!

— Posso ter tirado conclusões precipitadas, mas acho desculpável, em vista das circunstâncias. — Tilly enrubescera, mais uma vez, a contragosto. — Um transtorno que, permita-me afirmar, foi realmente provocado por você!

— Aceito suas desculpas, senhorita. — Mal controlando o riso, ele segurou novamente as mãos de Tilly. — Chame sua criada de quarto. Garanto-lhe que se sentirá mais calma quando tudo estiver em ordem novamente. Também prometo-lhe que desastres deste tipo não voltarão a ocorrer. Mas Tilly não estava com vontade de rir nem de acalmar-se.

— A arrumação do quarto pode esperar. Prefiro que me esclareça sobre os outros desastres para os quais devo me preparar no futuro!

— Nenhum — Flynn apertou as mãos dela com mais força. — Quem invadiu e vasculhou este aposento e destruiu seus objetos pessoais devia saber que as esmeraldas haviam sido entregues a você, mas sem o seu conhecimento. Como as pedras não foram encontradas nem no seu quarto nem na sua bolsa, a dedução lógica será que eu já as recuperei também sem o seu conhecimento. Portanto, agora virão atrás de mim.

— Você sempre tem uma resposta muito convincente para qualquer pergunta que lhe façam, não acha? Só que a sua esperteza não me salvou dessa situação desmoralizante! E, se eu estivesse aqui, talvez me matassem!

Flynn a fitou e em seus olhos verdes brilhavam uma luz perigosa. Ela nunca o vira tão sério nem tão ameaçador e, intimidada, afastou-se a fim de tocar a sineta para chamar a criada.

— Por favor, não se preocupe tanto... Tilly. — Ele daria tudo para devolver-lhe a paz de espírito. — Nada acontecerá a você enquanto eu estiver por perto.

Acariciando o rosto de Tilly com a ponta dos dedos, ele a seduziu com seu

sorriso irresistível.

— Ah, você já está com uma aparência melhor. Passou por um batismo de fogo e ganhou o direito de saber a verdade. Vou contar-lhe tudo hoje à noite, durante o baile. Há um salão no andar superior que sempre fica vazio e tem uma pintura de Wellington na porta. Encontre-me lá exatamente à meia-noite. Não se esqueça!

— Eu não perderia esse encontro nem por todo o ouro do mundo, ou deveria dizer por todas as esmeraldas da Jamaica?

Flynn curvou-se para beijar a mão de Tilly, e a carícia suave, tão diferente da paixão com que seus lábios se tocavam, os prendeu em uma teia de magia. Ambos transmitiam, através do olhar, o desejo incontrollável que os envolvia.

Como tantas outras vezes, Flynn recuou subitamente, ouvindo algum som que ainda não fora percebido por Tilly. Ela só descobriu o motivo da carícia interrompida ao ver Agnes chegar correndo à porta do quarto.

— Oh, senhorita! O que aconteceu? Como puderam... Aflita, a criada apanhava as pilhas de roupa espalhadas pelo chão.

— Não será possível pôr tudo em ordem sozinha com a rapidez necessária, senhorita. Vou chamar mais duas criadas para me ajudar.

— Agora que está nas mãos eficientes de Agnes, eu a deixarei, srta. Templeton. Sinto muito por ter passado pela desagradável experiência de ver seus pertences destruídos, mas espero que possa encontrar tempo para repousar antes do baile.

— Você vai mesmo, não é?

— Pode contar comigo, srta. Templeton. Sempre!

O som de passos interrompeu o diálogo em voz baixa entre os dois. Lara viera procurar Tilly e agora via o estado em que se encontrava o quarto de sua amiga.

— Oh, Deus! O que houve?

— Alguém destruiu tudo enquanto vasculhava o quarto da srta. Templeton.

— A culpa é minha, Lucas! — disse Lara, desesperada. — Eu devia...

Fazendo um sinal na direção de Agnes, que trabalhava com rapidez, Flynn segurou o pulso de Lara.

— Compreendo seu aborrecimento porque é a dona dessa casa, mas não aceito que assumo a culpa de um desastre inevitável. Um intruso invadiu este quarto e nenhum dos criados o viu entrar pelo terraço, portanto, não puderam impedi-lo de provocar esta depredação.

Tilly não entendeu o significado do olhar trocado por Lara e Flynn, mas seria muito tola se não percebesse que ele avisara sua amiga para manter a boca fechada.

— Vou deixá-las a sós para se ocuparem desse problema doméstico. Espero vê-las no baile.

Após a partida de Flynn, Lara ficou novamente tensa e Tilly não ignorava o motivo. Como a amiga não sabia sobre as esmeraldas, deduzira que seu irmão destruíra o quarto em uma crise de loucura.

— Flynn tem toda razão, Lara. Você não pode se culpar por um incidente imprevisível. Além disso, não perdi nenhum objeto de valor, só roupas que são facilmente substituíveis. Não houve nada de grave e acho que seria melhor descansar

antes do baile, querida.

Com os olhos cheios de lágrimas, Lara afastou-se, correndo para seu quarto. Como o casamento podia ter transformado uma jovem esfuziante e alegre em uma mulher assustada e tensa? Era alarmante!

Suspirando, Tilly apanhou os brincos de pérola que estavam sob uma dobra da cortina. Desde que conhecera Flynn, estava enfrentando situações inesperadas e algumas bastante aflitivas. Com seu sorriso fascinante e um encanto irresistível, ele espalhava o caos contagiando todos à sua volta. E, apesar de admitir essa verdade, queria senti-lo bem próximo, tocando-a com paixão e despertando um desejo devastador que nunca imaginara ser

Seu protetor ou um inimigo que deveria evitar? Tilly não se importava com a resposta, desejava apenas fasciná-lo com sua aparência no primeiro baile a que iria! Nesta noite seria apresentada a nata da sociedade inglesa na Jamaica e só pensava em seduzir um homem: Tiger Flynn!

CAPÍTULO VI

Os brincos de brilhantes cintilavam à luz das velas, espalhando reflexos multicoloridos ao menor movimento. A qualidade excepcional das pedras e a lapidação perfeita de uma época mais romântica e idílica transformavam aquela jóia em uma peça rara. E a delicadeza do artífice que executara aquela obra-prima ganhava uma nova vida em contraste com a beleza vibrante de Tilly, tão diferente da graça etérea de sua mãe, para quem o magnífico conjunto fora criado.

Dentro de instantes ela participaria do primeiro baile em seus vinte e seis anos de vida. A expectativa e a emoção daquele momento diminuía o ressentimento que ainda sentia ao lembrar-se da traição de Durward, desejando apenas ter a mãe a seu lado para elogiá-la e dar-lhe coragem.

Tilly ouviu o gongo soar no vestíbulo. Lara e Jonas já estariam se dirigindo para o salão de recepção onde a esperariam, mas Agnes continuava abrindo e fechando as gavetas da cômoda.

— O que houve, Agnes?

— O seu xale de seda azul sumiu, senhorita! Uma dessas criadas hereges deve tê-lo roubado!

— Agnes! — Ela virou-se para a criada, surpresa com a violência e o tom duro da acusação. — Uma das jovens levou-o para tirar uma mancha. Não se trata de um roubo.

A explicação não acalmou Agnes, que enrubescceu de raiva. Ela já fora uma criada de segunda categoria, mas, após anos de atenção, lisonjas e alguns truques pouco recomendáveis, atingira seu objetivo. E, ao alcançar a posição mais alta na

escala das criadas de quarto, exigia que reconhecessem sua importância e o valor de seu trabalho.

Quando Lara Whitby a forçara a trabalhar para aquela jovem sem refinamento, Agnes sentira-se rebaixada. E agora a idiota entregava a uma criadinha qualquer uma responsabilidade que lhe pertencia! Considerava essa atitude uma ofensa pessoal e imperdoável. A antipatia que nutria por Tilly desde o primeiro contato se transformou em uma hostilidade declarada. Ela aprendera a desesperar uma patroa desagradável destruindo suas finas meias de náilon, esvaziando vidros de perfumes caros nos vasos de flores e até colocando aranhas entre as roupas de baixo. Logo a srta. Templeton descobriria como se deve tratar uma insuperável criada de quarto!

Sem imaginar que despertara tanto ódio, Tilly desceu as escadas para reunir-se a seus anfitriões. George Keating também fora convidado para o jantar antes do baile. Com os formais trajes de noite, ele ficava ainda mais atraente, mas, infelizmente, não chegava aos pés de Tiger Flynn.

Entretanto, existiria alguém comparável àquele homem irresistível?

Ao entrar em uma sala, Flynn transformava o ambiente, provocando vibrações excitantes. As mulheres concentravam-se em demonstrar seu fascínio e os homens, ameaçados pela presença magnética de Tiger, também se esforçavam por se mostrar sedutores e galantes. O jantar ficaria bem mais estimulante se ele também tivesse sido convidado, porque, a julgar pela expressão do casal Whitby, a noite seria um fracasso.

No rosto duro de Jonas havia novas marcas de tensão em torno da boca e dos olhos. Apesar de sua aparência etérea, realçada pelo vestido de renda branca e um magnífico colar de pérolas rosadas, Lara não disfarçava seu nervosismo. Os dois evitavam fitar-se e Tilly deduziu que tinham brigado há pouco.

— Você está linda! — disse Lara, forçando-se a agir com a polidez de uma anfitriã bem-educada. — Fico feliz por perceber que os acontecimentos desta tarde não afetaram seu entusiasmo.

— Que acontecimentos? — perguntou Keating, curioso. — Houve algum incidente?

— Apenas um problema doméstico — declarou Lara secamente, disposta a encerrar o assunto.

— Não precisa fingir diante de George, querida. — Jonas colocou a mão sobre o ombro da esposa. — Ele pode ser considerado parte de nossa família.

Embaraçada e nitidamente com raiva do marido, Lara não abriu a boca. Se Jonas queria voltar àquele assunto que tanto a constrangia, não teria a sua colaboração!

— Esta tarde foi simplesmente desastrosa — afirmou Jonas. — Ao voltarmos do piquenique, descobrimos que um intruso vasculhara o quarto da srta. Templeton, destruindo seus pertences. Já dei ordens a Leander para vigiar a casa hoje à noite.

Tilly desviou os olhos, com medo de se trair. Jonas acreditava que um ladrão entrara em seu quarto para roubar peças de valor. Ela porém não duvidava que o intruso viera em busca daquelas malditas esmeraldas. Graças a Deus já as devolvera a Flynn junto com a preocupação de cuidar do problema. Mas, quando pensava no

desastre provocado pela inconsciência daquele homem, que não hesitara em colocá-las na sua bolsa, sentia raiva e mal podia aguardar pelo momento de encontrá-lo e receber as tão esperadas explicações!

À meia-noite, no salão com o retrato de Wellington, durante o baile do governador...

O som de um copo sendo colocado abruptamente sobre a mesa interrompeu o devaneio de Tilly. Keating perguntara sobre o irmão de Lara e Jonas não controlou seu gesto brusco.

— Christopher voltou hoje, inesperadamente. Está com problemas sérios de saúde e desmaiou no vestíbulo, aos pés da srta. Templeton.

— Oh! Espero que não seja nada grave — disse Keating com uma expressão preocupada.

— Ele contraiu malária há alguns anos — interferiu Lara, com a voz trêmula. — Desde então, tem crises periódicas.

Mais uma vez Tilly evitou levantar os olhos. Nunca ouvira ninguém referir-se a uma bebedeira como sendo um sintoma de malária!

Aquele assunto, que Lara quisera evitar, teve um efeito desastroso, e o clima ficou ainda mais tenso. Para agravar o constrangimento, o jantar foi servido no Salão Dourado, grande demais para apenas quatro pessoas. No aposento luxuoso, iluminado por enormes lustres de cristal de Veneza, a longa mesa servia para banquetes formais quando se admiraria o brilho da preciosa baixela de prata antiga e a suavidade da porcelana chinesa. Naquela noite, o luxo do ambiente perdia a luta contra as sombras que haviam se instalado nos cantos menos claros do aposento.

Além disso, os quatro estavam tão distantes que perdiam a vontade de conversar. Não se ouvia nada a não ser o som dos talheres e o tinir dos copos de cristal. Foi a refeição mais interminável da vida de Tilly!

— Eu estava pensando no que aconteceu esta tarde, srta. Templeton — disse Keating, quando os criados se retiraram. — Por acaso lhe roubaram alguma peça de valor?

— Não. Minha caixa de jóias estava intacta.

— Mas que sorte, senhorita! Só esses brincos que está usando agora valem uma fortuna.

Tilly quase perdeu o controle e entrou em pânico.

— Eu... bem, creio que voltei inesperadamente e antes do previsto. Talvez tenham sido obrigados a fugir sem levar as jóias.

Jonas terminara de tomar seu vinho e a fitava com um olhar enigmático.

— Talvez sim, srta. Templeton. E talvez não...

Sem outros comentários, ele bateu a sineta e, quando o mordomo entrou no salão, pediu que trouxessem a carruagem.

Tilly mal respondia às perguntas de George Keating durante o percurso até a residência do governador. Queria usufruir em silêncio os momentos únicos que antecederiam seu primeiro baile. A noite estava linda, as estrelas cintilavam no céu e logo estaria nos braços de Flynn, dançando uma valsa. À medida que se aproximavam

de seu destino, o coração dela batia mais forte.

Os sentimentos provocados por Flynn a perturbavam. Não negava que sentia uma irresistível atração física, mas quando estava longe dele se envergonhava da falta de resistência às carícias ousadas às quais se entregava sem pensar em sua reputação. Faltava-lhe a experiência para avaliar suas emoções e não sabia se reagiria com o mesmo ardor nos braços do sr. Keating. Algo lhe dizia que não!

Ela o fitou disfarçadamente. George Keating tinha todos os atributos sonhados por jovens românticas: alto, loiro, de olhos azuis e muito atraente. Entretanto, não conseguia imaginá-lo invadindo seu quarto através do terraço nem... Na verdade, não o considerava capaz de nenhuma ação inesperada ou com espírito de

aventura. Um homem polido e respeitável que simbolizava as rígidas convenções da sociedade inglesa. E Tilly começava a desconfiar que não se adaptava a esse modelo de boas maneiras e obediência à tirania da etiqueta!

A carruagem se deteve no final de uma longa fila de veículos luxuosos que percorriam a alameda circular até a entrada da residência do governador. O pórtico, iluminado, permitia que se reconhecesse, a distância, os convidados sendo recebidos pelos anfitriões.

— Oh, olhe! — exclamou Lara. — É a sra. Thorne que está chegando agora com um magnífico vestido vermelho!

A arrogante e bela mulher, acompanhada por um oficial jovem e atraente, estava realmente muito bem vestida. Tilly surpreendeu-se com a possibilidade de uma viúva que diziam ter uma renda limitada poder comprar vestidos franceses tão luxuosos!

A carruagem logo à frente deles parou e três jovens ruivas, envoltas em nuvens de gaze branca, desceram, rindo alegremente. Uma senhora mais velha as acompanhava e as quatro moviam-se com a leveza de ninfas etéreas.

— Formam um quadro encantador. Quem são, Lara?

— As irmãs MacDonnel e sua tia. São americanas, sem um tostão, mas extremamente agradáveis e sempre muito bem vestidas. A sra. MacDonnel é muito amiga de Lucas. Existiria alguma mulher na Jamaica que não tivesse sido, fosse ou quisesse ser amiga daquele homem?

— Tilly forçou-se a sorrir, pois desciam da carruagem. O governador, gentil com todos, dedicou-lhe uma atenção especial.

— Seu tio, Oliver Hannaford, e eu somos amigos desde meninos. Fomos juntos para Oxford e continuamos mantendo o contato apesar da distância.

Seguindo a multidão, Tilly chegou ao salão de baile e parou por alguns instantes, fascinada com o esplendor do aposento. As paredes mal podiam ser vistas atrás das flores que haviam sido entrelaçadas artisticamente do chão ao teto e ao redor das colunas. Entre o colorido criado pela natureza, brilhavam belas mulheres, cujo esplendor fora produzido para seduzir os homens. A mais requintada sociedade de Kingston estava reunida, e ela iria participar desse grupo privilegiado.

Uma senhora de cabelos brancos examinou Tilly da cabeça aos pés como se procurasse algum defeito pouco visível.

— Essa deve ser a nova herdeira que chegou há poucos dias

— declarou ela, sem preocupar-se com a altura de sua voz. — Não é uma beleza clássica, mas tem um certo encanto... juvenil.

— Minha querida sra. Cliffton! — a outra voz, familiar, não disfarçava o desdém.

— Todos sabem que herdeiras são bonitas e nunca têm defeitos, seja qual for a sua aparência e temperamento!

Risadas zombeteiras ecoavam enquanto Tilly cruzava o salão, mantendo a cabeça erguida. Não se rebaixaria demonstrando que reconheceria aquela voz desdenhosa. Só podia ser a sra. Thorne!

— Não ligue para os comentários — murmurou Lara, constrangida. — O nosso círculo social é tão reduzido que um rosto novo provoca a curiosidade geral. Principalmente se for o de uma jovem bonita e solteira! Olhe! Lady Steadmore está acenando para nós.

Jonas e Lara conduziam Tilly entre oficiais da marinha com seus esplêndidos uniformes, embaixadores com fraques recobertos por medalhas e condecorações, debutantes com vestidos leves e de cores pastéis e mulheres maduras com criações mais ousadas e nitidamente caras. Jóias faiscavam sob a luz intensa de centenas de velas e por toda a parte sentia-se o poder do dinheiro e das origens aristocráticas.

Tilly mal continha a excitação de estar participando daquele magnífico espetáculo. Sob a proteção oficial de lady Steadmore e do casal Whitby, foi apresentada a tantos jovens solteiros e atraentes que perdeu a capacidade de gravar todos os seus nomes. A primeira dança seria de George Keating, mas já havia uma longa fila de futuros pares.

— Eu gostaria de dançar também a próxima música com você

— murmurou ele, conduzindo-a para o centro do salão. — Mas as matronas têm olhos de águia e em segundos estaria correndo um boato malicioso sobre nós. Prometa reservar-me uma valsa no final da noite, sim?

Após Keating, Tilly dançou com uma série de jovens atraentes e, apesar de gentis, extremamente desinteressantes. A conversa girava em torno dos mesmos temas: as suas impressões sobre a Jamaica, o clima magnífico da ilha e a regata anual à ilha das Conchas, que se realizaria dentro de quatro dias.

— São apenas pequenas embarcações — explicou-lhe lorde Lithermore. — Comenta-se que a mais rápida será o Sea Urchin, o novo barco de Lucas Flynn. Já o vi e é uma verdadeira obra-prima! Foi construído sob medida e dizem que custou uma fortuna incalculável!

Tilly gostaria de não ter ouvido aquele último comentário, que a obrigava a pensar nas origens misteriosas dessa fortuna incalculável! Logo arrependeu-se por ceder a uma suspeita ofensiva, disposta a não duvidar de suas afirmações. Ele confessara que as esmeraldas haviam sido roubadas, mas prometera devolvê-las ao verdadeiro dono e hoje mesmo explicaria os motivos de suas ações. Queria acreditar em Flynn. Desesperadamente! Só quando estavam separados as dúvidas insinuavam-se em sua mente, perturbando sua confiança.

Percebendo que pisara nos pés de lorde Lithermore, Tilly tentou concentrar-se

na música. A euforia de ser um sucesso em seu primeiro baile começava a perder o encanto e seu prazer diminuía a cada nova dança sem que Flynn surgisse no salão. As músicas alegres já não despertavam seu entusiasmo, o ambiente estava abafado e cheio demais, seus pares ficavam ainda menos interessantes, suas feições indistinguíveis umas das outras e as conversas se repetiam com uma monotonia exasperante.

A habitual lucidez de Tilly obrigou-a a admitir que ninguém tinha culpa a não ser ela! A lisonjeira atenção, os elogios e os olhares admirativos não compensavam a frustração causada pela ausência inexplicável de Flynn.

Incapaz de controlar sua imaginação, Tilly pensou nos mais mórbidos contratempos. Flynn adoecera gravemente, a carruagem capotara ou, a pior das hipóteses, ele fora atacado, ferido ou talvez assassinado pela mesma pessoa que vasculhara seu quarto à procura das esmeraldas. À medida que os minutos passavam e a meia-noite se aproximava, também cresciam sua angústia e seu desespero.

Consciente de que estava cedendo a um pânico irracional, Tilly tentava refrear os pensamentos negativos. Entretanto, tivera uma amostra em pequena escala da crueldade e da ganância do adversário de Flynn. Essa pessoa que destruíra seu quarto, em plena luz do dia e com criados trabalhando na casa, seria capaz de atos desesperados para atingir seu objetivo.

Com as mãos úmidas de suor e uma sensação de vazio no estômago, Tilly afastou seu parceiro seguinte, o sr. Culpepper, pedindo-lhe que lhe trouxesse um copo de ponche e refugiou-se em uma alcova, onde lady Steadmore se instalara confortavelmente.

— Está pálida demais, minha cara jovem! — O olhar da velha senhora não perdia um único detalhe da aparência de Tilly. — É cansaço ou tédio?

— Estou achando o baile maravilhoso, milady. — Tentou disfarçar suas verdadeiras emoções dos olhos atentos da perspicaz matrona. — Entretanto, eu sempre vivi no campo e acostumei-me a dormir muito cedo e a acordar de madrugada!

Enquanto esforçava-se por mentir com convicção, ela notou que a sra. MacDonnel e uma de suas encantadoras sobrinhas também estavam na alcova.

— Não me conformo com a ausência de Lucas Flynn — reclamava a jovem, contrariada. — Ele pediu-me para reservar-lhe uma valsa, mas não veio ao baile e fiquei aqui sentada como uma idiota quando podia estar dançando com John Clark. É uma tremenda falta de consideração!

— Ora! Você sabe que não se deve confiar em Flynn! — disse a tia, maliciosa. — Ele desaparece de um minuto para o outro e reaparece, semanas ou meses depois, com desculpas convincentes, um sorriso que derrete o coração das mulheres, além de recompensá-las com presentes exóticos. Então dá uma explicação vaga e inaceitável sobre a necessidade de uma súbita viagem a St. Kitts ou à Flórida e todas aceitam!

— É a pura verdade! — confirmou lady Steadmore, sempre dando a última palavra sobre qualquer assunto. — Não me surpreenderia se descobrisse que Flynn partiu de Kingston tão misteriosamente quanto chegou, dois anos atrás, sem despedidas ou explicações. Gostaria de saber o que aquele malandro estará tramando

agora!

Tilly também gostaria e muito de saber! Escalando terraços sob o luar romântico? Ou colocando esmeraldas na bolsa de mais uma mulher ingênua? Completamente perturbada, ela viu a quadrilha se formando, e, antes que seu parceiro chegasse até a alcova, Fugiu para o terraço.

Quase correndo, ela avançou pelas aléias do jardim em busca de um banco vazio onde pudesse esconder-se e pensar. Finalmente encontrou um, encoberto pela sombra das árvores. Vozes abafadas chegavam até ela, vindas de um quiosque próximo, e, embora fosse possível compreender o que diziam, estava angustiada demais para prestar atenção. Já não podia mais ignorar as terríveis suspeitas que a atormentavam.

Talvez Flynn nunca tivesse nem a intenção de comparecer àquele baile. Talvez não estivesse preso ou ferido e sim em perfeita saúde, fugindo com as esmeraldas roubadas. Talvez, agora mesmo, seu veleiro cortasse as ondas em direção a novos horizontes, e ele, com um sorriso nos lábios, planejasse uma vida de luxo com a fortuna que não lhe pertencia!

Fora uma completa idiota, uma vítima voluntária, uma peça inocente no jogo inescrupuloso de um patife que a cegara com sua irresistível sedução?

Não! Recusava-se a aceitar essa trágica possibilidade. Não possuía mesmo muita experiência para lidar com fascinantes conquistadores, mas sempre tivera uma sensibilidade aguçada e raramente se enganara ao julgar o caráter de alguém. Devia haver um motivo, talvez até banal, que explicasse a ausência de Flynn. Um contratempo insignificante, mas inevitável. Tilly agarrava-se a essa idéia como a um talismã!

As vozes que ecoavam no quiosque silenciaram e um vulto vindo pela aléia em sua direção parou abruptamente à sua frente. Imóvel diante de Tilly, George Keating sorria, e, embora ele tentasse recuperar a expressão habitual, seria impossível não revelar a sutil alteração de suas feições.

— Estava escondendo-se, srta. Templeton? E, pelo seu ar desapontado, deduzo que esperava outra pessoa. O meu orgulho sofreu um golpe cruel!

— Que tolice! — respondeu ela, rápido demais. — E evidente que eu não esperava ninguém! Só quis afastar-me um pouco da agitação e do calor. Está muito abafado lá dentro.

— Então, concederia o prazer de passear comigo pelos jardins? Está soprando uma brisa agradável.

Não havia nenhum modo de recusar com polidez aquele convite. Conformando-se a suportar a companhia de Keating quando preferia ficar a sós, Tilly seguiu-o até chegarem a um pátio circundado por árvores floridas e com bancos de ferro dispostos em torno de uma fonte central. Em um deles estava a sra. Thorne e o atraente jovem que a acompanhara ao baile.

— Vejam quem eu encontrei escondida no canto mais escuro do jardim! — brincou Keating. — A srta. Templeton teve tanto sucesso que foi obrigada a fugir do salão de baile para conseguir alguns instantes de paz.

O tenente Metcalf, a quem Tilly já fora apresentada, ergueu-se à sua chegada.

A sra. Thorne mal dignou-se a olhá-la e após cumprimentá-la com frieza iniciou uma conversa pessoal com Keating deliberadamente, excluindo os outros dois.

— Precisa participar de nossa regata, srta. Templeton. É muito divertida, com troféus para os vencedores e prêmios para todas as damas. Sabe velejar?

— Nunca estive em uma embarcação pequena, só no Montenegro Bay, mas fui uma das únicas passageiras que passou a viagem toda sem sofrer do penoso mal de mer. Nunca fico enjoada, porém não tenho a menor experiência...

— Ótimo! O importante é gostar de barcos a vela. A tripulação sempre deve contar com um número igual de marujos experientes e dei novatos.

George Keating, ouvindo o assunto que monopolizava a atenção dos homens, interrompeu seu diálogo com a sra. Thorne, mais interessado na outra conversa.

— Pretendo disputar seriamente o primeiro lugar com Tiger Flynn. Quero ganhar a taça de ouro este ano... se puder escapar do trabalho e participar da regata, é claro! Se não for possível, você assume o comando do meu veleiro, o Whisper, Metcalf! Tal vez a srta. Templeton aceite nos acompanhar junto com a sra Thorne.

— Seria fantástico! — insistiu Metcalf. — Bastará sorrirem encantadoramente e abrirem as cestas do piquenique, que nós Ia reinos o resto. Por favor, aceitem o nosso convite...

A sra. Thorne não havia tirado os olhos de Tilly durante os últimos minutos. Agora, sua expressão venenosa transformou-se e ela demonstrou sua perícia na arte da sedução ao sorrir para os dois rapazes.

— Não se entusiasmem demais, queridos. Não poderei acompanhá-los porque já aceitei um outro convite. Irei velejar com Tiger Flynn, que me procurou hoje à tarde especialmente para convencer-me de participar da regata junto com ele e inaugurar seu novo barco. Estive em minha casa entre um e outro de seus misteriosos compromissos só para isso!

Por sorte, a sombra de uma árvore ocultava o rosto de Tilly, que lutava para controlar a mágoa e a intensa decepção e também para impedi-las de transparecerem em seu rosto. Flynn a deixara em Coeur d'Émeraude, rodeada pelo caos da destruição, e ainda tivera tempo de fazer uma visita social a fim de convidar outra mulher para ser sua companheira a bordo do novo barco! Como pudera agir tão traiçoeiramente depois de tudo que suportara por culpa dele?

Tomada pelo ódio, Tilly quase perdeu o comentário irônico do tenente Metcalf.

— Espero que, desta vez, sejam mais rápidos no retorno. Quase perderam a corrida do ano passado...

— Só alguém muito insensato imaginaria que Flynn me submeteria à tortura de enfrentar um mar tão agitado. Eu estava me sentindo péssima! — A sra. Thorne lançou um olhar de cumplicidade a Tilly. — Se ele não esperasse a ventania passar, os fofoqueiros de Kingston iriam falar do meu enterro em vez de ficar especulando sobre nossas... atividades na ilha deserta! Não acha que foi compreensível, srta. Templeton?

Embora fervendo de raiva, Tilly conseguiu sorrir. Usando a linguagem simbólica e compreensível apenas por duas mulheres que disputam o mesmo homem, a sra. Thorne não deixara dúvidas quanto ao seu envolvimento romântico com Flynn e avisava

a jovem rival a desistir de conquistá-lo. Se a arrogante e desdenhosa sra. Thorne pensava que a magoaria com essa revelação, iria ter uma surpresa.

— Acho perfeitamente compreensível, sra. Thorne. — replicou Tilly com a voz suave e um sorriso de pureza ingênua. — Como ele poderia ter agido de outro modo? Seria uma grosseria indesculpável e indigna de um cavalheiro não pensar nas insuficiências físicas de uma mulher que já perdeu o vigor da juventude. Tilly conseguiu o efeito desejado. A sra. Thorne enrubesceu de raiva e ia responder quando Keating apressou-se a evitar uma discussão.

— Então prometa que também não nos desertará, srta. Templeton.

— É claro que eu irei, sr. Keating — replicou ela sorrindo. Flynn e a sra. Thorne podiam velejar diretamente para o inferno!

O baile do governador, considerado o evento social mais importante do ano, foi uma decepção para Tilly. Esperara ansiosamente por participar de uma reunião formal e sofisticada pela primeira vez na vida e durante algumas horas a festa esteve à altura de suas expectativas.

George Keating e outros solteiros cobiçados tinham sido lisonjeiramente atenciosos e ela não parou de dançar por falta de um par atraente e gentil. Tilly decidira divertir-se esperando a madrugada raiar, até perceber que Flynn não iria comparecer ao encontro marcado.

Subitamente, o baile perdeu o encanto. Tilly mal conseguia acreditar que a ausência de um homem pudesse transformar uma festa fascinante em uma reunião monótona e insípida.

— Gostou do baile? — perguntou Lara ao voltarem para casa.

— Adorei! — mentiu Tilly, sentindo-se culpada pelo fracasso da noite.

Tilly não continha a impaciência, ansiosa por encontrar Flynn e dizer-lhe que mudara de idéia e preferia participar da regala à ilha das Conchas no barco de George Keating. Entretanto, os dias passaram e ele continuava sem dar sinal de sua presença, como se tivesse desaparecido da face da terra. Estranhamente, a sociedade da ilha, reduzida e bastante unida, não demonstrava a menor preocupação com esse fato.

— Ninguém pode adivinhar o próximo passo de Tiger Flynn — comentou a sra. Thorne durante um chá na casa de lady Steadmore. — Ele vive atrás de aventuras e nunca avisa quando vai partir ou voltar.

— Eu sempre senti muita curiosidade a respeito do apelido dele — disse a srta. Eggleston. — Por que o chamam de tigre?

— Lucas recebeu esse apelido por um ato de heroísmo. — Lady Steadmore não perdeu a oportunidade de falar sobre seu favorito.

— Realmente? — exclamou a srta. Eggleston, fascinada.

— Lucas ainda não havia completado dezessete anos quando viajou para a Índia com os pais e ouviu falar de um tigre que devorava seres humanos numa aldeia da Bengala. Os habitantes já não ousavam afastar-se de suas casas para caçar e a fome começava a enfraquecê-los. Nosso corajoso amigo foi até lá e, sem nenhuma arma, matou o animal assassino. O marajá soube de seu ato heróico e recompensou-o com uma fortuna em ouro e pedras preciosas.

Embora o relato de lady Steadmore fosse apenas uma versão mais elaborada do que Lara lhe contara, Tilly tentava descobrir por que aquela história soava tão familiar aos seus ouvidos. Então, ao ouvir ainda uma outra variante, descobriu o motivo.

— É estranho — comentou a petulante esposa de um dos secretários da embaixada. — Ouvi uma história diferente a esse respeito. Lucas fora à Índia a fim de tentar recuperar a fortuna de sua família, que, apesar da linhagem nobre, havia perdido tudo. Então, salvou a esposa de um marajá que o presenteou com um rubi do tamanho de um ovo de ganso. Essa jóia foi o início de sua atual prosperidade.

— Um verdadeiro conto de fadas! — exclamou mais uma vez a impressionável srta. Eggleston.

— Sem dúvida! — murmurou Tilly, pouco disposta a prosseguir ouvindo tolices.

A segunda versão da história ajudara-a a identificar a fonte daquelas aventuras, das quais Lucas Flynn jamais participara. Os dois relatos encontravam-se em uma famosa coletânea de Lowell Montgomery, chamado Contos do Oriente. Tilly ganhara esse livro o de seu pai em um Natal e ainda devia estar na biblioteca de Oak Manor. Como gostaria de tê-lo nas mãos naquele momento

desmascarar aquele impostor que, sem dúvida alguma, fora a única fonte desse falso mito a seu respeito.

Subitamente, Tilly perdeu as últimas ilusões sobre Flynn. Entregara-lhe as esmeraldas para serem restituídas ao verdadeiro dono e sua confiança baseara-se apenas nas afirmações dele e, inegavelmente, no magnetismo pessoal de um homem irresistível. Sua certeza que se desfazia dia a dia acabava de levar o golpe de misericórdia. Já não podia acreditar em nada do que ouvira e o imaginava em algum lugar distante, usufruindo a fortuna roubada e rindo-se de sua ingenuidade.

Como fora tola e crédula! Flynn herdara de seus antepassados irlandeses o fascínio físico e o dom da poesia, não a honestidade. Aceitara, sem pestanejar, as explicações vagas, as mentiras deslavadas e só nos últimos dias começara a sentir dúvidas. Mesmo assim, apenas recuperava a capacidade de raciocinar se ele estivesse ausente! Seu maior desejo agora era contar toda a verdade e expô-lo à reprovação da sociedade, um castigo que seria bem merecido.

Infelizmente, não poderia fazê-lo sem embaraçar Lara e lady Steadmore, além de declarar-se cúmplice de um ladrão inescrupuloso. Pretendia desvendar aquela trama e, quando tivesse certeza absoluta da culpa de Flynn, tentaria encontrar o verdadeiro dono das esmeraldas e procurar, de algum modo, restituir-lhe parte do que perdera. Iria dispor de seu dote e daria até o último centavo para reparar aquela injustiça.

Depois do chá, oferecido por lady Steadmore, seu estado de espírito foi se deteriorando. Os incessantes compromissos sociais, de dia e de noite, continuavam a impedir uma conversa pessoal com Lara, mas Tilly sentiu-se mais aliviada do que preocupada com essa impossibilidade. Se tivessem uma oportunidade de abrir seus corações, acabaria falando sobre Flynn e as esmeraldas e preferia não tocar nesse assunto. Não ouvira nenhum rumor sobre jóias roubadas e não seria a primeira a fazê-lo!

Na manhã anterior à da regata, Tilly já perdera todo o entusiasmo pelo evento.

Jonas, porém, fora várias vezes até o jardim para avaliar o vento.

— Vocês podem ficar tranquilas! — informou ele, satisfeito. — Não há indício nenhum de que uma tempestade tropical venha a ameaçar nosso passeio.

— Eu gostaria de ver uma — protestou Tilly. — Essas tempestades são famosas.

— Por Deus, querida! — Lara não escondia seu horror. — Você não tem noção do que está falando. Iria ficar apavorada.

— Mas estaríamos em segurança, não? Esta casa fica longe do mar.

— Não se trata de uma tempestade com raios, trovões e muita chuva, srta. Templeton — explicou Jonas. — Um furacão espalha o caos por um diâmetro de centenas de quilômetros.

Atônita, Tilly tentou lembrar-se das informações que lera sobre a Jamaica. A ilha tinha cerca de duzentos quilômetros de comprimento e oitenta de largura. Como poderia imaginar que uma tempestade fosse ainda mais extensa?

— Os furacões vêm do mar, mas frequentemente avançam sobre a ilha. O vento é tão forte que arranca árvores como se fossem palitos de fósforo e telhados como simples folhas de papel.

— Agora entendo por que Lara ficou tão horrorizada comigo! Acho melhor não ver nenhuma dessas calamidades.

— Não se preocupe, Tilly. Não estamos na época de furacões, que geralmente vêm depois de agosto.

— Ainda bem, Lara. Eu estarei viajando de volta para a Inglaterra no início de julho.

— Ah! Pensei que a convenceria a ficar mais alguns meses. Com um olhar de relance, Tilly notou uma expressão fugidia no rosto de Jonas Whitby. Ele sempre se mostrara um anfitrião gentil e generoso, mas tinha certeza que estava contando os dias até sua partida!

Às dez da noite, o mordomo trouxe o chá e Jonas retirou-se, deixando as duas amigas sozinhas. Ambas preferiam evitar uma conversa sobre seus problemas particulares e só comentaram as próximas reuniões sociais.

— Você esteve muito inquieta nos últimos dias, Tilly. Espero que não ache a vida na Jamaica muito monótona depois de ter convivido com a sociedade estimulante da Inglaterra.

— A vida social em Hollowdean praticamente não existe. — Tilly deu uma risada alegre. — Em um dia na Jamaica, tive mais compromissos e diversões do que num ano em Yorkshire.

— Então qual é o problema que a inquieta?

— Talvez vá me julgar uma ingrata. Estou adorando a temporada em sua casa, mas sinto-me culpada por divertir-me apenas, sem ocupar-me com nenhuma atividade útil. Um problema de consciência... é difícil de explicar.

Realmente, a situação também era difícil de ser entendida por Lara. As atividades de Tilly, embora não a estimulassem intelectualmente, satisfaziam a necessidade de dar um sentido à sua vida.. Mas ela não via nenhum objetivo digno de ser atingido em passar os dias passeando de carruagem por Kingston e sentando-se

cada noite em uma mesa luxuosa de casas diferentes, mas sempre com as mesmas pessoas.

— Quem sabe eu a contrato para trabalhar na cozinha — brincou Lara. — Ou, se preferir, nas cavalariças. Depois de uma semana, irá adorar pôr um belo vestido e jantar à luz de velas!

— Tem razão, querida. Amanhã, durante a regata, ficarei atenta para usufruir cada segundo de minha boa vida! — Tilly tocou a mão da amiga, mudando o tom de voz. — Sei que você está com problemas mais sérios e algo a perturba demais. Se eu puder ajudá-la... ao menos ouvindo-a desabafar, conte comigo, Lara.

— Eu agradeço a sua bondade, Tilly. — Ela abaixou a cabeça, perturbada. — Minha única preocupação é a saúde de Christopher e sinto-me muito tensa nessa época de calor úmido. Vou tomar o remédio para dormir que o dr. Jenkins me receitou.

— Não precisa ficar aqui para me fazer companhia — declarou Tilly, notando a palidez e as olheiras da amiga. — Por que não vai para o seu quarto e toma esse remédio? Eu escolherei um bom livro e também me retirarei cedo.

— Tem razão, Tilly. Preciso mesmo descansar e ficar mais bem-disposta amanhã. Quanto aos livros, os mais recentes estão sobre a escrivainha no escritório de Jonas.

As duas se despediram no corredor. Lara foi em direção ao vestíbulo e Tilly para o extremo oposto, onde ficava o escritório de Jonas. Havia realmente uma grande quantidade de livros e não seria fácil escolher. O primeiro que pegou, uma série de sermões, não despertou-lhe o interesse. Depois de folhear mais dois ou três, percebeu que mal conseguia terminar uma frase e não por sono ou por efeito do vinho tomado no jantar. Estava, pura e simples mente, sendo envolvida por um tédio incontrolável!

A colônia britânica na Jamaica era uma sociedade artificial, um pedaço da Inglaterra transferido, com sérias imperfeições, para o Caribe. Formal e com uma rígida divisão de classes, contrastava com a exuberância vibrante da população nativa. Aliás, a maneira de encarar os habitantes da ilha, como se fossem socialmente invisíveis, irritava Tilly de tal modo que preferia não tocar no assunto e provocar as discussões inevitáveis. Após vinte anos de abolição da escravidão, a situação não se alterara naquele pequeno mundo, e não se dera nenhum passo para diminuir as diferenças entre ingleses e jamaicanos.

Nessa sociedade formal, transplantada e que era mantida como uma flor de estufa sob o abrigo de barreiras protetoras, Tilly tinha a impressão de não ter saído de Yorkshire, Bath ou Dover.

Sem olhar mais para os livros, Tilly começou a examinar a coleção de arte primitiva reunida por seu anfitrião. Jonas demonstrava um interesse bastante amplo, que ia de bustos egípcios e amuletos indianos a peças de cristal de Veneza, além de jóias e esculturas de jade chinesa. Mais uma vez, sentiu-se apática e culpou a vida indolente que acabaria afetando-a.

E, logicamente, a falta de uma ocupação deixava-lhe muito tempo livre para pensar no desaparecimento de Flynn. Já analisara a situação sob os mais diferentes ângulos sem chegar a uma conclusão. Mas, se Lucas fosse o patife que aparentava ser

e tivesse mesmo fugido com as esmeraldas, ela estava envolvida em sérios problemas!

Tilly inclinou-se para admirar melhor a escultura maia sobre a escrivaninha, uma peça nova que ainda não havia visto. Como se sua mente girasse em círculos, voltou a pensar em Lucas Flynn. Lady Steadmore lhe dissera que ele jamais quebrava uma promessa, mas, quando não comparecera ao jantar oferecido para a sua sobrinha, a velha senhora tinha ficado nitidamente desorientada. Ele nem mesmo enviara um cartão pedindo desculpas! Portanto, ou fugira com as jóias ou...

Uma sombra às suas costas provocou uma sensação de incontável alívio em Tilly. A julgar pelas experiências anteriores, só poderia ser o homem em quem pensava!

Então, ela sentiu dedos fortes envolvendo seu pescoço e, percebendo seu engano, tentou reagir. Já não havia mais tempo. A pressão aumentava, impedindo-a de gritar por socorro, e suas mãos não tinham força para afastar o círculo de ferro que a estrangulava.

Aos poucos, o ar parou de entrar em seus pulmões. A visão se toldou e um manto negro envolveu-a, abafando todos os sons e arrastando-a para o abismo.

Uma lenta ascensão de volta ao mundo, que, no início, resumia-se a ruídos desconexos. O primeiro dos sentidos a retornar foi a audição. Passos rápidos, cujo som sugeria urgência, vozes elevadas, coléricas ou angustiadas? Acima de todos os barulhos ecoava um zumbido, forte como o estrondo de ondas batendo sobre rochedos.

Vagamente e ainda distante, uma voz familiar gritava angustiada. A voz de Lara.

— Oh, Deus! Não! Não é possível!

Tilly tentou abrir os olhos. Apesar de sentir que não teria forças para levantar as pálpebras, pesadas e sem movimento próprio, conseguiu entrever um homem inclinado com o rosto muito próximo e as mãos sobre seus ombros. Era Jonas. Com uma exasperante lentidão, a consciência começava a voltar, e com a lucidez vinham as outras sensações. Sua garganta doía atrozmente enquanto se engasgava e tossia, tentando encher os pulmões de ar, enchê-los de vida.

Lara entrou correndo no escritório e ajoelhou-se ao lado do corpo de Tilly, inerte sobre o tapete.

— Oh, Jonas! Você conseguiu... ela está...

— Controle-se, Lara — a voz de Jonas emanava uma autoridade reconfortante.

— Começa a recuperar os sentidos.

— Mas, por quê?

— A máscara. Encontrei-a segurando a máscara.

Os dois ergueram abruptamente a cabeça com a súbita entrada de Christopher, pálido e cambaleante. Tilly conseguiu abrir mais os olhos e o viu, barbeado, com roupas limpas, mas tão estranho quanto no dia em que ele chegara e desmaiara no vestíbulo.

A imagem do irmão de Lara que ficara gravada na mente de Tilly não correspondia a essa criatura digna de dó. Onde estava o rapaz atlético, de ombros largos e aparência vigorosa? Via agora um homem esquelético, com roupas largas que pendiam de sua ossatura à flor da pele. O rosto que, ainda adolescente, julgara

sensível, mas firme e atraente, revelava fraqueza e dissolução. Os olhos, porém, não podiam pertencer à mesma pessoa! Acentuados por profundas olheiras, quase violáceas, não se fixavam em nenhum ponto, vagos e sem expressão.

Ele se aproximou, vacilante, derrubando uma mesinha à sua passagem. Sem ouvir os ruídos que provocara, avançava em direção ao grupo reunido no centro do escritório.

— Malditos! Não vão se livrar de seus crimes! — Christopher brandia o punho cerrado, gritando com a voz aguda e descontrolada de um louco. — Pensam que podem me prender, me trancar nesta prisão, mas não vou suportar. Sei o que aconteceu e contarei tudo, tudo mesmo!

Leander e outros dois criados irromperam nos aposentos, correndo para agarrar Christopher. Ele os empurrou para longe com uma força inexplicável em alguém tão frágil. Então, Jonas atirou-se sobre o cunhado e ambos rolaram pelo chão, empenhados em uma luta brutal.

Os dois brigavam em silêncio. No escritório ouvia-se apenas o som de seus golpes e os apelos desesperados de Lara. Christopher lutava com a violência de um ser humano dominado pela loucura, e a força superior e a frieza emocional de Jonas custaram a derrotar aquele oponente que finalmente caiu, com as energias esgotadas.

Jonas levantou-se com dificuldade e procurou um lenço para enxugar o sangue que corria de sua boca. Lara também ergueu-se, lívida e trêmula, sem coragem de olhar para o irmão, ofegante e largado no chão.

— Levem-no de volta ao quarto — ordenou Jonas. — Imediatamente.

Os dois criados carregaram o corpo inerte de Christopher, e Leander ergueu Tilly do chão, deitando-a no sofá. Ela abriu os Olhos em tempo de ver Jonas passar ao lado da esposa e tocar suavemente seus ombros curvados antes de sair do escritório.

— Por favor... não me odeie, Lara...

A delicadeza na voz de Jonas surpreendeu Tilly. Ele fora brutal com Christopher, mas tratava a esposa com uma inesperada meiguice. Lara porém não falou nem se moveu, e uma lágrima deslizou silenciosamente pelo rosto angustiado.

Frustrado, Jonas saiu do escritório sem disfarçar a raiva. Então Lara encostou a cabeça no batente da porta e entregou-se a um pranto desesperado. Tilly tentou erguer-se no sofá, incapaz de compreender o que se passara ou por que acontecera. Ainda tonta e ligeiramente nauseada, percebeu que a amiga sentava-se a seu lado.

— Ele... tem estado sob uma tensão... insuportável, Tilly. Por favor, perdoe-me por expor você a uma situação... tão penosa e...

Embora tentasse, Tilly não conseguia falar, e apenas um som rouco saía de sua garganta dolorida. Sentia-se muito mal, mas pelo menos estava viva! Sem dúvida, logo recuperaria a voz e...

Naquele momento, Agnes chegou ao escritório e Lara conseguiu recuperar uma aparência de relativa calma.

— A srta. Templeton desmaiou.

Juntas, as duas mulheres ajudaram Tilly a chegar até seu quarto e a colocaram na cama. Apesar de ainda estar tonta e confusa, ela queria explicações, respostas para

suas dúvidas. Por que tinha sido brutalmente atacada? E por que Lara precisava mentir a Agnes? Mas, sempre que tentava falar, só conseguia emitir aquele exasperante som rouco e inarticulado.

Lara inclinou-se sobre a cama e em seu rosto, muito próximo ao de Tilly, lia-se seu desespero.

— Não tente falar, querida. Já lhe demos um calmante e, depois que repousar, se sentirá recuperada. Descanse bem esta noite. Amanhã cedo eu me esforçarei ao máximo para explicar-lhe uma situação bastante confusa e penosa. Enquanto isso, fique certa de que estará em segurança!

O láudano começava a surtir efeito, provocando a inevitável sonolência. Perturbada demais, Tilly lutava contra o torpor do ter sido drogada e forçava-se a resistir ao sono. Lara continuava em seu quarto, caminhando de uma ponta a outra do aposento enquanto torcia as mãos e não impedia que as lágrimas corressem livremente.

— Eu fiquei sabendo do problema dele há algum tempo e não tive coragem para encarar a realidade! Agora a pobre Tilly se transformou em uma vítima da minha covardia! — Ela parou subitamente, cobrindo o rosto com as mãos. — O que devia ter feito? O que posso fazer agora? A situação chegou a um ponto insuportável e... Ah! Se ao menos Lucas estivesse aqui!

Já sem forças para lutar contra o sono, Tilly ainda teve um pensamento nítido. Concordava plenamente com Lara e gostaria que Flynn estivesse ali! Iria arrancar a verdade daquele homem a qualquer custo! Bastaria encontrá-lo à sua frente e seria capaz até de usar uma arma, um...

O sono venceu e no mundo dos sonhos, Tilly deixou para trás sua atitude marcial. Agora passeava de mãos dadas com Flynn em um paraíso colorido. Os dois pararam perto de uma cachoeira cujas gotas cintilavam com a luz pura de brilhantes preciosos. Beijavam-se apaixonadamente e ela se perdia no fascínio dos magníficos olhos verdes, tão verdes quanto as esmeraldas que formavam um tapete reluzente sob seus pés.

CAPÍTULO VII

Não havia uma réstia de luz rompendo a escuridão. Ouvia-se o estalar e o ranger da madeira enfrentando o impacto das ondas em mar aberto. Som e vibrações tão familiares quanto o bater de seu próprio coração.

A primeira sensação dele, ao recuperar a consciência, foi de dor. O balanço e os ruídos indicavam que estava num navio e, a julgar pela falta absoluta de luz, no porão. A cabeça latejava, todo seu corpo doía e sua única certeza era de que algum dia fora marinheiro.

Descobriria onde estava, agora precisava saber quem era. Passando a mão em

suas roupas, percebeu o tecido de qualidade. Usava uma camisa de linho, botas de fino couro, portanto, não podia ser um marujo da beira do cais. Lentamente, seus pensamentos começavam a ficar menos confusos e lembrou-se de um nome, Lucas Flynn. Tiger Flynn. Seria ele?

A tentativa de concentrar-se aumentava a dor atroz que sentia na parte posterior da cabeça, mas o esforço provocou o efeito desejado. Sim, chamava-se Lucas Flynn!

— Com todos os diabos!

Ele mal reconheceu sua própria voz e assustou-se ao ouvir uma exclamação sonora ecoar em algum canto daquele porão escuro.

— Ah! Acordou? Graças a Deus! Hoje de madrugada você parou de se debater e eu pensei que tivesse chegado sua hora, rapaz.

A voz soava familiar aos seus ouvidos, e, tentando distinguir o vulto a poucos passos dele, Flynn também reconheceu o homem enorme que a escuridão impedia de ver os traços do rosto. Infelizmente não conseguia ligar o seu companheiro de prisão a um nome qualquer.

— Quem é você?

— Ora! O velho Red Skelly, é claro! Não vá me dizer que esqueceu da nossa viagem cruzando o cabo Horn em direção aos mares da China.

A mente de Flynn começava a se clarear. Lembrava-se de Red Skelly, um marujo corajoso com sangue dos índios Arawak, os habitantes nativos da Jamaica, quase totalmente exterminados pelos espanhóis e ingleses.

— Não me esqueci de você e fico muito mais tranquilo sabendo que estamos os dois nesta enrascada. Juntos encontraremos um jeito de escapar daqui. Antes, porém... como vim parar neste maldito porão?

— Do mesmo jeito que eu, rapaz! Com uma pancada na cabeça! Nós dois estávamos naquela taverna imunda, a Crown and Gater, onde fui para dar-lhe as informações que você me pediu para descobrir. Calei a boca quando o dono chegou perto da nossa mesa, mas acho que ele ouviu sua pergunta sobre o nosso velho amigo Christopher Burlinghome, que Deus o ajude! Então, um homem mal-encarado bateu com a pistola na sua cabeça e depois na minha. Acordei aqui...

Agora Flynn revia toda a cena. Fora na noite do baile do governador e ele tinha ido a um botequim imundo no cais. Lembrava-se do ambiente escuro, do cheiro de comida gordurosa e de corpos suados. Vira um grupo de homens de aparência suspeita em uma mesa próxima e... mais nada! Tocando a parte posterior da cabeça, sentiu o calombo do tamanho de um ovo e as mechas de cabelos embaraçadas pelo sangue que já secara.

A última peça do quebra-cabeças se encaixou na mente de Flynn. A expedição de Christopher Burlinghome, as esmeraldas, os armazéns de Jonas Whitby e a impetuosa jovem de olhos prateados! Daria alguns anos de sua vida para saber o que a temperamental srta. Templeton estaria pensando neste instante!

Com um movimento brusco, tocou a parte de trás da bota e suspirou aliviado. Não havia descoberto seu esconderijo! Esse fato e a sorte de ter Red Skelly a seu

lado davam-lhe uma tênue esperança de escapar daquela armadilha.

— Até que ponto você se arriscaria para fugir daqui, Skelly? — Se tem algum plano, arrisco tudo, rapaz. Mas não se anime muito... a situação é dura porque desta vez arranjou adversários poderosos, camarada. E agora esses bandidos também são meus inimigos, por isso... conte comigo pra tudo!

— Ótimo, velho amigo! Vai ser de um momento para o outro, quando surgir uma oportunidade que se possa aproveitar, portanto, mantenha-se alerta.

— Sempre fico alerta, rapaz. Até agora não tentei nada porque não ia largar você nas mãos deles.

— Há quanto tempo estamos aqui?

— Três dias, pelo que pude perceber.

— Três dias! — exclamou Flynn, horrorizado. — Então devemos estar chegando ao Brasil!

— Nem perto, rapaz. Saímos em direção à Hispaniola, mas encontramos uma tempestade infernal e o capitão alterou a rota ontem. O marujo que traz água e comida disse que estamos voltando para Kingston.

— E explicou o motivo dessa mudança?

— O sujeito é mudo como uma porta.

Enquanto tentava imaginar quais seriam as ordens dadas ao capitão daquele navio, Flynn escutou ruídos abafados, mas familiares demais para que ele ignorasse seu significado. Ouviu a vibração das amarras no cabrestante, o ranger metálico da corrente da âncora. Tinham chegado ao seu destino, um lugar que nem sequer desconfiava onde fosse! Se pretendiam escapar, era o momento de agir!

O alçapão foi removido e a claridade cegou Flynn por alguns instantes. Ao recuperar a visão, notou que, a não ser por alguns fios de cabelo branco, Red Skelly não mudara e continuava a entendê-lo apenas através de um olhar.

O marujo descia agilmente, carregando um lampião, dois cantis e uma sacola com a comida. Quando pisou no último degrau, viu Flynn estirado no chão, imóvel e silencioso, enquanto Skelly, também deitado, contorcia-se, gemendo de dor.

— Ei! — O marujo tocou-o com o pé. — O que está acontecendo com você?

A resposta foi um novo gemido, e o marinheiro aproximou-se relutante. Com o pânico partilhado por todos os homens do mar diante de uma febre maligna, o rapaz deu um salto para trás quando Skelly ergueu um braço, como se estivesse se contorcendo de dor. O movimento brusco alterou-lhe o equilíbrio e Flynn agiu

sem perda de tempo, imobilizando-o e encostando uma faca em seu pescoço.

— Não grite ou será o último som que sairá da sua garganta! Skelly levantou-se rapidamente e retirou o punhal do marinheiro, brandindo-o ameaçadoramente.

— E, se tentar qualquer truque sujo, vai virar comida de tubarão! — rosnou Flynn, ameaçador.

Uma aventura sem muitas chances de sucesso, mas Flynn não desistiria de tentar nem de lutar até ser derrotado.

Dez minutos mais tarde, os três percorreram o convés, encobertos pela tênue claridade da madrugada. Flynn reconheceu o navio, velho, e uma das únicas

embarcações holandesas que ainda navegavam pelo Caribe. Tivera vários donos e o mais recente a batizara de Venture. Também conhecia o capitão que o comandava, um indivíduo de má reputação, ganancioso a ponto de vender a própria alma.

Em seu camarote, o capitão Folling, um homem corpulento e impaciente, examinava as cartas marítimas. O mau tempo arruinara seus planos e, de péssimo humor, esperava o dia amanhecer ara seguir uma nova rota. O vento soprava na direção de Kingston e não levaria duas horas para retornar à baía. No entanto, e voltasse, estaria se arriscando muito. Teria de alcançar as correntes a leste da ilha e...

Ouvindo baterem à sua porta, ele praguejou irritado. Só podia ser o imediato, que fora verificar se a neblina estava se dissipando. Sem levantar os olhos, mandou que entrassem.

O lampião iluminava apenas a escrivaninha com os mapas, o resto do camarote permanecia na penumbra. Uma súbita sensação de perigo alertou o capitão, que virou-se abruptamente e viu-se diante do homem que lhe haviam pago para raptar!

— Pela alma de Barba Negra! — berrou ele furioso com seu próprio marinheiro. — Por que diabo tirou este maldito do porão?

— Ele falou que tem um bom negócio pro senhor, capitão.

Antes que Folling tivesse tempo para abrir a boca, Flynn esticou o braço. Sobre a palma de sua mão cintilava uma enorme esmeralda, cujo brilho esplêndido empalidecia até a luz do lampião.

Boquiaberto, o capitão não desviava o olhar daquela maravilha, a maior e mais perfeita esmeralda que já vira em toda a sua vida. Por pedras preciosas como essa, homens matavam e morriam! A cobiça e um incontrollável desejo de possuí-la acentuou a ganância sempre presente em sua expressão. Cego pela ambição, não notou o brilho verde, tão intenso quanto o da esmeralda, nos olhos de seu prisioneiro e não percebeu o perigo iminente.

— O que acha, capitão? Uma pedra magnífica e talvez a única, certo? Se pensou que não existe outra igual, está muito enganado — Flynn falava em voz baixa, num tom quase hipnotizante. — Tenho muitas, tão grandes e tão perfeitas... uma grande quantidade que poderia ser dividida entre nós. Consideremos essa partilha como o pagamento do meu resgate. Se me levar até a praia e me soltar para que eu as tire do esconderijo, será um dos homens mais ricos do mundo!

— Onde estão as outras? — perguntou o capitão, sem disfarçar sua avidez.

— Escondidas na ilha. Eu as guardei muito bem, mas não sou ganancioso e, se me levar até a praia, as dividirei igualmente entre nós.

Agora o capitão Folling entendia por que lhe haviam oferecido uma fortuna para levar aquele homem com olhos de tigre para Hispaniola! Lá, poderiam torturá-lo até descobrirem onde ele escondera as fantásticas esmeraldas e quem o contratara não se deteria diante de nada para apoderar-se de jóias tão esplêndidas.

Se sua ganância não fosse maior do que sua inteligência, Folling teria percebido a armadilha. Disposto a ficar com todas as pedras, tentava elaborar um plano para matar o prisioneiro quando sentiu um braço rodear-lhe o pescoço e a ponta do punhal rasgando-lhe a camisa. Imóvel, ele reconheceu que fora derrotado e qualquer

movimento significaria a morte.

— Tomou uma decisão acertada, capitão! — Flynn aproximou-se para tirar-lhe a pistola e o punhal. — Sempre é melhor viver, certo?

— Traição! — rosnou Folling, frustrado. — É um...

— Não perca tempo com tolices! — Apontando a pistola para o capitão, Flynn sentou-se diante dele. — Temos negócios urgentes a discutir!

A neblina ainda não se dissipara por completo quando um dos botes do Venture começou a afastar-se do navio, em direção à terra firme. O sol começa a surgir no horizonte, iluminando a praia deserta, uma beleza pura que não podia ser maculada por lutas sangrentas.

Os três homens desembarcaram. Folling entre Flynn e Skelly. A distância, o imediato acompanhava a cena com a ajuda de binóculos, certo de que tudo corria bem. Só quando penetraram no bosque ao longo da praia a pistola surgiu, brilhando à luz do sol.

— Eu preferia não matá-lo, capitão — disse Flynn, que apontava a arma para o peito de Folling. — A sua vida depende apenas de um detalhe... o nome do homem que o contratou para me raptar.

— Não sei... ele não disse...

— Não banque o idiota! Ou fala ou morre, Folling!

— Eu juro! Pela alma de minha mãe...

Skelly acompanhava a cena à espera do inevitável desenlace. Flynn tinha de matar aquele maldito Folling, porque ele nunca arriscaria a falar a verdade!

— Certamente já pensou que eu posso matá-lo e esconder seu corpo entre as árvores, Folling. E garanto-lhe que o farei se não me disser o nome desse homem!

— Fritz... — o medo da morte inevitável foi maior do que a possibilidade de uma vingança, da qual teria chances de escapar. Eu estava saindo quando ouvi alguém chamá-lo de Fritz, mas não sei o sobrenome.

A expressão de Flynn provocou pânico em Folling. Certo de que ele não o pouparia, começou a tremer convulsivamente.

— Vá embora! — a voz de Flynn era tão alarmante quanto seu olhar. — Volte para o navio sem se virar para trás.

Apavorado, Folling correu como se estivesse sendo perseguido pelo demônio. Flynn e Skelly ouviam o barulho de seu corpo batendo nos galhos e esperaram até que ecoasse o som do barco se afastando da praia.

— Ele vai remar com tanta força que chegará ao navio sem fôlego! — Flynn deu uma gargalhada satisfeita. — Não levará cinco minutos...

— Acho que vai demorar mais, rapaz! Eu furei o fundo do barco!

Os dois caíram na gargalhada e Flynn bateu amigavelmente nas costas do velho marinheiro.

— Você continua eficiente, Skelly! Deu-me as informações que eu precisava e são de um valor incalculável, além de ter idéias brilhantes. O que acha de trabalhar só para mim?

— Bem, nada me prende a lugar nenhum! — O rosto cor de cobre refletia

satisfação e entusiasmo. — Gosto de aventuras. Aceito, capitão Flynn.

— Prefiro que me chame só de Flynn. Vamos para Kingston.

— Então é melhor começar a caminhada. Se andarmos depressa, chegaremos à noite.

— Acho que a viagem será bem mais rápida, Skelly. Venha comigo e verá.

Ele seguiu Flynn através do bosque até chegarem a uma enseada que passaria despercebida a olhos pouco atentos de quem navegasse ao longo da costa. Nas águas serenas e douradas pelo sol do início da manhã, estava o veleiro mais lindo que Skelly já vira.

— Que maravilha! É seu, Flynn!

— Sim, e está à nossa espera. É novinho em folha e deixei-o escondido porque previa uma situação desse tipo.

— E a tripulação?

— Bastam dois para manejá-lo. Minha tripulação ficou em Kingston em meu outro barco, portanto... seja bem-vindo ao Sea Urchin, primeiro-imediato Skelly.

Os dois homens embarcaram no esguio veleiro, e, pouco tempo depois, as velas se inflaram, muito alvas contra o céu azul. Flynn amava o instante em que sentia o barco vibrar, como se tivesse vida própria e iniciasse sua primeira aventura pelo mundo. Naquela manhã, porém, algo mais grave o impedia de usufruir um dos grandes prazeres de sua vida.

Fritz! Ouvira esse nome apenas uma vez e nunca o esquecera. Agora Folling o repetira e já não havia lugar para dúvidas. Pois esse maldito estava prestes a ter uma grande surpresa, porque chegara o momento do acerto de contas!

Felizmente, algo mais agradável do que a vingança também o esperava em Kingston: a srta. Matilda Templeton, de aparência ativa e coração ardente! Sem dúvida ela estava furiosa com sua

deserção, mas, quando soubesse que fora raptado, a raiva daria lugar à curiosidade e talvez até a uma certa benevolência... amorosa!

Tão logo resolvesse seu problema com Fritz, iria procurá-la e reconquistar suas boas graças. Era um alívio saber que ela estava em segurança sob a cuidadosa vigilância de Lara.

Nas primeiras horas da manhã, enquanto o Sea Urchin iniciava a viagem para Kingston, um marinheiro via o homem, a quem entregara uma carta lacrada, queimá-la até só restarem cinzas.

— Idiota! Eu devia saber que aquele imbecil não seria capaz de completar essa tarefa! — Controlando a fúria, olhou para o marinheiro que continuava em sua sala. — Por que não foi embora?

— Eu... bem, o capitão Folling quer saber se tem resposta pra carta dele e...

— Diga-lhe apenas que eu farei tudo sozinho e ele pode ir para o inferno! E bem depressa ou resolvo não perdô-lo por ser tão imbecil e... Espere!

Enquanto falava, uma idéia brilhante surgira em sua mente. Errara ao permitir que a raiva o impedisse de raciocinar friamente. A primeira armadilha falhara, mas a próxima teria sucesso. Só precisava usar uma outra isca e conseguiria atingir seu

objetivo sem nenhum problema. E agora descobrira a quem procurar para que a atração fosse irresistível e fatal.

Depois de escrever rapidamente um bilhete, ele lacrou a carta e entregou-a ao marinheiro. Não assinara sua mensagem porque o destinatário saberia de imediato quem a enviara.

— Entregue este envelope à sra. Thorne em Prince's Court. Tem de ser pessoalmente, entendeu? Ninguém mais além dela pode pôr as mãos neste papel, e, se isso acontecer, comece a rezar, porque eu o matarei!

— Mas... e se essa mulher não estiver em casa?

— Mande alguém ir à procura dela e fique esperando-a o tempo que for preciso!

— Sim, senhor — murmurou o marinheiro, nitidamente apavorado.

Quando ficou sozinho, ele recostou a cabeça no espaldar da cadeira e reviu os detalhes de seu novo plano. Sem dúvida encontrara o caminho ideal, embora preferisse ser mais sutil. Infelizmente, Flynn o forçara a agir precipitadamente e detestava que o apressassem.

Por um instante, arrependeu-se sinceramente da decisão que tomara e exigiria um certo sacrifício da parte dele. Apesar de tudo, acabara simpatizando com aquela jovem corajosa e era uma pena ser obrigado a incluí-la em seus novos planos, que iam contra seus princípios. Essa armadilha também poderia falhar, mas, depois dos problemas causados por Christopher na noite anterior, havia grandes chances de sucesso.

Servindo-se de uma generosa dose de conhaque, ele sorriu, satisfeito com sua esperteza. Sempre fora um jogador e corria riscos sem medo de perder. A confiança na vitória ajudava a vencer e ficara milionário porque não hesitava em tomar a atitude necessária no momento certo. Não adiantava sentir pena porque só lhe restava essa opção.

O som muito baixo não seria suficiente para acordar ninguém, mas Tilly abriu os olhos certa de que dormira apenas alguns minutos. Lembrava-se nitidamente do quarto iluminado pelas velas e agora via o sol forte entrando pelas frestas das venezianas. Teriam se passado tantas horas?

Os outros fatos da noite anterior já não estavam tão claros em sua mente. Lara a acompanhara até o quarto e lhe dera algum remédio, talvez uma dose muito forte de láudano e por isso sentia-se confusa. Aliás, ainda continuava ligeiramente tonta e com um gosto estranho na boca.

Passos muito leves soaram a seu lado, e então Tilly entendeu por que despertara. A jovem criada fora colocar a jarra de porcelana sobre a cômoda e, acidentalmente, derrubara um vidro de perfume.

— Bom dia! — disse Tilly ainda com dificuldade, pois a garganta continuava ligeiramente dolorida. — Que horas são?

— Sete e meia, senhorita.

— Então pode abrir as venezianas.

Sem disfarçar o nervosismo, a jovem criada apressou-se a obedecer, olhando com ansiedade por cima dos ombros.

— Por favor, não fique tão preocupada com o vidro que quebrou. — Tilly sorriu para a jovem de cabelos claros e traços pouco marcantes que nunca viera a seu quarto antes. — Eu não sou uma fera!

— Eu sei, mas... oh, senhorita! Desculpe-me por ter feito barulho... não queria que acordasse. A sra. Whitby vai ficar furiosa comigo! Ela deu ordens expressas para que ninguém a perturbasse hoje, mas que verificássemos o seu estado de hora em hora. Enquanto estivesse ausente, é claro!

— Ausente?

Confusa e sonolenta, Tilly não conseguia imaginar por que Lara teria acordado tão cedo! Ao avistar o céu, muito azul, através das portas do terraço, lembrou-se da regata.

— Mas é evidente! — exclamou ela, aflita. — A ilha das Conchas...

— Exatamente, senhorita. A sra. Whitby saiu há menos de quinze minutos com o grupo de lady Steadmore. Todos foram para o Iate Clube e ela pediu-me que a convencesse a passar o dia na cama, a fim de repousar bastante.

Só então a criada lembrou-se de entregar a Tilly o bilhete que guardara no bolso de seu avental.

— Desculpe-me novamente, senhorita. Ela deixou-lhe um recado e eu ia me esquecendo...

Sentando-se na cama, Tilly leu a mensagem de Lara.

"Por favor, nos perdoe. Agora tudo está sob controle e fechado no quarto. Voltarei o mais depressa possível. Beijos, Lara."

Controlando as lágrimas, Tilly sentiu-se abandonada pela amiga. Como Lara podia deixá-la sozinha e sair alegremente para participar de uma regata depois do que acontecera?

Subitamente, Tilly compreendeu o que a dor e o choque a haviam impedido de perceber na noite anterior. Ela voltara a si e vira Jonas segurando-a pelos ombros. Lara chegara depois e concluíra que seu atacante tinha sido Christopher. Uma dedução lógica, mas...

Voltando a deitar-se, Tilly tentou reconstituir a seqüência dos acontecimentos. Lembrava-se de ter segurado a máscara, visto a sombra refletir-se na parede à sua frente e, antes de poder virar-se e olhar para trás, fora atacada. Perdera a consciência sem saber quem pretendia estrangulá-la. Seria o irmão ou... o marido de Lara?

— Onde está o sr. Whitby? — perguntou ela, subitamente tensa. — Também participará da regata com os outros?

— Oh, não! O patrão saiu para a sua cavalgada matinal, senhorita. Logo estará de volta.

Lara ausente, Flynn desaparecido e Jonas retornando para Coeur d'Émeraude! Cedendo ao pânico, Tilly levantou-se rapidamente da cama, sem pensar na brutal dor de cabeça. Não pretendia ficar naquela casa sem a amiga e um quarto de hora não era tempo suficiente para que todos tivessem partido. Aliás, o sr. Keating combinara o encontro em seu barco para as sete e meia, portanto, ainda poderia alcançá-los!

— Estou me sentindo muito melhor e decidi ir ao encontro de Lara. Não quero perder essa famosa regata! Pode pedir a alguém que prepare a charrete e me leve até Deadman's Cove dentro de dez minutos?

— Por favor, senhorita! A sra. Whitby ficará furiosa comigo! Disse que precisava repousar.

— Bobagem! Sinto-me ótima e Lara não é tão malvada quanto você pensa! Vá avisar o chefe das cavalaria e ao voltar traga-me uma xícara de café, por favor.

A criada saiu correndo do quarto e, ao retornar, encontrou Tilly vestida, penteada e já pegando seu chapéu de abas largas.

— Eu não devia deixá-la ir, senhorita — dizia a criada, angustiada. — Por isso seria melhor se saísse pela escada dos fundos, assim ninguém a veria. É só acompanhar a aléia com o piso de tijolos e encontrará Emanuel à sua espera com a charrete.

Tilly seguiu as instruções da criada e percebeu que tomara a decisão mais correta. Conseguira sair da casa sem que ninguém a visse, mas ainda não estava fora de perigo. Correu para a charrete e subiu sem esperar a ajuda do cocheiro. Em sua precipitação, nem notou que perdera o laço da sandália ao resvalar o pé no estribo.

Só quando já estavam na estrada que margeava a praia, que Tilly suspirou aliviada. Agora podia pensar na regata e em Lucas Flynn! Tinha certeza de que ele iria participar e pretendia tratá-lo com frieza, a fim de demonstrar seu desinteresse.

Enquanto ensaiava as palavras que iria dizer, avistou uma paineira e, irracionalmente, sentiu um pressentimento funesto. Seria mesmo uma idiota se acreditasse nas histórias daquele fascinante mentiroso! Espíritos dos mortos... que tolice!

Subitamente a charrete parou e Tilly surpreendeu-se ao avistar a praia deserta e apenas um barco preso ao cais. Aliás, uma embarcação bem menor do que ela imaginara!

— Tem certeza de que é aqui?

— Lógico, senhorita.

Tilly ainda relutava em descer da charrete quando avistou o tenente Metcalf e seu amigo Franklin Thoms vindo em sua direção, com elegantes trajes de iatismo.

— Srta. Templeton! Que surpresa maravilhosa! Soubemos que estava indisposta e que não nos daria o prazer de sua companhia.

— Eu... quase perdi a hora. — Ela devia ter se preparado para esse tipo de pergunta e, ainda tonta pelo efeito do remédio, custou a recuperar a rapidez de raciocínio. — Dormi muito mal e acordei tarde, mas não me conformaria se perdesse esse evento especial! Espero que tenham lugar para mim. O sr. Keating...

— Há lugar de sobra, senhorita. E, na verdade, eu serei o capitão! — Metcalf anunciou, orgulhoso. — O sr. Keating teve de ficar nos armazéns. É o preço que pagam os homens de negócios!

— É uma pena. Eu pensei...

Atônita, Tilly calou-se ao ver a sra. Thorne saindo da casa que pertencia ao Iate Clube. Estava vestida para um baile, não para uma regata. E sozinha!

— Sra. Thorne! — Metcalf gritou para chamar-lhe a atenção. Veja que sorte! A

srita. Templeton também irá conosco!

Virando-se bruscamente, a sra. Thorne mal disfarçou seu aborrecimento ao avistar a recém-chegada. Com muito esforço, conseguiu sorrir, e Tilly compreendeu muito bem essa reação. Passar o dia ao lado daquela mulher antipática seria um sacrifício e tiraria grande parte de seu prazer em participar da regata. Entretanto, sentiu uma inexplicável sensação de alívio e um desejo incontrollável de provocá-la.

— Sra. Thorne? — Ela a fitou com uma expressão de ingênua perplexidade. — Que surpresa encontrá-la aqui! Pensei que tivesse sido convidada para inaugurar o barco do sr. Flynn!

— Atrasei-me quinze minutos — disse a viúva com uma expressão de raiva. — Ele é tão indelicado que partiu sem mim!

— Como já lhe havia dito que faria, sra. Thorne. Tiger não suporta atrasos e não espera por ninguém. Foi avisada, portanto, não tem do que reclamar.

Contrariada, a sra. Thorne não deu atenção ao jovem Metcalf e, ao virar-se para Tilly, notou sua palidez e sorriu satisfeita.

— Espero que seja uma boa marinheira, srita. Templeton. Não pense que terá o conforto e a estabilidade de um navio. Estes malditos barquinhos pulam e oscilam de um lado para o outro o tempo todo. Para cima e para baixo também! Algumas pessoas passam muito mal e ficam terrivelmente enjoadas, mas, sem dúvida, você resiste a tudo.

Erguendo o queixo, Tilly decidiu que se atiraria na água para ser devorada pelos tubarões antes de demonstrar qualquer fraqueza diante daquela víbora! O ar fresco ajudaria a não sentir-se enjoada e também a clarear sua mente, ainda ligeiramente confusa. Suas reações não haviam voltado ao normal e aceitou o auxílio do sr. Thoms para entrar no barco, já com as velas levantadas e pronto para partir.

Aos poucos, a praia foi ficando distante e o tenente Metcalf, de binóculos, observava o horizonte.

— Sinto dizer-lhe, mas teremos que nos esforçar um pouco. Os outros barcos estão na nossa frente porque nos atrasamos para partir.

Quase fechando os olhos para enxergar melhor, Tilly via apenas alguns pontos brancos no horizonte e, pela aparência, só podiam ser nuvens.

— Não consigo ver uma única vela!

— Tente com o binóculo, srita. Templeton — disse Metcalf sorrindo. — Ninguém tem uma vista tão boa a ponto de conseguir avistar os barcos a dezenas de quilômetros!

Apesar de todo o esforço, Tilly percorreu inúmeras vezes a linha do horizonte, avistando apenas o brilho do sol sobre o mar. Realmente não tinha condições de distinguir qualquer contorno que se assemelhasse a um barco. Talvez ou outros houvessem par tido com horas de antecendência, ou a tontura, que ainda sentia, lhe toldasse a visão.

— Temos chances de alcançá-los, tenente Metcalf?

— Sem dúvida alguma, srita. Templeton. O único iate que pode competir em pé de igualdade com o Whisper é o Sea Urchin de Tiger Flynn. Mas ele saiu pelo outro

lado da baía e, com este vento, seremos os primeiros a chegar.

Sentindo a carícia do sol em seu rosto e o vento agitando seus cabelos, Tilly sorriu, feliz por estar vivendo aquela aventura.

Alguns minutos antes das oito da manhã, Flynn chegou a Coeur d'Émeraude. Depois de entregar sua montaria a um dos jovens cavaleiros, dirigiu-se ao pórtico e ia erguer a aldrava quando a porta se abriu e Lara saiu correndo e sem olhar para onde ia. Ele evitou uma colisão segurando-a firmemente pelos ombros, mas, ao fitá-la, não teve dúvida de que algo muito grave acontecera.

— O que houve? Christopher?

Tomada pelo pânico, Lara não conseguia emitir um único som e demonstrava seu desespero puxando a manga do casaco de Flynn balançando a cabeça num gesto de negação.

— Então o que aconteceu? Fique calma, Lara! Não pode ser tão grave assim!

Ela passou da mudez ao pranto convulsivo, e Flynn não tinha condições de compreender o que Lara murmurava, entre soluços e gemidos desesperados. Percebendo que se tratava de uma crise de histeria, levou-a até a saleta íntima e serviu-lhe uma dose de conhaque.

— Sente-se, beba e tente acalmar-se, Lara!

Ela tomou a bebida num único gole e o efeito do álcool aliado e serena autoridade de Flynn a ajudaram a se recompor.

— Oh, Lucas! É Tilly! Ela desapareceu e ninguém sabe quanto sumiu nem para onde foi!

Tenso e alerta, Flynn já não tinha mais paciência para acalmar Lara. Queria explicações o mais rapidamente possível.

— Conte tudo desde o começo e com clareza!

— Eu não estranhei quando Tilly não veio encontrar-me para tomarmos juntas o café da manhã, porque sabia que o láudano lhe daria sono. Só fui procurá-la mais tarde e encontrei apenas Atines, que estava arrumando os vestidos. Cuspei a perceber que ela havia desaparecido de casa sem deixar nenhuma mensagem.

— Procuraram por ela em toda a propriedade?

— Formamos um grupo de busca, mas não a encontramos. Tilly realmente sumiu sem deixar rastros e... oh, Lucas! A culpa é minha! Eu a convidei mesmo sabendo que tínhamos problemas em casa porque precisava tanto da presença dela a meu lado! Fui egoísta, não devia...

— Quando a viram pela última vez?

— Ontem à noite. Saí do quarto dela quanto vi que estava dormindo profundamente e... será que o láudano afetou sua mente e...

— Pare de se culpar, mulher! — explodiu Flynn, tentando decifrar aquele mistério e irritado com as lamentações de Lara. — Onde está Christopher?

— Trancado em seu quarto e dormindo. Jonas deu-lhe um sedativo forte e Leander foi vê-lo há instantes.

— E Jonas?

— Saiu bem cedo porque surgiu mais algum problema nos armazéns. Quando tive

certeza de que Tilly havia desaparecido, enviei um criado para avisá-lo. Não sei se o encontrarão logo, por isso... ajude-me, Lucas!

— Quero falar com essa... Agnes e também com Leander. Ele irá conversar com os cavaleiros enquanto eu falo com a criada de Tilly.

Lara chamou Bernard, que não demorou a voltar seguido por Agnes. A criada não disfarçava sua irritação.

— Não tenho a menor idéia do que a senhorita possa ter feito. Ela jamais se abriu comigo.

— Fique calma, Agnes — disse Lara. — Ninguém suspeita que...

— É essencial localizar a srta. Templeton com a maior urgência — interrompeu Flynn, impaciente. — Quando a viu pela última vez?

Apesar de intimidada pelo tom áspero de Flynn, Agnes cometeu o erro de encará-lo com uma expressão desdenhosa. O brilho perigoso daqueles olhos verdes a assustou e foi obrigada a baixar a cabeça.

— Ontem à noite, senhor. Deixei-a dormindo e fui para o meu quarto. Quando ela não me chamou hoje cedo, fui procurá-la e já havia partido.

Agnes falara depressa demais e como se tivesse decorado aquela explicação banal. Flynn percebeu imediatamente que ela escondia algo!

— Não tenho a menor idéia de onde ela possa estar! Não sei... A teimosia de Agnes comprovava as suspeitas de Flynn, mas ele sabia que o medo a impediria de contar qualquer detalhe comprometedor.

— Conhece bem as roupas da srta. Templeton, não?

— Sim, é claro! Só eu tenho esse direito e...

— Então vá revistar o guarda-roupa dela e volte para nos dizer que vestido está faltando.

Durante a ausência da criada, Flynn esqueceu-se da presença de Lara, preocupado demais com àquele estranho desaparecimento. Tilly já não estava mais com as esmeraldas, portanto não havia motivo para que alguém a raptasse. Ela também não sabia de nada sobre a trama que envolvia as pedras preciosas, por isso não teria nenhuma pista para investigar o assunto e expor-se ao perigo de encontrar os culpados... Uma suspeita alarmante surgiu em sua mente, aumentando sua tensão.

Quando Agnes retornou, Flynn já não controlava mais a fúria.

— Então? O que descobriu?

Agnes não ergueu os olhos, em pânico diante da situação que ela própria criara. Ofendera-se por não servir mais a sra. Whitby

sim uma petulante hóspede sem importância na sociedade local e ficara ainda mais indignada ao perceber que a jovem nativa acabaria ocupando seu lugar junto à patroa. Os outros criados nunca a haviam tolerado por causa de seu orgulho e demonstravam essa antipatia de todos os modos possíveis, insatisfeita e com raiva da srta. Templeton, fora abordada no momento certo e concordara em participar de uma intriga que seria um modo de se vingar das humilhações sofridas.

— É apenas uma brincadeira inofensiva — tinha dito a moça.— Nada de mal acontecerá à srta. Templeton e ninguém irá saber de sua participação na peça que

iremos pregar nessa intrusa!

Agora deduzia que a "brincadeira" tivera resultados desastrosos e ela não via como escapar de explicações bastante penosas e que acabariam com sua carreira de criada de confiança.

— Só não encontrei o conjunto de linho que a srta. Templeton pretendia usar para a regata. Também não achei suas sandálias brancas e o chapéu de palha com abas largas.

— Mas... a regata foi adiada! — Atônita, Lara olhou para Flynn, que empalidecera. — E por que Tilly sairia tão cedo e sem avisar ninguém? Logo hoje, após uma noite tão agitada!

O som do vento interrompeu Lara e os três olharam para as palmeiras que começavam a oscilar. Para os moradores da ilha, aquele ruído raro mas familiar provocava um desagradável pressentimento de grandes problemas!

— Agnes tem a resposta para a sua pergunta, Lara. — Ele perdera a calma e gritava com a criada. — Vamos! Diga a verdade e logo!

— Juro que não sei de nada.

— Então chega de perder tempo à toa! — disse ele e segurou-a com firmeza pelo braço. — Você virá comigo.

— Mas... para onde? — Agnes estava à beira da histeria. — Eu disse que não fiz nada.

— Pois irá repetir tudo ao juiz! Ele a manterá em uma cela até o final do interrogatório... que só terminará quando você decidir falar a verdade.

Os olhos verdes tinham uma força magnética que impedia Agnes de fugir do olhar. Observando o rosto desfigurado pelo terror, Flynn decidiu pressioná-la mais. Pensar em Tilly nas mãos dos inimigos o transformava em um homem capaz de qualquer crueldade.

Antes que ele pudesse insistir no assunto, amedrontando-a com a prisão, Leander entrou na sala, seguido por um dos cavaleiros. Ao vê-lo o tremor de Agnes se intensificou de tal forma que já não havia dúvidas sobre seu envolvimento em uma trama perigosa.

— Este é Roberto — informou Leander, sacudindo com fúria o braço do rapaz. — O idiota aceitou suborno para permitir que um marinheiro usasse a charrete dos Whitby hoje bem cedo. Ele viu o desconhecido sair, levando a srta. Templeton. E, uma hora depois, retornar sozinho para devolver o veículo emprestado. E eu encontrei isto!

Leander entregou-lhe um laço de pelica branca.

— Oh, Deus! — exclamou Lara, descontrolada. — É da sandália de Tilly!

Ela, Leander e Flynn voltaram-se para Agnes, que curvou os ombros, derrotada. Sentindo-se sem chances de se salvar, ela jogou-se no sofá, chorando e pedindo que a poupassem da prisão. Entre gemidos de desespero e soluços, contou-lhes tudo sobre o desaparecimento de Tilly.

— Disseram-me que seria apenas uma brincadeira. Eu só teria que emprestar um dos uniformes das criadas para aquela moça e não atender a senhorita se ela me chamasse antes das oito da manhã.

Histérica e soluçante, Agnes ajoelhou-se aos pés da patroa. Lara porém estava tão descontrolada que nem tomou conhecimento ia criada agarrando-se à sua saia e pedindo perdão.

— Meu Deus! Sinto-me culpada por tudo que Tilly está passando, Lucas! Fui criminosamente egoísta, convidando-a para me visitar. Devia ter esperado que os problemas fossem resolvidos.

— Chega, Lara! — A culpa é de Jonas! Eu o avisei que estava brincando com fogo e não devia continuar, mas ele preferiu fazer-se de surdo!

Atravessando rapidamente a sala, Flynn aproximou-se de Leander com uma expressão sombria, mas firme.

— Darei ordens a Bernard para que não permita a entrada de ninguém nesta casa. E você, não se afaste da sra. Whitby.

Flynn não tinha tempo a perder. Saiu correndo da sala e instantes depois galopava através dos jardins de Coeur d'Émeraude. Enquanto percorria a estrada, ele culpava também a si mesmo, além de praguejar contra Jonas.

Fora idiota demais e subestimar-se seu adversário! Tinha imaginado que suas demonstrações de interesse por Tilly conduziram inimigos a uma pista falsa, afastando-os do verdadeiro calho a ser seguido. E, em sua inconsciência, acabara envolvendo aquela jovem inocente em um jogo fatal que só terminaria com a morte, numa intriga traiçoeira e perigosa contra a qual ela não

experiência nem armas para se defender. Infelizmente, não era mais possível ignorar o que acontecera.

Tinha quase certeza absoluta de que sabia para onde a haviam levado e quais as intenções daqueles malditos criminosos. Agora, só lhe restava rezar e pedir a Deus que o ajudasse a não chegar tarde demais!

CAPÍTULO VIII

O dia ideal para uma regata. Céu azul-anil, sem nuvens e um mar sereno que o brilho do sol transformara em uma rutilante esmeralda, mas... nenhum outro barco à vista. O Whisper já deixara a terra firme há mais de uma hora e, apesar do vento forte que o impelia velozmente, ainda não se avistava uma única vela no horizonte.

A sra. Thorne, recostada nas almofadas do convés, não disfarçava seu mau humor.

— Vamos ser os últimos a chegar. Os outros devem estar muito na nossa frente, porque não há nada que dificulte a visibilidade e não conseguimos vê-los!

— Não nego que saímos bem atrasados, sra. Thorne — replicou Metcalf, que manejava o leme. — Mas o vento e as correntes estão a nosso favor.

— Uma ajuda inestimável! — continuou Thoms, sorridente. — Temos grandes chances de alcançá-los.

O entusiasmo dos dois rapazes contrastava com a expressão contrariada da sra. Thorne, que, por sentir-se mal em barcos, só agora saíra da cabine, onde se refugiara desde o início do passeio. Tilly recusara-se a seguir o conselho de Metcalf e resguardar-se do sol forte, permanecendo no convés. Além de gostar do vento em seu rosto, preferia evitar a companhia da desagradável viúva.

— Tem alguma idéia de quanto tempo levaremos para chegar? — Logo, srta. Templeton — respondeu Metcalf, olhando pa-

ra o oeste. — Se prestar bem atenção, verá uma pequena sombra no horizonte... É a Ilha das Conchas.

Por mais que forçasse a vista, Tilly não enxergava nada além de uma interminável superfície azul. Naquele momento, conscientizou-se da fragilidade da embarcação, pequena e solitária, na imensidão do mar e sentiu medo. Por sorte, uma minúscula mancha surgiu ao longe e restaurou sua confiança. Só podia ser a Ilha das Conchas, portanto, não estavam perdidos em pleno oceano!

Pouco a pouco, a forma indistinta adquiriu contornos mais definidos e foi difícil, para Tilly, disfarçar sua intensa decepção. Dunas esculpidas pelo vento erguiam-se muito alvas contra o céu azul e quase totalmente despidas de vegetação. Alguns tufo de capim, moitas baixas e uma ou outra árvore ressequida quebravam a monotonia de extensas áreas de areia nua. O único sinal de presença humana naquele local desolado era uma casa de madeira, com uma aparência mal-cuidada.

Certamente, a ilha das Conchas não correspondia a sua imagem de um paraíso tropical!

— Não fique tão desapontada, srta. Templeton — disse Metcalf ao notar a expressão de Tilly. — Nós quisemos aproveitar o vento a nosso favor e estamos chegando pela parte de trás da ilha. As barracas foram armadas no outro lado, logo depois das dunas.

A sra. Thorne juntou-se a eles e Tilly sentiu um forte cheiro de conhaque. Tentou ser caridosa e acreditar que ela bebera para superar as náuseas, mas algo naquela mulher despertava-lhe uma desconfiança inexplicável.

— Eu gostaria de pedir-lhes um favor — continuou Metcalf. — O vento mudou e, se deixarmos o barco deste lado da ilha, recuperaremos na volta o tempo que perdemos agora.

— Só existe um problema — interferiu Thoms. — Vocês duas teriam que escalar as dunas para chegarem ao local do piquenique e seria um pouco cansativo.

Tilly mal ouvia o diálogo, procurando pelo Sea Urchin. Flynn ficaria surpreso ao vê-la! Sem dúvida, ele pensava que, só por tê-la beijado com ardor, conquistara seu coração como costumava acontecer com todas as mulheres. Pois iria descobrir seu engano, porque pretendia ignorá-lo por completo.

— O que acha, srta. Templeton?

Sobressaltada, Tilly percebeu que o tenente Metcalf esperava uma resposta sua.

— Eu... bem... — Ela tentava recuperar, com rapidez, a capacidade de raciocinar. — As dunas não aparentam ser excessivamente altas. Se vocês acreditam que assim teremos mais chances de vencer a regata, concordo em descer deste lado da ilha. Entretanto, a sra. Thorne não passou bem durante a travessia e...

Para surpresa de Tilly, a viúva apressou-se em aceitar aquela sugestão.

— Concordo com qualquer plano que me permita pôr os pés em terra firme o mais rapidamente possível!

Excelentes velejadores, os dois rapazes pararam o Whisper junto a uma ponta de pedras, formada por corais, por onde as mulheres puderam descer do barco sem sequer molhar os pés. Tilly foi a primeira a alcançar a praia e, perturbada, percebeu que a distância alterara seu senso de proporções: a duna era muito alta e íngreme. Seria bastante difícil escalá-la, mas estava ansiosa demais por encontrar Lara e Flynn, a fim de terem uma conversa particular. Não pretendia esperar mais por explicações sempre adiadas e, para acabar com aquele mistério, escalaria até o Himalaia!

— Não sei exatamente onde as barracas foram armadas em relação a este ponto em que desembarcamos — explicou Metcalf, enquanto colocava as cestas de comida no chão. — Se vocês esperarem, eu e Franklin subiremos até o alto da duna para investigar e depois viremos buscá-las.

— E tratem de encontrar o caminho mais suave para nós! — resmungou a sra. Thorne. — Nossas sandálias não foram feitas para escalar montanhas, um esporte idiota que também estragará nossos vestidos.

Sorrindo, Metcalf arrumou sobre a areia as confortáveis almofadas retiradas do veleiro. Tilly teria preferido acompanhá-los, mas não poderia deixar a sra. Thorne sozinha. Acomodando-se ao lado da desagradável viúva, acompanhou com o olhar a caminhada dos dois rapazes e, quando desapareceram no alto da Oima, decidiu distrair-se, enquanto esperava pelo retorno deles. — Não acha que deveríamos comer um pouco a fim de ter forças suficientes para escalar essa duna enorme? — perguntou Tilly, tentando ser amável.

— É uma excelente idéia — concordou inesperadamente — Antes porém, aproveitarei que os homens se afastaram e a deixarei por alguns instantes para ir até a casa... onde há um banheiro.

Protegida por seu gracioso guarda-sol amarelo, a viúva Thorne caminhou com passos bastante firmes para quem passara tão mal até poucos minutos atrás. Sozinha, Tilly voltou a examinar aquele local decepcionante e, para sua surpresa, notou que a sudoeste o céu já não estava mais tão azul. Uma tonalidade leitosa tingia a linha do horizonte onde surgiam nuvens exóticas, com a forma de estranhos cogumelos.

Aquela visão lembrou-a novamente das apetitosas iguarias guardadas nas cestas e sentiu a fome aumentar. Afinal, saíra de casa sem comer nada e, se os rapazes não voltassem logo, roubaria algum petisco para dar-lhe forças de esperar até a hora do almoço.

Inevitavelmente, a idéia de apoderar-se de algo às escondidas evocava esmeraldas e... Flynn! Estava ficando obcecada com a necessidade de desfazer aquele mistério em que fora envolvida e sobre o qual continuava a não saber nada! Então,

vinham lembranças mais perturbadoras e revia o rosto másculo muito próximo ao seu, o toque possessivo de seus lábios firmes, a sedução do sorriso...

Contrariada com a impossibilidade de esquecer-se daquele homem perigoso e que ameaçava sua paz de espírito, Tilly tentou calcular por quanto tempo já estaria sozinha. Os estranhos cogumelos que avistara no horizonte haviam se aproximado e ela nunca vira nuvens semelhantes àquelas, de tonalidade opaca e formas bizarras.

Embora não apreciasse a companhia da sra. Thorne, a solidão absoluta em um local tão deserto entediava Tilly, que decidiu percorrer a praia à procura das famosas conchas, consideradas as mais belas do mundo. Enquanto caminhava, vendo apenas céu e mar, cedeu à sua fértil imaginação e sentiu-se como Robinson Crusoé, isolada e perdida em algum ponto muito distante do mundo civilizado. Mal podia acreditar que, do outro lado da duna, estivesse reunida toda a sociedade mais requintada da Jamaica ao redor de mesas bem cuidadas!

Depois de encontrar vários caramujos banais e de cores sombrias, Tilly começou a desconfiar que seus amigos haviam exagerado ao descrever-lhe conchas de beleza insuperável ou então, por um capricho da natureza, um lado da ilha retratava a exuberância de um paraíso tropical, restando ao outro a desolação de um cenário agreste e sem atrativos.

Tilly desistiu de continuar sua procura e, ao voltar-se, assustou-se com a distância que havia percorrido. Estava no extremo oposto da baía e dali via perfeitamente o Whisper, ancorado nas rochas da outra ponta da praia. No início, acreditou que se tratava de uma miragem ou uma distorção visual causada pelo afastamento. O mastro do veleiro ficara mais curto e...

Subitamente, Tilly tomou consciência de uma situação muito grave. O Whisper estava afundando! Ela tentava correr, mas as solas de suas sandálias deslizavam sobre a areia formada de fragmentos de coral e, ansiosa por impedir aquele desastre, começou a gritar por ajuda.

— Tenente Metcalf! Sr. Thoms! Venham depressa! Apenas o silêncio respondia a seus apelos e, quando conseguiu chegar junto às pedras, o barco já estava quase totalmente submerso. Ela gritou de novo e o resultado foi idêntico. Também não havia nenhum sinal da sra. Thorne, que só não a ouviria se fosse surda! Irritada com a costureira atitude desdenhosa da viúva, foi até a casa disposta a obrigá-la a enfrentar aquela situação de urgência a seu lado.

Então Tilly pressentiu que o desastre teria consequências muito mais graves. A casa não passava de um casebre de pescador, abandonada e coberta de poeira, limo e mofo. Não havia... nenhum banheiro e a sra. Thorne nem mesmo entrara naquele local imundo e assustador.

Voltando à praia, viu o barco desaparecer sob as águas. Não havia ninguém a vista e os únicos sons vinham de gaivotas que mergulhavam em busca de alimento e do estourar mais forte das ondas.

Ainda sem ceder ao pânico, Tilly começou a escalar a duna. A cada dois passos, ela escorregava, recuando alguns metros e recomeçava a subir. Se o início foi difícil, os últimos metros se transformaram em um torturante rastejar, agarrando-se aos

tufos de capim para não deslizar de volta à praia.

Suas pernas já não se firmavam e Tilly praticamente arrastava-se sobre a areia áspera. Os cabelos soltaram-se do coque e colavam-se a seu rosto suado, as meias de náilon se rasgaram em tiras e suas mãos estavam feridas de tanto resvalarem nos fragmentos de coral quentes e pontiagudos. Ela teve a impressão de que demorara uma eternidade para alcançar o topo da duna, mas conseguiu e parou um instante para recuperar o fôlego.

Então ergueu-se e acreditou que estava tendo um pesadelo. Na baía à sua frente, não havia nenhum barco ancorado e a praia era uma fina faixa de areia sobre um atol. Algum dia, aquele local teria sido uma ilha, agora não passava de um semicírculo de rochas de coral sem espaço para barracas ou mesas de piquenique. E sem uma única pessoa à vista!

Com muito esforço, Tilly conteve as lágrimas e avistou, a distância, algo que se movia. Ao longe, um barco afastava-se velozmente impelido pelo vento forte. A bordo, ela distinguia três figuras indistintas, mas uma segurava um inconfundível guarda-sol amarelo.

O som de passos se aproximando alertou Skelly. Escondendo-se atrás de uma moita, esperou, com o punhal na mão, pelo idiota que não se preocupava em chegar silenciosamente. Então ouviu uma voz muito próxima.

— Pode relaxar, Skelly. Essa arma não ia adiantar nada, porque eu o teria atacado pelas costas!

— Droga! — resmungou Skelly, furioso por ter sido surpreendido sem defesa. — Não precisava me assustar, Flynn. Pensei que fosse um dos amigos do maldito Folling e estava me preparando para brigar.

— Ótimo! Se queria mesmo enfrentar um desafio, e só me acompanhar. Eu vou sair com o Sea Urchin.

— Ficou doido, rapaz? — Skelly o fitava, boquiaberto. — Tem experiência de sobra pra saber que essa tempestade vai ser das piores.

— Eu gostaria que me entendesse bem, Skelly. Não é obrigado a ir comigo e não ficarei aborrecido ou dispensarei seus serviços se recusar-se a enfrentar uma viagem realmente perigosa. Só um louco sairia de barco agora e você não tem motivos para arriscar a vida por uma mulher que não conhece.

— Ah! Uma mulher? Só podia ser!

Sem responder, Flynn olhava para o mar com uma expressão preocupada. A faixa leitosa e opaca que se limitara a uma fina linha no horizonte distante tinha se ampliado, cobrindo parcialmente o céu azul. As ondas estavam ficando mais fortes com uma rapidez alarmante, indicando que a tormenta não tardaria. Aquela viagem seria quase um suicídio.

Só Deus sabia o grau de violência que a tempestade atingiria nas próximas horas e ele dificilmente conseguiria manejar sozinho um barco do tamanho do Sea Urchin em meio a um violento temporal. Entretanto, não havia outra solução e não recuaria diante de nenhum perigo.

Antes de deixar Kingston, Flynn percorrera o cais procurando alguém que

tivesse entrado na baía naquela manhã. Finalmente, encontrara um marinheiro de um barco escocês que pedira permissão para abrigar-se no porto até o final da tormenta. O marujo, que fizera o turno de vigia no período matinal, vira um barco afastando-se da costa. Embora estivesse distante, reconheceu o tipo do veleiro que dirigia-se para oeste e o descreveu com bastante clareza.

— Eu vi os idiotas! — resmungara o velho escocês. — Não existe nada além de milhares de quilômetros de água salgada entre aqueles loucos e o litoral de Costa Rica... a não ser um arrecife de coral, aquele atol em forma de meia-lua que qualquer ondinha mais forte cobre em questão de minutos!

Quando Flynn chegou à praia, sentiu que alguém o acompanhava. Virou-se, com uma expressão de surpresa, e encontrou Skelly.

— Bem... eu sou tão doido quanto você, rapaz! Além disso, não tenho nada pra fazer mesmo. Quem sabe encontro uma sereia no caminho.

Os dois não perderam tempo para erguer as velas do Sea Urchin e, em segundos, deixaram a proteção da enseada para enfrentar os ventos fortes do mar aberto.

— Vai ser uma viagem muito rápida, capitão! — brincou Skelly, diante da velocidade do barco. — Ainda bem que o Sea Urchin foi feito para voar!

— E terá mesmo que levantar vôo para chegar ao atol e nos trazer de volta antes desse maldito temporal começar a destruir tudo!

Angustiado, Flynn pensava no frágil semicírculo de coral que estava bem na rota da tormenta. Tinha de alcançá-lo antes de ser coberto pelas águas!

Enquanto dirigia o barco para o atol a oeste, Flynn observava com uma preocupação crescente a transformação do céu e do mar. As nuvens de um branco ameaçador se avolumavam rapidamente e as ondas ficavam mais altas. Não era uma simples tempestade. Um furacão avançava, vindo das Antilhas, e, desta vez, não se desviaria da Jamaica!

Felizmente, Tilly não tinha propensão para ceder a crises de pânico ou de histeria. Estava exausta, debilitada pelo calor abafado e, sem dúvida alguma, furiosa, mas ainda não perdera a calma. Não podia sair daqueles malditos rochedos por conta própria, portanto, só lhe restava controlar a irritação e esperar que os outros retornassem. Sabia que não demorariam muito e chegariam rindo da brincadeira, um costume da sociedade local e de péssimo gosto!

Ela já lera sobre os mais diversos ritos de iniciação habituais em ilhas primitivas e, embora nunca tivesse encontrado nenhuma menção desse tipo de tradição na Jamaica, Flynn mencionara a brincadeira com os novatos na regata. E onde estariam as outras vítimas dessa idiotice?

Na verdade, preocupava-se mais em não demonstrar seu desconforto diante da sra. Thorne. Imaginava que ela e os outros a estivessem observando através de binóculos, esperando que entrasse em pânico. Pois iriam ter uma grande decepção!

Forçando-se a agir com a mais absoluta tranquilidade, Tilly abriu as cestas do piquenique e examinou seu conteúdo. Vários tipos de pão, frango assado, queijo e vinho... o necessário para um almoço requintado e nutritivo! Ela comeria bem, mas a

quantidade seria insuficiente para quatro pessoas. Certamente, os criados haviam entendido mal as ordens e, quando os três voltassem para buscá-la, chegaria a sua vez de rir, porque não teria sobrado uma só migalha de comida para eles!

Como só lhe restasse esperar, Tilly comeu sem pressa e, embora não tomasse vinho, constatou que era a única bebida disponível. Ela só recostou-se nas almofadas quando já havia consumido tudo o que fora trazido e, enchendo seu segundo copo, deixou a mente divagar como sempre em torno de Tiger Flynn.

Um homem enigmático, um intrigante mistério a ser decifrado. Durante o dia, um conquistador sem ocupação definida, e à noite? Várias hipóteses surgiram na mente de Tilly e todas imprecisas. Aventureiro, renegado, herói ou ladrão? Não conseguia analisá-lo com frieza, reconhecendo que sua sensibilidade feminina distorcia a capacidade de julgar um sedutor!

O vinho aumentava o calor, mas Tilly continuava com sede e, enchendo o terceiro copo, voltou a concentrar-se em sua obsessão. Uma fada benigna certamente estivera presente ao nascimento de Flynn e o cumulava de dons. Uma aparência fascinante, de rosto másculo e físico atlético, uma sedução irresistível e o domínio das palavras. Entretanto, havia algo mais atraente do que o exterior digno de uma obra-prima da natureza. Algo sutil e, em certas ocasiões, entrevisto num olhar espontâneo onde se percebia ternura e calor humano.

O grito estridente de uma gaivota assustou Tilly, que olhou à sua volta. Onde estariam as outras aves que haviam passado a manhã toda voando sobre a praia? Ela sentia o rosto ardendo, queimado de sol e, embora desejasse manter a aparência de calma, começou a enfurecer-se com a falta de consideração de seus companheiros. Aquela brincadeira estava passando dos limites! Pisando duro, Tilly voltou ao topo da duna a fim de procurar por um barco vindo em direção à ilha. Era quase impossível fixar a vista no mar, que refletia o brilho inclemente do sol, mas, forçando-se a suportar a claridade intensa, não viu nada além das ondas. Aliás, agora percebia que estavam bem mais violentas e os respingos chegavam até quase seus pés. Uma, lufada de vento

soltou seus cabelos e ao virar a cabeça para prendê-los, não sufocou uma exclamação de horror.

A sudoeste, uma nuvem opaca cobria rapidamente o céu, espalhando-se sobre o mar. As águas à sua volta ainda mantinham o tom de azul translúcido das safiras mas, a alguns quilômetros, via-se uma mancha negra que avançava em sua direção.

Tilly sentiu a violência muito próxima e intuiu que uma tempestade de proporções além de sua imaginação estava prestes a desabar sobre o mar do Caribe. E, para seu desespero, vinha na direção do mísero amontoado de corais presos entre si com a fragilidade de conchas envoltas em limo. As ondas já explodiam com violência sobre a fina camada de areia que recobria o atol e seu estrondo avolumava-se assustadoramente.

A que altura chegariam as ondas? Ela não notara linhas que marcassem os limites das marés e sentiu um arrepio de terror. A ausência desses sinais significava que a ilha ficaria submersa e as águas cobririam tudo, até o alto da duna. Se não

voltassem logo... seria tarde demais!

A verdade a atingiu com um impacto brutal. Não se tratava de uma brincadeira e ninguém viria buscá-la. Não! Ela estava confusa por causa do vinho! Quem desejaria matá-la? Só podia ser um engano... ou seria mesmo o seu fim?

A tormenta aproximava-se com mais rapidez do que Flynn previra. Já haviam se afastado da costa há quase duas horas sem encontrar nenhuma outra embarcação ou sequer as costumeiras gaivotas com seus vôos rasantes sobre a água. O Sea Urchin e seus dois tripulantes enfrentavam completamente sozinhos a fúria dos elementos.

O manejo de um veleiro leve em um mar bravio exigia além da força física, uma coragem que poucos possuíam. As ondas se avolumavam, o vento ficava mais violento e logo as bombas não seriam suficientes para retirar a água que invadia o convés.

Um pequeno desvio na rota bastaria para evitar esse problema, mas, se alterassem a direção, poderiam não avistar o atol.

Embora fosse apenas meio-dia, a claridade diurna fora suplantada pela luz difusa do anoitecer. Mar e céu refletiam o mesmo tom acinzentado e ameaçador. Por mais que se esforçasse, Flynn não conseguia avistar as dunas do atol, e, pelos seus cálculos, do viam estar muito perto. Subitamente, angustiado, sentiu medo de ter errado os cálculos, e, naquela situação trágica, um engano seria fatal para Tilly e também para ele e Skelly.

Após alguns minutos de concentração desesperada, viu uma mancha mais escura no mar quase negro. Abismado, não encontrou a duna sobre uma espessa base de coral, mas apenas o desenho irregular de rochas pontiagudas a menos de três metros acima das ondas. A violência das águas varrera a areia que recobria o atol.

A primeira reação de Flynn foi um pânico intenso, e ele custou a recuperar o controle. Precisava ao menos aproximar-se das rochas, pois só assim teria certeza de que Tilly não fora arrastada pelas ondas.

Entretanto, não seria fácil chegar mais perto do semicírculo de rochas em que as vagas batiam com violência, erguendo uma cortina de espuma. Flynn e Skelly levaram quase quarenta minutos para dar a volta no atol e aproximar-se da abertura da pequena enseada.

O alívio ao avistá-la durou muito pouco. Ela estava encolhida em um vão entre as rochas, mas a posição anormal e a total imobilidade aumentaram seu desespero. O vento impedia que seus gritos chegassem até Tilly, portanto só lhe restava uma solução: ir buscá-la, viva ou... morta.

Amarrando uma corda em torno da cintura, Flynn jogou-se nas águas turbulentas e iniciou sua luta contra a correnteza que o empurrava de volta ao barco. Quando ele chegou à parte mais protegida do atol, abrigada das ondas mais violentas, esgotara o limite máximo de suas forças. Com um último esforço, come-vou a subir nos rochedos, apavorado com o que iria encontrar.

— Tilly!

A figura encolhida não se movia. Flynn voltou a gritar e, na terceira tentativa, seu esforço teve sucesso. Ela ergueu a cabeça e o fitou com um olhar estranho. Escorregando sobre as rochas molhadas, conseguiu alcançá-la e quando a tomou nos

braços sentiu que estava fria e absolutamente esgotada.

— Graças a Deus, Tilly! Eu tive tanto medo de não chegar a tempo!

— Mais uma hora e não encontraria nada para salvar — respondeu ela, com uma inesperada agressividade. — Você e seus amigos são animais! E essa brincadeira de mau gosto chega a ser revoltante! Não foi nada engraçada.

Incapaz de prosseguir, Tilly desatou num pranto convulsivo, Desconfiado diante daquelas reações incompreensíveis numa mulher que passara horas de pânico e desespero, Flynn aproximou-se e sentiu o cheiro do vinho.

— Com todos os diabos! Tilly! Você está bêbada!

— Não senhor! Eu só... tomei um ou dois... ou será que foram três copos? Precisava manter o calor do meu corpo e... co mo estaria bêbada se detesto vinho?

— Deus do céu! Só me faltava isso! — Flynn estava desorientado. — Quanto você bebeu e quando?

— Não é da sua conta, sr. Flynn! Ainda estou sóbria o suficiente para decifrar o seu plano diabólico. Você, o tenente Metcalf e Jonas são... cúmplices.

— Com esta eu não contava — resmungou ele, perdendo a paciência. — Chega de conversa, Tilly. Você sabe nadar?

— Lógico que sim! Quem não sabe? — a voz dela ficava mais pastosa a cada instante. — Só que me recuso a entrar nessa água gelada. Já estou sentindo frio demais e não quero me molhar, portanto... desista! Detesto roupas úmidas, quanto mais encharcadas!

Flynn suspirou, desanimado. Como levar uma mulher bêbada e disposta a discutir e brigar até o barco sem arriscar a vida de ambos? Infelizmente, teria de agir de um modo bastante desagradável, mas não lhe restava, outra opção.

Antes que Tilly pressentisse o movimento do braço de Flynn, foi atingida no queixo por um soco certeiro e desmaiou.

O Sea Urchin continuava a cortar velozmente as águas, ainda na frente da tempestade que se aproximava pelas costas. Entretanto, se o vento aumentasse demais, teriam que encurtar as velas, velejando com pouco pano, e o resultado seria desastroso. As correntes marítimas, de uma violência avassaladora, desviariam o barco em direção ao mar aberto e para longe da terra firme.

— Tome um gole — disse ele, estendendo um frasco de prata a Tilly. — É o melhor remédio...

— Absolutamente não! — Massageando o queixo, ela continuava a tirar água do convés com um balde, embora sua cabeça latejasse sem cessar. — Deve estar envenenado!

— Ainda continua com raiva de mim? Acha mesmo que eu arriscaria minha vida para salvá-la só pelo prazer de envenená-la depois?

— Não posso saber o que pensa, sr. Flynn! Mas não é novidade alguma porque nunca entendi nenhuma de suas ações absurdas! Aliás, a última foi a mais estúpida de todas. Como ousou dar-me um soco?

— Nós dois corríamos perigo e você recusava-se a entrar na água a fim de nadar de volta ao barco. Eu não tinha tempo de esperar que sua bebedeira passasse, por

isso... tomei a única atitude possível. Pare de discutir e beba, porque agora as circunstâncias exigem que se recupere.

— É o que você diz. Entretanto, a palavra de um homem indigno é suficiente para agredir uma mulher indefesa não tem o menor valor para mim!

— Céus! A sua ressaca deve estar brutal — zombou ele, tomando um gole. — Então? Estou vivo ou morto? Como não caí a seus pés, você constatou que não se trata de veneno, certo? É apenas rum e a impedirá de adoecer por causa do frio a que ficou exposta por horas.

Tilly ainda hesitava, fitando-o com desconfiança.

— E também ajudará a curar a ressaca.

Trêmula de frio e com os dedos azulados, Tilly pegou o frasco e, ao dar o primeiro gole, engasgou-se com a bebida forte demais.

— Eu gostaria que fosse champanhe, srta. Templeton.

— E eu gostaria que fosse chá, sr. Flynn.

Sorrindo, Flynn afastou-se dela, voltando para o lado de Skelly. Logo em seguida, Tilly compreendeu por que os marinheiros bebiam tanto. A sensação de calor espalhando-se pelo seu corpo reanimava-a, dando-lhe a reconfortante ilusão de estar bem disposta e com forças renovadas. Sem dúvida, o rum a manteria viva, se não caísse do barco porque estava bêbada!

Entretanto, o frio e o trabalho exaustivo neutralizavam os efeitos negativos da bebida e ela concentrou-se em sua tarefa de retirar a água que continuava a cobrir o convés. Tilly não saberia dizer por quantas horas permaneceu enchendo o balde e despejando-o por cima da amurada. Chegara a um ponto de exaustão que movia-se mecanicamente, e a mente bloqueara todos os pensamentos a fim de sobreviver. Sentia dores pelo corpo todo, mas não parava nem um minuto para descansar. Embora não tivesse a menor experiência marítima, reconhecia que o esforço não passava de um desperdício de energia. Eles estavam perdendo a batalha.

CAPÍTULO IX

O Sea Urchin ainda se mantinha na frente da tormenta, mas as expressões sombrias de Flynn e Skelly não disfarçavam que a situação se agravava perigosamente.

— Que chances temos de alcançar a Jamaica? — perguntou ela ao ver Flynn se aproximar.

— Os ventos e as correntes estão contra nós. Além disso, este veleiro não foi construído para enfrentar mares tão turbulentos... Pode quebrar-se ao meio.

— Entendo — murmurou ela e recomeçou a retirar a água do convés.

— Nem lamentos, nem lágrimas? — Flynn não escondeu a admiração. — Você é inegavelmente uma mulher excepcional, srta. Templeton.

— Creio que "enlouquecedora" foi o termo que usou em uma outra ocasião. De qualquer forma, saiba que não me entrego sem luta, sr. Flynn.

Ele segurou as mãos de Tilly, muito frias, tentando transmitir-lhe seu calor.

— É esse o segredo da vitória, garota. Existe uma chance, ainda que remota, de escaparmos vivos desta situação dramática. Não posso prometer-lhe nada, só que farei tudo para chegarmos vivos a algum lugar... não importa aonde seja. E, se continuarmos na frente do temporal, talvez encontremos terra firme antes do furacão nos atingir.

Apesar da intensa dor de cabeça, Tilly tentou concentrar-se e compreender o que Flynn lhe dissera.

Acho que esqueci minhas noções básicas de geografia. Pelo que me recordo, não existe nada além de milhares de quilômetros de água entre nós e o continente americano.

— Bem... — Flynn hesitou por uma fração de segundos, mas decidiu usar de franqueza. — Como sempre, você tem razão, minha querida Tilly. Não há uma única faixa de terra firme.

Mesmo antecipando aquela situação, Tilly levou alguns instantes até conscientizar-se da extensão do problema e só então sentiu um pânico desesperador. O Sea Urchin era uma casca de noz perdida na imensidão do mar do Caribe e, seguindo-o com uma velocidade apavorante, vinham ventos de uma violência brutal. À tormenta precedia um furacão cuja destrutividade estava além da sua imaginação. E, mesmo velejando com toda a rapidez possível, dificilmente alcançariam a terra firme antes de alguns dias. Portanto... a salvação não passava de uma hipótese utópica, ridícula e, sem dúvida alguma, inatingível!

Entretanto, Flynn acreditava que havia uma chance e as esperanças de Tilly renasceram. Só aquele homem teria condições de manter o barco flutuando em condições tão adversas e, como ela, também não se entregava sem luta!

Tilly manteve-se imóvel e em silêncio, esforçando-se para disfarçar um otimismo inoportuno porque, embora não fosse supersticiosa, temia provocar a ira dos deuses com suas tênues esperanças. Que ironia do destino! Após anos de fantasias improváveis, conseguira realizar um de seus maiores sonhos e viajara através do mundo apenas para ser a vítima de uma tempestade tropical que lhe custaria a vida!

E ela não queria morrer agora. Começara, tarde demais, a saborear o lado bom da vida e ainda tinha tantos prazeres para usufruir. Entretanto, não podia culpar ninguém pela situação sem saída em que se envolvera, arrastando, em sua inconsciência, Flynn e um inocente marinheiro. Se tivesse agido com mais sensatez, perceberia que Lara não iria deixá-la sozinha e desprotegida para participar de uma regata depois do ataque de Christopher.

Infelizmente, seu bom senso desertara no momento em que mais precisara dele! Talvez por efeito do láudano? O motivo não importava, só as terríveis consequências. Colocara em risco a vida de dois homens que haviam enfrentado um furacão para salvá-la e não podia dificultar-lhes a tarefa, já quase impossível, de lutar pela sobrevivência,

preocupando-os com seu descontrole. Tinha que dominar, a qualquer custo, qualquer demonstração de pânico!

Flynn observava aquele rosto, incapaz de disfarçar as emoções, e viu a angústia, o pânico e a determinação. Para surpresa sua, não havia o menor sinal de uma iminente crise de histeria, que não destruiria apenas Tilly, mas também ele e Skelly.

Apesar de uma onda estourar sobre o veleiro, molhando-os da cabeça aos pés, ele sorriu. A coragem daquela mulher aumentava as chances de todos sobreviverem!

— Se sairmos vivos desta enrascada... prometo que a recompensarei por tudo que sofreu, Tilly.

— Se conseguirmos... — ela o fitou com um olhar firme e determinado — eu exigirei que cumpra essa promessa!

— Então, continue a tirar a água do convés!

O tempo perdeu o significado e as horas passavam, intermináveis e sempre iguais. A exaustão e o medo acompanhavam o intenso balançar do barco e os gestos mecânicos de retirar a água do convés com um mísero balde. Ocasionalmente, os músculos de Tilly se revoltavam contra o esforço além de seus limites e ela não conseguia mover os braços. Então, a força da mente dominava o físico e a força retornava, para recomeçar a monótona e esgotante tarefa.

Tilly perdeu a consciência do transcorrer das horas e não saberia dizer quando Flynn mudou o curso do barco e as ondas deixaram de invadir o convés. Com a diminuição de atividade, ela adormeceu por uma fração de segundo, encostada à amurada, e despertou com a mão de Flynn segurando-lhe o braço firmemente.

— As bombas agora podem dar vazão à água que está entrando no barco, portanto não precisa mais retirá-la com o balde, Tilly. Além disso, você precisa descansar ou aumentará o nosso trabalho caindo no mar e nos obrigando a salvá-la de novo. Vá para a cabine e tente dormir um pouco.

— Não! Não posso deixar que vocês dois se encarreguem de todo o trabalho!

— Prometo que a chamarei se houver necessidade. O importante agora é recuperar suas energias, porque precisará delas mais tarde.

Flynn a conduziu até a pequena cabine e ajudou-a a deitar-se, ensinando-a como fechar a correia que a prenderia na cama. Completamente sem reação, Tilly custou muito a prender a fivela e acomodar-se, certa que o medo e o balanço violento do barco a impediriam sequer de relaxar. Pouco antes de adormecer, reconheceu que nem o sinal de abandonar o navio conseguiria despertá-la.

Foi um sono agitado, perturbado por pesadelos, e, ao acordar, Tilly não sabia se dormira minutos ou horas. Estava muito escuro, mas a falta de luz não significava nada, pois ao meio-dia tivera a impressão de que anoitecia. Como o balanço diminuía, ela decidiu retornar ao convés, porém, ao abrir a porta da cabine, Flynn gritou-lhe que voltasse.

Por mais exaustiva que tivesse sido sua tarefa, a inatividade a esgotava ainda mais! Logo Tilly concluiu que devia haver mais algum trabalho a ser feito e começou a examinar armários da cabine à procura de comida. Embora não sentisse o menor apetite, os dois homens precisariam alimentar-se para manter as forças. Encontrou

vários enlatados que não conseguiria abrir e decidiu-se por bolachas inglesas, mais fáceis de serem manipuladas.

Ela estava separando duas latas de biscoitos quando um raio iluminou a cabine, seguido imediatamente por um trovão ensurdecedor. Tilly ainda ouvia o ressoar e novamente uma luz intensa e azulada quase a cegou. Encolhendo-se de encontro à cama, tapou os ouvidos e fechou os olhos, mas não havia como se proteger da interminável seqüência de clarões e estrondos que ficavam sempre mais fortes. Então, no intervalo entre dois relâmpagos, o barulho que ecoou foi diferente e mais alarmante.

— O mastro quebrou!

Ao ouvir o grito de Skelly, Tilly correu para o convés e deteve-se, paralisada pelo pânico. O mastro se partira e, por sorte, caíra no mar e não sobre o barco. Entretanto, tinham perdido a última chance de manter uma rota definida.

Em meio ao caos, Flynn a avistou parada à porta da cabine e novamente gritou-lhe para não sair. Tilly sentia medo de ficar presa naquele cubículo com uma minúscula escotilha por onde não conseguiria escapar se o barco afundasse. Mas também pres sentia que sua presença no convés só os atrapalharia e resignou se a permanecer fechada, contribuindo do único modo ao seu alcance: rezando!

Após uma eternidade, Flynn foi procurá-la na cabine e, apesar da nítida exaustão, seus olhos haviam recuperado o cintilante brilho das esmeraldas. Imediatamente, ela sentiu-se esperançosa e confiante.

— A tempestade amainou, não é?

— Vai ficar muito pior antes de melhorar, Tilly.

Ao fitá-lo, ela leu nos olhos de Flynn a dúvida e a desesperança. Talvez a tempestade não fosse diminuir antes de destruí-los.

— Eu só vim para dizer-lhe que... sinto... — Ele calou-se, hesitante, e, só depois de respirar fundo, conseguiu prosseguir. — Sinto muito por essa calamidade e por tudo o mais, Tilly.

Um trovão ensurdecedor a impediu de responder imediatamente. Ela tentou sorrir, embora seus lábios tremessem demais.

— Não adianta chorar depois que o leite derramou. O que não tem remédio... remediado está!

— Céus! — Flynn sorriu surpreso. — Leite derramado e resignação diante do inevitável! Você é única! Entre dez mulheres não haveria outra tão corajosa!

Tilly estava ensopada e excessivamente cansada para perguntar-lhe o que ele podia achar de engraçado naquela situação!

— Estamos perdidos? Por favor, não me esconda a verdade, sim?

O tremor na voz de Tilly comoveu Flynn, que admirava o esforço sobre-humano daquela jovem em mostrar-se firme. Segurando-lhe o rosto entre as mãos, deslizou a ponta dos dedos sobre a pele sedosa.

— Perdemos metade do mastro, mas podemos compensar essa deficiência se o vento diminuir de intensidade. O maior problema é o leme, que também se rompeu. Enquanto não tivermos condições de consertá-lo, estaremos à mercê da tempestade e

do mar.

Os dois se fitavam na cabine imersa na penumbra. Embora Tilly distinguísse apenas os contornos do rosto de Flynn, pressentiu que ele ia falar-lhe sobre algo importante e inexplicavelmente mudou de idéia.

— Eu me sentiria mais aliviado se você descansasse, Tilly. Não pode nos ajudar agora e logo amanhecerá. Então tentaremos improvisar uma vela, consertar o leme e talvez precisemos de seu auxílio.

Inclinando-se, Flynn roçou levemente os lábios de Tilly. Então, o desejo de reafirmar a vida diante do perigo transformou o contato suave em um beijo ardente. Ela se entregou ao prazer de sentir-se envolvida pelos braços fortes daquele homem. Enquanto estivesse sob sua proteção, seria capaz de enfrentar tudo sem medo!

Mas Flynn afastou-se, provocando a penosa sensação de abandono que sempre invadia Tilly quando ela a deixava.

— Tilly...

Nenhuma outra palavra foi dita, mas o olhar de Flynn, antes de sair da cabine, transmitia uma emoção que empolgou Tilly. Ela adormeceu com um sorriso nos lábios e desta vez não teve pesadelos. Sonhou com um homem corajoso e fascinante e só acordou quando a claridade da manhã entrou pela escotilha, tocando seu rosto.

Tilly apressou-se a ir para o convés e tentou manter a serenidade apesar das nuvens sombrias agora mais próximas.

— Mas... como podemos navegar tão rapidamente? — perguntou ela intrigada. — Não temos velas...

— Estamos sendo levados por uma corrente muito forte que passa ao longo das costas da América do Sul e vai até a península de Yucatán.

— Ah! Então logo encontraremos terra firme!

— Se a maré baixar e eu conseguir consertar o leme. Preciso apenas refazê-lo parcialmente para podermos dirigir o barco em direção à praia.

Flynn não teve coragem de destruir o brilho de esperança que iluminara o rosto de Tilly. Por que revelar-lhe que um leme quebrado os deixaria à mercê dessa mesma corrente e, depois de passarem ao largo da península, seriam novamente arrastados para o mar aberto?

— Bem... como não há motivos para nos entregarmos ao desespero, é melhor tratar de assuntos práticos — disse Tilly com uma expressão decidida. — Se um dos cavalheiros puder abrir uma lata, farei sanduíches. Eu estou faminta!

A gargalhada de Skelly ecoou com o mesmo impacto inesperado dos trovões da noite anterior.

— Com todos os diabos! Você é mesma de ferro, moça! Corajosa e a melhor "marinheira" que já encontrei! Seria uma pena se a única mulher capaz de enfrentar esse furacão infernal morresse de fome!

Feliz por ter conquistado a estima de Skelly, Tilly entregou-lhe uma lata para que ele abrisse.

— E se recupera bem rapidinho também! — zombou ele. — Ontem, você estava mal demais... embriagada como um verdadeiro lobo do mar.

Enrubescendo, Tilly sorriu, pouco à vontade. Os dois iriam divertir-se por muito tempo com seu estado de embriaguez ao ser lavada para o barco. No entanto, enquanto brincassem, ela conseguiria manter a máscara de mulher corajosa e não pensar no terror que sentia, perdida na imensidão do mar.

Na manhã seguinte, um novo problema somou-se à situação já extremamente difícil: água potável! Tinham alimentos para mais uma semana, mas a água não duraria até o final da noite.

— Temos que pescar — resmungou Skelly.

— Por quê? — perguntou Tilly, surpresa. — Há comida de sobra.

— Skelly não pretende cozinhar o peixe, Tilly.

— Pelo amor de Deus! — Ela sentia-se nauseada. — A minha sede precisará atingir um ponto desesperador antes que eu me conforme a matá-la comendo peixe cru!

— Bastará um dia e aposto que você vai se pendurar na amurada, disposta a agarrar qualquer peixe com as próprias mãos, Tilly!

Ofendida, ela retirou-se do convés. A cabine porém estava insuportavelmente abafada e Tilly acomodou-se sobre um rolo de cordas, onde não atrapalharia os homens e receberia no rosto a brisa morna. Flynn dormia sobre as tábuas do chão enquanto Skelly dirigia o barco. O mar acalmara um pouco, permitindo que os dois se revezassem, e a vela improvisada funcionava bastante bem.

No final da tarde, Skelly deitou-se para descansar e Flynn assumiu o comando. Apesar das nuvens sombrias e sempre mais próximas, do tamanho ameaçador das ondas e da estranha e incômoda claridade do sol, refletido no mar, Tilly admirava uma obra-prima da natureza: Lucas Flynn!

O torso nu, do mesmo tom dourado do rosto másculo, a fascinava. Embora admirasse a sinuosidade dos músculos retesando-se sob a pele bronzeada e admitisse uma esplêndida e vigorosa simetria de formas, ela sentia o impacto da energia e da força contidas em um físico perfeito. Os movimentos precisos e eficientes refletiam uma graça harmoniosa, a essência pura da beleza do gesto. Os franceses apenas descreviam com justiça poética alguém como Flynn: *C'est un vrai homme!* Um homem de verdade!

Essa virilidade quase agressiva não combinava com seu comportamento social, de conquistador bem vestido e com atitudes indolentes. O homem vigoroso e de mente alerta capaz de controlar um barco em meio à adversidade era o mesmo que Tilly encontrara no escuro de seu quarto em sua primeira noite na Jamaica. Também guardava uma certa semelhança com o que a beijara duas vezes, mas não tinha nada a ver com o galante e despreocupado ídolo das mulheres e um aristocrata privilegiado e ocioso.

Intrigada, Tilly tentava decifrar o mistério de Lucas Flynn. O mesmo homem que arriscara a vida para salvá-la, dera-lhe um soco no queixo! Existiam tantas nuances naquela personalidade complexa, uma se sobrepondo à outra e tão diferentes entre si, que seria impossível descobrir a verdadeira essência guardada como um tesouro em seu íntimo.

Flynn já terminara de refazer a amarração das velas e observava Tilly há alguns minutos. Percebeu a curiosidade e a incompreensão no rosto delicado e, maliciosamente, deu-lhe um sorriso mais sedutor.

— Alguma vez já lhe disse a verdade, srta. Matilda Templeton? Entre cem mulheres, seria difícil encontrar uma igual a você?

— Não, só mencionou dez mulheres. Não acreditei naquele dia e muito menos agora. Cem é um exagero!

— Está bem. Então nem mencionarei que até em um milhão eu não encontraria outra igual. Você, minha querida maltrapilha de nariz queimado de sol, é única!

Seria um elogio ou mais uma das ironias de Lucas Flynn? O tom sugeria sinceridade, mas as palavras não evocavam uma imagem agradável ou pelo menos não o que uma mulher gostaria de apresentar ao homem por quem... sentia-se atraída. Perturbada com o perigo de revelar suas emoções, Tilly desviou o olhar. Flynn tinha o dom de ler seus pensamentos e, naquele momento, nem ela ousava analisá-los com maior profundidade.

— O destino nos colocou lado a lado em uma situação bastante estranha. No entanto, acho ainda mais extraordinário que, apesar de ter sempre censurado minhas ações, não ficou me perturbando para esclarecer suas famosas dúvidas.

— Eu seria muito idiota se o atormentasse com perguntas incessantes enquanto você se ocupava em lutar pela nossa sobrevivência. Tenho alguns defeitos, mas não incluo a falta de inteligência entre eles.

— E nem deveria, porque é uma mulher brilhante.

Aproximando-se Flynn a fitou com uma intensidade perturbadora. Incapaz de fugir ao brilho hipnótico daqueles olhos verdes, ela usou o ataque como arma de defesa.

— Mas agora temos tempo de sobra e... pode começar as explicações. Quero algumas respostas.

— Quais?

— Por que desapareceu depois que lhe entreguei as esmeraldas? Por que um homem... Jonas ou Christopher Burlinghome, tentou me estrangular? Ou talvez agora só me interesse descobrir por que motivo fui abandonada em um atol, que fatalmente seria coberto pelas águas pois aproximava-se um furacão, por pessoas conhecidas e, até então, amigas? E também saber quem o informou sobre meu paradeiro e por que arriscou a sua vida para salvar a minha.

— Infelizmente, existem certos problemas que me impedem de atender seu pedido. Um deles é a falta de tempo, já que uma explicação demoraria muito... e não estamos em condições de desperdiçar sequer uma hora em conversa fiada. Ainda há um outro, relativo à insuficiência de fatos comprovados que ainda preciso descobrir para ter certeza de minha teoria. Portanto, volto a insistir que confie em mim, até...

— Até a costa da América Central! — completou Tilly cinicamente.

A gargalhada de Flynn diante de seu comentário irritou Tilly, que não disfarçou a raiva.

— Posso dar-lhe algumas respostas, minha intolerante companheira de

infortúnio. Arrisquei-me para salvá-la porque tinha uma dívida de honra e sempre as pago. — Subitamente os olhos de Flynn refletiram um brilho perturbador. — De um modo ou de outro, retribuo o que me fazem.

A decepção de Tilly diante daquela resposta impessoal e vaga foi suplantada pela sensação de perigo provocada pela voz de Flynn. Ele devia ser um bom amigo e certamente um inimigo implacável!

— Acho melhor você descansar — disse ele, asperamente. — Se estiver muito abafado na cabine, colocarei uma lona no teto para protegê-lo do sol.

— Não é necessário. Posso sentar-me à sombra da cabine. Só recuso-me a ficar lá dentro porque está quente demais e só irei quando for preciso buscar algo para comer.

Flynn afastou-se, voltando para o seu lugar junto ao leme, mas Tilly sentia o olhar penetrante acompanhando seus movimentos. Sem dúvida desconfiava que ela estava perdendo a coragem. Pois iria mostrar-lhe que não desanimava facilmente!

As horas passavam com uma lentidão exasperante e o dia arrastava-se interminável. A sede porém crescia rapidamente. As tentativas de Skelly para pescar não deram nenhum resultado e uma lata de frutas em calda, aberta por acaso, apenas adiou a tortura que em breve seria inevitável.

— Por que não guardamos um pouco para amanhã? — sugeria Tilly quando descobriram o conteúdo daquela lata.

— Não adianta — discordara Flynn. — É pouco demais e precisamos desse líquido agora. Amanhã não nos será mais útil.

O tom de voz de Flynn indicava alguma intenção oculta que Tilly não conseguira decifrar, nem ousaria questionar. Então o barco mudou de rumo, indo em direção à tormenta em vez de continuar fugindo dela.

— Vamos tentar uma aproximação, mantendo o barco no limite do temporal. Assim receberemos apenas as primeiras chuvas, que são mais leves.

Skelly concordava plenamente com Flynn, preferindo um fim rápido em meio a um furacão à tortura de morrer aos poucos por falta de água. Tilly porém mal continha o pânico e estava com as mãos trêmulas ao recolher todos os recipientes possíveis e espalha-los pelo convés.

A chuva caiu pouco antes do anoitecer e os três passaram alguns minutos deliciando-se com o frescor da água que escorria em seus rostos. Depois, os dois homens voltaram ao manejo do barco, agora perto demais do furacão, enquanto Tilly colocava a água em lugares mais seguros. Ela sentia-se tão reconfortada com a capacidade de Flynn para resolver todos os problemas que suas esperanças voltaram a despertar-lhe o entusiasmo.

— Agora que temos água para agüentar vários dias, não será difícil chegar até alguma praia!

Flynn evitou fitá-la. Tinham escapado de um desastre por um fio mas precisariam de um milagre para alcançar terra firme antes do furacão.

E Tilly não sabia nada sobre os recifes...

Os gritos de Flynn acordaram Tilly quando raiava o sol. O mar estava ainda mais

agitado, mas, milagrosamente, avistava-se ao longe um linha escura. Terra a vista!

Sem conter o entusiasmo, Tilly agarrou-se à amurada, mal notando a preocupação de Flynn, que tentava enxergar uma abertura entre a barreira de rochedos pontiagudos já muito próximos. Ele subiu no que restara do mastro e voltou para discutir a situação com Skelly. A tempestade estava perto demais, em minutos, jogaria o barco de encontro aos recifes.

Ao voltar-se a fim de avisar Tilly para se segurar bem, a primeira lufada de vento os atingiu com brutal violência. Flynn gritou, dando ordens a Skelly, mas não houve tempo para nada. O Sea Urchin foi jogado pelas ondas como um barquinho de brinquedo, e, milagrosamente, ultrapassou a primeira linha de recifes sem qualquer dano.

Eufórica, Tilly lutava para manter-se agarrada, pois logo o barco bateria na areia da praia. Então, viu uma gigantesca muralha líquida e sobrenatural erguer-se diante deles. O impacto foi tão rápido e inesperado que ela ouviu apenas a voz de Skelly vindo de algum ponto distante.

— O casco quebrou ao meio!

— Abandonar o navio! — gritou Flynn e, ao tentar pôr as mãos no leme, foi envolvido pelas cordas e arrastado para o mar.

Skelly viu o amigo desaparecer na água e o resto do mastro caindo na direção de Tilly. A mulher tinha menos habilidade para sobreviver e foi ajudá-la. Outra onda cobriu o barco e arrastou os dois.

Tilly nunca soube como Flynn conseguiu encontrá-la entre as águas revoltas. Segurando-a pela cintura, ele puxou-a até uma parte do casco que boiava e onde ambos se agarraram.

— Agüente firme! Suas anáguas estão pesadas demais!

Ela mal o ouviu, tentando avistar a praia, enquanto evitava perder o fôlego com as ondas que batiam em seu rosto. Então, perdeu completamente o controle ao sentir algo roçando sua pernas. Tubarões! Só podiam ser tubarões! Apenas achava estranho que puxassem suas anáguas em vez de devorar-lhe as pernas! Quando notou que Flynn não estava a seu lado, quase largou a madeira, seu único ponto de sustentação entre ondas violentas. Prestes a entrar em pânico, viu-o voltar à superfície, sem fôlego mas com uma expressão satisfeita.

— Arranquei suas malditas anáguas! Agora conseguiremos passar os recifes e posso até ver a praia...

Ao se aproximarem da terra, as ondas ficaram mais violentas e vinham em intervalos menores. A luta para manter-se agarrada à madeira teria sido perdida se Flynn não a segurasse firmemente pela cintura. O pesadelo se prolongava e ela já não sentia mais os dedos. Queria desistir, descansar... entregar-se à sua sorte.

Flynn trouxe Tilly de volta à superfície, puxando-a pelos cabelos, e a dor afastou a letargia que a dominava. Recuperou-se em tempo de enfrentar uma onda maior do que as anteriores e então sentiu-se jogada de encontro a uma superfície sólida. Tinham chegado à praia.

Os dois se arrastaram pela areia até não terem mais forças para prosseguir.

Sentiam a água batendo em seus pés, mas, a cada segundo que passava, a maré subia. Tilly decidiu que preferia morrer a fazer qualquer esforço e resistiu quando Flynn a puxou pelo braço.

— Vamos! Levante-se!

— Não posso... não quero!

— A maré está subindo rápido demais. Vamos!

— Não importa. Vá embora e me deixe em paz.

— Ah, não! Não vai desistir agora, mulher! Eu não arrisquei minha vida para deixá-la morrer na praia! Vamos! Levante-se imediatamente!

Sem consciência de seus atos, Tilly obedeceu à voz autoritária. Levantou-se e uma onda derrubou-a novamente, mas Flynn, praguejando, voltou a agarrá-la pela cintura e começou a arrastá-la para mais longe da linha da água.

Em estado de choque e totalmente esgotada, Tilly o seguia como uma boneca sem vida própria. Só recuperou a capacidade de reagir quando chegaram a um canal que cortava a praia de ponta a ponta.

— Pule!

— Não vou pular! Já estou sem forças, molhada...

— Então chegue mais perto que eu explicarei o melhor modo de passar este canal.

Tilly não percebeu a intenção de Flynn e, ao aproximar-se, foi jogada para dentro da água. Tentou lutar contra ele, resistir e não se mover mais, porém a força daquele homem não se esgotava.

— Eu não vou... não agüento mais!

— Ainda temos que continuar. Estamos muito perto da praia. — Ele a puxou para cima na outra margem do canal. — Vamos para o interior, entrar na floresta.

— Eu já disse que não vou e pedi para deixar-me morrer em paz. — Tilly engolira muita água ao ser atirada no canal e tentava recuperar o fôlego. — Se eu fosse homem, você ia...

— Se fosse um homem, eu a teria deixado morrer naquele maldito atol e estaria bem sossegado na Jamaica, entendeu?

— É... é uma criatura odiosa, sr. Flynn! Não merece o menor respeito, é insuportável!

— Sou apenas determinado e teimoso. Ainda temos um longo caminho a percorrer, mas acho que sei onde estamos. O único lugar com canais de irrigação tão próximos do mar é Queptil.

O nome não era estranho a Tilly e Flynn demonstrava um entusiasmo tão contagiante que ela recuperou as esperanças e as forças. Os anos de longas caminhadas pelos campos de Yorkshire não tinham sido em vão e, embora cambaleante, seguiu-o através da floresta tropical.

Flynn também sentiu-se renovado diante daquela reação inesperada. A intrépida srta. Matilda Templeton demonstrara ser corajosa e com forças ocultas, uma mulher que se recusava a aceitar a derrota e não desistia sem lutar. Por sorte, não era uma dessas jovens mimadas, frágeis flores de estufa que desfalecem diante do primeiro

contra-tempo banal. Quando superassem essa situação problemática, teria de demonstrar sua admiração de uma forma mais concreta, porque agora podia apenas incentivá-la a prosseguir.

O vento e a chuva agitavam as palmeiras e as outras árvores que batiam em seus rostos e rasgavam suas roupas, cujo tecido molhado já estava prestes a se desfazer.

Galhos caídos machucavam os pés de Tilly, que só então lembrou-se de ter perdido as sandálias. E raízes mais altas provocaram vários tombos doloridos, mas ela se erguia antes que Flynn pudesse ajudá-la.

As forças de Tilly, porém, já tinham chegado ao limite máximo. No último tombo, sentiu que seu queixo se chocara contra algo muito duro e, estonteada, foi levantada por Flynn. Sua mente registrou que a superfície do solo se alterara, mas não tentou entender o significado dessa mudança. Agora seus pés não batiam em raízes e sim em pedras. A dor dominou todos os outros sentidos e ela caminhava mecanicamente sobre um pátio calçado por rochas lisas.

Atravessaram mais dois canais e Tilly jogava-se na água sem vacilar. Atingira um estado de inconsciência que se assemelhava a um pesadelo. Começava a ter alucinações e imaginava estar na sala de lady Steadmore tomando chá e, em voz alta, ela elogiava a fina porcelana chinesa e as colheres de prata de lei. Então o turbante de seda da velha senhora se transformava em uma touca de folhas verdes e percebia que retornara à selva. O único elemento concreto e constante era o braço de Flynn em torno de sua cintura.

— Isso! Vamos chegar lá! Força, Tilly.

E ela prosseguia, penetrando num mundo irreal e fantasmagórico. Árvores de formas estranhas surgiam entre a névoa, movendo-se ameaçadoramente. Raízes retorcidas erguiam-se como braços esqueléticos que tentavam agarrá-la. E galhos pontiagudos a atingiam, garras afiadas arranhando seu rosto, talvez querendo cegá-la. Flynn a impelia a seguir, mas seu único desejo era cair no chão e não sentir mais nada.

Então Tilly admitiu que perdera realmente a sanidade mental. Imagens flutuavam diante de seus olhos; panteras com dentes pontiagudos e rostos enigmáticos como a máscara de jade que vira no escritório de Jonas!

Vagamente, sentiu que se afastavam do chão. O que Flynn pretendia fazer? Escalar uma montanha? No início, entrou em pânico, certa de que encolhera e se transformara em uma miniatura incapaz de dar passos normais. Então percebeu que estavam subindo uma escada com degraus gigantescos. Se ele não a empurrasse, não conseguiria passar do primeiro obstáculo.

Entretanto, nada detinha aquele homem e a árdua luta prosseguia. Continuavam subindo em algum lugar que Tilly imaginava ser parte de seu monstruoso pesadelo. Agarravam-se a pedras enormes e sempre que ela parava, incapaz de dar mais um passo, Flynn a puxava, insistindo em animá-la com palavras vazias. Então, sentiu que sua testa bateu em uma pedra e perdeu o equilíbrio e os últimos vestígios de sanidade.

— Você está bem?

A voz de Flynn vinha de muito longe e ele a conduzia agora através de um lugar plano, mas completamente às escuras. Sem ver nada, Tilly recomeçou a falar em voz

alta, comentando a ausência da chuva e do vento, certa de que haviam entrado em *Coeur d'Émeraude*.

Teria morrido? Não sentia os braços nem as pernas, mas certamente os mortos também não sentiam tantas dores! E, sem dúvida alguma, não escorregavam, caindo e tropeçando em ladeiras

íngremes.

— Pronto! Aqui está bom! — disse Flynn, acomodando-a de encontro a uma parede.

A súbita interrupção de movimento desencadeou uma estranha reação em Tilly. Sentiu-se novamente delirante, vendo figuras estranhas flutuarem diante de seus olhos e não percebeu que Flynn se afastara e agora voltava para sentar-se a seu lado.

— Conseguimos, Tilly! Estamos em segurança!

Segurança! A palavra mágica!

Tilly ouvia a voz de Flynn, que não parava de falar como se fosse o zumbido das abelhas em uma colméia nos campos de Yorkshire. Entretanto, não estava lá e sim num lugar estranho, escuro e à espera dos efeitos de um terrível furacão. Mas, ao mesmo tempo, ele a tomara nos braços e podia encostar a cabeça no peito amplo e não pensar em mais nada!

Antes de mergulhar na inconsciência, teve um último instante de lucidez. Passara anos em Oak Manor, sonhando com aventuras, e em sua ingenuidade imaginara acontecimentos excitantes em locais exóticos e banhados pelo luar ao som de violinos e taças de champanhe se tocando num brinde. Conseguira realizar seu sonho e nunca teria pensado que se sentiria tão desconfortável e dolorida!

CAPÍTULO X

Paredes de pedra. Blocos retangulares recobertos por pinturas bizarras e ameaçadoras que se moviam, despertando de seu sono milenar. A chama oscilante do lampião devolvia a vida ao lúgubre deus da chuva, ChacMool, e ao sinistro An Puc, o esqueleto de mandíbulas entreabertas que simbolizava a morte. Então, alcançando o canto mais sombrio da tumba, a luz revelou o brilho inconfundível do ouro! Sem prestar atenção nos ossos que cobriam o chão da rocha nua, Tilly caminhou para o nicho entre dois pilares esculpidos com figuras exóticas.

Sim! Era mesmo ouro! Um fabuloso colar, cravejado de imensas pedras preciosas e preso a um peitoril de jade, cintilava sobre os restos mortais de um altivo e outrora poderoso sacerdote maia. Aproximando-se, Tilly leu os caracteres gravados na jóia, apenas para confirmar o que já concluía. Após longos meses de exaustivas mas

excitantes explorações, ela conseguira encontrar Queptil, a cidade perdida do Império Maia!

Subitamente, ouviu um ruído às suas costas. Alerta para o perigo, Tilly virou-se, pronta para enfrentar seu adversário. Estava ansiosa por ver o rosto do inimigo secreto, o furtivo e inescrupuloso vulto misterioso que ousara segui-la desde o início de sua busca. Sem dúvida, pretendia matá-la para ficar com as jóias, impedindo-a de mostrar ao mundo um tesouro muito mais precioso do que ouro e pedras preciosas: a cultura milenar da civilização maia.

A tumba continuava na penumbra, iluminada apenas pela luz débil do lampião de Tilly. Uma sombra teria se movido junto à entrada? O som que ouvira seria mesmo o passo leve de seu perseguidor implacável?

Então, ela viu o esqueleto mover-se em sua direção. A morte vinha a seu encontro com os braços abertos e um tétrico sorriso nas mandíbulas assustadoras. Ia abraçá-la...

...E Tilly acordou. Só que desta vez não abria os olhos para a entediante realidade de uma sala em Oak Manor. Ela estava deitada em um colchão extremamente duro e tinha a impressão de continuar sonhando. Sentia o cheiro de mofo, a poeira e o aroma aba-fado e estranho de uma tumba.

Completamente desorientada, Tilly não conseguia se localizar. Ainda não amanhecera, as trevas a rodeavam e talvez fosse a noite mais escura desde que chegara a Coeur d'Émeraude porque, embora tentasse, não podia sequer distinguir o contorno das portas de veneziana. Bastou-lhe um único movimento para perceber que todo seu corpo doía e não se enganara quanto ao colchão, duro como uma pedra... Encontrava-se mesmo deitada sobre um leito de rochas! E o mais apavorante era a sensação de que não estava sozinha.

O calor que emanava de um corpo muito próximo devia tê-la alertado antes mesmo de ouvir o som da respiração de alguém a seu lado. Era evidente que continuava dormindo! Simplesmente passara de um sonho que já se repetira inúmeras vezes para outro, não menos ameaçador! Se ao menos não estivesse tão certa de que acordara... Hesitante, Tilly esticou a mão e quase gritou ao tocar o peito sólido e musculoso de um homem. Apavorada, recuou e seus dedos roçaram um rosto com barba por fazer.

Revivendo o pânico do momento em que fora atacada por Christopher, Tilly não conseguiu conter uma exclamação abafada de terror. Apesar de não ter gritado, o som acordou o homem adormecido, que a segurou pelo braço impedindo-a de fugir.

— Oh, meu Deus! — Ela não via nada e estava de olhos abertos. — Por que não consigo enxergar? Será que perdi a visão?

— Deixe de bancar a histérica, porque não é do seu temperamento! Não há nenhum problema com a sua visão. Aqui está mais escuro que as profundezas do inferno.

— Flynn! Graças a Deus é você. Eu pensei... achei que talvez fosse Christopher.

— Não sabia que você estava habituada a acordar ao lado de Christopher Burlinghome, srta. Templeton. — Ele acariciava o braço de Tilly e ria maliciosamente. — Se tivesse me contado esse fato, eu não iria buscá-la no atol.

— Não acredito! — Tilly não resistiu e também começou a rir. — Você nunca fala a sério?

— Já me fez essa pergunta antes, lembra-se? Agora me conhece melhor e devia ter percebido que toco nos assuntos mais sérios justamente quando dou a impressão de estar brincando.

Sem compreender o significado da explicação de Flynn, Tilly preferiu não dizer nada. O escuro a impedia de vê-lo e palavras podiam ter outro sentido diante de uma expressão que as negava ou confirmava. Os olhos refletiam a única verdade.

— E a sua cabeça? Você bateu com bastante força numa pedra logo que chegamos.

— Sinto um pouco de dor, mas... não entendo...

As cenas voltavam agora a sua mente, desde seu abandono no atol até o momento em que o esguio e valente Sea Urchin naufragara. Depois disso tudo, se transformara em um pesadelo indistinto com vagas impressões de chuva, escuridão e rochas escorregadias.

— Francamente, desisto de me localizar. Onde estamos?

— Entre as ruínas de um templo maia — disse Flynn, aproximando-se dela. — E na parte mais afastada das entradas, portanto... deduzo que deva ser uma câmara mortuária...

— Uma tumba! É mesmo? Então foi por isso que tive o meu sonho! Fantástico!

— Você sempre me surpreende, srta. Matilda Templeton! Aproximei-me certo que teria uma crise de nervos e ouço exclamações de entusiasmo.

— Que tolice! Achou realmente que eu ficaria histérica por causa disso? Não sou tão idiota assim!

— É evidente que não. — O som da risada alegre de Flynn ecoou no escuro. — Peço-lhe mil desculpas por tê-la subestimado.

Subitamente, mais um detalhe dos dias dramáticos que passara retornou a sua mente.

— E Skelly?

A resposta demorou a vir. Flynn segurou-lhe a mão antes de criar coragem para falar.

— Ele... foi atirado para longe de nós quando o Sea Urchin bateu nos recifes. Não o vi mais.

Na voz de Flynn percebia-se sua mágoa e uma nuance de raiva. Os três passageiros do Sei? Urchin poderiam ter se afogado, mas o destino escolhia suas vítimas sem qualquer critério, poupando alguns e sacrificando outros. Enxugando as lágrimas pelo bravo marinheiro que, mesmo sem conhecê-la, se arriscara ao lado do amigo para salvá-la, Tilly não conseguia superar o complexo de culpa.

— É muito triste — disse ela, quando recuperou a voz. — Eu me sinto culpada porque, se não tivesse sido tão idiota a ponto de cair na armadilha de Jonas, Skelly poderia estar vivo agora.

Flynn pressentia que Tilly lutava para manter a dignidade e não seria sensato tocar naquele assunto e tentar explicar-lhe alguma coisa em um momento da crise. O

melhor seria distraí-la e desviar-lhe os pensamentos para outra direção.

— Fale-me sobre seu sonho, Tilly.

— É muito nítido, com detalhes tão minuciosos que sempre tenho a impressão de ser uma realidade e não um simples sonho.

Ao descrevê-lo para Flynn, ela sentiu a mesma premonição funesta que provocava-lhe uma intensa e inexplicável angústia.

— Talvez não acredite, mas é uma espécie de aviso. Se eu conseguisse ver, ao menos uma vez, o rosto de quem me persegue antes de acordar, entenderia o significado de tudo.

— Não acha que exagerou suas leituras sobre arqueologia? A visita aos armazéns de Jonas, além do episódio da máscara, também poderia ter provocado esse pesadelo.

— Eu já sonhava com essa situação em minha casa, em Yorkshire. Além disso, ChacMool não é uma figura com três dimensões como a máscara de Jonas. Vejo-o em alto-relevo numa superfície plana, mas de pedra, e também muito colorido e não em branco e preto como as gravuras do livro. São cores vivas e vibrantes, quase...

— Espalhafatosas?

— Exatamente! É uma tolice, concorda?

— Nem tanto, Tilly. Os templos originais ostentavam murais pintados de uma forma que nós consideraríamos coloridas demais. Não tenho dúvidas de que você viu alguma outra reprodução do templo.

E Tilly tinha certeza absoluta de que jamais vira nenhuma além dos desenhos de Catherwood. Aliás, nem mesmo sabia que os maias pintavam murais. Naquele momento, porém, a arte primitiva cedia a um fato mais premente: a fome!

— Admito que não estou sendo muito romântica, mas a pesquisa histórica não ocupa um lugar muito importante na minha lista de prioridades. Acho que o furacão já ter-minou e podemos nos arriscar a sair e procurar comida. Estou morrendo de fome.

— Concordo que a alimentação é vital, mas você precisará ficar aqui por mais algumas horas. Eu irei antes para certificar-me de que não corremos perigo.

— Não acha que está sendo excessivamente cauteloso?

— Estamos em plena selva e não em Kingston. Você não tem idéia dos riscos de uma floresta, entre os quais se incluem panteras e perigosos bandoleros.

— Oh, Deus! — exclamou Tilly, contrariada. — Aceito a superioridade da sua experiência, mas recuso-me a ficar esperando durante horas neste buraco escuro!

— E eu aceito a sua reclamação. Siga-me.

Eles retornaram pelo caminho percorrido na noite anterior. Em vez de descer, subiam uma rampa de pedra gasta e, à medida que avançavam, uma tênue luminosidade começava a clarear o amplo corredor com paredes de rocha esculpida. Finalmente chegaram a um aposento oval, cuja porta se abria para uma outra passagem, bem mais iluminada.

Agora Tilly via o rosto de Flynn e a barba que tocara acidentalmente e lhe dava a aparência de um ousado corsário. Apesar de todo o desgaste dos últimos dias, ele não demonstrava um único sinal de cansaço, emanando vigor e força.

Já nas proximidades da abertura, sentiam o calor e a umidade que vinham do exterior. Pouco antes de cruzarem o último aposento, Flynn pediu-lhe que o esperasse e Tilly, prendendo a respiração, sentiu-se prestes a descobrir um segredo magnífico. Quando ele retornou, os dois finalmente saíram à luz do dia e constataram seu estado lamentável; estavam cobertos de poeira da cabeça aos pés.

Então Tilly olhou à sua volta e esqueceu-se de tudo, até da fome. Estavam no alto de uma imensa pirâmide de pedra, entre inúmeras outras, mais baixas porém com a mesma inclinação íngreme. Ao redor das construções, a floresta dominava tudo, mas não foi nenhuma dessas maravilhas que a deixou extasiada e sim a beleza do céu.

Não seria possível descrevê-lo de outra forma, a não ser comparando-o a uma imensa fogueira. Rubro como a lava de um vulcão, onde todos os tons de vermelho se fundiam para transformá-lo em uma chama vibrante. Uma visão sobrenatural e jamais vista ou imaginada por Tilly.

— Tão brilhante! — murmurou ela fascinada e com os olhos cheios de lágrimas. — É lindo demais...

Tilly tentou enxugar o rosto disfarçadamente para não demonstrar a Flynn que a beleza a afetava com tanta intensidade, mas não teve sucesso.

— Eu nunca vi nada igual — disse ele, suavemente. — Viajei o mundo todo e é a primeira vez...

— É cedo demais para o pôr-do-sol, não?

— Ainda faltam três horas para o anoitecer. Essa visão de esplendor é produzida pela mesma tormenta que nos arrastou até aqui. A beleza tenta redimir a destruição. — Ele tocou-lhe o braço. — Vou descer e percorrer os arredores. Se não houver nenhum perigo, voltarei para buscá-la.

De cima da pirâmide, Tilly acompanhou parte da descida de Flynn, assustada com a altura daquela imponente construção milenar. O chão estava a uma distância quase inacreditável e nem mesmo as árvores maiores chegavam perto de seu ponto de observação. As copas entrelaçadas se espalhavam até o horizonte longínquo, um mar com todos os tons de verde, rompido apenas pelo topo de outros templos que se erguiam acima da floresta.

A pirâmide tinha degraus tão altos e paredes tão inclinadas que Tilly surpreendia-se por terem conseguido escalá-la na noite anterior. Sem dúvida, fora um problema a mais para Flynn, que, além de lutar contra o vento e a chuva, a incentivara e talvez até a carregara até o único refúgio seguro durante o furacão.

O sol agora iluminava apenas a ponta das pirâmides que se erguiam acima das árvores, colorindo-as de um vermelho vívido. O mágico contraste de luz e sombra escondia os desgastes dos velhos templos que ressurgiam como se tivessem sido recém- construídos. O cheiro da floresta chegava até Tilly com o aroma do incenso dos rituais do passado e o murmurar do vento entre as árvores elevava-se no ar com a cadência mística de fiéis que vinham trazer suas oferendas aos deuses maias. Uma estranha sensação envolveu-a, transportando-a de volta a uma época perdida séculos atrás, quando aquelas magníficas construções se constituíam o centro vital de um mundo civilizado e rico.

O grito estridente de um macaco rompeu a magia do momento. Agora existia apenas uma densa floresta tropical invadindo os espaços reservados às cerimônias, cobrindo as ruínas com seu manto verde. E, no emaranhado de galhos entrelaçados, entre cipós e plantas rasteiras, estava Flynn. Subitamente, sentiu medo por ele, que se arriscava ao enfrentar os perigos da selva e por encontrar-se sozinha em um local reservado aos mortos.

Agora um bando de macacos saltava entre as árvores, com seus gritos inquietantes. Esse alarido seria seu ritual noturno ou algo os perturbara? Poderia ser Flynn retornando ou... algo mais perigoso que se aproximava do seu esconderijo. Panteras ou bandoleros, foras-da-lei? Um animal, por mais ágil que fosse, não se arriscaria a escalar aquela monstruosa pirâmide, mas esse obstáculo não deteria nenhum bandido!

A demora de Flynn começava a despertar-lhe o pânico. Deveria descer para procurá-lo ou suportar a angustiante espera? Com a presença dele a seu lado, sentia-se capaz de enfrentar todas as adversidades. Uma aura de magia cercava aquele homem a quem o perigo jamais atingia e Tilly se deixava influenciar por uma falsa sensação de total segurança, acreditando-o indestrutível. Entretanto, a floresta apresentava armadilhas mortais, como animais selvagens, cobras venenosas e acidentes fatais. Bastaria um tombo desastroso, uma pedra que se deslocasse ou uma árvore caindo pelo efeito retardado do violento furacão e não mais o veria!

Talvez ele já estivesse ferido ou até... morto. A possibilidade de perdê-lo provocou-lhe uma angústia incontornável que obrigou-a a não fugir mais e encarar a verdade. Sem Flynn, sua vida não teria sentido, porque o amava desesperadamente. Apaixonara-se ao trocarem o primeiro olhar!

A revelação de seus sentimentos, súbita demais, atingiu-a com um impacto devastador. Dúvidas e incertezas, o medo de mostrar-se vulnerável e fazer papel de tola a haviam impedido de abrir os olhos e reconhecer as emoções tão evidentes que tinham se apoderado de seu coração. Tentara fingir para si mesma que Flynn não passava de um atraente "patife", um conquistador inveterado que se interessava por todas as mulheres atraentes. Esforçara-se tanto para se convencer que acabara acreditando em sua inverossímil fantasia. Todas as respostas ferinas, as demonstrações de frieza e indiferença eram apenas uma ridícula farsa.

Agora admitia que a atração nascera ao avistá-lo no veleiro quando chegara à Jamaica, embora tivesse se recusado até a pensar nessa possibilidade. A proximidade e o perigo partilhado haviam destruído as barreiras que erguera para se defender de um amor impossível. Aqueles dias dramáticos reforçaram o elo que a unia àquele homem e aumentaram intensamente sua dependência e o desejo de sentir-se protegida por Flynn.

A fragilidade de sua situação provocava-lhe uma profunda angústia. Apaixonara-se por um homem que nunca a amaria. Com a inconsciência de uma adolescente romântica, entregara seu sentimento mais sublime a um conquistador, para quem distribuir sorrisos sedutores ou destruir corações imprudentes tinha o mesmo significado. Flynn não podia saber, e nem sequer desconfiar, de sua paixão por ele!

Um som muito próximo interrompeu seu devaneio e, antes que pudesse sentir medo, Flynn surgiu à sua frente. Cansado, com o rosto pálido e devastadoramente sedutor! A necessidade de esconder seus sentimentos foi suplantada pela alegria de vê-lo retornar em segurança e, esquecendo-se de suas resoluções, correu ao encontro dele.

— Graças a Deus! Você voltou!

— Diante dessa recepção calorosa, acho que seria bom se eu a deixasse sozinha mais vezes! — Com um sorriso fascinante, ele tirou uma trouxa que escondera sob a camisa. — Não é o tipo de comida ao qual está acostumada, mas... servirá para matar a fome, pelo menos no momento.

Controlando-se com muito esforço, Tilly reconheceu que sua impulsividade precisava ser contida. Não podia negar que o amava, mas demonstrar abertamente seus sentimentos seria desastrosos!

— A esta altura, descobri que meus gostos perderam todo o refinamento — brincou ela, sentando-se ao lado de Flynn. — Pelos menos o cheiro é tentador e eu lhe agradeceria se não estragasse meu apetite mencionando os ingredientes desse... alimento estranho.

Sobre o lenço, Flynn colocara um pote de barro com uma pasta de aroma convidativo e ainda quente, além de alguns pedaços de pão sem fermento.

— E onde conseguiu encontrar comida caseira? Pensei que fosse trazer frutos e raízes...

— Alguns nativos ainda cultuam os antigos deuses e deixam suas oferendas diante dos templos. Quanto aos ingredientes, não precisa preocupar-se. Essa pasta foi feita com milho, tomate, feijão e alguns temperos, como alho, orégano e cominho.

Flynn ensinou-lhe a recolher a pasta com pedaços de pão e Tilly deliciou-se com aquela iguaria exótica. Em pouco tempo não restava mais nada e ela suspirou, satisfeita.

— Realmente, é uma comida dos deuses! Excluindo-se um banho quente, roupas limpas e uma xícara de chá, não consigo pensar em nada mais satisfatório.

— Não mesmo? — Flynn a fitou com malícia. — Pois eu me lembro de inúmeras outras... satisfações!

Aquele tom de voz, em que a ironia disfarçava a intenção real das palavras, sempre perturbava Tilly. E também não resistia ao brilho sedutor dos olhos verdes que a prendia em sua armadilha fatal. Criara-se entre os dois uma situação de intimidade que não ocorreria em outras circunstâncias, e ela precisava defender-se do fascínio de Flynn. Não podia esquecer-se de que estava ao lado de um homem viril e sensual, com um passado de incontáveis conquistas entre as quais não pretendia ser incluída.

Infelizmente, tomar uma atitude racional e colocá-la em prática eram duas situações muito diferentes. Lutava contra a vontade de apoiar a cabeça no peito amplo de Flynn, mas não vencía o desejo de ser beijada por ele.

— Seria bom se tivéssemos algo para beber — disse ela, para romper um silêncio perturbador.

— Eu trouxe uma bebida nativa.

— Sem dúvida, algo medicinal como o rum que me ofereceu. É também tão forte?

— Muito mais. Chama-se Pulque. Quer experimentar antes de descermos a pirâmide para "madame" tomar seu banho?

— "Madame" prefere chá e, em vez de perder tempo com bebidas potentes demais, ir logo tomar banho!

— Então, trate de se mexer, "madame". — Flynn levantou-se rindo às gargalhadas. — Agora poderemos descer sem que ninguém veja nossas sombras na pirâmide e também será seguro quando chegarmos à floresta. Os animais diurnos estarão se recolhendo e os noturnos ainda não saíram de suas tocas.

Disfarçando seu pavor, Tilly segurou a mão que Flynn lhe estendia. Inexplicavelmente, o mais banal dos contatos dava-lhe segurança e afastava todos os temores. Então, ao aproximar-se da beirada da plataforma, sentiu uma nova crise de pânico.

— Não sei se terei condições... só de olhar para baixo fico com vertigens e...

— Então não olhe! Basta confiar em mim.

Sem hesitar, Tilly o obedeceu. Ele a segurava pela cintura e a colocava em segurança no degrau de baixo, carregando-a com a facilidade de quem toma nos braços uma criança de colo.

— Acho que compreendi — disse Tilly quando chegaram à metade do caminho. — Posso ir sozinha.

— Por que arriscar?

Flynn continuou a carregá-la até alcançarem o solo, e a proximidade excessiva provocara nos dois uma tensão nítida e incontrolável. Tilly sentia-se tão perturbada que desejava afastar-se dele, mas não poderia fazê-lo sem demonstrar uma indesculpável grosseria. Só lhe restava desviar o olhar, porque aquele homem leria seus pensamentos!

Como sempre, Flynn já percebera o descontrole de Tilly e lutava para dominar seu próprio desejo. Aquele corpo esguio e tão frágil emanava uma vibração contagiante e uma sensualidade à flor da pele. Se a tocasse, sentiria o coração dela batendo no mesmo ritmo que o seu. Mas... se sentisse a maciez dos seios sob suas mãos, não teria forças para resistir à ânsia de possuí-la.

— Tilly...

Ela sentiu a respiração quente em seus cabelos, o toque ardente das mãos em sua cintura e, em pânico, não ousou erguer os olhos. Não podia ceder àquela tentação. Ao lado dele estaria sempre segura. Flynn jamais a pressionaria, esperando por um sinal que demonstrasse desejo. E Tilly não pouparia esforços para manter-se fria e distante.

— Vamos ao banho, "madame" — disse ele, ao perceber que Tilly lutava para conter suas emoções. — Temos que nos apressar, porque escurecerá dentro de uma hora.

Em silêncio, os dois cruzaram o enorme pátio entre as diversas construções

maias, um espaço amplo e pavimentado com pedras regulares que a selva começava a invadir. Nos vãos entre as rochas, crescia apenas uma relva macia, mas arbustos menores já se erguiam ao redor da área. As imensas árvores ficavam mais distantes e só naquele ponto podia-se ver o céu, ainda rubro e iluminado pelo sol do fim de tarde.

Quando chegaram à floresta, Flynn aproximou-se novamente de Tilly para ajudá-la a ultrapassar a barreira de cipós, plantas rasteiras e galhos que se entrecruzavam, barrando-lhes a passagem.

Tilly já não era mais a jovem ingênua e infantil que deixara a Inglaterra há tão pouco tempo. Com muita rapidez, descobrira que um único beijo a transformara, despertando instintos adormecidos e trazendo à tona uma sensualidade inesperada. Flynn a mudara para sempre e não havia retorno. Ele a intrigava, confundia sua mente e excitava suas emoções. Um homem que desafiava as convenções com um sorriso displicente e a inspirava a revoltar-se contra a sociedade repressora.

Preocupado com seus próprios dilemas, Flynn não notou a luta íntima de Tilly. Ele desejava ardentemente aquela jovem frágil, uma mescla de pureza e ousadia desafiante. Queria despi-la lentamente, descobrir a beleza de sua nudez e... Quebrando com violência um galho que lhes impedia a passagem, forçou-se a mudar o rumo de seus pensamentos. O perigo que haviam corrido juntos aumentara seu ardor em lugar de arrefecê-lo. Se não recuperasse o domínio de suas emoções, ambos teriam sérios problemas. Aquele não era o momento certo para se entregarem à paixão!

— Por que você escolheu justamente a pirâmide mais alta? — perguntou Tilly, intrigada. — Há tantas outras ruínas onde poderíamos nos abrigar, e todas bem mais acessíveis.

— Foi a primeira que vi. Além disso, tive medo que o furacão inundasse o local e só nos salvaríamos se estivéssemos em um lugar alto. Felizmente, minhas precauções foram exageradas.

— Não foi realmente um furacão, não é?

— Lógico que foi! Por sorte, passou rente anos, e escapamos do ponto de maior impacto. Talvez hoje possamos mudar de alojamento.

— Vai me achar uma tola mas... prefiro escalar aquela pirâmide monstruosa onde não há cobras e outros insetos assustadores e rastejantes!

— Eu lhe direi o que acho se escaparmos desta aventura desastrosa!

— Sei que sou ingênua, porém... depois de sobrevivermos a um naufrágio e um furacão, não pensei em outros problemas. Fui otimista demais?

Flynn hesitou, calculando até que ponto Tilly teria condições de aceitar a realidade sem se desesperar. Enquanto escolhia as palavras certas para responder-lhe, ela o fitou com uma expressão desafiante.

— Não sou uma criança!

Mal conseguindo controlar o riso, Flynn a olhou da cabeça aos pés. Viu uma jovem sensual de seios rijos, cintura fina e pernas esguias, que estava madura para o amor e o convidava a transformá-la em uma mulher completa! Se ela adivinhasse seus pensamentos, certamente lhe daria um tapa bem merecido!

— Peço-lhe que me respeite e seja honesto, Flynn. Que chances temos de

retornar a Kingston?

— Não existe uma resposta definitiva e absoluta, Tilly. Dependemos de uma infinidade de fatores, incluindo-se as alterações do clima, a amizade ou a hostilidade dos nativos, e a distância que estivermos do acampamento arqueológico do dr. Challfont.

— E também das panteras e dos bandoleros que já mencionou antes!

— Você enfrenta as situações sem esquecer-se de nenhum detalhe. É positivamente uma mulher decidida!

— Crises históricas só agravariam nossos problemas.

— Mas eu teria o prazer de dar-lhe uns tapas para acalmá-la e descarregar minhas tensões.

— Você é mesmo insuportável, Flynn. Entretanto, como dependo de sua ajuda, deixa-rei as críticas para outra ocasião.

— Ótima idéia, porque acabamos de chegar à sua sala de banho, "madame".

Cachos de orquídeas cor-de-rosa sobre o fundo de veludo esmeralda das samambaias ocultavam, como um delicado biombo criado pela natureza, os milenares canais. A água límpida, aninhada entre o leito e as paredes de pedra, recebia os últimos raios de sol que transformavam sua superfície em um espelho prateado. Os galhos das árvores gigantescas apenas se tocavam sem formar o dossel entrelaçado dos outros recantos da floresta e que formavam um túnel de sombra verde onde a luz não ousava penetrar.

Construídos há séculos, os canais de irrigação se entrecruzavam numa rede simétrica, com o cintilar de filetes de prata, orlados pelo brilho mais suave das pedras polidas pela passagem dos anos. Ali, o isolamento absoluto refletia serenidade, mas, pela primeira vez, Tilly pensou na inquietante situação de banhar-se ao lado de Flynn.

Então, ele a tranqüilizou com um dos perturbadores comentários que revelavam seu dom de adivinhar os pensamentos de Tilly.

— Este lugar é o mais protegido. Pode banhar-se sem medo. Eu estarei em um canal fora do alcance da vista, mas próximo o bastante para ouvi-la caso precise de mim.

Afastando as plantas que nasciam no limiar da faixa de pedra ao longo do canal, ele desapareceu. Nada agitava as águas transparentes que refletiam a claridade dourada do crepúsculo. Embora fascinada diante de tanta beleza, Tilly ainda resistia ao impulso de despir-se rapidamente e mergulhar no canal, tão convidativo, preocupada com a proximidade de Flynn,

Mas o desejo de banhar-se suplantou receios e pudores. Com gestos hesitantes, Tilly retirou as roupas ásperas e cobertas de sal e deslizou para o centro do canal sem fazer nenhum ruído. A água doce e fria envolveu seu corpo com a suavidade de seda.

Completamente entregue ao prazer do banho, Tilly lavou por fim os longos cabelos, mas ainda desejava alguns minutos para usufruir a liberdade de flutuar nas águas límpidas do canal. Já não se preocupava com os ruídos, agora familiares, da floresta muito próxima. Nada perturbava sua tranqüilidade e nem sequer notou uma silhueta alongada e escura deslizando em sua direção.

Em um canal perpendicular ao de Tilly, Flynn também se deliciava com o intenso prazer de retirar a camada de sal que se acumulara sobre a pele. Ele mergulhou até tocar as pedras do fundo e, ao voltar à superfície, sentiu-se revigorado. Os ferimentos, embora superficiais, ainda o incomodariam por alguns dias e o corpo continuaria dolorido, mas recuperara a energia vital e necessária para prosseguir a luta.

Tinha conseguido vencer adversidades quase insuperáveis e agora sua maior preocupação resumia-se apenas a encontrar comida e abrigo. Então por que não se concentrava em seus objetivos em vez de pensar na mulher atraente e desejável que se banhava a poucos passos dali? Tentara, sem sucesso, não imaginar a água deslizando sobre as curvas sinuosas, iluminando a pele alva como o brilho da madrepérola e molhando os cabelos que cairiam sobre as costas de Tilly como um manto de cetim. Precisava controlar-se ou enlouqueceria!

Tilly estava em suas mãos, mais indefesa do que ela própria suspeitava, e entregara-se sem reservas aos seus cuidados. Realmente surpreendia-se com o despertar de um inesperado instinto protetor que conflitava com sua ânsia de possuí-la. Atormentado pelo desejo, Flynn mergulhou nas águas frias lutando contra o desejo crescente e, ao voltar à tona, ouviu o grito.

Com braçadas vigorosas, Flynn chegou em instantes ao local onde deixara Tilly e não a viu em parte alguma. Chamou-a várias vezes e, depois de certificar-se de que ela não saíra do canal, preparou-se para mergulhar.

Então Tilly surgiu do fundo das águas, uma ninfa orgulhosa de sua beleza e, ao mesmo tempo, uma virgem inconsciente de sua sensualidade. Flynn a fitava, fascinado com a visão que se erguia diante dele, roubando-lhe a voz e a capacidade de se mover.

A beleza imaginada era apenas uma pálida sombra diante do esplendor da realidade. Ombros esculpidos em marfim polido e seios perfeitos que o brilho da água transformava em uma escultura translúcida. Pequenas gotas, brilhantes e muito frágeis repousavam sobre os mamilos eretos, como o orvalho acariciando as pétalas de uma rosa.

— Tilly...

A voz rouca de Flynn, quase um murmúrio, revelava seu encantamento e o desejo que o consumia.

Abrindo os olhos, do mesmo tom prateado das águas banhadas pelo sol poente, Tilly o fitou, também fascinada com a beleza máscula do homem que se detivera a poucos passos dela.

— Era apenas um lagarto e... — a voz morreu na garganta de Tilly ao vê-lo se aproximar.

A visão do corpo atlético de Flynn provocou-lhe uma emoção tão intensa que Tilly sentiu medo de seus próprios sentimentos. Um deus pagão nascia das águas que ainda escorriam sobre seu peito amplo e musculoso, acentuando o brilho dourado de sua pele. A força viril daquele homem despertou-lhe a consciência de sua nudez e ergueu os braços para defender seu corpo do olhar que revelava desejo e volúpia. Um gesto apenas esboçado porque os olhos verdes e os olhos prateados refletiam a mesma

ânsia.

Ele estendeu-lhe os braços, num apelo mudo. Naquele momento, em que o sol poente dourava as águas límpidas dos primitivos canais, Tilly viu as mãos de Flynn. A pele marcada por cortes e ferimentos pertencia a um ser humano, não a um deus pagão, não eram parte de uma escultura de beleza clássica e sim de um homem, o homem que ela amava desesperadamente.

— Oh, Flynn... suas mãos...

Então novos detalhes do pesadelo recuperaram a nitidez e Tilly sentiu-se angustiada com as lembranças. Flynn não soltara nem um instante a madeira áspera e os conduziu à terra firme, enquanto ela se debatia lutando e dificultando sua salvação. Também na praia, resistira e tivera de ser empurrada, puxada e até carregada para ultrapassar os obstáculos, os canais e os imensos degraus da pirâmide. Em nenhum momento o ouvira queixar-se de cansaço ou dor.

Comovida, Tilly tomou as mãos de Flynn entre as suas e beijou-as com meiguice. Movendo-se sem ter a percepção de seus atos, aproximou-se dele até seus corpos se tocarem. Então os lábios se procuraram, no início hesitantes e, após o primeiro roçar, leve e tímido, permitiram que a paixão vencesse a ternura.

Tilly já descobrira o prazer de abandonar-se às sensações delirantes que a levava para o mundo mágico dos sentidos. A solidão primitiva da floresta libertava uma paixão e uma volúpia até então contidas e agora vindo à tona sem temores.

Os lábios de Flynn, possessivos e dominadores, refletiam o intensificar do desejo, tentando transmitir-lhe através do beijo a doçura da fusão de seus corpos, que em breve se uniriam. Com carícias lentas, foi despertando-a para o prazer que antecipava a volúpia de posse.

Ela sentia-se novamente flutuando nas águas, consciente apenas do calor que a envolvia e das sensações inebriantes. A mão de Flynn deslizava sobre sua pele, tocando os seios rijos, as coxas macias, descobrindo curvas e sinuosidades, numa viagem de prazer e delírio. Arqueando o corpo vibrante de paixão, murmurou o nome dele.

Apenas as águas douradas pelo sol e a sombra verde da floresta presenciavam um ato de amor incontido. Totalmente isolados, entregaram-se ao prazer.

A primeira reação de receio diante da consumação de um ato que ainda a assustava cedeu diante da urgência e da volúpia de Flynn. Tilly sentiu uma estranha vibração, uma força poderosa que derrubava suas reservas. O único lugar no mundo a que realmente pertencia era os braços do homem amado.

Encorajado pelo abandono com que Tilly se entregava às suas carícias, ele a conduzia com ousadia crescente a novas sensações, novos desejos. Com o dom de pressentir as menores reações de Tilly, Flynn escolhia com perfeição o momento de ousar e de recuar até enlouquecê-la de desejo.

Sedenta de amor, ela não resistiu à força que a arrastava ao delírio. Era o momento certo para entregar-se à paixão e todo o desejo que guardara em seu íntimo veio à tona. Um breve instante de dor e logo seus gemidos de volúpia acompanharam a onda gigantesca de sensações que se avolumavam até a explosão grandiosa do êxtase.

Perdida em um mundo de delírio, Tilly mal percebeu que Flynn a carregara nos

braços, deitando-a sobre o musgo macio que cobria as pedras da margem. Via apenas o perfil másculo delineado pela luz dourada do crepúsculo, ouvia apenas suas respirações alteradas, mesclando-se ao murmurar da brisa entre a folhagem. Só o silêncio poderia celebrar aquele momento único. As palavras perdiam o significado, fracas demais para exprimir a experiência magnífica que haviam partilhado ou os sentimentos transbordando de seu coração.

Flynn sentiu-se apreensivo diante do silêncio de Tilly e sua voz demonstrava o esforço que lhe custava expressar suas próprias emoções.

— Eu não queria fazer isso, Tilly. Pelo menos, não aqui nem com tanta urgência e...

Os olhos de Tilly encheram-se de lágrimas diante da expressão terna e perturbada de Flynn.

— Não... não diga nada — murmurou ela, num fio de voz. — Não peça desculpas nem sinta remorsos, porque eu precisava do seu amor... agora.

— Não posso negar que a desejava muito, Tilly, mas sempre imaginei criar um momento especial. Queria o luar prateando nossos corpos, o aroma das flores perfumando o ambiente e taças de cristais transbordantes de champanhe. Você merecia lençóis de seda, o brilho mágico das velas, o encantamento com que todas as mulheres sonham.

— Talvez eu seja diferente de "todas as mulheres". — Ela sorriu, irradiando sua felicidade. — Achei muito romântico o nosso cenário de ruínas primitivas, florestas tropicais e lagartos.

— Mais tarde irá se ressentir e sentirá ódio de mim.

— Não seria possível odiá-lo. Nunca. Eu te amo há muito tempo e em meu coração não existe lugar para qualquer outro sentimento.

Tilly sentiu-o estremecer e tocou-lhe o rosto, num gesto que reafirmava suas palavras. Flynn abraçou-a com renovado ardor e ela deixou-se envolver pela força e pelo vigor daquele corpo viril que a protegeria de todas as ameaças e perigos para sempre.

— Eu vivia isolada e solitária, em uma prisão que me afastava da realidade. Foi você quem me libertou.

Flynn a beijou com ternura e, quando afastou o rosto, ia falar novamente, mas Tilly pousou os dedos sobre seus lábios. Ousando demonstrar seus sentimentos, ela o tocou com timidez e em seus gestos de paixão confirmava a verdade de suas palavras, entregava-se e prometia, convencendo-o de que o amara por vontade própria e com todo o seu coração.

O orvalho começava a acariciar seus corpos nus, mas não atenuara o ardor do desejo. Então, gotas de chuva, leves e frias, filtraram-se através da folhagem criando uma melodia primitiva e dissonante ao tocar a superfície das águas, as pedras gastas do canal e as folhas aveludadas das plantas silvestres.

Tilly jamais sonhara que existisse uma euforia tão intensa, um prazer tão arrebatador. Nunca imaginara o delírio de perder sua identidade ao unir-se ao homem amado, transformando-se em parte de seu ser. Saciada, sentia-se em paz nos braços

de Flynn, ainda incapaz de pensar em sua felicidade. Sua vida mudara tão radical e rapidamente que precisaria de tempo para conhecer a nova mulher, nascida para o amor sob a proteção da natureza intocada.

A noite finalmente chegou. Já não havia nenhuma nuvem no céu e o brilho cintilante das estrelas se refletia nas águas do canal. Procurando a maior e com a luz mais intensa, Tilly a fitou com olhos que refletiam um amor infinito e fez um pedido. Talvez o astro distante lhe concedesse o privilégio de ter apenas iniciado um caminho de felicidade e paixão.

CAPÍTULO XI

As pedras do templo refletiam a claridade rósea do alvorecer. A luz difusa despertou Flynn, que permaneceu imóvel, admirando as feições serenas de Tilly ainda adormecida. Não haviam retornado à imensa pirâmide que os abrigara na outra noite, escolhendo uma construção mais baixa e relativamente bem conservada.

A luminosidade matinal não perturbou Tilly, que só acordou quando sentiu os lábios de Flynn tocarem seu rosto. Ao abrir os olhos e encontrá-lo muito próximo e sorridente, as recordações da noite anterior retornaram com toda a nitidez e ela enrubesceu, envergonhada. Um outro beijo, mais ardente, renovou o desejo e desfez as barreiras entre os dois.

— O sol está nascendo — murmurou Flynn, acariciando o rosto ainda sonolento.
— Não me agrada deixá-la desprotegida, mas terei de examinar melhor esta região. Amanhã, começaremos a caminhar para o leste, em direção à costa, e preciso verificar qual será a rota menos arriscada.

— Não pretende me abandonar em uma tumba sinistra outra vez, não é?

— Sinto muito, Tilly. Aqui você estará segura e terá mais conforto.

— Não me subestime tanto, por favor! — Tilly irritou-se. — Eu não estava pensando em mim, mas em você. Se espera me convencer de que não precisa de descanso, o calor deve ter afetado sua mente, meu caro!

— Mil desculpas, "madame". Realmente não me encontro na mais perfeita forma física, porém estou acostumado a uma vida dura e tenho muita resistência. E você, querida, não viu seu rosto no espelho... porque não existe nenhum por aqui. Precisa descansar e perder essas olheiras fundas, ou não conseguirá me acompanhar amanhã quando recommencaremos a nossa árdua aventura.

O argumento de Flynn, lógico e irrefutável, obrigou Tilly a conformar-se. Sentia-se realmente sem energia e seria uma carga desnecessária naquele momento.

— Está bem. Desta vez não discutirei com você. Mas só desta vez, certo?

Flynn beijou-lhe a ponta dos dedos com uma expressão de exagerada humildade.

— Uma mulher sábia é uma pérola sem preço.

Tilly conhecia muito bem os provérbios bíblicos e sabia que a citação se referia a mulheres "virtuosas". Flynn teria mencionado sabedoria para provocá-la ou para poupar-lhe os sentimentos?

Como de costume, ele adivinhou a dúvida de Tilly e sorriu.

— Você não confia mesmo em mim! Eu não cometi um erro por ignorância. Apenas ajustei a citação às circunstâncias do momento.

— Ajustou como um alfaiate ajusta calças? Seu desrespeito à "sabedoria" alheia é chocante, cavalheiro!

— Preferia que eu dissesse... "lívida, esquelética e maltrapilha", madame?

— A citação bíblica é, sem dúvida, mais delicada, mas a frase de Shakespeare adapta-se, ou melhor, ajusta-se com maior exatidão à situação em que nos encontramos.

Flynn permaneceu em silêncio, examinando o estado lamentável do vestido de Tilly e sua seminudez.

— Achei uma definição ainda mais... ajustada. "Vestida apenas com sua dignidade e sua honra."

Tilly não conteve uma gargalhada alegre.

— Eu o acuso mais uma vez de não ter um pinga de vergonha, cavalheiro! Entretanto, devo admitir que, pelo menos, foi bem-educado e leu bastante.

— Eu sabia que bastaria conhecer-me melhor para descobrir minhas excepcionais qualidades, "madame".

O sorriso de Flynn fascinava Tilly a ponto de apagar de sua mente que aquela sedução atingia todas as mulheres do mundo!

— Eu já havia descoberto algumas. — Ela tocou a barba que cobria o rosto de Flynn.

— Por favor, seja prudente e volte logo para mim.

— "Se eu não puder abrir as portas do Paraíso, trancarei as do Inferno."

Flynn beijou-a mais uma vez, sem disfarçar a relutância em afastar-se.

— Eu gostaria de não ir, querida. Mas não podemos ficar aqui pelo resto da vida.

As palavras de Flynn despertaram um desejo irracional em Tilly. Por que não permanecer ali para sempre? Tinham encontrado um lugar seguro, abrigado do frio e da chuva, o refúgio ideal para viverem um amor livre de todas as repressões e censuras da sociedade. Não havia necessidade de pensar num futuro que certamente seria muito menos satisfatório e talvez até infeliz.

Só se ela fosse completamente tola, ignoraria que, ao voltar à Jamaica após um período prolongado na companhia de Flynn, sua reputação estaria arruinada! A puritana e hipócrita sociedade inglesa a hostilizaria, fechando-lhe as portas e considerando-a uma paria, uma mulher depravada e imoral.

Entretanto, esse problema não lhe causava a menor inquietação e não era por esse motivo que desejava permanecer em seu refúgio. Queria conservar a intimidade que se criara entre eles, a experiência magnífica de sentirem-se o único homem e a única mulher em um mundo intocado pela maldade humana. Adão e Eva livres no paraíso

e sem passado ou futuro... Não podia esquecer o toque dos lábios de Flynn sobre os seus, a sensação inebriante de suas carícias sob a luz das estrelas.

Ainda ingênua demais, ela não notou que revelava o desejo em seus olhos e nos lábios entreabertos à espera de um beijo.

— "Quem é mais culpado?" — murmurou Flynn, cedendo ao apelo de Tilly. — "O tentador ou o tentado?"

— Você adora Shakespeare, querido... e eu adoro você.

Ao fitar o rosto transfigurado pelo desejo, Flynn admirou os olhos semicerrados, com o brilho de prata sombreado pelas espessas pestanas negras, e a boca tentadora que se oferecia para ser beijada. Ela teria noção de seu fascínio? Saberia que sua sedução levaria um homem a esquecer-se de tudo que não fosse a ânsia de possuí-la? Não, Tilly ainda ignorava o próprio poder, continuava inocente demais para reconhecer a força de sua sensualidade. E, no entanto, entregava-se com paixão e volúpia, sem inibições ou pudores virginais.

Incapaz de dominar seu desejo, Flynn lembrou-se apenas de que não devia tê-la seduzido e agora repetiria o mesmo erro. Entretanto, prometia a si mesmo não ceder à avidez que o consumira na noite anterior. O desejo mútuo os impelira a se entregarem a uma volúpia desenfreada e não tivera tempo de ensiná-la a descobrir os segredos da sensualidade feminina. Tilly apenas despertava para o amor e ele queria ser o homem que a conduziria à plenitude da paixão.

Com gestos lentos, Flynn a despiu, contendo a excitação crescente que ameaçava destruir seu autocontrole. A nudez de Tilly voltava a fasciná-lo e, com suas mãos trêmulas, tocou os seios firmes deslizando os dedos com leveza. Sentia a pele acetinada e cálida, a textura contrastante dos mamilos rosados e brincou amorosamente com o corpo que vibrava de paixão.

Desta vez, Tilly ouviu seu próprio gemido de prazer ecoando no silêncio do templo. Sentiu a boca de Flynn envolver o mamilo ereto, sugando-o com avidez de um homem longamente privado de amor. As mãos tocaram-lhe o ventre, as coxas macias e não conteve os movimentos de seu próprio corpo, arqueando-se em busca de um contato mais íntimo. Ela o puxou para mais perto, ávida pela consumação.

— Ainda não, amor. Quero que conheça o meu corpo como conheço o seu. Temos um longo caminho de prazeres inebriantes à nossa espera...

Flutuando entre o sonho e a realidade, Tilly perdeu a consciência de suas próprias reações, mergulhando em um mundo atordoante onde só existiam sensações sempre mais intensas. Quando sentiu os lábios de Flynn tocarem suas coxas, teve medo do que estava acontecendo com ela.

Como tantas outras vezes, não houve necessidade de palavras para se comunicarem. Bastou o silêncio e o bater uníssono de seus corações para que Tilly se entregasse às carícias, Flynn mergulhando no calor de seu corpo até que juntos se perderam num orgasmo arrebatador.

Tilly se sentia feliz se ficasse para sempre nos braços de Flynn, esquecendo-se da realidade, do futuro, das dificuldades que ainda teriam de enfrentar. Ele, porém, não demorou a romper esse momento de enlevo. Dando-lhe um beijo repleto de

promessas, ergueu a cabeça.

O sol já despontara no céu, invadindo o templo com sua claridade. Embora relutante, Flynn levantou-se e em seus olhos verdes havia um brilho estranho, quase de ódio.

Mais uma vez, refletia, com raiva de si mesmo, cedera a uma tentação perigosa, esquecendo-se de suas boas intenções e de uma cautela essencial para sua sobrevivência. Não conseguia resistir a Tilly como um homem sedento incapaz de renunciar a uma fonte cristalina e refrescante. E algum dia, não muito distante, ela o odiaria pelo que acontecera.

— Preciso ir — disse ele, sem fitá-la. — Há um pouco de água na jarra de barro, deve ser suficiente até minha volta.

Desorientada com a mudança drástica no comportamento de Flynn, Tilly ergueu-se sem se cobrir. Quando o viu desviar os olhos de sua nudez, sentiu-se ainda mais perturbada.

— Flynn? O que houve? Você está com raiva de mim? Foi algo que eu fiz ou deixei de fazer?

Imediatamente, ele sentiu remorsos por tê-la envolvido em sua luta íntima. Ajoelhando-se ao lado de Tilly, tomou-lhe o rosto nas mãos.

— Você é maravilhosa e tudo que houve entre nós foi perfeito.

Apesar da evidente sinceridade de Flynn, Tilly pressentia algum problema grave. Entretanto, só poderia voltar ao assunto quando ele retornasse.

— Colhi algumas frutas enquanto você dormia — Ele entregou-lhe uma vasilha de madeira. — Sinto muito, mas terá que se contentar com isso até meu retorno. Eu trarei algo para comermos e devo retornar antes do pôr-do-sol.

— Tão tarde?

— Sei como é penoso ficar sentada, esperando por alguém. Se eu tiver sorte, talvez encontre uma aldeia perto daqui. Então conseguirei roupas e comida.

— Das duas maravilhosas opções, eu escolheria roupas novas!

— E morreria de fome!

Na noite anterior, Tilly lavara do melhor modo possível suas roupas endurecidas pelo acúmulo de sal. Apesar da umidade, pudera vesti-las, mas, embora razoavelmente limpas, nada poderia ser feito em relação aos rasgos e costuras desfeitas. Há uma semana, ela teria se chocado com a ousadia de seu decote ou com o impudor de revelar a perna acima do tornozelo. Agora surpreendia-se com seu desembaraço e com a rapidez com que a importância dos fatos se modificava conforme a situação.

— Sinto-me como Cinderela antes de ganhar o vestido de sua fada madrinha. Só que muito mais imoral!

— Muito mais atraente também! Não posso lhe prometer sapatinhos de cristal, mas tentarei encontrar algo decente que proteja seus pés. Enquanto espera pela surpresa, não saia daqui.

— Eu pretendia tomar um banho.

— Não, por favor. Seria arriscado demais, Tilly. Já vou ficar preocupado com você escondida dentro deste templo e se houvesse uma outra solução não a deixaria

sozinha. Prometa que não sairá por motivo algum, querida.

Tilly sabia que seria intolerável passar o dia todo ociosa e presa naquela tumba sombria, mas, embora contrariada, entendia os receios de Flynn. Antes que ele descobrisse quais os obstáculos a superar, sua presença só lhe causaria problemas.

— Está bem. Prometo que não sairei.

— Agora partirei em paz, querida. Até logo...

Um beijo rápido e Flynn partiu.

As primeiras horas não foram tão difíceis de passar. Tilly precisava de tempo para pensar na mudança que Flynn provocara em sua vida e depois deliciou-se revivendo cada beijo e cada carícia dos dois momentos mais importantes de toda sua existência.

Então, o silêncio e o isolamento despertaram a inquietação. Não sabia nada sobre Flynn, nem seu passado, nem seu presente. Era evidente que fora educado dentro dos padrões da aristocracia inglesa e, no entanto, a ociosidade da vida social não combinava com ele, embora representasse seu papel com um encanto especial. Enquanto estivessem se dirigindo para Chichen Itza, encontraria um modo de obrigá-lo a falar sobre si mesmo. Já fora avisada de que essa viagem duraria vários dias, portanto teria tempo de sobra para conhecê-lo melhor.

A julgar pela direção do sol e pela fome, Tilly acreditou que já passasse do meio-dia. Agora, cada minuto se prolongava e ela não encontrava nada que a distraísse. Comeria todas as frutas, estranhas e sem nome, mas doces como pêras, tentara pentear os cabelos e, depois de fracassar repetidamente em desembaraçá-los, desistiu dessa tarefa impossível. O que daria para ter uma escova ou um pente!

Ela queria sentir-se bonita para encantar Flynn com sua beleza, mas, naquele momento crucial na vida de uma mulher, teria de apresentar-se ao amante desgrehada como uma mendiga de algum mercado oriental. Uma imagem bastante penosa de aceitar.

Olhando para seus pés empoeirados, achou que um par de sandálias seria um presente divino. Por um capricho do destino, percebera quão pouco valor dera a pequenas minúcias do cotidiano que facilitavam a vida e a tornavam agradável. Nunca mais deixaria de agradecer a Deus pelas mais insignificantes dádivas de cada dia!

Finalmente, a impaciência de Tilly atingiu um ponto que começou a sentir ódio de si mesma por ter cedido à pressão de Flynn, fazendo uma promessa impossível de cumprir. Se encontrasse um galho apropriado, o usaria como pente e quem sabe conseguiria desembaraçar seus cabelos. Decidida a sair apenas por um instante e voltar logo, ela se dirigiu à porta do templo, mas, antes de chegar à soleira, ouviu vozes.

Flynn! Flynn estava de volta a trouxera auxílio! Tilly deu dois passos e se deteve em tempo. Eram várias vozes, altas e nitidamente alarmadas, muito próximas, e nenhuma falava inglês. Para piorar a situação, os sons se aproximavam! Em pânico, ela recuou para a sombra da porta.

Um clarão branco passou rapidamente atrás das árvores que rodeavam o pátio, reaparecendo entre os intervalos desprovidos de vegetação rasteira. Era um homem

correndo! Logo Tilly viu os outros que o perseguiam, vindo para o pátio e grilando. Infelizmente, falavam uma língua estranha e não o espanhol que compreendia bastante bem.

O homem perseguido continuava a correr entre as árvores, mas agora ela podia ver o rosto dos perseguidores e sentiu um calafrio. Eram fisionomias brutais e obstinadas. Sem a menor dúvida, estava diante dos bandoleiros que Flynn mencionara.

Então, o fugitivo surgiu no espaço aberto, seguido pelos outros. O homem tropeçou e os dois caíram sobre ele, envolvidos numa luta violenta. Tilly ouviu sons distantes e não sabia se realmente escutava algo ou perdera o controle da mente e estava tendo alucinações. Mas o brilho metálico que cintilou à luz do sol não era fruto de sua imaginação!

O pobre homem ainda conseguiu livrar-se e fugir em direção ao templo. Em pânico, Tilly olhou à sua volta procurando um lugar seguro para se esconder e quando voltou a observar a perseguição, viu o objeto metálico atingi-lo no meio das costas.

Apesar das náuseas, ela não conseguia desviar o olhar da cena trágica. O homem caiu e ficou imóvel. Naquele momento, Tilly descobriu que existia uma emoção mais intensa, capaz de neutralizar o pavor. Sentia-se envolvida por uma estranha calma, sua mente se transformara num vazio e não ouvia sequer as batidas de seu próprio coração.

Os dois bandidos estavam bem à sua frente. Tilly viu um dos homens guardar um longo e afiado punhal na bainha e, depois de dar ordens ríspidas, o outro o seguiu em direção ao canal. Passou-se muito tempo até ela perceber que tinham terminado sua missão criminosa e partido.

Ela continuou paralisada de medo, sem coragem de mover-se e fazer algum ruído que os alertasse de sua presença. Finalmente, ousou mexer os braços e as pernas, doloridos e com câimbras. O pátio rodeado pela floresta voltara a ser um lugar de paz e tranquilidade, com um macaco gritando enquanto pulava de galho em galho. Já não havia nenhum intruso entre os templos em ruínas.

Também não havia nenhum sinal da vítima. Tilly não sabia se o tinham matado ou apenas ferido. Talvez não pudesse ajudá-lo, mas seria falta de humanidade virar as costas a alguém que precisava de auxílio. Andando com extrema cautela, esgueirou-se pelas moitas que cresciam junto das paredes do templo e começou a descer em direção ao pátio.

Ela não demorou muito para encontrar o que procurava. O homem estava largado no chão, de bruços e imóvel. Virando-o com a ponta do pé, Tilly viu o rosto da vítima e sentiu novamente náuseas violentas. Embora não o conhecesse, aquela fisionomia era familiar demais!

Então Tilly percebeu que estava diante de um descendente dos maias, cujo rosto vira nas gravuras de Catherwood. Uma cruz de metal pendia em torno de seu pescoço e, ao tocá-la, sentiu uma ligeira pulsação sob a pele ainda cálida. Graças a Deus ainda não morrera! Mas, ao retirar a mão, coberta de sangue, ela estremeceu. Havia um ferimento profundo e seus conhecimentos de medicina se limitavam aos primeiros socorros e só poderia fazer curativos que impedissem uma hemorragia fatal.

E depois... teria de fugir para seu esconderijo, pois os bandoleros poderiam voltar! Também pensava no retorno de Flynn, que precisaria ser avisado sobre os criminosos espalhados pela região. Embora tentasse, não conseguia afastar o angustiante pressentimento de que ele já os encontrara e talvez seu corpo estivesse se esvaindo em sangue, escondido pela densa vegetação da floresta. Nesse momento, porém, não podia perder a iniciativa, cedendo à morbidez do pânico. Tinha de trabalhar e com toda a rapidez! Tilly começou a rasgar tiras de seu vestido já tão esfarrapado para fazer ataduras. Não se arrependia da destruição de sua única vestimenta, mas não podia negar que ficara ainda mais precariamente vestida! A saia se resumia a algumas faixas de tecido, como pétalas entreabertas de uma flor e sem dúvida não era o traje adequado para uma mulher recatada! Entretanto, a decência de uma roupa convencional perdia a importância diante de uma vida que poderia ser salva!

Tilly envolveu as tiras de tecido no lenço do desconhecido e retirou a faixa do pano que ele usava no lugar do cinto e serviria para prender o curativo; Ao abri-la, um pequeno objeto caiu sobre as pedras, rolando para longe. Sem dar a menor importância a esse detalhe, apertou bem a atadura sobre o ferimento e, aliviada, viu que conseguira a pressão necessária para estancar a hemorragia, pelo menos por algumas horas.

Sentando-se sobre os calcanhares, Tilly observou seu trabalho e sentiu-se satisfeita com o resultado obtido, bastante eficiente para uma amadora. O próximo passo, no entanto, talvez apresentasse dificuldades quase insuperáveis. Como carregar aquele homem inerte e pesado para dentro do templo? Se ao menos Flynn estivesse a seu lado! Não tinha forças suficientes e só poderia arrastá-lo alguns metros até a sombra das moitas que cresciam junto às paredes de pedra.

Exausta e banhada de suor, Tilly atingiu seu objetivo. Acomodara o ferido sob um ar-busto com uma ramagem mais espessa e sentou-se no chão, sem forças para manter-se em pé. Não havia nada a ser feito antes do retorno de Flynn, a não ser molhar o rosto do homem inconsciente e dar-lhe um pouco de água, rezando para que ele engolissem ou morreria de desidratação. Seria mais fácil e mais rápido ir até o canal em vez de subir os degraus do templo, além de expor-se menos ao risco de que alguém visse sua silhueta em contraste com as pedras iluminadas fortemente pelo sol.

Tilly examinou com o máximo de atenção todo o pátio, à procura de alguma sombra furtiva ou um movimento suspeito entre as árvores. Aparentemente, não havia nada fora do normal e ela deu o primeiro passo. Seu pé descalço pousou sobre algo duro, talvez um pedregulho e, ao chutá-lo, viu o brilho irradiante da pedra.

Era mais uma magnífica esmeralda!

Mesmo sem polimento, a pedra cintilava, verde como o mar... e os olhos de Flynn. Apesar do calor tórrido, um arrepio de frio percorreu o corpo de Tilly. Uma coincidência sinistra? Seria impossível que existisse alguma ligação entre essa esmeralda e as outras, culpadas por todas as suas desventuras. Além disso, se os bandoleros tinham perseguido aquele homem para roubá-lo, por que não levaram o objeto de sua cobiça assassina?

Havia uma aura de mistérios envolvendo aquelas magníficas pedras. Tilly

pressentia que um encantamento maléfico emanava das esmeraldas, uma força diabólica que atraía violência e morte. Ela nunca se sentira atraída por essa pedra preciosa, mas agora desenvolvera uma incontrolável aversão!

Amarrando a pedra em mais uma tira de sua pobre saia de frangalhos, prendeu-a dentro do corpete e voltou a examinar a clareira. O sol intenso da tarde sobre o calça-mento do pátio provocava uma luminosidade tão forte que quase a cegava. As pedras claras refletiam uma luz sobrenatural e ao longe via-se apenas o contorno negro da selva recortado no azul vívido do céu.

Os pássaros e os macacos, sempre em bandos, não se agitavam indicando a presença de intrusos na área. Tilly deu novamente um passo e, mais uma vez, recuou. As pedras queimavam como fogo e ela estava descalça! A floresta ficava a poucos metros, mas sem sapatos seriam quilômetros de tortura e, no entanto, tinha de ir até o canal. Talvez fosse o momento de permitir que seu espírito prático superasse seus preceitos morais. Voltando para junto do homem ferido, olhou com inveja para as sandálias de couro macio com amarrilhos de corda.

Enquanto tirava-as dos pés do desconhecido, Tilly tentava afastar o sentimento de culpa justificando seu roubo. Na realidade, seria apenas um empréstimo, pois ele não estava em condições de usá-las naquele momento. Além disso, conseguira ajustá-las ao seu tamanho e só calçada poderia ajudá-lo!

Tilly começou a perigosa travessia do pátio em direção ao canal, ainda esgueirando-se entre os arbustos. Só então lembrou-se de que, se permanecesse escondida na floresta, não poderia avisar Flynn para não aproximar-se do templo, arriscando-se a cair nas mãos dos bandoleros. Como saber que caminho ele escolheria para voltar ao seu refúgio? Mais uma vez seu espírito prático ajudou-a a encontrar uma solução e a vítima foi sua saia já quase inexistente!

Rasgando novas tiras, agora bem finas, ela as atou nos galhos mais baixos dos arbustos. Mal se notavam os trapos de tecido claro entre as folhagens, mas Flynn não cruzaria o pátio sem antes examinar a área com todo o cuidado e seus olhos alertas veriam os sinais e, seguindo-os, a encontraria facilmente. Talvez não fosse o método perfeito, porém não lhe ocorria outra idéia.

Finalmente, Tilly enfrentou o amplo espaço aberto onde estaria desprotegida e correu, com todas as suas forças, até as primeiras árvores. Ao escapar do sol inclemente, a sombra da floresta provocou-lhe a sensação de estar entrando em uma magnífica catedral verde e fria. Suspirando aliviada, apoiou-se a um tronco envolvido por um grosso cipó e mal sufocou um grito de terror quando o viu mover-se.

Paralisada pelo pânico, Tilly não tirava os olhos da gigantesca jibóia que também a fitava com seus olhinhos diabólicos. O tempo parou enquanto ambas se olhavam. Então, a cobra deslizou e desapareceu na vegetação rasteira.

Fora um confronto silencioso e tão breve que Tilly ficou em dúvida se, na verdade, algo acontecera. A cobra existira apenas por uma fração de segundo e, com a imprecisão dos sonhos, se desfizera misteriosamente, intensificando a sensação de irrealidade que envolvera Tilly. Estava em um mundo além da imaginação humana e que só poderia ser uma criação sobrenatural, onde se perdia o contato com o passado e o

futuro diante da necessidade de sobreviver no presente. A Inglaterra e a Jamaica não passavam de imagens vagas e sem autenticidade, como se fossem gravuras de algum livro antigo. Seu universo se resumia à selva primitiva e ruínas milenares, um cenário estranho e ameaçado por animais selvagens, répteis perigosos e bandoleros assassinos.

E em algum lugar desse mundo fantástico estava Flynn. Tilly sentia-se tão apavorada com a segurança dele que mal pensava em si própria. Não seria apanhada de surpresa porque presenciara a violência do ataque e tomara todas as precauções para passar despercebida pelos criminosos, mas...

Ela viu apenas de relance um ponto branco surgir entre as folhas, antes de sentir o braço rodeando-lhe os ombros enquanto a mão tapava-lhe a boca. Tentou chutar seu atacante, mas foi erguida no ar e seus pés perderam o contato com o chão. Agora, só lhe restava morder.

— Que diabo, Tilly! Fique quieta!

O murmúrio quase inaudível teve o efeito de um milagre. Era Flynn!

— Graças a Deus! Você está são e salvo!

Os braços fortes agora serviam-lhe de refúgio e abrigo. Colando-se ao corpo dele, Tilly sentiu-se novamente segura e protegida.

— Sinto muito, querida. — Ele queria ver o rosto de Tilly. — Não pretendia assustá-la tanto, mas tive medo que você gritasse. Não somos mais os únicos a nos esconder nestas ruínas.

— Eu sei. Os dois bandidos sumiram juntos, mas o homem ferido continua inconsciente entre os arbustos do templo. Pelo menos, espero que ainda esteja lá e vivo porque...

Tilly percebeu que o nervosismo a impelia a falar descontroladamente.

— Ele já pode estar morto, mas o arrastei até a sombra. Se não fosse verdade, eu não teria tirado suas sandálias.

Pela primeira vez desde que Tilly o conheceria, Flynn demonstrou estar chocado e completamente confuso.

— Como? O que quis dizer com...

— As sandálias, ora! — Ela apontou para os pés. — Eu tive de tirá-las do homem ferido, porque as pedras estavam quentes demais e não conseguiria atravessar o pátio descalça.

— Esqueça essas malditas sandálias, por favor. Conte-me tudo sobre esses homens.

— Bem... eu ouvi gritos, algumas horas após sua partida...

Tilly relatou os fatos com precisão e rapidez. Ao terminar seu relato, a expressão de Flynn refletia fúria e arrependimento.

— Eu não devia tê-la deixado sozinha! Mas, graças a Deus, você é uma mulher sensata e com muita iniciativa.

— Sensata e com muita iniciativa? — replicou ela, furiosa. — Então é por isso que estou perdida no meio da selva, maltrapilha, suja, faminta, seminua e rodeada por ruínas pagãs, criminosos da pior espécie e vítimas esfaqueadas?

— Não tenho idéia, mas... — Flynn mal continha o riso. — Só lhe peço para

continuar sua torrente de reclamações e censuras quando estivermos longe daqui.

— Eu não estou reclamando nem censurando ninguém!

— Não mesmo? — Ele tentou afastá-la daquele lugar, mas Tilly não se movia.

— É totalmente inconcebível ir embora e deixar aquele pobre homem sem cuidados. Pelo menos temos de verificar se ainda está vivo.

— Ele pode ser também um bandolero como os outros. As palavras de Flynn surpreenderam Tilly. Ela fora tão impulsiva que nem sequer pensara nessa possibilidade.

— Sinto dizer-lhe que essa idéia não me ocorreu, mas...

— Além disso, eu seria tão criminoso quanto eles se permitisse que você continuasse nesta área correndo perigo. Os bandoleros ainda estão por aqui, Tilly.

Ela ia continuar a discussão quando Flynn lhe fez um sinal pedindo que se calasse. Sua postura se transformou com uma inacreditável rapidez, a atenção despreocupada dando lugar a uma total concentração. Por mais que tentasse, Tilly não via nem ouvia nada de anormal. O ruído costumeiro da floresta não havia se alterado e os animais não davam nenhum sinal de que algum intruso invadira seu mundo.

Flynn, entretanto, permanecia alerta e tenso. A imobilidade e a expectativa estavam provocando uma crise de nervos em Tilly, que só não lhe perguntava qual era o perigo porque sua intuição lhe dizia para calar-se e seguir as ordens dele. Quantos minutos ou horas intermináveis teriam se passado até que uma arara, de colorido exótico, voasse subitamente, soltando gritos estridentes? Os pássaros voaram, mas sem ruído, e até os macacos barulhentos silenciaram. A selva prendia a respiração e esperava.

Sem que Tilly percebesse qualquer movimento de Flynn, um punhal afiado surgiu nas mãos dele. Houve um longo intervalo de silêncio na floresta e então os animais recomeçaram a se movimentar como de costume. O perigo que os ameaçara tivera curta duração.

— Vou verificar o estado do homem ferido e depois percorrer toda a área ao redor dos templos. Enquanto isso, fique escondida e não se atreva a sair do esconderijo. Os bandoleros podem estar muito perto daqui.

O protesto morreu na garganta de Tilly diante da expressão autoritária de Flynn. Com um olhar que não admitia argumentações, ele apontava para um espaço entre as raízes de uma enorme árvore.

— Entre ali embaixo, Tilly. E fique lá dentro até eu voltar. Entendeu bem ou terei de repetir?

Engolindo a raiva e a vontade de dar-lhe uma resposta malcriada, Tilly obedeceu em silêncio. Esgueirou-se entre as raízes, acomodando-se em um espaço reduzido com um cheiro insuportável de folhas em estado de putrefação. Flynn só se afastou depois de ter certeza de que ninguém a veria naquele esconderijo e ela ficou sozinha. Mais uma vez!

Com o passar do tempo, Tilly esqueceu-se da expressão dura de Flynn e revoltou-se contra a inatividade forçada. Aquele homem adorava aventuras, mas a impedia de participar! Enquanto se divertia brincando de explorador na selva, ela era

relegada à posição de prisioneira!

Entretanto, Tilly não o teria desobedecido se não fosse pela câimbra. A má posição, forçando sua perna direita, provocou uma dor lancinante e naquele buraco não havia espaço suficiente para esticá-la e aliviar a tensão muscular. Ela tentou agüentar sem sair do esconderijo, mas, após alguns minutos insuportáveis, arrastou-se para fora da caverna formada pelas raízes.

Tilly ficou em pé, pressionando a perna direita contra o chão. Infelizmente, a dor retornava no instante em que parava de forçar os músculos.

Então, o som de um galho se quebrando soou às suas costas. Tilly virou-se rapidamente para trás, mas a perna dolorida não sustentou seu peso e, perdendo o equilíbrio, ela agarrou-se ao tronco da árvore. Ao avistar uma camisa branca através da vegetação espessa, deduziu que fosse Flynn e suspirou aliviada.

Percebeu seu erro tarde demais. Ainda tentou correr e gritar por Flynn, porém a mão, cobrindo sua boca e seu nariz, a sufocava além de impedi-la de pedir socorro. Mas Tilly não pretendia desistir sem lutar! Levantando os braços, bateu com os cotovelos no estômago de seu atacante e um gemido abafado indicou que havia acertado o alvo. Conseguiu empurrar o braço que a prendia e então... o cabo de um facão a atingiu na base do crânio.

Tilly nem sequer percebeu que levava uma violenta pancada. Não sentiu dor, apenas uma estranha sensação de paralisia, um estrondo ecoou em seus ouvidos e um pássaro negro e gigantesco e desceu sobre ela, envolvendo-a em suas amplas asas sombrias.

CAPÍTULO XII

Dor e desconforto. A cabeça latejava, pulsos e tornozelos ardiam como fogo, um chão duro. As sensações de mal-estar se intensificavam à medida que a consciência retornava e Tilly voltou a si, ouvindo seus próprios gemidos.' Ainda estonteada, sentiu uma bota chutando seu braço.

— Ah! Está acordando, Bela Adormecida?

A voz pertencia a um homem. Alguém muito cruel e, sem qualquer sombra de dúvida, nascido na Inglaterra. Ela entreabriu os olhos e fechou-os rapidamente, para não ver o mundo girando ao seu redor. Uma sensação que lhe provocava náuseas. A bota a atingiu de novo e desta vez com mais brutalidade.

— Não adianta fingir que ainda está desacordada. Acabará abrindo os olhos e é melhor que seja agora.

Na segunda tentativa, Tilly conseguiu olhar à sua volta sem tonturas e com a visão mas nítida. Estava deitada de lado, com os pulsos e os tornozelos bem amarrados

e aparentemente fora colocada em algum celeiro abandonado ou talvez uma casa nativa, em ruínas. Folhas de palmeira serviam de teto e as paredes outrora cobertas de barro tinham se desfeito, deixando à mostra o entrelaçado de bambus. Pelos vãos abertos, entrava a luz do sol. Ainda era dia, mas onde a teriam aprisionado?

E onde estava Flynn? Também preso ou conseguira escapar e voltaria para salvá-la? Não houve tempo para pensar. O par de botas reapareceu e com um golpe violento virou-a de frente, provocando uma dor brutal nos braços presos às suas costas. Tilly não conteve um grito de dor.

O homem agachou-se ao lado dela. Um rapaz louro e, apesar de jovem, com o rosto marcado por uma vida de devassidão. Entretanto, foram os olhos, azuis e com uma estranha expressão de Inconsciência, que aterrorizaram Tilly. Nunca vira feições tão perfeitas nem tão frias e teve a impressão de estar vendo a estátua de um anjo, esculpida em uma pedra amaldiçoada.

O medo de Tilly não passou despercebido e provocou um sorriso de infinita crueldade nos lábios bem-feitos.

— Não há motivo para sentir qualquer medo. Se você cooperar, sua situação será bem menos... torturante.

— Quem é você? — ela decidiu usar o ataque como arma de defesa. — Sem dúvida ficou louco! Solte-me imediatamente.

— Acho que a pancada afetou sua mente. Eu faço perguntas e dou ordens aqui.

— Insisto em saber quem é e por que me trouxe até este lugar imundo!

— Explicações só serão dadas se eu receber ordens de meu superior. Considere-me um representante da pessoa que "a trouxe até este lugar imundo", conforme suas próprias palavras! Sou um... digamos que ocupo o cargo de primeiro-ajudante do chefe.

Enquanto o ouvia, Tilly tentava raciocinar com o máximo de rapidez. Pressentia que as ameaças veladas e o olhar sem expressão ocultavam um temperamento cruel e violento, semelhante ao dos valentões da aldeia. Conhecia muito bem esse tipo de tirano local, que se comprazia em ver o terror estampado no rosto de suas vítimas. Implorar-lhe por piedade apenas aumentaria seu prazer em torturá-la e só se deteria diante de uma demonstração de força. Aparentando uma calma que há muito a desertara, ela o enfrentou com altivez.

— Um ajudante? Eu não costumo discutir com empregados! Recuso-me a falar com você ou outro subordinado qualquer. Chame seu chefe!

A violência inesperada daquele ataque verbal o desorientou e suas feições refletiram ódio e insegurança. Ele demonstrava claramente o quanto sentia raiva de seu superior, mas o rancor não vinha à tona por medo. Enquanto o via debater-se num conflito íntimo, Tilly o pressionou, certa de que encontrara o caminho certo para enfrentá-lo.

— Então? — ela falou com mais rispidez e demonstrando um profundo desprezo.

— Por que está parado como um tolo? Desperdiça o meu tempo, porque não tenho o hábito de tratar de assuntos sérios com subalternos.

Uma interna palidez seguida pelo rubor da cólera transfigurou as feições do rapaz. Seus lábios se afinaram, num ríctus grotesco e Tilly mal controlou o medo

diante daquela máscara que refletia um ódio destrutivo. Como pudera ver algo de angelical em um rosto decididamente demoníaco?

— Vai se arrepender de ter falado assim comigo! Eu poderia evitar uma situação difícil demais para você, mas... é igual a todas as outras! Não passa de uma moça rica que se julga superior a mim... só porque nasceu em berço de ouro.

Com a transformação do rosto do rapaz, também se alterara, surpreendentemente, seu modo de falar. Através da expressão selvagem e das palavras grosseiras, revelavam-se suas verdadeiras origens. Vindo do submundo do crime, ele liberava anos de ódio e frustração numa torrente de ofensas no mais baixo calão das ruas sombrias de Londres.

Tilly teria perdido o controle se compreendesse o significado de metade das imprecações dirigidas contra ela. Como entendia apenas uma entre cada dez palavras, esforçou-se por manter um sorriso desdenhoso e o queixo altivamente erguido. Sua atitude desafiante sofreu um sério abalo quando ele mudou novamente de tática, insultando-a com palavrões bastante comuns.

— Vagabunda! Imoral! Prostituta imunda! Você é...

— Cale a boca, Dawson! Ou prefere que eu arranque sua maldita língua?

Um outro homem havia entrado e, apesar da violência das palavras, sua voz era estranhamente suave. Dawson calou-se por um instante mas, decidido a não recuar, encarou o recém-chegado com fúria.

— Não venha me dizer o que eu posso ou não fazer, Minas — resmungou Dawson.

— Não tenho medo de você, entendeu?

O outro homem enfrentou o olhar de Dawson e, em segundos, o rapaz desviou os olhos. Pisando duro, saiu do recinto. Minas era moreno e de cabelos negros, mas Tilly não conseguiu identificar sua nacionalidade através do sotaque estranho.

— Você é mesmo bonita, señorita inglesa. — Ele coçou a barba, pensativo. — E isso significa uma vantagem a mais. Tinham me falado sobre a sua beleza, mas não acreditei. Homens como nós, que vivem no mato muito tempo longe das mulheres, são capazes de achar linda até uma velha desdentada!

Agachando-se ao lado de Tilly, ele cortou as cordas que lhe prendiam os tornozelos.

— Que pele macia... seria uma pena deixar cicatrizes estragarem tanta beleza.

— Fico feliz por termos a mesma opinião — replicou Tilly, sem controlar sua indignação. — Agora solte os meus braços antes que percam também a beleza.

— Sinto muito, mas não pode ser, señorita. Venha, tenho algo a mostrar-lhe... é importante que veja.

Quando o homem a colocou em pé, Tilly só não caiu porque ele a segurou em tempo. Suas pernas estavam insensíveis e a dor provocada pela volta da circulação encheu seus olhos de lágrimas. Apesar da visão embaçada, notou a expressão de piedade no rosto de Minas e, esperançosa, acreditou que o convenceria a ajudá-la.

— Por favor! Você não é um monstro como aquele outro, poderá me auxiliar. Solte-me!

— Já lhe disse que sinto muito, señorita. Como Dawson, eu também recebo

ordens de um superior.

— Eu lhe imploro! Aquele homem é...

— Venha comigo e entenderá. — Ele empurrou-a em direção à porta. — Sei que deve estar assustada com Dawson. Ele tem algo que provoca calafrios, certo? Entretanto, não precisa temê-lo. Não acontecerá nada de mal consigo porque, afinal, somos todos pessoas civilizadas.

No instante em que abriu a porta, sua gargalhada selvagem ecoou nos ouvidos de Tilly, que, em pânico, recusou-se a prosseguir. Diante dela, estavam os homens menos civilizados que já encontrara em toda a sua vida!

Encostados às paredes de pedra de uma outra construção, eles a fitavam com olhares e sorrisos ávidos. Consciente de seu estado de seminudez, Tilly não tinha sequer o consolo de poder cobrir os seios revelados pelo decote do corpete, pois seus braços continuavam atados às costas. Humilhada, suportou os gritos lascivos e, mesmo sem entender as palavras, via os gestos obscenos de sentido inconfundível.

— Agora sabe que nem todos por aqui são cavalheiros bem-educados como eu — disse Minas com toda a tranqüilidade. — Uma mulher, mesmo se não fosse bonita, seria um presente dos céus para esses homens que estão no mato há meses sem satisfazer seus instintos sexuais. Deve ter notado que ficaram excitados e impacientes.

Minas fechou novamente a porta, abafando os gritos dos homens e, sem qualquer aviso, soltou-a. Tilly caiu de rosto no chão e, mordendo a língua, sentiu a boca encher-se de sangue. Em vez de apavorar-se diante de uma situação trágica, foi dominada por um ódio incontrolável. Mais uma vez, desejou ser um homem e enfrentar aquele bandido em igualdade de forças. Se ao menos estivesse com os braços soltos, se tivesse ao menos um pedaço de pau para defender-se!

Colocando-a de costas para o chão, Minas agachou-se de novo ao lado dela. Ao notar o brilho de ódio em seus olhos, deu uma risada satisfeita.

— Ah! A señorita inglesa é valente! Se não estivesse amarrada... acho que cortaria um pedaço muy importante do meu corpo, certo? — Ainda sorrindo, ele retirou da bota um longo e afiado punhal. — Mas eu tenho a arma, não a señorita. Além disso, há um bando de homens lá fora, todos querendo provar que são muy machos diante de uma bela inglesinha. Agora você sabe quais são suas chances e creio que não se negará a responder minhas perguntas. Nós queremos informações...

— Eu lhe direi tudo o que quiser... se estiver ao meu alcance.

Embora não pudesse saber exatamente por que fora capturada, Tilly tinha suas suspeitas e surpreendeu-se ao descobrir que se enganara redondamente.

— Em primeiro lugar, quero saber por que se arriscou a afastar-se da equipe de escavação. — Ele aproximara-se de Tilly e ergueu-lhe a cabeça, puxando-a pelos cabelos. — Estava segura com seus amigos arqueólogos no acampamento. Saiu de lá para espionar?

— Como? Não entendo! Sobre o que está falando...

Tilly não pôde prosseguir porque ele bateu sua cabeça com violência de encontro ao chão.

— Não banque a idiota, senhorita. Eu não sou paciente.

— E eu acho que me confundiu com outra pessoa — murmurou ela, lutando para não se descontrolar. — Não sei nada sobre acampamentos de arqueólogos ou equipes de escavação...

As negativas de Tilly não provocaram nenhuma reação em Minas. Ele se detivera, ouvindo uma voz dura e o som de passos que se aproximavam rapidamente. Alerta e pronto a atacar, ficou de frente para a porta, que, após alguns instantes, foi aberta com violência.

A luz intensa do sol da tarde iluminava o perfil de um homem. O coração de Tilly quase parou ao reconhecer a silhueta atlética de Flynn, que surgia, com a postura invencível de um deus marcial. Após a primeira reação de intensa felicidade diante da coragem necessária para entrar num covil de bandoleros a fim de salvá-la, ela recuperou a capacidade de raciocinar e sentiu um pânico inexplicável.

Descontraído e sem nenhum sinal de tensão, Flynn conversava com um dos bandidos enquanto os outros vinham em sua direção. Aos poucos, foram formando um círculo e ele continuava tranqüilo. Será que perdera seu excepcional instinto de sobrevivência e não percebia o perigo?

Antes que Tilly pudesse gritar para preveni-lo, Flynn andou com determinação para dentro do recinto onde a haviam encarcerado. O grito de alarme morreu em sua garganta. Ele vinha em sua direção e os homens sorriam, se curvavam e ouviam atentamente as suas palavras, como se estivessem acostumados a receber suas ordens!

Agarrando-se a uma última esperança, Tilly acreditou que estava tendo alucinações. Aquele homem não podia ser Lucas Flynn! Havia uma grande semelhança, mas...

Ele aproximou-se e Minas, guardando o punhal, ergueu-se para recebê-lo. Tilly fechou os olhos, incapaz de suportar o impacto da verdade.

— Fleenl — exclamou Minas, distorcendo o nome com seu estranho sotaque. — Por que não nos avisou que vinha? Ouvi dizer que ainda estava na Jamaica.

— Alguém falou sem ter certeza do que dizia, Minas. Os meus informantes porém são mais eficientes. A mulher ainda está aqui ou conseguiu fugir?

— Esta brincando comigo, Fleenl Ninguém escapa das garras de Minas. Ela continua aqui, amarrada e quase pronta para responder às minhas perguntas.

De costas para a porta, Flynn bloqueava a luz e Tilly, embora não pudesse vê-lo com toda a nitidez, sabia que ele a enxergava perfeitamente bem.

— Ora, ora! Então essa é a misteriosa moça inglesa. — Ele aproximou-se mais e sorriu, satisfeito. — Ótimo trabalho, Minas. Já conseguiu alguma informação?

— Ela é teimosa, uma verdadeira mula! Mas é só me dar mais um tempinho com esta senhorita e ficará macia como cera em minhas mãos.

Ao dar mais um passo, Flynn parou, iluminado pelo sol que entrava através das frestas na parede em ruínas. A luz dourada realçava seus traços másculos, o brilho das mechas prateadas em seus cabelos e os olhos muito verdes e semicerrados. Olhos de gato, talvez até de tigre e certamente de um desconhecido! O pânico tomou conta de Tilly de tal modo que teve dificuldades para respirar e sentiu-se quase sufocada.

— Talvez seja melhor que eu interrogue nossa convidada involuntária, Minas. Seus métodos de persuasão são um tanto brutais para o meu gosto e não deveríamos deixar marcas que estragassem essa beldade inglesa. Concorde comigo? — A voz de Flynn demonstrava uma autoridade que não admitia recusas. — Aliás, na Inglaterra costuma-se dizer que se apanham moscas com mel, não com vinagre.

Finalmente, Flynn olhou para Tilly, que mal controlou a reação instintiva de encolher-se diante do perigo que lia no rosto muito próximo ao seu.

— Boa tarde. Meus amigos não estão habituados a receber damas de alto nível, por isso espero que não a tenham tratado com muita grosseria.

— Eu devia ter imaginado... — A voz de Tilly revelava a extensão de sua amargura. — Só podiam ser seus amigos.

— É, suponho que deveria. Vamos, levante-se!

Em pé, Flynn dava a impressão de ser um gigante extremamente ameaçador. Tilly, porém, se recuperara e agora só sentia ódio.

— Você é... um... um imbecil! — gritou ela, descontrolada pela fúria. — Estou com os braços amarrados e as pernas ainda sem circulação! Mas assim que ficar livre...

— Cale a boca!

A voz de Flynn ecoou no recinto com o estrondo de uma explosão. Voltando a abaixar-se, quase encostou seu rosto duro e desprovido de emoções no de Tilly.

— Você está em minhas mãos e sem qualquer possibilidade de reagir, portanto... faça o que eu disser! Seria ótimo se avaliasse o perigo que corre e mantivesse a boca fechada!

— É uma ameaça?

— Não, apenas um aviso. Sei que deve ser uma mulher sensata... e aceitará um bom conselho.

Mordendo os lábios de raiva, Tilly decidiu não continuar a discussão. Uma voz lhe dizia que aquele não era o momento de enfrentá-lo.

— Diga-me onde encontrou esta bonita pedrinha? — perguntou Flynn, retirando a esmeralda do bolso da camisa. — Dawson contou-me que você a escondia em seu corpete...

Tilly não conteve um tremor de repulsa ao imaginar Dawson tocando-a intimamente. Minas percebeu sua reação e deu uma gargalhada.

— Teve muita sorte, senhora. A aparência de Dawson é a de um homem frio, mas, acredite, o sangue dele é muito quente. Não quero nem pensar no que aconteceria se eu não interviesse!

Com uma expressão ausente, Flynn não os ouvia, concentrando-se na pedra em seu poder. O sol avivava o brilho intenso da esmeralda, que refletia a mesma luz fria do olhar daquele homem perigoso. Agora Tilly não podia mais fugir da realidade.

— A moça ainda não está pronta para falar e talvez precise sentir por mais tempo o desconforto de ficar presa, Minas. Nada de bebida ou comida para a nossa prisioneira até eu dar ordens para isso, entendeu? Enquanto esperamos... que tal abrir um barril de rum para matar a nossa sede?

— Espere! — gritou Tilly, desesperada. — Até o "senhor" não pode ser tão cruel

e deixar-me assim, sr. Flynn. Exijo explicações! Quero saber o que pretende fazer comigo!

— Acha mesmo que não posso ser tão cruel? Pois terá tempo suficiente para pensar sobre esse assunto. Quanto a explicações, irá recebê-las bem antes do que gostaria... assim que eu voltar!

Tilly sempre pressentira que a aparência descontraída de Flynn não passava de uma máscara que ocultava um mistério inquietante. Infelizmente, não calculara a extensão da ameaça e só agora percebia que ele representava um perigo fatal! Jonas acertara e, ao aceitar a realidade, sentiu-se indefesa diante da violência e da morte.

Os dois homens saíram sem trancar a porta. Tilly nem pensou em fugir, pois teria de cruzar o pátio entre as duas construções, onde os outros bandidos certamente continuavam reunidos. A solidão só lhe serviria para tentar descobrir a relação que poderia haver entre Flynn e o grupo comandado por Minas.

Entretanto, Tilly não conseguia pensar em nada além da inacreditável transformação que presenciara. Aquele homem duro e frio que a fitava como se visse uma desconhecida não podia ser o mesmo a quem entregara seu coração, seus sentimentos mais sublimes e também seu corpo. Onde estava o amante ardente que a possuía com paixão junto às águas límpidas do canal? Até a voz se modificara e só revelava a indiferença distante de um estranho. Comportara-se como se nunca tivessem partilhado momentos de prazer e intimidade ou então... como se tudo o que acontecera não significasse nada para ele!

Tilly só não fora privada do seu orgulho e tentou mantê-lo durante as horas em que esperava pela volta de Flynn. A luz indicava que ainda não anoitecera, mas as vozes, sempre mais altas e começando a demonstrar o estado de embriaguez dos homens, comprovavam o passar do tempo. O crepúsculo se iniciava e, quando ela viu a porta se abrir, pressentiu que talvez não visse nunca mais o nascer de um novo dia.

Dawson estava parado diante dela, transtornado pela bebida e pela luxúria. Tilly preparou-se para o pior, mas alguém o puxou com violência, impedindo-o de aproximar-se. Minas o agarrara e os dois se enfrentavam com fúria.

— Tire suas malditas mãos de cima de mim! — berrou Dawson, com a voz pastosa. — Eu encontrei a mulher, ela é minha.

— Deixe-a em paz. — Minas não perdera a compostura nem a autoridade. — Fleen vai ficar com ela.

— Ele vai é para o inferno! A mulher me pertence!

Os dois se calaram com a chegada de Flynn, que, sem dignar-se a discutir, atingiu Dawson com um soco certeiro. Olhando o corpo caído com desprezo, ele encarou Minas.

— Seus homens não têm disciplina e essa falha poderá ser fatal para você, Minas.

— Foi a bebida, Fleen. — Minas empalidecera, nitidamente amedrontado. — Dawson não é mau, mas o rumo o transforma em um outro homem. Tomarei providências para que ele não repita esse erro.

— Seus homens estão todos bêbados e a presença de uma mulher no barracão é

um atrativo tentador. — Se ela ficar aqui esta noite, Dawson não será o único a... repetir o erro!

— Mas afinal, ela é uma mulher e foi feita para satisfazer os homens. Não vejo...

— Não vê que esta mulher poderá ser extremamente valiosa para nós? Solte-a agora, Minas.

O chefe dos bandoleros não disfarçou sua hesitação e custou a obedecer Flynn. Finalmente, ainda relutante, aproximou-se dela e cortou as cordas que lhe prendiam os braços. Mais uma vez, a dor da circulação que retornava provocou-lhe lágrimas e Tilly se controlava para não gemer.

— Ela não consegue ficar em pé, Fleen.

— Então vou carregá-la até conseguir — replicou Flynn, levantando-a do chão. — Chegaremos antes que escureça completamente.

Dando de ombros em resignação, Minas cedeu. Quem não sabia que os ingleses eram loucos?

— Como quiser, Fleen. É você, não eu, quem irá cruzar a floresta na hora que El Tigre sai para seus passeios. — Minas deu uma gargalhada. — Mas o chamam de Tigre, e talvez seu apelido o proteja.

Jogando Tilly sobre o ombro, Flynn saiu do barracão, seguido por Minas. Agora ela via uma ampla clareira já invadida pelas sombras do crepúsculo, onde uma quantidade de homens, maior do que calculara, jazia sob o efeito da bebida. Entre duas árvores, estava uma mula, o único animal visível em toda a área.

— É um animal feio mais incansável, Fleen. Trate-o como se fosse uma mulher. Dê-lhe comida, umas boas surras, mostre quem manda e ela será sua escrava devotada.

Sem a menor preocupação com as possíveis dores de Tilly, Flynn a jogou sobre o lombo da mula. Completamente sem forças, ela caiu para frente, com a cabeça sobre um cobertor enrolado e preso à sela do animal. Apesar do desconforto, não conseguiu reagir quando o viu passar uma correia em torno de sua cintura, prendendo-a em suas costas.

— Assim ela não cai no meio do caminho — explicou Flynn, rindo às gargalhadas.

Enquanto Tilly tentava acomodar-se melhor, os dois homens se despediram e Flynn ainda deu as últimas ordens. Embora não ouvisse as palavras, percebeu que Minas concordava, até finalmente encerrarem a conversa e ele retornar, ansioso, para junto do barril de rum.

— Você é o mais monstruoso de todos esse animais! — explodiu Tilly, mal haviam se afastado da clareira. — O mais brutal e cruel...

— Você está colhendo o que semeou — replicou Flynn, furioso. — Não quero que abra a boca novamente até receber ordens minhas, entendeu? Nem uma única palavra!

A expressão de Flynn não dava margens a dúvidas. Ele a estrangularia se fosse contrariado, portanto, seria melhor obedecer! Resignada, Tilly agüentou o passo duro da mula e as dores por todo o corpo. Subitamente, lembrou-se de que não comera nada desde o dia anterior e sentiu o estômago se contrair. Mas, apesar de todos os desconfortos, notou que seguiam para o noroeste. O movimento do animal, ritmado e

constante, acabou vencendo sua resistência e só percebeu que adormecera quando acordou, sobressaltada.

Algo assustara a mula que dera um salto brusco e Tilly teria caído se não fosse a correia que a prendia à sela. Estonteada, ouviu um rugido e deduziu que esse som apavorante provocara a reação de medo no animal.

— O que é? — murmurou ela, em pânico.

— É El Tigre, o rei da floresta.

— Não seja ridículo! — Tilly ergueu a voz, irritada. — Todos sabem que não existem tigres na América!

— Os nativos chamam as panteras de tigres e eu lhe agradeceria se falasse mais baixo e não atraísse a atenção dessa fera com seus gritos histéricos.

O medo foi mais forte do que o impulso de brigar com Flynn. Em silêncio e trêmula de pavor, Tilly tentava distinguir alguma forma entre as árvores, mas a noite já caíra e o luar mal conseguia se infiltrar pelos galhos entrelaçados. Apesar da falta de luz, ela avistou algo semelhante a uma cabana com o teto cônico coberto de palha e acreditou que estava novamente tendo alucinações. Junto à casa moviam-se dois homens?

— Onde estamos? Quem são...

— Cale a boca!

Olhando cautelosamente ao seu redor, Flynn assobiou. Se ela não estivesse muito próxima, duvidaria que um homem pudesse emitir pios idênticos aos de um pássaro. Então, ouviu-o repetir o som e uma sombra surgiu entre as árvores. Depois de fazer um sinal incompreensível para Tilly, voltou a desaparecer.

Eles haviam parado apenas por alguns segundos, porém foram suficientes para levantar uma nuvem de pernilongos que desceu sobre Tilly, mordendo-a sem piedade. Ela tentava afastá-los, mas em pouco tempo estava coçando da cabeça aos pés e um dos olhos inchava tanto que quase a impedia de abri-lo.

— Por favor! Solte-me ou serei devorada por esses malditos pernilongos! — reclamou ela, enfurecida. — Preciso ao menos ter condições de me coçar ou enlouquecerei.

— Está bem. Acho que já mantivemos o mistério por tempo suficiente.

Quando Flynn soltou-a, Tilly quase caiu, mas esforçou-se ao máximo para recuperar a força das pernas e não apoiar-se nele.

— Está fraca demais. Quer que eu a coloque novamente sobre a mula ou prefere andar?

— Estou à beira de um colapso de exaustão, além de dolorida e com coceiras insuportáveis. Mas é evidente que não está preocupado com os meus problemas! Pensei que fosse cruzar a península de Yucatán sem me tirar do lombo dessa maldita mula!

— Eu o faria se fosse preciso! No entanto, acho bom não esquecer que, se você tivesse ficado escondida como lhe pedi, não estaria agora nesta situação penosa. Colocou sua vida em perigo só porque é mais teimosa que essa maldita mula!

— Eu coloquei a minha vida em perigo? Quem roubou as esmeraldas e desencadeou todos os desastres possíveis? Se não fosse por você e seus infames

"amiguinhos", eu estaria bem tranqüila na...

— Abaixar esse tom de voz imediatamente! — Sem esperar que ela o obedecesse, Flynn tapou-lhe a boca. — Já não a avisei no acampamento de Minas para dominar sua incontrolável tagarelice? Nós dois podíamos ter morrido porque você não sabe manter a boca fechada!

— Até você me avisar, eu tinha certeza de que eles eram "grandes" amigos seus. Aliás, ainda não me convenci do contrário; portanto, se espera agradecimentos meus, desista!

— Explique-se melhor... — Ele a agarrou com violência pelos ombros. — Exatamente o que quis dizer?

— Acho que fui bastante clara. — Tilly tentava, em vão, livrar-se das mãos de Flynn. — A minha vida corria perigo, não a sua. Esteve todo o tempo em segurança e ninguém entraria e sairia daquele lugar infernal sem uma verdadeira batalha se não fizesse parte do bando!

— Entendo. Está me acusando de ser cúmplice de Minas e seus renegados.

— Estou apenas citando fatos concretos. — Ela ignorou o tom de voz implacável de Flynn. — Minas tinha mais autoridade do que Dawson, mas afirmou receber ordens de um superior. Só se eu fosse cega e ainda por cima idiota não notaria que ele acatou as suas ordens!

— Você me surpreende com esse raciocínio brilhante. — A calma de Flynn impressionava mais do que sua fúria. — Só me resta agora saber a que conclusão chegou... por que motivo salvei a sua vida e sua... discutível virtude?

A ofensa de Flynn foi a última gota e Tilly cedeu ao impulso de agredi-lo. Desejaria ter uma arma, mas, na falta de uma, usaria as unhas para feri-lo de algum modo. Descontrolada, continuou debatendo-se mesmo depois que ele lhe segurou firmemente os pulsos e só parou ao sentir o desejo renascendo apesar do ódio. A intensa atração que a impelia para os braços daquele homem não a impedia de reconhecer como fora tola e imprudente em confiar num desconhecido.

— Pode me insultar à vontade — replicou Tilly, quase sem voz. — Você se traiu quando disse a Minas que eu seria extremamente valiosa. Se não fosse verdade, eu ainda estaria naquele lugar imundo... ou talvez em uma situação bem mais degradante.

— Então, não se esqueça desse tipo de perigo se tiver algum impulso desatinado de afastar-se de mim durante a noite, srta. Templeton.

O ciclo se completara em vinte e quatro horas. Na noite anterior, uma voz acariciante a chamara de meu amor e agora voltava a ser a srta. Templeton. Sem coragem de erguer os olhos, Tilly lutou contra as lágrimas. Flynn a usara para atingir seus objetivos e ela, cega pela paixão, caíra na armadilha, acreditando em um sentimento mútuo. Como pudera ser tão crédula!

Tilly ainda se controlava para não chorar quando Flynn sacudiu bruscamente seu braço.

— Vamos! Recomece a andar. Temos um longo caminho a percorrer.

A jornada foi torturante. Através da floresta fechada e sombria, os dois caminhavam em silêncio. Desta vez, Tilly não conseguia admirar a beleza exótica das

flores, assustada demais com os pássaros noturnos que voavam muito perto de suas cabeças. Quando Flynn parou, tenso e alerta, ela se esqueceu de seu ódio e aproximou-se, apavorada. Um rugido ecoara muito próximo e agora já conhecia aquele som apavorante: era El Tigre passeando por seus domínios!

Flynn a puxou para mais perto e apressou-se a prosseguir. Guiada por ele, Tilly podia virar-se para trás a fim de procurar entre as árvores algum movimento que indicasse a aproximação da fera.

— Ele não está nos seguindo.

— Não perceberia se ele estivesse. El Tigre se move sorrateiramente, salta de um galho ao outro sem ruído, como se tivesse asas. É um dos mais lindos animais que se pode ver, mas, infelizmente, fatal para quem quer observá-lo por prazer.

Ainda mais assustada, Tilly reuniu todas as forças que lhe restavam para acompanhar os passos rápidos de Flynn. Perdera completamente a noção de onde estava e jamais conseguiria retornar ao refúgio entre os templos em ruínas. Com o passar do tempo, a exaustão voltou a bloquear seus pensamentos e ela o seguia, rezando para que saíssem logo do território dominado por El Tigre.

Subitamente, suas preces foram atendidas. A floresta ficou para trás e ela viu diante de seus olhos um campo arado. Apesar do escuro, distinguiu mais ao longe os contornos de uma casa nativa com o teto cônico coberto de palha. Então, ouviu o assobio de Flynn e um som idêntico chegou até eles, segundos antes de um homem surgir entre as folhagens da plantação.

— Tomaso! Meu velho amigo!

— Olá, Flynn! Imo avisou-me de sua chegada. Sejam bem-vindos.

Os dois se abraçaram, falando rapidamente numa mistura de espanhol, que Tilly concluía ser o dialeto da península do Yucatán. Incapaz de compreender uma só palavra, ela permaneceu apática até que Flynn retornou ao inglês.

— Este é Tomaso, um de meus melhores amigos.

— Uma recomendação que só me assusta!

Com um sorriso malicioso, ele voltou-se para o amigo a fim de apresentá-la.

— A srta. Templeton está me acompanhando em minhas viagens, Tomaso.

— Si, que prazer. Seja bem-vinda à minha casa, senhorita.

Tilly ficou admirada diante da calma de Tomaso. Se ele achava estranho encontrar uma jovem inglesa, seminua, saindo de uma densa floresta ao lado do amigo, disfarçava muito bem suas reações. Sentindo-se desafiada, decidiu participar daquele jogo e, ignorando sua aparência lamentável e o sorriso malicioso de Flynn, agiu com a naturalidade de quem estava habituada a encontros desse tipo.

— É extremamente gentil, senhor Tomaso. Espero que nossa chegada inoportuna e tão tardia não perturbe a rotina de sua casa.

O homem moreno e magro que usava calças e uma camisa de algodão branco iguais às de Flynn voltou-se para a casa e chamou a esposa.

— O seu amigo realmente não se assustou com a nossa chegada — comentou Tilly, ao perceber que Flynn continuava sorrindo. — Sem dúvida, ele deve estar acostumado a vê-lo surgir nos momentos mais imprevisíveis e com as mulheres mais

estranhas!

— Você acertou... metade da verdade. Tente descobrir que parte é mentira e...

A aparição de uma jovem de traços delicados o impediu de prosseguir. Flynn ocupou-se novamente com as apresentações e Uluma, a esposa de Tomaso, que não falava uma só palavra de inglês, convidou-os a abrigarem-se em seu lar. O pequeno grupo entrou na casa e se acomodou em torno de uma mesa rústica.

— Minha esposa lhes dará comida e bebida.

— Agradeço sua hospitalidade, Tomaso.

Uluma desapareceu atrás de um biombo de palha trançada e retornou trazendo uma jarra de barro, que entregou a Flynn. Ele tomou alguns goles e passou-a a Tilly.

— Não me importo de beber o resto da sua água — declarou Tilly, quando viu a jovem sair novamente da sala —, se é esse o costume local. No entanto, se a comida for entregue a você, aviso-o que a arrancarei de suas mãos antes que possa tocá-la!

— Você gosta tanto de citações que certamente não esqueceu uma das mais importantes: "Em Roma, faça como os romanos".

— Minha memória é excepcional, sabia? Entretanto, não estamos em Roma e sim em plena floresta, por isso seguirei as "leis da selva" e lutarei com unhas e dentes pelo meu quinhão de comida!

— Ótimo! Não há nada mais estimulante do que uma mulher temperamental... a não ser uma boa briga!

— Felizmente, Uluma frustrou seu segundo "estímulo" e evitou uma guerra. Está trazendo uma vasilha de comida para cada um de nós!

Apesar de faminta, Tilly esperou para ver como os outros comeriam a pasta colocada na tigela sem o uso de talheres. Quando percebeu que a retiravam com pedaços de pão, imitou-os e, em segundos, limpou a vasilha de louça. Ela notara o cuidado com que Uluma as tocava. Certamente eram os objetos mais preciosos que o casal possuía e só os retiravam quando recebiam hóspedes.

— Fique com Uluma — disse Flynn tão logo o jantar terminou. — Ela lhe dará uma de suas roupas. Eu e Tomaso temos de sair.

Sozinha, Tilly examinou a casa, muito rústica mas limpa e bem-cuidada. As duas só podiam se comunicar através de gestos e ela seguiu Uluma até um recanto resguardado por outro biombo e recebeu da dona da casa um vestido de algodão branco.

— Por favor... muito obrigada.

Evidentemente, a jovem só conhecia aquelas palavras além de, seu dialeto, e Tilly as repetiu com um sorriso de agradecimento. O rosto de Uluma demonstrou seu prazer em ser útil à hóspede inesperada e as duas perderam o constrangimento. Com gestos entusiásticos, a esposa de Tomaso a conduziu até uma rede onde dormia um garotinho.

— Juan — disse ela, irradiando felicidade. — Juanito. Encantada, Tilly abriu os braços, impulsivamente, e Uluma

entregou-lhe o filho para carregar. A criança, ainda sonolenta, estabeleceu um elo mais forte entre as duas, que sorriam já iniciando uma amizade baseada em gestos

e olhares.

Os homens não demoraram a chegar. Para surpresa de Tilly, Uluma entregou-lhe dois cobertores e, apagando o lampião, retirou-se da sala seguida por Tomaso.

— Deite-se — disse Flynn colocando um dos cobertores no chão. — Não é confortável como uma cama, mas será melhor do que a pedra do templo.

— E onde você pretende deitar-se?

— Bem a seu lado! Quero estar por perto caso você tenha alguma idéia absurda e decida sair desta casa. Só assim posso evitar suas loucuras.

— Pois eu me recuso a dormir perto de você. Prefiro ficar fora da sala.

— Vai deitar-se onde eu decidir, srta. Templeton.

Tilly estava cansada demais, física e mentalmente, para sequer pensar em brigar com Flynn.

— Então, cada um de nós fica com seu cobertor.

— Quer que eu a amarre de novo?

Apesar da penumbra da sala, a luz que brilhava naqueles inquietantes olhos de tigre assustou Tilly. Com um arrepio de medo, deitou-se, virando-se de costas para Flynn. Ele colocou o outro cobertor sobre ambos, sabendo que a madrugada traria ventos frios.

Tilly não conseguia dormir. Estava exausta e imaginara que, ao deitar-se, adormeceria de imediato. No entanto, permanecia desperta, atenta aos menores ruídos da casa. Ouviu o ressonar do bebê, o murmúrio suave de Uluma e a voz baixa de Tomaso. Até a noite anterior não teria condições de identificar os outros sons, os suspiros e gemidos sussurrantes que a forçavam a relembrar os momentos inesquecíveis nos braços de Flynn.

Sua mente revoltava-se contra essa fraqueza, esforçava-se para afastar as recordações, mas foi traída por seu próprio corpo. Vibrava com a proximidade de Flynn, ansiando pelas carícias que despertavam sua paixão. Ouviu-o suspirar e ficou com medo de ser tocada e não encontrar forças para resistir. Depois dos momentos de delírio que haviam partilhado, erguera-se entre eles uma barreira de frieza e hostilidade. A mudança fora rápida demais e ela não tivera tempo para ajustar-se à nova situação. Estava fraca, sem defesas contra uma potente atração, e vulnerável a um desejo incontido.

Horas após Uluma e Tomaso terem adormecido, Tilly permanecia acordada, tentando controlar suas reações. A poucos passos dali, um homem e uma mulher dormiam depois de saciar a paixão e um outro casal lutava para dominar os mesmos desejos que ambos não podiam admitir nem conseguiam esquecer. Só uma certeza a consolava e afastava seu desespero: Flynn também não conciliara o sono e esperava que se sentisse tão angustiado quanto ela!

Os dois passaram mais uma noite na casa de Uluma e Tomaso, horas intermináveis de desejo frustrado e solidão partilhada. Uma única vez, pouco depois de terem se deitado, Flynn tocou-a, em silêncio. O simples roçar de seus dedos despertava um desejo tão intenso que a ânsia de virar-se de frente para ele e entregar-se à paixão foi quase incontrolável.

Flynn sentiu o corpo de Tilly vibrar e deslizou a mão até tocar-lhe o seio rijo, acariciando-o lentamente. Ela mordeu os lábios para sufocar um gemido de prazer e dominar a volúpia que a dominava. Não havia nada no mundo que desejasse tanto como deixar-se envolver pelos braços fortes para iniciarem juntos a viagem inebriante em busca do êxtase.

Mas Tilly conseguiu reagir e, num impulso repentino, afastou-se ainda mais do homem que representava sua destruição. Não se entregaria a um prazer momentâneo, à volúpia de Flynn nem ao seu próprio desejo. Ele a enganara, a atraía e a usara sem pensar nos sentimentos que despertaria com uma paixão meramente física. Nunca mais permitiria que seu corpo sobrepujasse sua mente, por mais intensa que fosse a ânsia de ceder a uma atração proibida e de viver alguns minutos de falsa felicidade.

A rejeição teve o efeito desejado e Flynn afastou-se. Não houve uma segunda tentativa e ambos permaneceram tensos e acordados pelo resto da noite. Com a primeira claridade da madrugada, os dois se levantaram, bem antes de Uluma e Tomaso. Quando a jovem saiu do quarto, carregando o filho, notou o mal-estar de seus hóspedes e, baixando os olhos, evitou fitá-los. Entretanto, ela e o marido perceberam claramente a situação e sentiram pena do amigo cuja mulher não o desejava.

O café da manhã preparado por Uluma resumia-se a broas de milho frias, pois estavam de partida. Os homens tomaram cerveja, mas Tilly recusou-se a beber.

— Eu prefiro água. Bastaria uma gota de cerveja e não teria forças para caminhar.

— Não se preocupe com isso — disse Flynn, estendendo-lhe mais uma vez a jarra com cerveja caseira. — Ainda conservaremos a mula no início do percurso e depois eu a carregarei se for preciso.

— Pois prefiro rastejar!

— Não esquecerei disso quando surgir o momento de oferecer-lhe ajuda novamente.

Enfurecido, ele tomou um último gole e afastou-se de Tilly. Tinham chegado a um ponto tal de agressividade que não podiam aproximar-se sem iniciar uma discussão.

Tilly porém tinha outras preocupações. Uluma a preparava para a partida, amarrando um lenço sobre seus cabelos a fim de ocultá-los totalmente. Enquanto ela colocava um chapéu de abas largas, idêntico aos dos outros três, a jovem prendeu-lhe um xale nos ombros onde colocou Juanito. O garotinho entreabriu os olhos, e, sonolento, sorriu para o rosto de pele muito clara que o fitava com ternura e voltou a adormecer, sem medo por não estar nos braços da mãe.

Quando as duas saíram da casa, os homens já as esperavam prontos para partir. A mula quase desaparecera debaixo dos cestos trançados por Uluma e cheios de roupas e alimentos. Flynn também estava usando uma faixa de pano em diagonal sobre a camisa e, a não ser pela diferença de altura, poderia passar por irmão de Tomaso.

Ao vê-las se aproximarem, ele recuou alguns passos e examinou Tilly, da cabeça ao pés.

— Não vamos fazer um piquenique no campo, srta. Templeton. Uluma, coloque melhor o chapéu dela a fim de esconder-lhe todo o rosto.

A jovem apressou-se a obedecer, mas Tilly estremeceu de raiva. Tinha certeza de que seu chapéu estava exatamente na mesma posição que o da mula e só faltavam os dois buracos por onde passavam as orelhas do animal.

— Agora o senhor aprova a minha aparência? — perguntou ela, sem disfarçar a raiva. — Ou ainda tem algo a criticar?

— Está razoável... A distância, ninguém desconfiará que você é uma inglesa...

— E muito menos que você é um cavalheiro — Tilly interrompeu-o, olhando com desdém para as roupas amassadas de Flynn. — Aliás nunca foi, por isso não estranhará as reações alheias!

— ...a não ser que se aproximem, é claro! — continuou ele, ignorando a interrupção. — De perto, verão a cor de sua pele, poderão ouvir suas queixas constantes e, diante de sua incapacidade de controlar um temperamento explosivo, só os surdos escaparão de suas críticas ferinas e comentários venenosos.

O olhar que Tilly lançou a Flynn refletia uma fúria incontida.

— Não vejo a menor necessidade de entrarmos em plena selva fantasiados como dois idiotas! Acha que as araras ou os macacos têm algum interesse em nos identificar? — A irritação dela aumentava diante da calma inalterável de Flynn. — Você mesmo disse que os bandidos já não nos ameaçarão mais. E sobre isso deve saber melhor do que ninguém.

— Não importa o que eu sei ou não, srta. Templeton. Digamos que acho mais prudente continuarmos disfarçados "como dois idiotas", até chegarmos a nosso destino.

— Qualquer um poderia ter seguido nossos rastros até aqui. Por que continuar...

— Julga-me tão imbecil, srta. Templeton? Imo apagou todas as nossas pistas até alcançarmos sua casa e, depois daquele ponto, minha rota foi tão complicada que nem eu mesmo conseguiria refazer o caminho percorrido na vinda.

Lembrando-se da desconfortável e longa viagem através da floresta, Tilly sufocou uma exclamação de raiva. Ela sofrera as conseqüências dessa rota tortuosa, mas preferia morrer a dar-lhe a satisfação de demonstrar que perdera o controle de seu temperamento "explosivo".

Tilly manteve a aparência de calma até o momento que Flynn aproximou-se dela com uma estranha cesta e tentou forçá-la a colocar aquele enorme objeto de palha trançada em suas costas.

— É possível explicar-me o que pretende fazer? — explodiu ela, esquecendo-se de suas boas intenções. — E o que é isso?

— Uma cesta que você deverá carregar nas costas. Basta enfiar os braços nas alças e então colocarei alguns objetos dentro dela para...

— Não sou um animal de carga! — Tilly não conteve a indignação. — A mula pode carregar mais uma cesta porque eu não pretendo prestar-me a esse tipo de serviço!

Flynn teve mais êxito em conter seu impulso de dar-lhe a resposta apropriada e contentou-se com um sorriso maldoso. Como em tantas outras ocasiões, a estranha capacidade de se comunicarem sem palavras se estabeleceu entre eles. Os olhos de Tilly faiscavam de ódio, sua boca cerrou-se num ríctus de teimosia obstinada, mas não

abriu mais a boca para protestar. Em silêncio, enfiou os braços nas alças da cesta.

Tomaso e Uluma se entreolharam e, também sem precisar de palavras para se entenderem, concluíram que seria a mais longa viagem de suas vidas!

CAPÍTULO XIII

A duração daquela viagem superou até a mais pessimista das previsões de Tomaso e Uluma. Flynn insistira que precisavam evitar a qualquer custo os locais onde entrassem em contato com outras pessoas. Essa decisão significava que deveriam desviar-se dos caminhos mais diretos. Em vez de seguirem pelas trilhas costumeiras, já limpas e sem empecilhos, embrenharam-se na floresta virgem.

Impávida, Tilly passava por cima de raízes gigantescas e troncos caídos, sob galhos muito baixos que a obrigavam praticamente a rastejar no solo coberto por folhas apodrecidas pela umidade da floresta. Já não prestava a menor atenção aos lagartos ou às cobras que deslizavam para dentro das moitas rasteiras a seu lado. Paravam apenas para ajudar a mula a escalar obstáculos quase intransponíveis e a marcha era rápida e sem descanso. Seus pés estavam doloridos e cobertos por bolhas, mas nada alterava sua expressão desafiante ou sua postura altiva.

Apesar de torcer várias vezes o tornozelo ao pisar em buracos recobertos por folhas caídas, conseguiu manter-se ao lado de Uluma, que vivera naquelas florestas e as conhecia como a palma da mão. Só uma vez deixou escapar uma exclamação de raiva ao perder momentaneamente o equilíbrio, e o som, embora abafado, chegou aos ouvidos de Flynn, que ia na frente de todos.

— Está bem, srta. Templeton? — Ele virou-se para trás, com um sorriso irônico nos lábios.

— Tão bem quanto é possível estar em um lugar amaldiçoado como este, sr. Flynn.

Ela voltara a tratá-lo com toda a formalidade, tentando criar mais uma barreira entre os dois e defender-se contra sua fraqueza diante do homem com quem partilhara sua intimidade.

— Neste momento, a Jamaica se assemelha a um produto de minha imaginação e a Inglaterra não passa de um sonho muito vago e quase irreal.

— Tenho a impressão de que, depois de retornar aos encantadores campos de Yorkshire, irá se contentar com aventuras dentro de seu próprio jardim!

— Engana-se redondamente, sr. Flynn. Sou feita de um material mais forte do que pode sequer imaginar, portanto... continue a marchar!

Tilly ultrapassou-o caminhando com passos firmes e lutando para não demonstrar o esforço necessário para não mancar. Ela teve a impressão de ouvi-lo

assobiar Rule Britannia, a canção que expressava o espírito indômito dos ingleses, mas não se deteve para confirmar suas suspeitas. Se Flynn satisfazia-se zombando dela, que risse à vontade! Pretendia manter-se à altura dos outros mesmo se essa tentativa esgotasse suas energias e a matasse de exaustão. Aliás, já não duvidava que isso aconteceria! E muito em breve.

Atravessar a selva por trechos ainda não abertos transformava cada metro percorrido em um quilômetro de torturantes obstáculos, e, como se não bastassem as dificuldades do caminho, cada passo levantava uma nuvem de pernilongos. Juanito estava protegido pelo xale e os outros três aparentavam ser imunes às nuvens de insetos, mas Tilly lutava, em vão, para impedi-los de a morderem.

Um deles conseguiu entrar sob o tecido do corpete e depois de incessantes e frustradas tentativas, Tilly o matou. Flynn ouviu-a murmurar algo muito semelhante a uma praga e virou-se novamente para atrás, a fim de fitá-la com seu costumeiro sorriso travesso.

— Mais uma vez provou que é irresistível até para os indefesos pernilongos, srta. Templeton!

Ela não se dignou a responder nem desviou os olhos do caminho à frente.

No terceiro dia, um obstáculo inesperado dificultou ainda mais aquela rota tortuosa. Em plena selva, encontraram o acampamento de uma madeireira que pertencia a um dos maiores construtores de navios da região. Se a contornassem, perderiam um dia de viagem. Flynn decidiu tentar ultrapassá-la, tomando todo o cuidado para não serem vistos.

Escondidos entre as árvores, eles enxergavam apenas uma parte do acampamento e, infelizmente, tratava-se do local onde tinha sido erguida a cozinha. O aroma apetitoso chegava até Tilly, que sentiu o estômago se contrair de fome e gula. Há três dias comiam apenas broas de milho e tiras de carne defumada ao sol, uma dieta primitiva e pouco saborosa, que já lhe estava provocando náuseas. Só continuava a suportá-la porque não podia perder as forças.

— Café e pão de farinha de trigo! — suspirou ela. — Biscoitos, manteiga e geléia! Já estava me convencendo de que essas iguarias existiam apenas em minha imaginação. Sinto o cheiro delas e lembro-me do paraíso!

— Pois eu sinto cheiro de perigo! — declarou Flynn, com uma expressão indecifrável. — Não saiam daqui e esperem minha volta bem escondidos entre as árvores. Se alguém se aproximar, deixe que Tomaso fale, srta. Templeton. Aliás, o ideal seria fingir-se de muda!

Tilly o fulminou com um olhar de ódio, que foi deliberada-mente ignorado por Flynn. Ele concentrara-se em reajustar as roupas, o chapéu e em assumir a postura de um velho encurvado que, com passos trôpegos, desapareceu entre a vegetação densa da floresta.

— Como é possível? — exclamou Tilly, abismada. — Ele se transformou de um momento para o outro!

— Fleen é muito esperto — disse Tomaso, com um sorriso de admiração em seu rosto curtido pelo sol. — E sempre tem um jeito diferente para contornar qualquer

problema.

Ao ouvi-lo falando inglês sem demonstrar nenhuma dificuldade, Tilly levou um choque, não pensara que Tomaso soubesse tão bem aquele idioma. Quando tentou lembrar-se de todos os comentários ferinos que fizera diante dele, enrubescou de vergonha. Profundamente embaraçada, desviou o olhar, voltando a atenção para o acampamento em tempo de presenciar uma cena inacreditável.

Um velho curvado e com um amplo chapéu de palha se aproximara dos homens à entrada do barracão. Naquele momento, nenhum dos defeitos daquele homem impediu Tilly de admirá-lo por sua extrema coragem. Flynn afirmara que os lenhadores representavam um perigo para eles, e mesmo assim arriscara a vida enfrentando-os em seu ambiente para examiná-los de perto e desviar-lhes as atenções.

Então, viu que o ajudante do cozinheiro lhe oferecia um prato de comida e uma caneca de café. Em segundos, Flynn devorou os ovos com toucinho e, depois de curvar-se para agradecer a gentileza, cruzou novamente a clareira. Caminhava com os mesmos passos trôpegos, mas matara o desejo de comer um nutritivo desjejum tipicamente inglês!

A fúria de Tilly não se dirigia apenas contra Flynn. Mais uma vez agira como uma idiota, admirando a coragem dele quando na verdade fora a fome que o impelira a enfrentar o perigo! Quando o viu aproximar-se, já não controlava o ódio.

— Você é um monstro egoísta! Disse que sentia cheiro de perigo, mas...

— E senti mesmo! — interrompeu ele, sem disfarçar a expressão de zombaria. — O perigo era passar ao lado de tanta comida e não provar nem um pouquinho!

Percebendo que estava prestes a perder totalmente o controle, Tilly afastou-se, mas, antes de dar o segundo passo, ouviu-o chamar seu nome.

— Srta. Templeton! Pegue!

Ela virou-se e viu algo claro e arredondado voando em sua direção. Ao apanhá-lo nas mãos, não conteve a alegria. Era um pãozinho, de farinha branca e ainda quente. Nunca sentira antes um aroma tão inebriante e, embora quisesse saborear aquela iguaria, a fome foi maior e engoliu-o quase sem mastigar.

Com os gestos elaborados de um mágico, Flynn retirou mais dois de dentro da camisa, para Tomaso e Uluma. Então, com um movimento rápido, apresentou-lhes uma tigela de barro cheia de pedaços de carne com um molho escuro.

— Eu roubei um pouco do ensopado que o cozinheiro estava preparando para o almoço. Infelizmente não é muito, mas teremos de nos contentar com isso até chegarmos à missão hoje à tarde. Eles nos darão comida e abrigo por uma noite antes de...

— Não disse que iríamos evitar todos os contatos? — Tilly o interrompeu, intrigada. — Falou que não podíamos revelar nossa nacionalidade a ninguém.

— Sou bastante conhecido na missão e nos receberão sem fazer perguntas. Não posso explicar agora, mais tarde eu...

— Ora, ora! Voltou ao velho refrão, sr. Flynn. "Mais tarde"... Eu acredito em seus "mais tarde" como em fantasmas ou em homenzinhos verdes que vivem debaixo da terra!

Tilly queria apenas provocá-lo, porque concordava plenamente com o novo plano de Flynn. Seria maravilhoso passar uma noite confortável em uma cama de verdade em vez de dormir no chão duro, onde animais rastejantes a impediam de relaxar. Além disso, Uluma estava exausta. A jovem, acostumada a cruzar aquelas florestas, nunca o fizera com o filho pequeno a quem ainda amamentava, e sua energia inicial fora se esvaindo com o passar dos dias.

A jornada até a missão teve de ser interrompida diante de um imprevisto. Flynn se adiantara a fim de pesquisar a área e voltou, preocupado.

— Há um grupo de lenhadores logo à frente. Talvez não criem problemas, mas prefiro evitar uma situação que possa apresentar riscos. Acho melhor nos separarmos para circundar a área e nos reuniremos mais adiante. Infelizmente, esse desvio nos atrasará e só chegaremos à missão no começo da noite.

— Impossível! — declarou Tilly com firmeza. — Uluma está muito cansada e quase não se mantém de pé. Temos que encontrar algum lugar seguro para descansar.

Ao olhar para Uluma, Flynn não disfarçou seu choque. Tilly notara antes dele o estado de exaustão da jovem e sentia-se culpado por sua falta de atenção. Sendo responsável por aquele pequeno grupo, devia cuidar do bem-estar de todos, mas sua urgência e ansiedade de conduzi-los à segurança da missão obrigara-os a excederem seus limites.

— Realmente, tem razão, srta. Templeton. Não podemos forçá-la a continuar, Uluma está à beira de um colapso. — Flynn voltou-se para Tomaso. — Por acaso, sabe de algum lugar seguro?

Tomaso e a esposa conversaram rapidamente entre si e depois com Flynn.

— Vamos nos separar agora — explicou Flynn a Tilly, que não compreendia o dialeto falado pelos três. — Essa divisão irá confundir ainda mais nossos rastros. Além disso, Uluma tem parentes bem perto daqui e eles poderão descansar à vontade. Eles voltarão a nos encontrar daqui a alguns dias.

Colocando Uluma e o bebê sobre a mula, Tomaso guiou sua família por entre as árvores. Tilly acompanhou-os com um olhar triste, já sentindo falta da companheira de viagem. Um pouco antes de desaparecerem, a jovem nativa virou-se com um sorriso de afeição e carinho.

Tilly ainda olhava para a folhagem quando sentiu Flynn segurar-lhe o braço.

— Chega de perder tempo. Vamos subir aquele morro.

— Ótimo. — Ela empurrou a mão de Flynn. — Posso fazê-lo perfeitamente bem. Dispensando a sua ajuda.

A subida, íngreme e escorregadia, foi mais penosa do que Tilly imaginara. A encosta coberta de pedras exigia toda a atenção possível e o calor úmido ajudava a minar as energias. Várias vezes Flynn se deteve e estendeu-lhe a mão para ultrapassar trechos mais árduos e, embora sem fôlego e com dores nas costas, ela ignorava acintosamente a oferta de ajuda.

Ao percorrer aquele trecho excessivamente acidentado, Tilly teve certeza de que as elevações e os vales profundos eram ruínas de alguma cidade maia recoberta por pedras e pela floresta. Sua fascinação por essa cultura desaparecida aumentara

muito desde sua imprevisível passagem pela península Yucatán, quando vira os remanescentes dos magníficos templos que ainda refletiam a glória de um passado de poder e fausto. Infelizmente, não havia tempo a perder com pesquisas amadoras!

E Flynn escolhia sempre a rota mais difícil e árdua, como se quisesse obrigá-la a admitir a derrota e pedir ajuda. Tilly porém estava decidida a não ser alvo de zombarias e o seguia sem poupar esforços. Preocupada demais em manter a postura altiva e orgulhosa, ela não pensou duas vezes antes de imitá-lo ao cruzarem um vale bastante profundo.

Com a agilidade de um felino, Flynn agarrara um cipó e, com o impulso do próprio corpo, alcançara o barranco do outro lado. Ela chegou até o meio do caminho apenas: suas mãos deslizaram pelo cipó escorregadio e Tilly caiu. O pior, porém, foi a incômoda cesta que a impedia de levantar-se! Estava no fundo de um vale, de pernas para o ar, sem condições de se reerguer e Flynn desaparecera!

Com muita dificuldade, Tilly conseguiu virar-se de lado, mas continuava presa à cesta. Enquanto certificava-se de que não quebrara nenhum osso, tentava tomar uma decisão. Flynn perceberia que ela não mais o seguia ou deveria gritar, avisando-o de sua queda?

A situação resolveu-se sem que ela fosse obrigada a pedir socorro. Tilly continuava sua luta inútil para erguer-se quando viu os cabelos dourados surgirem entre as pedras no alto do barranco e depois um par de olhos verdes que irradiavam malícia e uma irreprimível vontade de rir.

— Não ouse! — gritou ela, esforçando-se por manter a dignidade apesar da posição grotesca. — Se der uma única risada, eu juro que...

— Mas eu não estou rindo!

Enfurecida, Tilly fechou os olhos para não ver Flynn. Realmente, ele se aproximava sério, mas seria impossível negar que seus olhos expressavam divertimento.

A fisionomia de Tilly se transfigurara com o esforço para conter o ódio, provocando uma reação totalmente inesperada em Flynn, que viu nos traços tensos uma expressão de dor.

— Oh, meu Deus! Você está ferida! — Ele ajoelhou-se ao lado de Tilly. — Por que não me disse nada?

Ainda mais furiosa, ela cerrou os lábios num esforço sobre-humano para não se descontrolar. Aquele homem tinha a audácia de culpá-la?

O silêncio de Tilly descontrolou Flynn. Esperara ser censurado ou ao menos ouvir uma resposta ferina e ela não emitia um único som! Sem dúvida, estava gravemente ferida e a dor intensa a impedia até de reclamar. Desesperado, deslizou as mãos pelos braços e pernas, sem encontrar nenhuma fratura e chegou à conclusão de que se tratava de uma hemorragia interna!

Tomado pelo pânico, sentiu-se culpado por aquela tragédia. Tilly poderia morrer e, se isso acontecesse, ele jamais se perdoaria. Propositamente, escolhera os caminhos mais difíceis e a expusera a situações que teriam derrotado até um homem acostumado à vida dura na selva. Agora colhia os frutos de sua irresponsabilidade e

desprezava-se por ter insistido em uma brincadeira idiota e com conseqüências talvez fatais!

— Onde dói, Tilly? Fale, por favor!

Naquele momento, ela sentiu o irresistível desejo de puni-lo por tudo que sofrera. Sua única resposta foi um gemido que aumentou o pânico de Flynn.

— Tente suportar a dor com coragem, querida. Sei que será penoso, mas precisarei carregá-la até a missão.

A visão de Flynn levando-a nos braços justamente naquele trecho acidentado foi mais uma tentação que Tilly não teve forças para resistir. Iria pregar-lhe uma peça da qual ele jamais se esqueceria e, contendo a vontade de rir, gemeu novamente.

— Oh, Deus! A culpa é toda minha. Sou o único responsável por essa tragédia!

Tomando-a nos braços, Flynn começou a árdua subida e sentia o corpo de Tilly estremecer. Se ele soubesse que não se tratava de dor e sim de um incontrolável ataque de riso, seria capaz de matá-la! E, à medida que se aproximavam da missão, os tremores aumentaram, provocando um monólogo destinado a encorajá-la.

— Só mais um pouco, querida. Faltam poucos metros e você receberá cuidados médicos. Agüente firme...

A missão já surgira entre as árvores e Flynn começou a correr. Então, ele parou subitamente, sentindo que havia algo errado. O corpo em seus braços tremia demais e os gemidos tinham um som muito suspeito. Em segundos, a desconfiança se transformou em certeza absoluta.

— Droga! Eu caí feito um patinho na sua armadilha! — Flynn colocou-a no chão, mas Tilly, descontrolada pelo riso, agarrou-se à camisa dele para não cair. — Se você estiver rindo, eu juro que vou estrangulá-la... aqui mesmo!

Agora Tilly já não continha as gargalhadas.

— "A culpa é toda minha!" — ela o imitava entre um acesso de riso e outro. — "Sou o único responsável por esta tragédia!" Ah, eu finalmente obriguei-o a admitir a verdade, sr. Flynn.

Enfraquecida pelo riso, Tilly não resistiu ao sentir as mãos de Flynn rodearem-lhe a garganta. Ele começava a apertá-las quando uma sombra surgiu entre as árvores e parou diante dos dois.

— Meu filho... pense melhor e não cometa um pecado que jamais terá perdão.

Um homem alto e muito magro, com o hábito de monge franciscano, os fitava com o olhar triste de quem conhece as fraquezas dos seres humanos e ao mesmo tempo ainda tem esperanças de redimi-los.

— Nada é conseguido através da violência, meus filhos.

— Não posso apertar só um pouquinho, irmão? Apenas para reforçar o meu ponto de vista?

Aproveitando a distração de Flynn, Tilly escapou de suas mãos e deu-lhe uma violenta cotovelada na boca do estômago.

— Ah, meus filhos! Vejo que existe animosidade de ambas as partes, mas só encontraremos paz e harmonia se vencermos nosso lado animal. Venham comigo até a igreja... lá teremos a serenidade necessária para conversar.

Colocando-se entre os dois, o irmão franciscano os conduziu em direção a uma trilha estreita que aos poucos foi se ampliando. O caminho limpo e bem-cuidado demonstrava a luta dos religiosos contra a selva que invadia continuamente as clareiras abertas pelos homens. As esperanças de Tilly renasceram e ela sonhava com um banho quente, uma cama e talvez um jantar substancial... Estava de volta ao mundo civilizado!

Então ela avistou a construção rústica e quase chorou. Imaginara uma missão como as que vira em antigas gravuras espanholas, com inúmeras construções alvas em torno de um amplo pátio. A realidade deixava muito a desejar, pois estava diante de um casebre quase em ruínas.

— Não é realmente magnífica?

A voz suave do irmão franciscano revelava um entusiasmo in-contido e seu rosto irradiava felicidade.

— Embora o orgulho seja um pecado capital, eu mentiria se não afirmasse, com toda a humildade, que esta catedral aproxima-se do máximo de perfeição permissível no mundo imperfeito dos seres humanos.

Abrindo os braços, o religioso os incitava a examinarem as minúcias de sua criação.

— Notem a delicadeza dos vitrais e as linhas góticas da torre! E os santos, banhados a ouro, são incomparáveis!

Estonteada, Tilly via apenas uma cabana prestes a se desfazer. Onde ele enxergava uma torre gótica havia apenas um tronco coberto por cipós, o vitral não passava de um trapo de algodão descorado e rasgado que servia de cortina na única janela do casebre. E os santos banhados a ouro... eram papagaios e araras de penas multicoloridas, que pousavam nos galhos das árvores mais próximas.

Tilly olhava de soslaio para Flynn, à espera de uma explicação. Não sabia se aquele homem pertencia realmente a uma ordem religiosa ou não passava de um leigo usando batina, mas tinha certeza absoluta de um fato: ele era completamente louco! Então sentiu a mão forte de Flynn tocar-lhe o ombro, pressionando-o como se quisesse avisá-la de algo.

— É uma obra-prima — disse Flynn, sem soltar o ombro de Tilly — Criada pelas mãos de um grande artista.

— O irmão Clemente dedicou toda sua vida e suas energias para erguer esse monumento — disse uma voz ainda a distância,

Os dois viraram-se para trás e viram um homem alto, de cabelos ruivos, que se aproximava com passadas rápidas. Subitamente, ele começou a rir e a correr, gritando de alegria. Apavorada, Tilly encostou-se em Flynn, procurando proteção. Não tinham chegado a uma missão... e sim a um hospício!

Ela estava pronta para fugir e esperava apenas que Flynn desse o sinal, como costumava fazer nos momentos de crise. Sentira os músculos dele ficarem tensos e, para sua surpresa, relaxara seu rosto se iluminou com um sorriso que só poderia ser descrito como radiante!

— Por tudo que é sagrado! Gerald?

Os dois homens se abraçaram diante do olhar chocado de Tilly, que tinha a sensação de estar também perdendo a sanidade mental. Então o padre ruivo, ainda com o braço sobre os ombros de Flynn, voltou-se para o cadavérico irmão franciscano.

— Continue seu trabalho, irmão Clemente. Eu levarei estes dois para a enfermaria da missão,

— Agradeço sua gentileza, padre Gerald. Nem notei que estivessem doentes... deve ser malária..

Cantarolando baixinho, ele começou a dar ordens para os artífices da sua catedral. Com um sorriso, o padre Gerald conduziu Tilly e Flynn em direção à clareira.

— Não fique assustada, moça — disse o padre, quando estavam mais longe da cabana. — O irmão Clemente não é realmente um religioso, mas não faz mal a ninguém. Anos de bebedeiras e uma infeliz doença contraída na juventude afetaram sua mente. Ele acredita estar construindo uma catedral que será rival de Chartres em beleza e perfeição gótica.

Aquela explicação deixou Tilly ainda mais chocada.

— Acho falta de caridade incentivar uma ilusão tão absurda! — disse ela indignada. — Por que o encorajam?

— Ele tem os dias contados, pobre homem! — Com um suspiro, padre Gerald continuou sua explicação. — Sente-se mais feliz vivendo em seu mundo de fantasia e demonstraríamos realmente falta de caridade se o privássemos desse consolo. Acredita que a catedral será inaugurada na Semana Santa, mas... estará morto nessa época.

— Então é realmente muito triste — murmurou Tilly.

— Eu discordo — declarou Flynn. — Quantos de nós recebem a bênção de passar seus últimos dias na terra tão felizes e plenamente satisfeitos?

— Essa mania de filosofar é um de seus traços mais simpáticos, Lucas.

Tilly já não compreendia mais nada. Aparentemente, Flynn e aquele padre sorridente não estavam se encontrando pela primeira vez.

— Vocês se conhecem muito bem, não é?

— Mas é claro! — responderam os dois.

— Desculpe a minha falta de educação. — Flynn deu um sorriso alegre. — Apresento-lhe meu irmão, Gerald.

— I-Irmão?

Boquiaberta, Tilly observou atentamente os dois homens à sua frente. O padre Gerald tinha ombros mais largos e era corpulento em comparação à silhueta esguia e atlética de Flynn, cabelos ruivos e não dourados. Os olhos, de um azul vívido, refletiam porém o mesmo brilho zombeteiro dos verdes e suas expressões revelavam a mesma ironia diante de seu espanto.

A surpresa inicial foi seguida por um profundo embaraço. Tilly nunca imaginara que um homem como Flynn tivesse um irmão padre e muito menos esperaria encontrá-lo! Sem dúvida, Gerald a julgaria uma mulher sem moral, viajando sozinha com Flynn, sem a bênção dos laços de casamento ou de parentesco. E, infelizmente, ele teria razão porque, aos olhos do mundo, era essa a sua situação!

Rezando para que Gerald não tivesse o dom do irmão para adivinhar seus pensamentos, Tilly baixou a cabeça a fim de esconder o rosto, rubro de vergonha. Já estavam perto da missão e, como ela acreditava que a honestidade sempre dava os melhores resultados, foi direto ao assunto.

— Imagino que deva estar curioso a meu respeito, padre Gerald — ela falava rapidamente para não perder a coragem. — Afinal, eu e seu irmão viajamos juntos, de um modo pouco convencional.

— Não se preocupe em dar explicações, Tilly — interrompeu Flynn. — O meu irmão gosta de minha mania de filosofar e eu adoro sua habilidade em não fazer perguntas desagradáveis.

— Eu acho que precisa saber — continuou Tilly, ignorando a interrupção de Flynn — que seu irmão usou-me vergonhosamente.

O olhar do padre Gerald aumentou o embaraço de Tilly e provocou uma gargalhada de Flynn.

— Não foi isso que quis dizer — corrigiu Tilly, perturbada. — Ele abusou de minha confiança e tirou vantagem de...

Consciente de que estava criando um mal-entendido penoso, Tilly calou-se, arrasada.

— Esta é a srta. Matilda Templeton — disse Flynn, quando conseguiu controlar o riso. — Uma amiga de Lara e Jonas Whitby, hóspede deles na Jamaica.

— Como vai, srta. Templeton? — O padre curvou-se com um sorriso gentil no rosto sem maldade.

Sé ele estranhava encontrar uma convidada dos respeitáveis Whitby viajando desacompanhada pelas selvas de Yucatán, conseguira disfarçar muito bem suas reações. Tratou-a com tanta gentileza que Tilly esqueceu-se de seus cabelos desgrehados, do rosto queimado de sol e, recuperando em parte sua serenidade, tentou retomar o assunto, mas Flynn foi mais rápido.

— Eu lhe direi o que a srta. Templeton não conseguiu explicar, Gerald. Ela acha que coloquei sua vida e sua reputação em perigo ao pôr em sua bolsa objetos roubados, provoquei o seu abandono em um atol na rota de um furacão e depois a trouxe para o Yucatán a fim de ser raptada por bandoleros. E, para culminar, vou levá-la até o sinistro dr. Challfont, um eminente professor de arqueologia da Universidade de Edimburgo, porque sou o líder de um bando de ladrões e assassinos.

Tilly cerrou os punhos, contendo seu impulso de bater em Flynn. Ele estava colocando os fatos de um modo que a transformava em uma idiota histérica e praticamente alucinada!

— Um relatório bastante longo e impressionante. Não minta para mim, Lucas. Quais os crimes que realmente cometeu contra essa moça? Quais são os fatos verdadeiros?

— Segundo a srta. Templeton... todos! — prosseguiu Flynn, imperturbável. — Basta olhá-la, Gerald. Este rosto inocente pode pertencer a uma mulher capaz de inventar acusações tão violentas?

— Realmente, não seria possível! — A tranqüilidade de Gerald chocou Tilly e

Flynn. — Entretanto, se pretendia completar seus crimes entregando-a ao sinistro dr. Challfont... chegou tarde demais, caro Lucas.

Gerald parou, colocando-se em uma posição que lhe permitisse ver bem claramente o rosto dos dois.

— Eu deveria ter dito o...falecido dr. Challfont, porque ele morreu.

Flynn parou tão abruptamente que Tilly, logo atrás, bateu de encontro às costas dele.

— Morto? Quando e como?

— Eu recebi a notícia só ontem cedo. Ele estava desaparecido há três dias e no domingo de manhã encontraram seu corpo sob uma rocha a dois quilômetros do acampamento.

A notícia chocara Flynn profundamente, mas ele disfarçou com toda a rapidez essa reação e voltou a aparentar a costumeira descontração.

— É uma pena. Challfont sempre foi um cientista ilustre e dedicado. A arqueologia perdeu um de seus mais eminentes representantes. — Mudando bruscamente de assunto, Flynn sorriu para o irmão. — O que está fazendo na missão, Gerald? Sua última carta veio da Cidade do México.

— Eu me cansei da burocracia e das mesquinharias políticas e voltei para o meu verdadeiro lugar. E você? Pensei que estivesse em Bombaim.

— Passei algum tempo lá, mas a sorte conduziu-me para a Jamaica.

A gargalhada de Gerald ecoou na clareira.

— A julgar pelas aparências, acho que foi o azar!

A reação de Flynn ao desviar-se do assunto relativo à morte do dr. Challfont intrigou Tilly, que parou de andar.

— Não darei mais um passo se não me explicarem imediatamente o que está acontecendo!

Dois pares de olhos, azuis e verdes, a fitaram com a expressão da mais pura inocência.

— Não adianta olharem para mim! Já conheço o suficiente da família Flynn para deduzir que algo estranho está acontecendo!

Ao notar que ambos assumiam a mesma expressão distante, Tilly não teve mais dúvidas. Tocara em um ponto crucial e não precisaria ser muito esperta para chegar a uma conclusão bastante lógica.

— É algo relacionado à morte do dr. Challfont. Eu acho que não foi um acidente e sim assassinato.

Os dois irmãos se entreolharam e Gerald resignou-se a voltar ao assunto.

— É incrivelmente astuta, srta. Templeton. Eu não tenho provas nem o assistente dele, o dr. Scarborough, mas ambos suspeitamos de assassinato. Nas últimas semanas, surgiram problemas sérios no acampamento, como roubos inexplicáveis e vandalismos. Depois, alguns dos ajudantes de Challfont, que trabalhavam com ele há dois anos, desertaram sem explicações, portanto... algo muito grave está acontecendo.

Os três caminharam um longo tempo em silêncio, até Flynn, que estivera com

uma expressão ausente, voltar ao assunto.

— Ainda tinha esperanças de mantê-lo fora desse problema, mas não será mais possível, Gerald. É imperativo que eu chegue ao acampamento o mais rápido possível. Cada hora perdida aumenta os riscos e preciso de sua ajuda.

— Trata-se daquele "problema" antigo?

— Não, mas agora não tenho tempo de explicar. Mais tarde...

— Ele explicará "mais tarde"! — interferiu Tilly com uma voz maldosa. — É um hábito de Flynn adiar suas respostas para uma data imaginária em um futuro distante!

Quando os dois irmãos se fitaram, ela sentiu que estavam se comunicando sem palavras. Percebia a relutância do padre, a determinação de Flynn e finalmente Gerald cedeu.

— Está bem. Você sabe o que precisa fazer e não conseguirei impedi-lo de prosseguir, portanto... só me resta ajudá-lo.

— Eu sabia que você não iria me decepcionar.

— A srta. Templeton ficará na missão?

— Embora ela pense o contrário, eu a trouxe até aqui para comprovar minhas boas intenções. Agora a situação mudou e não será seguro deixá-la sozinha. Prefiro mantê-la a meu lado, mas não quero falar sobre este assunto em um local aberto, onde qualquer um pode nos ouvir.

— Não suporto que me tratem como um objeto inanimado e sem vontade própria. Não sou uma boneca.

— Não... você é uma mulher muito corajosa e deviam trancar-me em uma cela e jogar a chave fora por tê-la envolvido em uma situação complicada e perigosa demais. Não se preocupe, eu não descansarei enquanto não a levar de volta à segurança de Kingston.

Tilly não disse nada, intrigada com a amargura na voz de Flynn. Não compreendia os motivos dele, mas, mesmo se tivesse uma opinião, não falaria. Estava cansada demais para discutir e o nó em sua garganta a impedia de abrir a boca. Sua situação atual, por mais grave que fosse, não se resolveria voltando a Kingston, onde a esperavam outros problemas diferentes, mas igualmente difíceis.

Enquanto ela previa a hostilidade que enfrentaria ao voltar, Flynn contava ao irmão os fatos básicos de suas desastrosas aventuras.

— Como sempre, o bom Deus estava protegendo você.

— Ah! Então foi Ele? — brincou Flynn. — Eu pensei que fosse o diabo. Como sabe, costumam dizer que o demônio não quer perder os seus seguidores.

A conversa cessou ao se aproximarem da missão, que tinha uma igreja com o teto de palha e uma construção semelhante à casa de Uluma, mas bem maior, que servia de enfermaria, escola e moradia.

Flynn não escondia o orgulho que sentia do irmão. Contou a Tilly que Gerald se formara em Medicina antes de descobrir sua verdadeira vocação e dedicar sua vida ao duro trabalho entre os nativos da América Central. Não havia meios de combater as doenças endêmicas nem a subnutrição ou a mortalidade infantil, mas não desistia da luta.

— Você se sente realmente feliz ensinando este povo abandonado por todos, Gerald?

— Completamente, Lucas. E aprendo muito com eles. Estou reunindo todas as informações possíveis sobre plantas medicinais desta região, que são bastante numerosas. Temos mesclado a sabedoria de um mundo antigo à do novo e conseguido bons resultados.

— Se ao menos o bispo de Landa não tivesse destruído todos os documentos deixados pelos maias — Flynn comentou revoltado —, o mundo seria mais rico em sabedoria. A história daquele povo, sua genealogia, religião e medicina se transformaram em fumaça de uma fogueira ateadada pelo fanatismo religioso de um espanhol. Quando ele arrependeu-se de seu ato de loucura, só restavam três dos milhares de livros queimados.

Surpresa, Tilly notou a raiva na voz de Flynn e sua expressão concentrada.

— Você fala como se fosse um historiador ou um arqueólogo. Por acaso...

— O estudioso da família é Gerald — interrompeu Flynn, com seu sorriso indolente. — Eu sou a ovelha negra, como você já havia deduzido.

Gerald deu uma gargalhada e, mais uma vez, comunicando-se através de olhares, os dois mudaram de assunto, falando sobre alguém que Tilly não conhecia, enquanto ela os observava, fascinada. Ambos refletiam a mesma energia vital, a mesma intensa alegria de viver e o senso de humor irônico e provocativo. Ao lado do irmão, via uma nova faceta da personalidade de Flynn que ainda não conhecia e a encantava.

Ela teve de admitir, melancolicamente, a enorme diferença entre o relacionamento daqueles dois irmãos e o do seu com Durward. Embora fossem homens de aparência e modo de vida pouco semelhantes, mantinham-se ligados por um profundo amor fraterno. Mas, acima de todos os elos de sangue e afeição, sempre seriam amigos íntimos.

Ao saírem para conhecer os arredores da missão, mais uma surpresa esperava por Tilly. Todos tratavam Flynn com carinho e respeito, desde os moradores da região, que vinham em busca de remédio e auxílio, aos ajudantes de Gerald.

— Todos o conhecem muito bem — explicou ele ao perceber a expressão intrigada de Tilly. — Lucas passou um ano conosco, ajudando-nos a construir a enfermaria.

— Por favor, mano! — Flynn ergueu as mãos num gesto de protesto. — Está destruindo minha imagem diante da srta. Templeton. Até agora, ela acreditava que eu só tivesse defeitos e nenhuma qualidade, portanto, evite decepcioná-la.

Gerald não disse nada, só olhou atentamente para o irmão e depois para Tilly, que baixou os olhos, a fim de esconder suas emoções. Não saberia explicar por que, mas suspeitava que ele descobrira seu segredo. As palavras ferinas talvez enganassem Flynn, porém não surtiavam o mesmo efeito naquele padre de sensibilidade apurada e que não se iludia com sua atitude de autodefesa. A prova de que sua desconfiança tinha fundamento ficou evidente naquela mesma noite.

Eles já haviam jantado e chegara a hora de retirar-se. Flynn não conseguia mais disfarçar os bocejos e desistiu de fingir que não estava cansado.

— Aonde irá nos acomodar, Gerald? É tarde e não consigo mais manter os olhos abertos. Imagino que a srta. Templeton também esteja exausta.

— Joseph, o meu diácono, preparou uma cama para você no nosso dormitório, Lucas. Eu irei...

— Não posso abandonar a srta. Templeton — interrompeu Flynn, precipitadamente. — Você mencionou que, no momento, a enfermaria está vazia, não foi? Nós dois poderemos dormir lá.

— Eu também não posso abandonar a srta. Templeton, meu querido irmão.

Como se estivesse esperando por algum sinal que indicasse o momento certo de surgir em cena, uma mulher morena entrou no refeitório e sorriu gentilmente para Tilly.

— Esta é Aneta, que nos ajuda a cuidar dos pacientes da enfermaria quando o número aumenta muito e precisamos de mais auxiliares. Ela dorme num pequeno quarto que chamamos de escritório, para dar maior importância àquele cubículo abafado. Apesar de não ser muito confortável para duas pessoas, ela servirá de dama de companhia para a srta. Templeton esta noite.

Flynn tentava disfarçar sua decepção, mas Tilly agradeceu aquela prova de consideração demonstrada por Gerald. Na verdade, ele se divertia com a situação e seus olhos azuis brilhavam divertidos.

— Tenho certeza de que, apesar de o quarto ser pequeno, dormirá muito bem, srta. Templeton. Bem melhor do que na enfermaria.

— Concordo plenamente! — declarou Tilly, saindo do refeitório sem olhar para trás.

Horas mais tarde, Tilly continuava acordada ouvindo o ressonar de Aneta. O quarto estava quente e sentia falta da brisa refrescante que soprava quando dormia ao relento. Desde o naufrágio, passara as noites deitada sobre pedras ou sobre a terra e, agora que tinha uma cama confortável para realmente descansar, perdera o sono.

Um pouco antes de a madrugada raiar, Tilly desistiu de suas frustradas tentativas para dormir. Ouvia o farfalhar das folhas agitadas pela brisa, convidando-a a usufruir o mesmo frescor agradável. Sem fazer nenhum ruído, levantou-se da cama e foi até a porta que permanecera aberta, mas com uma tela para impedir a entrada de insetos. Já aprendera a ser mais prudente e nem pensou em sair do prédio. Só queria sentir o ar frio soprando da floresta, que estava distante e banhada pelo luar.

Tilly, porém, não estava disposta a admirar a paisagem. Sua mente fervilhava, cheia de dúvidas e perguntas sem resposta. Sua aventura logo terminaria e talvez encontrasse as soluções de todos os mistérios. Entretanto, a curiosidade já não a perturbava e sim a mudança de uma situação à qual se habituara. Como se sentiria sem a presença reconfortante de Flynn ao lado dela, à falta do calor de seu corpo másculo e à sua ausência? Por mais que desaprovasse a maioria de suas atitudes, aquele homem atraente também simbolizava segurança e proteção.

Na manhã seguinte, começariam o último trecho da viagem com destino ao acampamento de arqueólogos e onde esperariam pela chegada do navio de suprimentos.

Pela urgência demonstrada por Flynn, Tilly deduzira que ele previa um confronto perigoso com os misteriosos inimigos e, depois de se enfrentarem, todos os segredos seriam revelados.

Ela teria voltado para a cama se um ponto luminoso, vermelho demais para ser um vaga-lume, não chamasse sua atenção. Ainda não desistira de tentar dormir quando sentiu o cheiro forte de um charuto. Encolhendo-se de encontro ao batente da porta, viu duas sombras que caminhavam sem pressa e reconheceu Flynn e Gerald.

— É agora, Lucas — disse Gerald, com firmeza. — Quero que me conte toda a verdade antes que os outros acordem. Por que está arrastando essa pobre jovem através das florestas de Yucatán?

Após uma ligeira pausa, Tilly ouviu uma resposta que preferia não ter escutado.

— Se a escolha tivesse sido minha, a srta Templeton estaria bem longe daqui. Ela não passa de uma maldita carga!

— Eu pensei que talvez vocês dois...

— Enganou-se, Gerald. Só gostaria de livrar-me dessa responsabilidade penosa. Chocada demais, Tilly encostou-se no batente da porta para não cair.

— Então está atrás do quê, mano?

— De nada, porque já encontrei o que procurava. Você é capaz de imaginar um tesouro incalculável, maior do que todos os existentes na face da terra, composto por peças de ouro e milhares de esmeraldas? Uma fortuna digna de imperadores e marajás e que ficou desaparecida durante quinhentos anos?

— O tesouro de Montezuma!

— Não seja idiota, Gerald — replicou Flynn asperamente. — Montezuma foi um imperador asteca, não maia!

— Ah! É lógico! — Gerald suspirou, desanimado. — Você continua zombando da minha ignorância como fazia quando éramos crianças! Mas isso não importa. Se não é o tesouro de Montezuma... pertence a quem, Lucas?

— É meu. Apenas meu!

A brisa soprava mais forte e Tilly quase não ouvia mais a voz dos dois.

— ... despertou o meu interesse foi uma lenda regional que Tomaso me contou e eu tentei decifrar o enigma. Consegui e garanto-lhe que é uma visão inesquecível! A riqueza de um milenar imperador enchendo uma tumba do chão ao teto!

— Você sempre adorou decifrar quebra-cabeças, Lucas. Quase tanto como gosta de criá-los. Por que manteve sua descoberta em segredo?

— Por um motivo muito simples. Sofri um contratempo em meus negócios na Índia e fiquei em uma situação sem saída. Certamente o imperador maia cuja tumba consegui encontrar já não precisa de tanta riqueza ou, pelo menos, não tinha os meus problemas financeiros. Foi nessa época que comecei a levar as esmeraldas para a Jamaica, pois existe um tráfico bastante intenso dessas pedras entre a América Central e a Europa.

— Entendo. Suponho que essa súbita fortuna explique sua generosa doação para construirmos a enfermaria da missão.

Tilly cerrou os punhos, tentando controlar as emoções. A descoberta de Flynn

explicava muitos fatos, incluindo-se os magníficos e caros veleiros, suas visitas furtivas à *Coeur d'Émeraude* na calada da noite e seus misteriosos desaparecimentos. Agora Tilly admitia que alimentara esperanças falsas esperando ouvir explicações sensatas e encontrar um motivo honesto para ações inexplicáveis.

Naquele momento, seu herói tinha retirado a máscara, revelando uma essência corrupta. Flynn simbolizava a falsidade, seu único interesse na vida resumindo-se ao ganho material perdera todo o valor como ser humano aos olhos de Tilly... Ela levaria muito tempo até superar a tristeza e a mágoa provocadas pela maior decepção de sua vida.

Sentia-se tão angustiada que chegou a desejar não ter saído do quarto. Entretanto, sempre enfrentara a verdade e não recuaria agora. Obstínada, continuou escondida atrás da porta, lutando contra as lágrimas. Já ouvira o pior, por que não saber todo o resto daquela trama vergonhosa?

— E onde fica essa fantástica tumba?

— Gostaria de vê-la com seus próprios olhos, Gerald? — o murmúrio de Flynn era quase inaudível. — Maravilhar-se com um tesouro além da imaginação?

— Sou um religioso, Lucas. Não posso participar de suas aventuras... pouco convencionais.

— Não precisa tornar-se meu cúmplice. Aliás, já tenho mais do que preciso para levar uma vida de fausto e estou planejando revelar a localização da tumba. Talvez seja possível estabelecer um acordo entre as autoridades e o assistente do dr. Challfont. Uma generosa doação para a sua missão em troca de tesouros para museus e ricos colecionadores. O que acha deste plano?

— Dar a César o que é de César? — A risada de Gerald ecoou no silêncio da noite. — Talvez não seja uma idéia tão absurda.

Tilly sabia que a atitude de um padre devia chocá-la ainda mais: como religioso, não podia aceitar com a leviandade de um leigo o roubo de tesouros nacionais ou a perda de objetos preciosos que representavam uma cultura milenar. Os dois irmãos tinham a mesma índole, ambos corruptos e sem escrúpulos morais. Entretanto, apenas a descoberta da verdadeira face de Lucas Flynn destruíra seu mundo. Fora tola demais ao pensar que ele fosse capaz de abrigar algum sentimento nobre em seu coração ganancioso! Aquele homem nunca sentira nada além de desejo físico!

— Sim — a voz de Gerald soou bem perto da porta. — Eu gostaria de admirar o seu tesouro.

— Ótimo. Amanhã iremos para o litoral, até o acampamento de Challfont. De lá eu o conduzirei ao meu tesouro secreto. É perto, mas está tão bem escondido que uma pessoa poderia ficar parada a menos de um metro da entrada sem perceber qualquer evidência de uma abertura.

— Está bem, eu vou, Lucas. Mas juro que se for mais uma de suas brincadeiras idiotas, eu...

As vozes se afastaram e Tilly não conseguiu ouvir o resto da ameaça de Gerald. Seu primeiro impulso foi vestir-se rapidamente e correr atrás deles a fim de enfrentar Flynn, mas não tinha mais nada a ser dito e certamente nem para ser ouvido.

Tilly ia afastar-se da porta quando um movimento furtivo atraiu sua atenção. Uma sombra esgueirava-se junto às árvores, seguindo a mesma direção que Flynn e Gerald haviam tomado. Então, o luar brilhou sobre o metal e ela viu um revólver nas mãos da figura que acompanhava os dois irmãos. Certa de que se tratava de um vigia da missão, voltou para o quarto.

Mergulhando num sono profundo, Tilly não podia prever que a última rodada de um jogo fatal estava prestes a se iniciar.

CAPÍTULO XIV

A floresta tropical de imensas árvores e galhos entrelaçados que transformavam as trilhas em túneis sombrios e úmidos foi aos poucos dando lugar à vegetação mais rasteira das planícies próximas do litoral. O sol inclemente do entardecer já não encontrava a barreira da ramagem densa e cada passo entre os espinheiros e moitas quase impenetráveis significava uma batalha perdida contra a selva e o calor.

O pequeno grupo avançava lentamente através dos emaranhados de cipós e folhagens, uma barreira natural que limitava a visão, impedindo uma marcha mais rápida. O silêncio absoluto só era rompido pelos pássaros com seus gritos estridentes e pelo quase inaudível som de seus passos sobre o tapete de folhas que cobriam o chão. Três homens, duas mulheres e um bebê prosseguiram a caminhada sem descanso através do labirinto verde.

— Você está quieta demais. Sente-se bem?

Flynn esperara por Tilly, que vinha no final da fila, preocupado com sua atitude estranha durante todo o dia. Ela ouviu a pergunta, mas não desviou os olhos das costas de Uluma, logo à sua frente.

— Não tenho nada a dizer.

— Inacreditável! — brincou Flynn, tentando disfarçar a inquietação. — Talvez esteja com uma dessas malditas febres tropicais!

Ele segurou-lhe o pulso, num toque muito leve porém extremamente perturbador. Tilly sentiu uma onda de emoções tumultuadas que ameaçavam seu autocontrole. O roçar dos dedos de Flynn sobre sua pele despertavam lembranças dos inesquecíveis momentos de prazer, mas a mágoa e a angústia não pertenciam apenas ao passado. Na noite anterior, sofrera o tormento de descobrir que o homem amado, o herói de seus sonhos, só existira em sua imaginação. Agora teria que enfrentar a humilhação de ser tratada como uma mulher imoral, condenada pela sociedade, e conformar-se com um futuro vazio e solitário.

— Mantenha suas mãos longe de mim, sr. Flynn.

Tilly puxou o braço com tanto ímpeto que o movimento brusco a desequilibrou. Para evitar que caísse, Flynn a segurou pela cintura, colando seu corpo ao dela.

Os cabelos sedosos roçaram levemente em seu rosto e ele sentiu o perfume de Tilly. Uma fragrância única de pétalas de rosas entreabrindo-se ao calor do sol. Flynn ansiava por tomá-la nos braços e cobrir de beijos o rosto encantador até apossar-se dos lábios doces e sensuais, mas sabia que não podia ceder a esse desejo. Ainda não...

Se alguém os visse, mesmo a distância, descobriria imediatamente que os dois não eram um rústico casal de camponeses cruzando a floresta como tantos outros. E Flynn tinha certeza absoluta de que estavam sendo vigiados e seguidos desde a madrugada, quando partiram da missão.

Decidira não mencionar esse fato porque, quanto menos Tilly soubesse, menos perigo correriam todos e principalmente ela. Algum dia, quando todos os problemas tivessem sido resolvidos, talvez ele conseguisse reconstruir o que fora destruído. Os maias baseavam sua existência em ciclos, pois tudo o que acontecera no passado voltaria a se repetir no futuro. Flynn não estava disposto a esperar séculos, décadas e nem meses. Pretendia acelerar esse processo, pelo menos em relação a uma parte muito importante de sua vida.

— Tenha um pouco mais de paciência. Daqui a alguns dias, nós...

Flynn afastara-se de Tilly para admirar lhe o rosto e a voz morreu em sua garganta diante de lágrimas que brilhavam nos olhos dela.

— Não importa quais sejam os seus planos, sr. Flynn. Também não perca tempo falando sobre isso porque não estou incluída neles. Tão logo chegemos ao acampamento arqueológico, poderá "livrar-se de sua maldita carga"!

Os músculos de Flynn ficaram tensos e seus olhos se estreitaram. Tilly conhecia bem demais aquela reação!

— O que mais ouviu? Diga!

Ela também já descobrira o perigo que aquela voz calma e branda escondia e recuou, assustada.

— Mais nada. Foi o suficiente...

A voz do padre Gerald interrompeu Tilly. Eles e os outros haviam se distanciado demais.

— Tiger? Algum problema?

Antes que Flynn pudesse responder ao irmão, Tilly recomeçou a andar, ultrapassando-o sem olhar para trás.

A torturante caminhada sob o sol tórrido e através de cipós e espinheiros continuou, em direção ao noroeste de Yucatán. Uma hora antes do crepúsculo, a voz de Flynn ecoou no silêncio da mata, avisando-os que haviam chegado ao seu destino.

Quando Tilly cruzou as últimas árvores, sentiu que retornara a um mundo perdido há oitocentos anos. Não estava mais diante de ruínas desfiguradas e praticamente irreconhecíveis sob a luxuriante vegetação que fora, dia a dia durante séculos, cobrindo-as com seu manto verde. Agora via sem disfarces a beleza

majestosa de dois imensos templos maias, um em cada extremidade de uma praça três vezes maior que a célebre Trafalgar Square, de Londres!

Até olhos destreinados e inexperientes reconheceriam a genialidade dos criadores daquelas obras-primas. As partes mais altas dos templos reluziam à luz do sol, que revelava com nitidez os magníficos desenhos em alto-relevo. As laterais das construções, que haviam ficado sob seis metros de terra e mato, ainda não estavam alvas como o restante e apenas começavam a perder a camada de limo e sujeira acumulada por séculos.

Tilly não conseguia acreditar que aqueles exemplos de perfeição arquitetônica tivessem sido construídos com ferramentas primitivas e rudimentares. Tentou recriar a imagem do passado, com as pedras revestidas de cimento vermelho sobre o qual artistas pintavam desenhos multicoloridos. Pela primeira vez na vida, sua imaginação fértil foi insuficiente!

Flynn estava mais interessado no momento presente e fez um gesto para que todos parassem.

— Algo está errado por aqui! Não há atividade nenhuma. Esperem entre as árvores.

Chocada, Tilly viu-o retirar um revólver debaixo da camisa, perdeu a fala ao ver padre Gerald pegar uma arma idêntica que escondera sob a batina.

— São... — o padre enrubesceu — são pistolas de duelo.

Aquela explicação absurda confundiu ainda mais a mente de Tilly. Padres que duelavam e ladrões de esmeraldas? Como seriam os outros membros da família Flynn? Sem dúvida estavam todos presos em algum hospício!

Os dois homens circundaram a praça aberta e desprotegida. Gerald ficou de guarda enquanto Flynn se esgueirava até as pequenas barracas à sombra de um dos templos. O local dava uma impressão de abandono e Tilly não se surpreendeu quando ele retornou com a notícia.

— Chegamos tarde demais! O governo cancelou a autorização para escavações arqueológicas logo após a morte do dr. Challfont. Falei com um vigia, que permanecerá aqui para evitar saques e vandalismo. Ele me disse que o dr. Scarborough e o resto da equipe partiram hoje cedo para embarcarem no navio de suprimentos, ancorado no porto desde ontem.

— E onde está ancorado o navio? — perguntou Gerald, voltando a esconder a arma.

— A cerca de dez quilômetros em linha reta e sabe Deus quantos através desses malditos espinheiros. De qualquer forma, leva-se cerca de meio dia para chegar até o litoral e, se acordarmos bem cedo amanhã, poderemos almoçar a bordo... uma refeição civilizada!

O navio de suprimentos... Tilly sentiu um arrepio ao pensar no significado daquelas palavras. No dia seguinte, todos estariam em segurança. No dia seguinte ela seria uma mulher condenada, um pária da sociedade, que lhe fecharia as portas, evitando-a para sempre. Dentro de vinte e quatro horas, sua vida que mal começara, teria terminado.

Transtornada, ela tentou distrair-se com Juanito recusando-se a participar da conversa. Manteve-se calada até quando Flynn a provocava com observações que invariavelmente despertavam seu espírito combativo. Sempre em silêncio, ajudou Uluma a preparar o jantar sobre uma fogueira improvisada e depois retirou-se para uma das tendas abandonadas por seus ocupantes. Não tinha dúvidas de que passaria uma noite angustiante pensando na manhã seguinte.

Apesar de suas previsões pessimistas, Tilly conseguiu dormir, porém o som de vozes muito baixas e próximas à sua tenda a acordou, bem antes do alvorecer. Espiando furtivamente por uma fresta da lona, viu Flynn e Gerald desaparecendo entre as moitas que circundavam a praça. Ela sabia muito bem para onde os dois se dirigiam. Embora estivesse rodeada por maravilhas da cultura maia que ocupariam sua atenção, não apenas por horas mas por semanas, sentiu o impulso incontrolável de segui-los. Uma curiosidade perversa a impelia e recusava-se a descobrir o que outros já haviam pesquisado. Queria admirar o tesouro, a tumba misteriosa que jamais fora vista por ninguém a não ser por Lucas Flynn!

Seria preciso ter mais força de vontade ou menos curiosidade do que Tilly possuía para resistir a essa tentação. Sem perder tempo, ela amarrou uma faixa nos cabelos para evitar que caíssem sobre seu rosto e correu atrás dos dois.

Depois de percorrer alguns metros através de espinheiros que feriam seus braços e elevações cobertas por pedras soltas, Tilly já estava arrependida. Levava tantos tombos e estava tão arranhada que agora entendia por que a tumba de Flynn nunca fora descoberta. Só um louco ou um idiota, como ela, entraria naquele labirinto de moitas e cipós sem ter um objetivo definido e muito lucrativo!

Flynn alcançara um grupo de árvores muito próximas uma das outras, seguido de perto por Gerald. Tilly não tinha condições de andar mais depressa porque a todo momento precisava soltar a saia que se prendia nos espinhos. Na última vez em que abaixou a cabeça para afastar os galhos e poder prosseguir, os dois haviam desaparecido por completo.

Após alguns instantes de hesitação, ela seguiu pela direção que supôs ser a mais lógica. Os dois deviam estar entre as árvores e, quando Tilly chegou ao pequeno bosque, um som sinistro a imobilizou. El Tigre estava por perto!

Apavorada, Tilly recuperou a capacidade de se mover e saiu correndo, sem pensar na saia que se rasgava ou nos braços feridos. A pantera rugira novamente e ela queria alcançar Flynn o mais depressa possível. Em sua pressa, não viu uma pedra maior e bateu o pé com violência na rocha dura. Quase desmaiando de dor, foi obrigada a sentar-se num tronco para não cair.

Tilly verificou que não havia quebrado nenhum osso e estava massageando os dedos para aliviar a dor quando viu uma camisa branca entre as árvores à sua frente. Era Flynn! Agradecendo a Deus por não tê-lo perdido de vista, levantou-se para recomeçar a caminhada. Apesar de não poder apoiar o pé no chão, conseguiu chegar até o local onde o avistara, uma pequena clareira que lhe permitiria andar mais depressa.

Então Tilly se deteve, paralisada pelo terror. Diante dela um homem de camisa branca segurava um punhal. Não correria para a segurança dos braços de Flynn, mas para uma armadilha fatal. Estava diante de Dawson!

— Minas! Olhe! É a mulher!

Sem esperar pelo companheiro, Dawson jogou-se sobre Tilly, que conseguiu recuperar o instinto de sobrevivência antes de ser alcançada.

— Flynn! Socorro!

Não havia tempo nem para dar outro grito. Tilly começou a fugir de Dawson, sem preocupar-se com as dores e tentando apenas não cair. Então, avistou o topo das pirâmides acima das árvores e ficou desorientada. Não podia refugiar-se no acampamento! Os bandidos a seguiriam e Tomaso não teria condições de defender sua pequena família daqueles criminosos!

Ouvindo os passos de Dawson, seguidos pelos de Minas, se aproximarem, Tilly olhou à sua volta, desesperada. Como iria encontrar um esconderijo entre as elevações cobertas de pedras soltas?

Então ela viu as raízes salientes de uma árvore e percebeu que existia um espaço onde poderia se abrigar. Arrastando-se no chão, Tilly conseguiu enfiar-se na pequena caverna, tão rente ao solo que Dawson não a veria!

Apesar das teias de aranha que se prendiam em seus cabelos e roçavam seu rosto, Tilly suspirou aliviada. Tinha encontrado um lugar bem maior do que imaginara e poderia ir mais para o fundo, longe do alcance das mãos de Dawson.

Bastou apenas um pequeno movimento e Tilly mergulhou no vazio. Deslizava por um túnel negro sem saber onde terminaria aquela descida para as profundezas da terra. Pedras e detritos caíam junto com ela, ecoando em seus ouvidos com o estrondo de uma avalanche.

Finalmente, o corpo de Tilly bateu de encontro a uma superfície macia e que estalava ao menor de seus movimentos. Chegara a algum lugar, toda arranhada e dolorida, mas sem nenhum osso quebrado. A escuridão absoluta a impedia de saber onde estava e temia mover-se e despertar a atenção de Dawson. Se tivessem ouvido o barulho de sua queda, ela logo perceberia!

Tilly esperou algum sinal de seus perseguidores e só depois de um longo tempo, arriscou-se a se mexer. Ela deduziu que caíra em uma caverna subterrânea e, a julgar pelo som das últimas pedras que tinham caído, bastante ampla. Caminhando com cuidado e com os braços estendidos, Tilly calculou que havia percorrido cerca de seis metros até suas mãos tocarem uma parede. Para sua surpresa, não encontrara a aspereza da rocha bruta, e sim a superfície lisa de pedras cortadas por mãos humanas. Deslizando os dedos pela parede, tocou as depressões quase imperceptíveis entre os blocos e, em seguida, um alto-relevo sem nenhum desgaste, perfeito como no dia em que fora criado.

Recuando, Tilly cruzou os braços para afastar o frio intenso que a envolvia. Agora sabia que significava aquela elevação sobre a qual as raízes da árvore não haviam penetrado. Não se tratava de uma ondulação criada pela natureza; ela estava presa entre as ruínas de alguma construção dos maias escondida sob o solo há séculos!

Provavelmente caíra em uma tumba subterrânea e precisava controlar sua mente e não pensar no sonho assustador que se repetira tantas vezes.

Um torrão de terra caiu a seu lado e Tilly tentou distrair-se pensando nos caprichos da natureza. Possivelmente, um animal fizera sua toca abrigando-se debaixo de uma árvore e, com o passar dos anos, as chuvas tinham erodido o solo até que uma raiz conseguira penetrar por entre as frestas da estrutura de pedra e alcançara a tumba soterrada.

Sentindo as pernas fraquejarem, Tilly sentou-se no chão de pedra e, com os dentes batendo de frio; e choque, rezou para que alguma luz entrasse naquele lugar escuro. Ela não tinha condições de avaliar a passagem do tempo mas, finalmente, o sol nasceu e uma ligeira claridade começou a iluminar a tumba.

Alguns raios se infiltravam pelo túnel por onde ela caíra inicialmente tocando apenas o teto de pedra. Logo as paredes foram ficando visíveis e, de um minuto para o outro, a claridade invadiu a tumba. A alegria de Tilly pela chegada da luz se transformou em pânico quando seus olhos distinguiram as pinturas.

A luminosidade ainda difusa devolveu a vida ao lúgubre deus da chuvas, ChacMool, e ao sinistro An Puc, o esqueleto de mandíbulas entreabertas que simbolizava a morte. No canto mais sombrio, Tilly encontrou o que procurava: o brilho inconfundível do ouro. Com passos rápidos pisou sobre ossos e detritos até chegar ao nicho entre dois pilares esculpidos com figuras exóticas.

Sim! Era mesmo ouro! Um fabuloso colar, cravejado de pedras preciosas e preso a um peitoral de jade, cintilava sobre os restos mortais de um altivo e outrora poderoso sacerdote maia. Aproximando-se, Tilly leu os caracteres gravados na jóia e, como deduzira, eram idênticos aos de seu sonho e apenas confirmavam o que já concluía. Ela, acidentalmente, caíra dentro de Queptil, a cidade perdida do império maia.

Subitamente, ouviu um ruído acima de sua cabeça. Alerta para o perigo, Tilly virou-se pronta a enfrentar seu adversário. Estava ansiosa por ver o rosto do inimigo secreto, o furtivo e inescrupuloso vulto misterioso que ousara segui-la desde o início de sua busca.

A tumba continuava na penumbra. Uma sombra teria se movido junto à entrada? O som, porém, não foi o do passo leve de seu perseguidor implacável. Ela ouviu apenas uma voz muito baixa.

— Tilly?

O som provocou-lhe um arrepio de medo e ela recuou até encontrar a barreira sólida da parede às suas costas. Flocos da fina camada de cimento se soltaram, caindo ao chão quase sem ruído. Então, uma sombra bloqueou a entrada da luz.

— Tilly?

Ela sabia que o som de sua voz significaria a morte. Uma chuva de torrões de terra e pedra aumentaram seu pânico e, desesperada, procurou um lugar para se esconder. Só havia um: a pequena alcova protegida por uma espécie de escudo que vira antes de a luz desaparecer.

Agarrando-se à tênue esperança de não ser encontrada, Tilly esgueirou-se pela fresta entre o escudo e a parede. Os barulhos vindos da entrada ficavam mais altos e encobriam o ruído dos seus movimentos. Por uma pequena abertura na lateral da alcova viu uma figura entrando na tumba e pensou que estivesse delirando. Não era o perfil de Dawson, belo mas cruel, que surgia diante de seus olhos. Como poderia imaginar que encontraria justamente...

George Keating! Parado no centro da tumba, ele olhava a seu redor.

— Sei que você está escondida em algum canto, Tilly. Pode sair. Não tem motivos para sentir medo de mim.

Por uma fração de segundo, ela tentou convencer-se de que ainda continuava sonhando. Infelizmente, o pesadelo não terminara como de costume e prosseguia, ainda mais aterrorizante. As dores no corpo e a contração do pavor na boca do estômago comprovavam que estava acordada. Tilly prendeu a respiração, dominada pelo terror, ao ver que Keating descobrira o esconderijo e vinha em sua direção.

— Pode sair, Tilly. Está tudo bem e realmente não tem motivos para continuar escondida. Já me conhece bem e sabe o que sinto por você.

E ainda seria possível ignorar? A última peça fora colocada, o quebra-cabeças se completara. Ela despertava naquele homem um sentimento estranho que o impelira a abandoná-la num atol na rota de um furacão. Só Deus sabia a que extremos essa emoção destrutiva o levaria!

Então Tilly lembrou-se da morte misteriosa do dr. Challfont e acrescentou uma peça adicional ao quebra-cabeças. Agora sabia até que ponto ele chegaria e, tateando o chão ao seu redor, procurou algo para se defender. Suas mãos tocaram num objeto polido e longo, talvez o cabo de um machado destinado a sacrifícios rituais. O significado real daquele objeto perdera-se com o passar dos séculos e se transformava em uma arma mortífera que ela não hesitaria em usar!

Keating virou-se subitamente. Uma nova chuva de torrões de terra e pedras caía sobre o chão da tumba. Ele esperava, tenso e alerta. Tilly também esperava. O silêncio voltou a reinar e então um raio de sol, mais forte, revelou o brilho do ouro.

Fascinado, Keating aproximou-se do nicho, pisando nos potes de argila, sem preocupar-se com a destruição de objetos tão valiosos quanto as jóias. Ele agia como se tivesse se esquecido da existência de Tilly e suas mãos ávidas arrancaram o peitoral de jade dos restos mortais do altivo sacerdote maia. O fio que prendia as peças se rompeu, mas seus olhos estavam fixos no fabuloso colar cravejado de imensas esmeraldas!

Mesmo a uma certa distância, Tilly podia distinguir a perfeição do trabalho e surpreendeu-se ao constatar que não pertencia ao período dos maias. Vira peças semelhantes em uma exposição de arte pré-romana, mas, certamente, não era o momento ideal para pensar na excitante hipótese histórica de um contato entre o Velho e o Novo Mundo!

— Com mil diabos! — murmurou Keating, hipnotizado pela beleza da jóia.

— Mil e um, Keating!

Flynn surgira misteriosamente na tumba. Seus olhos faiscavam de ódio e um punhal brilhava em sua mão.

— Acabou a farsa, Keating. Você chegou ao fim do seu maldito caminho; portanto, nem tente reagir e venha comigo.

— Sobre o que está falando? Não entendo...

— Não adianta fingir porque eu decifrei o seu esquema diabólico. Descobri como contrabandeou esmeraldas e outras jóias da América Central para a Jamaica. Como saqueou tumbas, roubando peças que deviam estar em museus para seu lucro pessoal. Como forçou os nativos a trabalharem para você sob ameaças de tortura ou morte. E como matou Julian Challfont quando ele começou a suspeitar de suas atividades criminosas.

Keating permanecia imóvel, enquanto Flynn caminhava em volta dele com o punhal erguido. Finalmente, o colar escorregou de suas mãos.

— Acha que é muito esperto, Flynn. Só que está subestimando a minha inteligência. Dawson e Minas continuam lá em cima, portanto só um de nós sairá vivo deste encontro... e não será você.

— Não tenha tanta certeza, Keating.

A expressão de Flynn ficava ainda mais ameaçadora na luz difusa da tumba e seus traços refletiam o mesmo poder invencível dos antigos deuses da guerra adorados pelos maias. O brilho mortífero de seus olhos assustou Tilly e não passou despercebido por Keating, que mudou imediatamente de tática.

— Talvez eu tenha me precipitado, Flynn. Não existe nenhum motivo para agirmos como inimigos. Olhe a seu redor. Há o suficiente para nós dois. Além disso... está levando um problema de lucros e perdas para o lado pessoal.

— Você transformou o problema em um assunto muito pessoal, meu caro! Bastaria a imoralidade de aproveitar-se da fraqueza de Christopher Burlinghome para viciá-lo em drogas com o intuito de conseguir a ajuda dele. — Flynn deu uma risada sinistra ao notar a surpresa de Keating. — Esqueci de dizer-lhe que também descobri como você usava as peças vindas para a coleção de Jonas para contrabandear jóias. O irmão de Lara as retirava quando chegavam à Coeur d'Émeraude e as colocava nas suas mãos em troca de ópio.

Com um andar aparentemente despreocupado, Flynn não parava de cruzar a tumba de uma ponta à outra.

— Então, quando Jonas tentou curá-lo do vício, você ajudou Christopher a fugir, no instante em que Leander se distraiu! Tudo isso já bastaria, mas... e a srta. Templeton? O que acha de discutirmos o problema dela? Seria pessoal!

— Bem... foi uma decisão difícil, mas a única que encontrei para atraí-lo, Flynn.

— Você contratou aquele idiota do Folling para me raptar e devia ter previsto que não daria certo. Por que não me acertou logo um tiro?

— Eu posso ser desonesto em relação a certas leis, mas não sou um assassino.

— Não, é claro que não! Você deixa que Metcalf e Dawson façam o trabalho sujo em seu lugar. Talvez não esteja com as mãos sujas de sangue, mas não poderá escapar da culpa, Keating. A responsabilidade da decisão sempre foi sua!

Nenhum dos dois homens suportava mais a tensão e, quando Keating fez um movimento brusco, Flynn atirou-se na direção dele. Tilly assustou-se e mexeu-se involuntariamente, derrubando o escudo que a protegia. Ambos a fitaram por uma fração de segundo.

— Tilly! Que diabo está fazendo aqui?

Flynn virou-se para ela e Keating não perdeu a única chance que teria de escapar daquele homem perigoso. Correu para a corda que pendia do alto da entrada, mas foi agarrado pelas pernas e ambos rolaram pelo chão.

Para segurar as pernas do fugitivo, Flynn largara o punhal e os dois homens lutavam em igualdade de condições. Então Tilly viu Keating retirar um estilete da bota. Não podia ficar passiva diante daquela atitude traíçoeira!

Sem hesitar, ela usou sua arma para bater no braço de Keating, que, com a violência do golpe, soltou o estilete. Satisfeita, Tilly olhou para o machado ritual e viu apenas um osso da perna de um ser humano. Arrepiada, jogou-o longe e só encontrou um vaso de argila para substituí-lo. Com o mesmo ímpeto, jogou a peça milenar e errou a direção, quase atingindo a cabeça de Flynn.

— Vá para o inferno, Tilly — berrou ele, enfurecido.— Como ousa quebrar esse vaso? É insubstituível.

A fúria de Flynn reanimou suas forças e conseguiu dominar Keating. Estava erguendo o braço para esmurrá-lo quando ouviu Tilly gritar:

— Não! Você já o venceu! Não é necessário mais nada...

— É necessário sim!

O primeiro soco foi no queixo e deixou Keating inconsciente, mas Flynn mantinha os punhos cerrados, lutando contra o impulso de continuar batendo no homem que já derrotara. Tilly pressentiu sua batalha íntima, sabia que ele queria matar quem causara tantas outras mortes.

— Tudo terminou, Flynn — murmurou ela, tocando-lhe o rosto.

Ele custou a perceber que Tilly o tocara, mas, após alguns instantes, seus músculos relaxaram. Respirando fundo, Flynn levantou-se e a fitou com um olhar calmo.

— Você tem razão. Agora tudo realmente terminou, graças a Deus!

Quando o navio de suprimentos, o *Laura Halford* iniciou a viagem de volta a Kingston, Flynn e Gerald estavam no convés, admirando as praias de Yucatán, que logo perderiam de vista.

— Não sabe como fico feliz por ter a sua companhia, Gerald. Você dará mais força às nossas declarações... e mais respeitabilidade a essa aventura inacreditável.

— Mas é claro que eu não deixaria de ir até Kingston com você, Lucas. Afinal, tenho o direito de saber como essa aventura vai terminar.

Gerald sorriu com malícia ao olhar para Tilly, que se aproximava deles. A não ser pelo rosto levemente amorenado pelo sol e alguns arranhões nos braços, ninguém imaginaria que aquela mulher atraente e sofisticada tinha enfrentado o abandono num atol prestes a ser atingido pela violência de um furacão, um naufrágio e as mais desconfortáveis aventuras nas selvas de Yucatán.

Os cabelos castanhos, sedosos e brilhantes, estavam presos num coque elegante, e o vestido azul que a esposa do capitão emprestara para Tilly substituíra a túnica de algodão cedida por Uluma. Embora sentisse falta da liberdade que a inexistência de espartilhos lhe permitira, ela sentia-se novamente uma mulher civilizada.

Naquele momento, porém, Tilly estava visivelmente agitada e tensa.

— Vocês já souberam? — disse ela, enfurecida. — O sr. Keating e seus cúmplices escaparam do navio durante a noite quando paramos em Port Helen. Não me conformo que tenham conseguido fugir da Justiça sem serem julgados por tantos crimes!

— Não se preocupe com isso — Flynn também voltara a sorrir com a costumeira sedução. — Eles não foram muito longe.

— Oh! Então conseguiram prendê-los de novo? Serão entregues à Justiça para julgamento?

— De um certo modo... a sentença já foi dada. Talvez você não saiba, mas os marinheiros deste navio conheciam Skelly muito bem e decidiram agir por conta própria, recapturando os prisioneiros. Neste momento, George Keating e seus comparsas encontram-se num porão sujo e infestado de ratos, navegando em direção ao cabo Horn. Se sobreviverem a essa travessia, que é um terror passarão dez anos trabalhando como escravos nas salinas até cumprirem sua pena e serem libertados.

— Meu Deus! — Tilly não disfarçou o choque diante da severidade do castigo. — É terrível.

— Acha mesmo?

Flynn a fitava com um olhar tão perturbador que Tilly desviou os olhos, dedicando sua atenção a Gerald.

— Está muito pensativo hoje, padre. Surgiu algum problema?

— Não, não houve nada. Entretanto, eu sou uma pessoa muito metódica e não gosto de deixar assuntos pendentes. A aventura terminou, mas ainda temos de tomar algumas providências, Lucas. O que pretende fazer para encerrar definitivamente o problema?

— A solução depende exclusivamente desta bela dama. Agora sabe que não sou um criminoso nem um conquistador barato, portanto... qual é a sua decisão, Tilly?

— Que decisão? — Ela não estava entendendo nada daquela conversa enigmática. — O que eu deveria decidir?

— Ora! O assunto mais urgente é o casamento! — interferiu Gerald, preocupado. — Seria bem melhor se resolvessem agora, antes de chegarem juntos a Kingston, depois de terem passado tanto tempo sozinhos em plena selva!

Embora constrangido com a franqueza do irmão, Flynn tentou ser mais convincente.

— Então, Tilly? Gerald tem razão, seria melhor se nós...

— Não seja ridículo, Flynn!

— Acho que agora entendi. Você não quer se casar comigo por causa de meu passado... sombrio e da minha má reputação. — Os olhos dele refletiam o mesmo verde

do mar, com reflexos dourados. — Pois saiba que me desapontou, Tilly. Não pensei que fosse covarde!

— Covarde? Como ousa...

— Admito que tenho alguns defeitos — continuou ele, imperturbável. — Meu senso de humor é um pouco... ferino demais e não escolho muito bem meus amigos, que às vezes são marinheiros e não freqüentam a gloriosa sociedade da colônia inglesa na Jamaica. Entretanto, é preciso ver também o lado bom, concorda? Eu bebo, mas não fico bêbado nem corro atrás de mulheres imorais ou praguejo... desnecessariamente.

— Não mesmo? — Tilly o fitou, desafiante. — Pois mandou-me para o inferno quando atirei aquele vaso de barro que quase acertou a sua cabeça!

— Quase! — Flynn tocou o calombo em sua testa. — Acertou em cheio, mas não foi por esse motivo que eu perdi a calma. O vaso que você quebrou era um dos mais significativos exemplares da cerâmica policrômica dos maias e provavelmente o único que tinha condições tão perfeitas de conservação.

— E o que você entende de cerâmica, sobretudo a dos maias, sr. Flynn? — perguntou Tilly, sem esconder seu desdém. — Alguma vez leu algum livro sobre esse assunto cansativo?

— Ele entende mesmo! — Gerald decidiu interferir na discussão. — Lucas publicou um livro, comparando a cerâmica dos períodos pré-clássico e clássico, que é considerado a obra mais completa sobre esse tipo de artesanato maia.

Atônita, olhou para Gerald e depois para Flynn. Ambos a fitavam com expressão travessa.

— É verdade, Flynn?

— Bem... é... eu publiquei mesmo um livro — admitiu ele, embaraçado. — Gosto muito de peças antigas e por isso preciso manter um arquivo bem organizado para apoiar um estudo aprofundado sobre relíquias do passado. Mas não passa de uma diversão para os momentos ociosos, é claro.

Tilly o encarou, desafiante.

— Por acaso não estará me contando mais uma história absurda, como a das suas esmeraldas escondidas na tumba de... Montezuma, que não era maia?

— Eu só inventei aquele tesouro porque queria que os homens de Keating viessem atrás de mim. Sabia que havia alguém escondido e nos escutando. Não podia adivinhar que o navio dos suprimentos tivesse chegado um dia antes da data prevista e com Keating a bordo.

— É uma pena! — exclamou Tilly com um sorriso cínico. Eu realmente fiquei fascinada só em pensar que poderia ser dona de tantas esmeraldas. Sinto dizer-lhe, mas essas jóias inexistentes seriam o único incentivo capaz de transformá-lo em um marido aceitável dentro dos meus padrões que não admitem... patifes de má reputação!

— Eu gostaria de ter as esmeraldas para lhe oferecer como presente de casamento — Flynn tentou cativá-la com um de seus sorrisos sedutores. — Na falta delas, posso dar-lhe um tesouro de informações únicas sobre povos antigos, em especial a cultura do império maia, se é que esse tipo de conhecimento tem algum valor para você.

— E também uma fazenda produtiva, além da sociedade com Jonas Whitby nos maiores estaleiros da Jamaica — acrescentou Gerald, suavemente. — Pode acreditar que não estará se casando com um homem pobre, srta. Templeton. Sei que meu irmão nunca levou uma vida exemplar e conto com a sua ajuda para transformá-lo em um cidadão decente e trabalhador, através da sua autoridade de esposa legítima. Pense no casamento com Lucas como um dever para o bem da humanidade.

— Oh! É inacreditável! — Tilly exasperou-se. — Vocês dois preferem morrer a falar seriamente!

Erguendo o queixo, Tilly afastou-se deles, caminhando com passos rápidos para o seu camarote. Flynn esperou alguns segundos e depois correu atrás dela.

Cinco dias depois, a carruagem de Flynn cruzou os portões de Coeur d'Émeraude e Tilly, do lado dele, foi obrigada a admitir o contraste daquele momento com o dia em que chegara à casa de sua amiga.

A jovem ingênua e ávida por experimentar e usufruir todos os prazeres de uma vida luxuosa retornava agora mais madura, uma mulher experiente que aprendera a valorizar os mais insignificantes detalhes do cotidiano. Chegara despreparada para enfrentar os problemas e as tensões que percebera existir na mansão dos Whitby. Inevitavelmente, tentou imaginar que tipo de problemas iria encontrar depois de sua longa ausência.

Eles ainda não tinham descido da carruagem quando Jonas abriu a porta.

— Flynn! Srta. Templeton! Graças a Deus estão ambos sãos e salvos!

A aparência de Jonas mudara tanto que Tilly mal conseguira acreditar em seus próprios olhos. Ele remoçara, seu olhar refletia a serenidade e a alegria de um homem feliz e em paz com a vida.

— Os outros estão à espera de vocês na saleta.

Ao entrar naquele cômodo encantador, Tilly percebeu que a serenidade não era um reflexo das cores suaves ou da decoração descontraída da saleta de Lara. A paz reinava naquela casa e transformara seus habitantes.

— Tilly! — Lara correu ao encontro da amiga. — É mesmo você? Flynn? Oh, meu Deus! Eu não queria acreditar, precisava vê-los na minha frente!

Christopher e Leander, que haviam ficado junto à janela da sala, aproximaram-se dos recém-chegados. O irmão de Lara ainda estava muito magro, mas seu rosto perdera a palidez doentia, recuperando um tom rosado, e os olhos brilhavam, límpidos e tranquilos.

— Não tenho palavras para dizer o quanto me alegrei ao saber que estavam salvos. — Ele segurou as mãos de Tilly, apertando-as entre as suas. — Foi um verdadeiro milagre.

— Na verdade, não houve milagre algum, porque foi Flynn quem nos salvou. Mas... não conte para ele o que eu disse por favor! Ele só iria ficar mais convencido do que já é. — O sorriso de Tilly desmentia a severidade de suas palavras. — Sinto muito por sua doença, Christopher.

— É muito gentil em continuar fingindo, srta. Templeton. Entretanto, acho que sabe, como todos os outros, que eu estava viciado em ópio e não sofrendo de crises de malária.

Christopher puxou Leander para perto deles.

— Este homem, que era o capataz de nossa equipe, ficou voluntariamente do meu lado. Estava disposto a tudo para me livrar do vício, porque acredita que eu o salvei da morte. Na verdade, ele salvou-me a vida dezenas de vezes apesar de ter sofrido as penas de um condenado desde que se ofereceu para me ajudar.

— Eu faria tudo de novo — a voz de Leander era suave como a de uma mãe falando com o filho. — Existem tão poucos homens realmente bons no mundo que não é possível perder um único deles. Logo estará bem de saúde e voltaremos juntos para Yucatán, onde você levará adiante o trabalho do dr. Challfont.

— Espero que sim! — Christopher sorriu, entusiasmado. Vou esforçar-me ao máximo para estar de volta ao acampamento no início do próximo ano.

Subitamente, ele ficou sério e voltou a segurar a mão de Tilly.

— Por favor, me perdoe, srta. Templeton. Eu não sabia o que estava fazendo quando a agredi. Em meu delírio, imaginei que ia roubar as esmeraldas e eu não teria nada para entregar a Keating em troca de ópio.

— Eu... acho que também devo pedir desculpas — murmurou Tilly, embaraçada. — Preciso confessar que culpei Jonas pelo ataque. Julguei que ele tivesse tentado me estrangular.

Tilly confessou apenas parte de sua culpa. Não podia dizer que imaginara uma paixão de Lara por Flynn porque certas suspeitas jamais devem ser mencionadas em voz alta. Agora sabia que o relacionamento dos dois não passava de amizade e ele apenas tentara ajudar sua amiga a ocultar os problemas de Christopher. Entretanto, para evitar um desentendimento entre o marido e o irmão, a pobre mulher acabara provocando uma situação mais grave.

Felizmente, a vida voltara ao normal e as feições de Jonas, que Tilly julgara severas, estavam alegres e serenas.

— Já que todos estão pedindo desculpas, eu também devo cumprir o meu dever — brincou Jonas. — Sinto muito por ter colocado George Keating em seu caminho, srta. Templeton. Não previ que a situação pudesse ficar tão violenta. Além disso, percebi logo que ele a admirava e gostaria de cortejá-la, por isso não vi nenhum mal...

— O único aspecto que eu admiro na personalidade de Keating é seu bom gosto — resmungou Flynn, com uma voz surpreendentemente ríspida.

Intrigada, Tilly o fitou e mal conseguiu disfarçar a satisfação ao perceber os olhos verdes brilhando de ódio. Tiger Flynn com ciúme? Ela jamais sonhara com esse inesperado presente dos céus! Entretanto, preferia morrer a confessar que também conhecia essa emoção!

— E a sra. Thorne? — perguntou Tilly, arrependendo-se imediatamente de ter aberto a boca e se traído diante de Flynn.

— Ela fez as malas e pegou o primeiro navio que partiu de Kingston no dia seguinte ao seu desaparecimento, Tilly — respondeu Lara. — Não pagou milhares de libras que devia a seus credores e fugiu para Bombaim, onde dizia ter amigos.

— A sra. Thorne apenas obedecia ordens de Keating e só descobriu no que realmente estava envolvida quando já era tarde demais. Comentam que o conheceu com o nome de Fritz Keating anos atrás e, forçada pela chantagem, foi obrigada a ajudá-lo. No instante em que percebeu a gravidade da situação, sumiu sem despedir-se de ninguém. — Jonas encarou Tilly com uma expressão séria. — Não notificamos as autoridades sobre o envolvimento dela em seu desaparecimento mas, se desejar, posso iniciar um processo legal.

Tilly pensou naquela mulher que lhe provocara tanta antipatia e a tratara tão mal e viu-a como uma viúva, sem amigos nem dinheiro, fugindo da Jamaica torturada pelo medo de ser acusada por um crime involuntário.

— Não. Seria um ato de vingança e prefiro a minha paz de espírito. Não tenho dúvidas de que ela aprendeu a lição e, na verdade, só queria perturbar a minha vida, não tirá-la!

Christopher voltou a aproximar-se de Tilly para beijar-lhe a mão.

— Admiro sua atitude não só em relação a essa pobre viúva sem juízo, mas também a meu respeito, tratando-me com tanta gentileza depois de ter sofrido por minha causa. Espero que vá me visitar no acampamento no próximo ano. Pretendo abrir várias trincheiras para demarcar a área onde presume-se que estejam soterradas as ruínas. A sua descrição do local foi a de uma verdadeira arqueóloga e certamente encontrou Queptil, a cidade perdida. Seu nome aparecerá ao lado de outros muito famosos nos futuros livros de história, srta. Templeton.

Christopher sorriu ao vê-la enrubescer e Tilly reconheceu o rapaz atraente que a ajudara a superar sua fase de timidez e insegurança.

— Agora, se me derem licença, vou retirar-me — disse ele, com uma expressão de cansaço no rosto magro. — Ainda não recuperei minhas forças e preciso de muito descanso ou não voltarei a trabalhar tão cedo. Jonas lhes dará as respostas que precisarem para esclarecer suas dúvidas.

Depois que Christopher saiu da sala, Jonas, que permanecera ao lado da lareira, sentou-se ao lado da esposa.

— Quando tiverem conhecimento das circunstâncias, creio que perdoarão, pelo menos em parte, a fraqueza do irmão de Lara diante do vício. Christopher foi ferido gravemente nas proximidades de Chichen Itza quando as cordas que prendiam uma enorme pedra se romperam e quebraram sua perna. O dr. Challfont tentou diminuir-lhe o sofrimento com grandes doses de láudano, mas o alívio durava muito pouco. Então, George Keating ofereceu-lhe um remédio nativo e todos ficaram extremamente agradecidos a ele, que, na verdade, estava criando uma dependência ao ópio, uma das drogas mais destrutivas.

— Suponho que foi aumentando gradualmente as doses, até transformá-lo num viciado — acrescentou Flynn, pensativo. — Desde o início, Keating planejava envolver Christopher em seu contrabando de esmeraldas.

— Sem dúvida alguma — afirmou Jonas. — Quando Challfont avisou-me que Christopher estava agindo de um modo irracional, fui até o acampamento e, ao reconhecer imediatamente os sintomas, trouxe-o para casa à força. Então, pedi ajuda a Challfont e contratei alguns homens discretos e treinados para esse tipo de trabalho a fim de prepararem uma cilada para Keating e apanhá-lo em flagrante.

— Foi quando eu entrei em cena — interferiu Flynn, com um sorriso irônico. — E resolvi o problema!

— Eu tentei de todos os modos impedi-lo de participar de um problema que desejava manter em segredo para poupar Lara. Entretanto, devo admitir que não tínhamos conseguido nada de concreto até você... "entrar em cena"!

Jonas terminou sua história contando que Keating escondia as jóias nas máscaras encomendadas para aumentar sua coleção de arte e Christopher as retirava quando chegavam a Coeur d'Émeraude para trocá-las por ópio.

— Então foi por isso que colocou as esmeraldas em minha bolsa — murmurou Tilly, segurando o braço de Flynn. — Quando as pedras sumissem, Keating e Christopher se desentenderiam e o contrabando seria interrompido.

Flynn a fitou por um instante e logo desviou o olhar.

— É... foi por isso.

— Não! — exclamou Lara, erguendo-se num salto. — Não permitirei que assuma a culpa em meu lugar, Flynn. Fui eu quem as colocou em sua bolsa, Tilly. Encontrei-as, por acaso, no armazém e sabia do contrabando, mas ignorava como era feito. Christopher estava desaparecido há dias e não quis que ele achasse as pedras e as trocasse por mais ópio. Pretendia recuperá-las assim que nós duas voltássemos para casa, mas não surgiu nenhuma oportunidade. Quando retornamos do piquenique e vi seu quarto destruído, entrei em pânico. O causador daquele caos teria sido meu irmão ou outra pessoa? Fui procurar Leander...

— Agora compreendo sua perturbação! Apavorada com o resultado de seu ato e sem poder contar nada para mim! Percebi que você estava muito nervosa. — Tilly tentou disfarçar sua própria agitação, falando rapidamente. — Mas pensei que o motivo fosse outro.

Feliz por ter criado coragem e revelado seu segredo, Lara não continha mais o desejo de confessar todos os seus erros.

— A situação teria sido muito mais grave se Jonas não fosse tão compreensivo. Apesar de furioso e preocupado, esforçava-se para encontrar os melhores médicos para tratarem de meu irmão, além de enfermeiros e guardas que evitassem uma fuga. Quando você chegou a Kingston, Christopher estava desaparecido há dois dias e meu marido ameaçou enviá-lo para um sanatório. Então, pedi a ajuda de Flynn, que o encontrou e o trouxe de volta, mas eu só soube disso minutos antes do jantar daquela noite.

Lara calou-se por um instante e fitou Flynn com um olhar de arrependimento, antes de prosseguir.

— Horas depois, uma mulher veio até aqui para contar a Flynn que Christopher havia conseguido escapar da vigilância de Leander e fugira de novo.

— Então você estava procurando Christopher em meu quarto, não um ladrão! — Quando Jonas respondeu afirmativamente, Tilly virou-se para Flynn, enfurecida: — E você inventou que nós dois estávamos correndo perigo!

— Era verdade. Keating também fingia que procurava Christopher. Ao perceber que eu o espionava, seguiu-me até perto da casa e teria atirado em mim sem hesitar. Encontraria uma desculpa plausível para justificar seu engano e depois seria a sua vez, Tilly.

Ao relembrar os episódios da noite em que chegara a *Coeur d'Émeraude*, Tilly não resistiu à curiosidade, esquecendo-se, por um momento, das boas maneiras.

— Eu... pensei muitas vezes mas... afinal, quem era a mulher que veio procurá-lo, Flynn?

— Está com ciúme? — Ele riu, satisfeito com a reação de Tilly. — Ela é a esposa de Leander.

— Mais uma vez, criou-se um mal-entendido penoso por minha culpa — murmurou Lara. — Todos se scandalizaram, mas eu tinha problemas mais sérios do que explicar a situação para um bando de mexeriqueiras. Estava enganando meu marido porque não lhe contei que Christopher tinha fugido de novo.

Lara tentou prosseguir, mas não conseguia mais falar. Jonas segurou-lhe as mãos e os dois se abraçaram sem esconder a felicidade de terem reencontrado o amor que os unia.

Percebendo que o casal esquecera-se do resto do mundo, Flynn puxou Tilly pelo braço e os dois saíram da sala na ponta dos pés.

— Eles precisam usufruir esse momento de amor e nós voltaremos outro dia para contar-lhes sobre o nosso "momento". Agora pretendo levá-la para um longo passeio de carruagem.

— Até onde?

— Até o nosso lar, querida. Não sei se os tigres têm tocas ou vivem livres na floresta, mas eu moro em uma das fazendas mais lindas e antigas da Jamaica. Dizem que pertenceu ao famoso pirata Blackbeard e era seu refúgio.

— Refúgio do pirata... deve ser um lugar excitante! — murmurou Tilly, deixando-se envolver pelos braços de Flynn. — E o fantasma dele costuma aparecer?

— Frequentemente.

— Então vou adorar a sua... quero dizer, a nossa casa, amor!

EPÍLOGO

As mudanças, tantas e tão repentinas, ainda provocavam em Tilly a sensação de que estava vivendo mais uma de suas fantasias. A madrugadora srta. Templeton, que acordava ao raiar do dia para cumprir seus intermináveis deveres domésticos e sociais, continuava na cama apesar de ser quase dez horas da manhã. O quarto luxuoso, a camisola de seda, com um decote ousado preso por fitas de cetim, a criada jovem e sorridente que lhe trouxera a bandeja do café só podiam ser parte de um sonho.

Então, Flynn entrou no quarto e ela reconheceu que a realidade superava qualquer fantasia. Aquele homem fascinante era realmente seu marido.

— Você é linda, Esmeralda — murmurou ele para a gatinha de pêlo dourado que se enrodilhara na barra da camisola de Tilly.

— Mas tenho certeza de que está na hora de seu passeio matinal pelo jardim.

Como o pai, que continuava em *Coeur d'Émeraude*, a gatinha sempre obedecia Flynn. Afinal, ele era um amigo!

— Eu nunca tinha visto você com trajes de montaria, Flynn — Tilly comentou encantada com a elegância do marido. — Realçam sua masculinidade.

— Está querendo me adoçar com elogios, querida? — O sorriso de Flynn desmentia as palavras de censura. — A minha Bela Adormecida continua na cama quando já devia ter se vestido para ir ao meu encontro nas cavalariças. Esqueceu-se de que combinamos uma cavalgada matinal para visitar toda a propriedade?

— Não foi por preguiça que me atrasei, como pode ver. Recebi esta carta de Durward e estou pensando na proposta que ele e sua futura esposa me fizeram. Talvez você me ajude a encontrar a resposta certa para os dois.

Notando as folhas de papel espalhadas sobre os lençóis bordados, Flynn não disfarçou a surpresa.

— Espero que seu irmão não esteja gravemente enfermo, querida. Durward é avarento demais para gastar tanto papel, além dos selos caros, a não ser por um assunto de vida ou morte.

Tilly não conteve o riso diante da careta irônica de Flynn.

— Ah! Durward tem muita imaginação quando se trata de poupar seus preciosos centavos e conseguiu remeter esta carta totalmente de graça. Como foi até Londres, aproveitou a viagem para entregá-la nas mãos do capitão de um dos navios da linha Whitby, que, por sua vez, enviou a Lara através de um mensageiro de Jonas. Hoje cedo, um criado dela veio trazê-la para mim.

Enquanto Tilly falava, Flynn sentou-se a seu lado na cama e distraiu-se brincando com as fitas de cetim que prendiam a camisola. Não desviava os olhos dos seios alvos e, com um gesto rápido, soltou um dos laços, aumentando o decote, já bastante revelador.

— Flynn! — Ela tentou escapar das mãos morenas que a acariciavam, impedindo-a de raciocinar. — Temos um assunto sério a discutir.

— E por acaso existe algo mais sério do que fazer amor com minha irresistível esposa? É tolice perder tempo lendo cartas entediantes de pessoas enfadonhas quando temos ao nosso alcance distrações muito mais agradáveis para nos ocupar.

Sem pressa, Flynn acariciou-lhe os seios e sorriu quando os mamilos enrijeceram ao toque.

— Está vendo querida? O seu corpo já me respondeu, portanto... esqueça-se de tudo para usufruirmos este momento.

Tilly não encontrava mais forças para resistir ao lábios ávidos de Flynn. Recostando-se nos travesseiros, entregou-se ao prazer das carícias inebriantes.

— E nosso passeio... a carta...

— Durward e suas propostas podem ir direto para o inferno! O nosso passeio também!

Segurando o rosto de Flynn, Tilly o beijou carinhosamente.

— Concorde que não exista nada tão importante quanto o nosso prazer, querido. Mas teremos todos os dias do resto de nossas vidas para usufruir a felicidade de nos entregarmos ao desejo, por isso... peço-lhe que ouça a proposta de Durward, depois...

— Esses cunhados intrometidos e suas cartas enfadonhas estão interferindo em nossa vida! — resmungou Flynn, já afastando-se de Tilly. — Pois bem, leia logo essa maldita proposta. Só espero que ele não pretenda passar a lua-de-mel na Jamaica, abusando de meu temperamento "dócil". Eu jamais o perdooarei por enganar e maltratar você durante anos e sou bem capaz de obrigá-lo a lhe pedir perdão... de joelhos! O dever de um marido é defender a honra da esposa.

— Durward nem imaginava que tivesse um cunhado quando me escreveu. Provavelmente, os navios que levavam nossas respectivas cartas se cruzaram em pleno oceano. Na verdade, ele quer se redimir e, conforme suas próprias palavras, recompensar-me pelos erros que possa ter cometido em relação a mim.

— Que generosidade! — zombou Flynn, acomodando-se ao lado Tilly sobre os travesseiros. — E como ele pretende se redimir se nem mesmo admite claramente o fato de ter errado?

— É o que estou tentando lhe contar — disse Tilly, afastando a mão que continuava a abrir os laços de sua camisola. — Durward e a noiva decidiram passar a lua-de-mel visitando o continente europeu e ele lembrou-se de que eu nunca sai da Inglaterra a não ser para vir para a Jamaica. Creio que a idéia partiu de Helena mas... enfim, eles me convidaram a acompanhá-los em sua excursão de seis meses... à custa de meu "avarento" irmão!

Com um olhar da mais pura inocência, Tilly fitou o marido.

— O que acha do plano deles, querido?

Levantando-se da cama, Flynn rasgou a carta em pedacinhos e jogou-os para o alto.

— Eu acho, minha adorada Tilly, que seu avarento irmão e sua cunhada "caçadores" planejaram economizar mais alguns centavos à sua custa! Em vez de pagarem uma criada para acompanhá-los, oferecem-lhe um presente que não passa de uma armadilha, porque a cumulação de trabalho. Em troca de cama e mesa, sem contar o

inigualável prazer da companhia deles, você fará todo o serviço, inclusive carregar malas, e sempre com um sorriso de gratidão diante de tanta generosidade.

— Você é um marido muito esperto! — Tilly não conteve mais o riso. — A intenção de Durward é exatamente essa. E eu pretendo enviar-lhe a minha resposta hoje mesmo.

— E o que irá dizer-lhe?

— Seguirei o seu conselho, Flynn. Vou mandá-lo... direto para o inferno!

— Ótimo! — Flynn, afastou-se para resistir à tentação de beijar os lábios que se ofereciam aos seus. — Agora sou eu que tenho algo importante a discutir. Apesar de já estarmos casados há uma semana inteira, você ainda não me chama pelo primeiro nome. Quando pretende fazê-lo?

— Ora... está na moda dirigir-se ao marido pelo sobrenome. — Ela o fitou com um olhar petulante. — Não ouviu lady Steadmores afirmar quê é uma atitude muito... sofisticada?

— Então deve ser muito antiquado, porque prefiro um tratamento mais afetuoso. Acho que você se acostumou a me chamar de Flynn com sua voz de censura e esqueceu-se do meu outro nome.

— Se esse detalhe é tão importante, eu me esforçarei ao máximo para atendê-lo, Lucas Patrick! E, já que estamos falando de nomes, que tal contar-me por que o apelidaram de Tiger?

— Andou ouvindo mexericos a meu respeito, querida? — Os olhos de Flynn brilhavam com a costumeira malícia. — Não pensei que você prestasse atenção a esse tipo de conversa vulgar e tão pouco intelectual!

— Está tentando fugir do assunto, Lucas. Eu quero saber a verdade. Trate de falar!

— Oh, Deus! Quem diria que o meu fim seria me casar com uma mulher autoritária dominadora? E que eu a obedeceria como um carneirinho?

— Flynn! — Ela caiu na gargalhada e corrigi-se rapidamente — Lucas Patrick querido... fale logo!

— Bem... existem várias versões, como você já deve saber. Dizem que eu domei um tigre feroz usando apenas minha voz melodiosa e meus poderes místicos, que matei um tigre comedor de carne humana sem armas a não ser as mãos nuas e até que me perdi na selva e fui criado por uma tigresa. Há uma outra história, pouco conhecida e bem menos heróica, sobre um garotinho e seu tigre de pelúcia...

Na expectativa, Tilly esperava que Flynn revelasse qual era a versão verdadeira mas ele se calou, com um ar de quem já terminara de falar e não tinha intenção de dizer mais nada.

— Chega de suspense, Lucas. Afinal, que história é realmente a verdadeira?

— Isso quem terá de descobrir será você, querida. Só lhe darei uma pista... duas histórias são completamente falsas e duas são verdadeiras.

Às gargalhadas, Tilly agarrou o travesseiro e começou a bater em Flynn.

— Você é incorrigível! O pior, o mais exasperante...

Flynn a deteve com um beijo ardente e só abandonou os lábios de Tilly quando ela se amoldou a seu corpo, retribuindo a carícia com idêntica paixão.

— Esta agressão é exatamente o que eu devia esperar de uma mulher capaz de atirar uma preciosa peça de cerâmica maia na minha cabeça, sra. Flynn.

Ele tentou aparentar severidade, mas seus olhos só refletiam ternura.

— Eu pedi desculpas! E, se pretende me provocar antes mesmo de o dia começar, vou me vestir e irei para as cavalariças sozinha!

— Acha mesmo, querida?

Com gestos rápidos, Flynn tirou a camisola que terminará de abrir, desfez-se da própria camisa de linho e jogou as duas peças para bem longe da cama. Quando se abraçaram, tudo o mais deixou de existir. Esqueceram a carta de Durward, o passeio matinal e os mexericos da sociedade de Kingston. Tinham retornado ao mundo que lhes pertencia, um universo de sensações inebriantes.

Em todos os cantos da casa, os criados iniciavam suas tarefas com um sorriso nos lábios. O tigre e sua companheira estavam na segurança de seu esconderijo e, a julgar pelos sons inconfundíveis de uma paixão sem limites, logo uma criança viria alegrar a vida daquela mansão. O sol da bonança voltara a brilhar após a tormenta e o "refúgio do pirata" se transformara novamente em um lugar feliz.

F I M